

SANDRA ELEINE ROMAIS LEONARDI

A LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA E SUA INSERÇÃO NO ENSINO MÉDIO

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Educação, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leilah Santiago Bufrem.

CURITIBA  
2016

Catálogo na Publicação  
Cristiane Rodrigues da Silva – CRB 9/1746  
Biblioteca de Ciências Humanas – UFPR

L581l Leonardi, Sandra Eleine Romais

A Literatura Marginal-Periférica e sua Inserção no  
Ensino Médio. / Sandra Eleine Romais Leonardi. –  
Curitiba, 2016.

255 f.

Orientadora: Profª. Drª. Leilah Santiago Bufrem.

Tese (Doutorado em Educação) – Setor de  
Educação, Universidade Federal do Paraná.

1. Literatura Marginal. 2. Educação – Ensino Médio. 3.  
Escola – Livros Didáticos. I. Título.

CDD 371.32



## CERTIDÃO

CERTIFICO ainda, que a Tese de Sandra Eleine Romais Leonardi, intitulada "A LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA E SUA INSERÇÃO NO ENSINO MÉDIO" foi aprovada em arguição pública pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leilah Santiago Bufrem, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia, Prof. Dr. Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cátia Toledo Mendonça, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tamara Cardoso André, os quais conferiram, respectivamente, os resultados abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Leilah Santiago Bufrem		Aprovada
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia		Aprovada
Prof. Dr. Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão		Aprovado
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Cátia Toledo Mendonça		Aprovada
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Tamara Cardoso André		Aprovada

CERTIFICO, finalmente, que, diante do disposto no Regimento do Programa, os resultados acima referidos, obtidos pela interessada nomeada, resultam na Aprovação da mesma como DOUTORA EM EDUCAÇÃO.

Curitiba, 28 de março de 2016.

Profª. Drª. Monica Ribeiro da Silva  
Coordenadora do PPGE

Profª. Dra. Monica Ribeiro da Silva  
Coordenadora do Programa de  
Pós-Graduação em Educação  
Matrícula: 125750

*Ao meu esposo Vinícius  
e meus filhos: Cecília e Matheus*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado forças e esperança diante das minhas limitações.

À minha querida orientadora, prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leilah Santiago Bufrem, pelos intensos debates, orientações e correções.

Ao Curso de Pós-Graduação em Educação pela oportunidade e apoio.

Aos professores examinadores da banca, pelas ricas contribuições e sugestões.

Aos meus pais, familiares e amigos, pela ajuda e compreensão.

*Boa leitura, e muita paz se você merecê-la,  
senão, bem-vindo à guerra  
(FERRÉZ, 2005, p. 13)*

## RESUMO

Diante da crescente divulgação e circulação da denominada literatura marginal-periférica, enquanto elemento de representação simbólica de um grande estrato social brasileiro, nos meios de comunicação social, cultural e educacional, esta pesquisa tem como objetivo mapear as concepções acerca da literatura marginal-periférica formuladas pelos centros acadêmicos no Brasil e verificar os processos de inserção desta produção literária no conteúdo curricular do Ensino Médio, especificamente na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura. Para isso, o trabalho faz, primeiramente, um levantamento bibliográfico das dissertações e teses sobre o tema, com o objetivo de compreender a complexidade do fenômeno da atual literatura marginal-periférica. Esta revisão histórica realizada a partir dos trabalhos acadêmicos publicados contribui para o apontamento de problemáticas conceituais sob perspectiva da teoria e da crítica literária, segundo os autores de base: Robert Ernest Curtius, Leyla Perrone-Moisés, Antonio Candido, João Alexandre Barbosa e Jonathan Culler. No segundo momento, contextualizam-se as normativas presentes na legislação educacional brasileira sobre o conteúdo curricular da disciplina de Literatura no Ensino Médio a fim de discutir a possibilidade legal de inserção da literatura marginal-periférica no conteúdo programático desta disciplina. Para finalizar, o trabalho analisa as estratégias ou práticas de inclusão desta literatura na escola por meio dos livros didáticos de Português indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2015) e a lista de livros distribuídos nas escolas através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE 2008 a 2014). A pesquisa conclui que a maioria dos trabalhos acadêmicos trata a manifestação literária marginal-periférica sob o enfoque teórico dos Estudos Culturais e, portanto, difere da abordagem prioritária e organizacional da disciplina de Literatura, que conserva a noção historiográfica da crítica e da teoria literária tradicional – como explicita a estrutura dos conteúdos proposta nos livros didáticos. A análise dos livros didáticos aponta para uma incipiente entrada da literatura marginal-periférica como conteúdo programático da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, mais especificamente, do 3º. ano do Ensino Médio, sobre as Literaturas Contemporâneas, aparecendo alguns fragmentos textuais em conteúdos diversos de gramática ou produção de texto. Já a análise do PNBE comprova a presença de obras consideradas da literatura marginal-periférica no contexto escolar. O trabalho visa contribuir para as futuras pesquisas educacionais, instigando a necessidade do aprofundamento analítico literário e estético dos textos da literatura marginal-periférica, assim como a problematização do seu conteúdo em relação às prerrogativas da prática escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, Marginal, Periférica, Escola, Ensino, Livros escolares.

## **ABSTRACT**

The so-called marginal-peripheral literature as an element of symbolic representation of a large Brazilian social stratum in the social, cultural and educational communication means has had an increasing diffusion and circulation. Considering this growth, this research aims at identifying the conceptions about marginal-peripheral literature elaborated by the academic centers in Brazil and verifying the process of insertion of this literary production in high school curricular contents, in particular in the subjects of Portuguese and Literature. In order to achieve these objectives, the research first performs a bibliographic inventory of dissertations and theses about the theme, aiming at understanding the complexity of the phenomenon of marginal-peripheral literature nowadays. According to the fundamental authors (Robert Ernest Curtius, Leyla Perrone-Moisés, Antonio Candido, João Alexandre Barbosa and Jonathan Culler), this historical revision, performed based on published academic work, contributes to the identification of conceptual issues under the perspective of literary theory and critics. At a second moment, the research contextualizes the norms present in Brazilian educational legislation regarding the curricular content for the subject of Literature for high school, so as to prove the legal possibility of inserting marginal-peripheral literature in the content programmed for the discipline. Finally, the study analyzes the strategies or practices to include this literature in schools, through Portuguese textbooks selected by the National Textbooks Program (PNLD-2015) and the list of books distributed to schools through the School Library National Program (PNBE 2008 to 2014). The research concludes that most academic studies tackle the presentation of marginal-peripheral literature through the theoretical approach of Cultural Studies. Therefore, they differ from the primary and organization approach in the discipline of Literature, which maintains the historiographic notion of critics and traditional literary theory, as demonstrated by the content structure proposed in the textbooks. The analysis of the textbooks indicates an initial entry of marginal-peripheral literature as programmed content for the disciplines of Portuguese and Literature, specifically for the last grade of high school. The content is presented under the theme named Contemporary Literature, showing some text fragments in different contents relating to grammar or text production. The PNBE analysis also confirms the presence of pieces considered from the marginal-peripheral literature in the school context. This research aims at further contributing to other educational studies, fomenting the need to deepen the marginal-peripheral literature texts in a literary analytical and aesthetic manner, as well as discussing its content regarding the prerogatives of school practice.

**KEY WORDS:** Literature, Marginal, Peripheral, School, Teaching, School books.



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	EXEMPLO: POEMA DE CACASO .....	178
FIGURA 2 -	EXEMPLO: POESIA MARGINAL (1) .....	179
FIGURA 3 -	EXEMPLO: PAULO LEMINSKI .....	180
FIGURA 4 -	EXEMPLO: CANTOR CRIOLO .....	181
FIGURA 5 -	EXEMPLO: GERAÇÃO 90 (1) .....	182
FIGURA 6 -	EXEMPLO: FERNANDO BONASSI (1).....	183
FIGURA 7 -	EXEMPLO: MARCELINO FREIRE.....	184
FIGURA 8 -	EXEMPLO: LUIZ RUFFATO .....	185
FIGURA 9 -	EXEMPLO: PATRÍCIA MELO (1) .....	186
FIGURA 10 -	EXEMPLO: NOVA SAFRA DE ESCRITORES .....	186
FIGURA 11 -	EXEMPLO: FOTO – SARAU DA PERIFERIA .....	187
FIGURA 12 -	EXEMPLO: MV BILL (CABEÇA DE PORCO) .....	189
FIGURA 13 -	EXEMPLO: FOTO – SARAU DA PERIFERIA ZONA OESTE .....	190
FIGURA 14 -	EXEMPLO: CRÍTICA SOBRE O TEMA VIOLÊNCIA .....	191
FIGURA 15 -	EXEMPLO: PATRÍCIA MELO E PAULO LINS .....	192
FIGURA 16 -	EXEMPLO: FERNANDO BONASSI (2).....	192
FIGURA 17 -	EXEMPLO: RUFFATO, AQUINO E MARCELINO FREIRE .....	193
FIGURA 18 -	EXEMPLO: CRÍTICA DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA .....	193
FIGURA 19 -	EXEMPLO: MARCELINO FREIRE (ANGU DE SANGUE) .....	194
FIGURA 20 -	EXEMPLO: CAROLINA MARIA DE JESUS .....	196
FIGURA 21 -	EXEMPLO: HELIO OITICICA .....	198
FIGURA 22 -	EXEMPLO: POESIA MARGINAL(2) .....	199
FIGURA 23 -	EXEMPLO: PLÍNIO MARCOS .....	200
FIGURA 24 -	EXEMPLO: FERNANDO BONASSI (3) .....	200
FIGURA 25 -	EXEMPLO: PATRÍCIA MELO (2) .....	202
FIGURA 26 -	EXEMPLO: CIDADE DE DEUS – PAULO LINS (1) .....	203
FIGURA 27 -	EXEMPLO: CIDADE DE DEUS – PAULO LINS (2).....	203
FIGURA 28 -	EXEMPLO: CIDADE DE DEUS – PAULO LINS (3).....	204
FIGURA 29 -	EXEMPLO: CIDADE DE DEUS – PAULO LINS (4).....	205
FIGURA 30 -	EXEMPLO: JOÃO ANTONIO .....	206
FIGURA 31 -	EXEMPLO: POESIA MARGINAL (3) .....	207
FIGURA 32 -	EXEMPLO: POESIA MARGINAL – PAULO LEMINSKI .....	207
FIGURA 33 -	EXEMPLO: GERAÇÃO 90 (2).....	208
FIGURA 34 -	EXEMPLO: ANDRÉ SANT'ANNA.....	209

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 -	PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR ÁREA .....	27
GRÁFICO 2 -	NÚMERO DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS ANUAIS SOBRE O TEMA LITERATURA MARGINAL .....	28
GRÁFICO 3 -	PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR ESTADO BRASILEIRO .....	29
GRÁFICO 4 -	UTILIZAÇÃO DO TERMO LITERATURA MARGINAL NO TÍTULO DOS TRABALHOS ACADÊMICOS .....	32
GRÁFICO 5 -	UTILIZAÇÃO DO TERMO/CONCEITO LITERATURA MARGINAL NO INTERIOR DOS TRABALHOS ACADÊMICOS .....	33
GRÁFICO 6 -	UTILIZAÇÃO DO TERMO LITERATURA MARGINAL NA LINHA TEMPORAL DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS .....	34

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	RELATO SISTEMÁTICO: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA DE ARTIGOS COM RELAÇÃO A FONTES E DESCRITORES .....	22
QUADRO 2 -	DISSERTAÇÕES ACADÊMICAS SELECIONADAS .....	24
QUADRO 3 -	TESES ACADÊMICAS SELECIONADAS .....	27
QUADRO 4 -	LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS SELECIONADOS PARA ANÁLISE .....	31
QUADRO 5 -	AUTORES E OBRAS DA LITERATURA MARGINAL (1) .....	91
QUADRO 6 -	AUTORES E OBRAS DA LITERATURA MARGINAL (2) .....	97
QUADRO 7 -	AUTORES DA LITERATURA HIP HOP E LITERATURA PERIFÉRICA .....	111
QUADRO 8 -	QUADRO CONCEITUAL COMPARATIVO .....	112
QUADRO 9 -	O CÂNONE NA ANTIGUIDADE .....	131
QUADRO 10 -	O CÂNONE MODERNO .....	134
QUADRO 11 -	EXEMPLOS CONCEITUAIS SOBRE O CÂNONE .....	139
QUADRO 12 -	MATERIAL ANALISADO: PNBE-EM (DE 2008 A 2014) .....	214
QUADRO 13 -	CRITÉRIOS CANÔNICOS: CRÍTICA MODERNA .....	240

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APCA	ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRÍTICOS DE ARTE
APCT	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS TEATRAIS
BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
CAPES	COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DO NÍVEL SUPERIOR
CCCS	CENTRE FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES
CEDAP	CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E APOIO À PESQUISA
CNE	CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
COOPERIFA	COOPERATIVA CULTURAL DA PERIFERIA
CPC	CENTRO POPULAR DE CULTURA
DCE-LP	DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: LÍNGUA PORTUGUESA
DCN	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA
DCN- EM	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAL PARA O ENSINO MÉDIO
EJA	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
EM	ENSINO MÉDIO
ENEM	EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO
FICART	FUNDOS DE INVESTIMENTO CULTURAL E ARTÍSTICO
FLIP	FEIRA LITERÁRIA DE PARATY
FNC	FUNDO NACIONAL DA CULTURA
FNDE	FUNDAÇÃO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
FPC	FUNDO DE PROMOÇÃO CULTURAL
FUNARTE	FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
GTI	GRUPO DE TRABALHO INTERMINISTERIAL
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
LDB	LEI DE DIRETRIZES E BASES
MC	MESTRE DE CERIMÔNIAS
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
NCA	NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA
MinC	MINISTÉRIO DA CULTURA
MN	MOVIMENTO NEGRO / MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO
OCEM	ORIENTAÇÕES COMPLEMENTARES DO ENSINO MÉDIO
OSCIP	ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE INTERESSE PÚBLICO
OTAN	ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE
PCB	PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

PCN	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS
PCN+	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS MAIS
PCNEM	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO
PNBE	PROGRAMA NACIONAL DA BIBLIOTECA ESCOLAR
PNBE - EJA	PROGRAMA NACIONAL DA BIBLIOTECA ESCOLAR PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PNBE - EM	PROGRAMA NACIONAL DA BIBLIOTECA ESCOLAR PARA O ENSINO MÉDIO
PNC	PLANO NACIONAL DE CULTURA
PNLD	PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO
PNLD - EM	PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO
PNE	PLANO NACIONAL DA EDUCAÇÃO
PNLL	PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA
PPGE	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROAC	PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL
PRONAC	PROGRAMA NACIONAL DE APOIO À CULTURA
RAP	RHITHYM AND POETRY
RCAAP	REPOSITÓRIO CIENTÍFICO DE ACESSO ABERTO DE PORTUGAL
SALIC	SISTEMA DE APOIO ÀS LEIS DE INCENTIVO À CULTURA
SCIELO	SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE
SNIIC	SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES E INDICADORES CULTURAIS
TBC	TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA
VAI	VALORIZAÇÃO DE INICIATIVAS CULTURAIS
VOLP	VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA
WEA	WORKES' EDUCATIONAL ASSOCIATION
UNESCO	THE UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA .....</b>	<b>21</b>
2.1 O termo <i>literatura marginal-periférica</i> .....	32
2.2 Os Estudos Culturais na Pesquisa Literária .....	35
<b>3 REVISÃO HISTÓRICA E CONCEITUAL .....</b>	<b>49</b>
3.1 LITERATURA MARGINAL: CONTEXTOS .....	50
3.2 PRECEDENTES MARGINAIS .....	54
3.2.1 Carolina Maria de Jesus (1914 -1977) .....	54
3.2.2 Plínio Marcos (1935 – 1999) .....	55
3.2.3 João Antônio (1937 – 1996) .....	59
3.2.4 Hélio Oiticica (1937 – 1980) .....	62
3.3 MARCOS DA LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA .....	67
3.3.1 Histórico-Cultural .....	68
3.3.2 Político .....	72
3.3.3 Formal .....	79
3.3.3.1 Revista <i>Caros Amigos</i> (2001) .....	80
3.3.3.2 <i>Cidade de Deus</i> – Paulo Lins (1997) .....	84
3.3.3.3 <i>Capão Pecado</i> – Ferréz (2000) .....	87
3.4 A PRODUÇÃO DA LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA .....	90
3.4.1 Autores e Obras .....	91
3.4.2 Literatura Carcerária .....	105
3.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TRABALHOS ANALISADOS .....	108
3.5.1 Proposta conceitual: Literatura hip hop X Literatura periférica .....	109
3.5.2 Projetos: literatura marginal-periférica na escola .....	113
<b>4 TEORIA DA LITERATURA: QUESTIONANDO LIMITES .....</b>	<b>127</b>
4.1 À MARGEM DO MERCADO EDITORIAL .....	127
4.2 À MARGEM DO CÂNONE LITERÁRIO .....	130
4.3 A TEMÁTICA MARGINAL .....	142

4.4 A AUTODENOMINAÇÃO MARGINAL .....	144
<b>5 LITERATURA E ESCOLA .....</b>	<b>148</b>
5.1 LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA .....	151
5.2 PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD-2015) .....	173
5.2.1 Análise dos Livros Didáticos .....	174
5.2.2 Considerações finais sobre a análise.....	209
5.3 PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE) .....	212
5.3.1 Análise do PNBE – períodos de 2008 a 2014 .....	215
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>218</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>224</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>239</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>242</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A organização e a complexidade dos movimentos artísticos e culturais produzidos nas periferias brasileiras nas últimas décadas têm configurado um campo de pesquisa acadêmica desafiador. Em especial, a produção literária tem ganhado força e voz, contribuindo, segundo os estudos culturalistas, para uma nova leitura de espaço, de mundo e sociedade.

Somada a certo ativismo social, a chamada literatura marginal-periférica desempenha um importante papel democratizador e de socialização da cultura escrita nos espaços não formais e formais de ensino. De maneira positiva, tanto em relação às ações que partem do próprio coletivo social quanto das políticas de incentivo governamental, o movimento da literatura marginal-periférica tem instituído práticas de leitura em lugares inusitados como em bares, saraus, eventos culturais, projetos escolares e no cyberspaço. Como aponta o poeta Sérgio Vaz (2008)<sup>1</sup>, em torno desta mobilização há depoimentos de pessoas que, motivadas pela literatura ou pela luta consciente de seus direitos, retornaram aos bancos escolares para concluir seus estudos. Ou seja, a literatura marginal-periférica torna-se aliada do sistema escolar no incentivo e na formação de leitores, produtores textuais e cidadãos. Como declara Érica Peçanha em entrevista ao Jornal *Brasil de Fato* (2014)<sup>2</sup>: “Eu participei de pouco mais de 200 atividades nesses oito anos que fiquei pesquisando, e tive a oportunidade de acompanhar também esses escritores em escolas, também em ONGs; é impressionante o efeito pedagógico junto aos meninos de favela e periferias”.

Apesar de não haver estudos quantitativos sobre a formação do público leitor desta modalidade, sabe-se a partir da divulgação de seus eventos que a

---

<sup>1</sup> Ver depoimentos em: VAZ, Sérgio. *Cooperifa: antropofagia periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008 (Tramas urbanas; 8). Disponível em: <[http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/upload/project\\_reading/0\\_Cooperifa-Miolo.pdf](http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/upload/project_reading/0_Cooperifa-Miolo.pdf)> Acesso: maio 2015.

<sup>2</sup> BRASIL DE FATO, *Literatura e periferia: Avisa que alastrou*. Entrevista com Érica Peçanha do Nascimento. 06/01/2014. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/26996>> Acesso dez.2015.



literatura marginal-periférica tem conquistado um público diverso: leitores predominantemente afro-brasileiros e participantes ativos da realidade denunciada artisticamente, ou seja, leitores da própria comunidade periférica, além do público em geral, leigos e acadêmicos, não apenas no Brasil, mas também no exterior.

Atualmente, o campo de influência da literatura marginal-periférica é tão abrangente que há críticos literários como Heloísa Buarque de Hollanda e Roberto Schwarz que a consideram como um dos fenômenos mais expressivos da literatura brasileira contemporânea. Em alguns livros didáticos, já é possível, inclusive, identificar indícios<sup>3</sup> da inclusão da literatura marginal-periférica nas descrições historiográficas, compondo o quadro exemplificativo de movimentos literários da contemporaneidade.

Para o contexto educacional, esta novidade é um convite à reflexão, não apenas no âmbito das relações sociais e do compartilhamento cultural e artístico que envolve grande parte da comunidade leitora das periferias, mas sobretudo no âmbito de uma nova estética literária que tende a integrar o próprio currículo escolar através da disciplina de Literatura Brasileira, especificamente no Ensino Médio.

Por outro lado, a inserção da literatura marginal-periférica na escola exige um olhar crítico e atento, pois a leitura propriamente dos textos representantes poderá acarretar uma série de discussões estéticas e de valores legitimados socialmente, uma vez que seu estilo, linguagem e temática diferem dos padrões considerados socialmente aceitáveis. Tem-se então, aqui, um ponto de tensão entre uma sustentável proposta de inclusão da literatura marginal-periférica na história da literatura brasileira contemporânea e as práticas escolares constituídas historicamente.

Cabe, então, a formulação do seguinte problema: *Há espaço para o ensino da literatura marginal-periférica no contexto escolar hoje?* Há uma tendência político-social, respaldada em documentos legais e governamentais, que incentivam as manifestações e movimentos culturais de grupos minoritários, sendo a literatura da periferia encarada como representante desta realidade. Ou seja, do ponto de vista social, o estudo da literatura marginal-periférica é viável e desejável; cabe questionar se o é, da mesma forma, no campo estético e no campo escolarizado.

---

<sup>3</sup> Como exposto em análise no quarto capítulo desta tese.

Para responder a questão cerne da pesquisa, o trabalho traçou como objetivo principal:

- Analisar os processos de inserção da literatura marginal-periférica no conteúdo curricular do Ensino Médio, especificamente na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura.

A princípio, poder-se-ia alegar que o sistema escolar não reserva um espaço legitimado para os estudos da literatura marginal-periférica. Isto porque a escola é geralmente vista e descrita como um sistema fechado, conservador, produto da classe dominante, que seleciona seus conteúdos conforme o interesse de uma classe elitizada. Este pressuposto, no caso da disciplina de literatura, é reforçado pelo ensino prioritário (e diga-se exclusivo) da língua-padrão, ou seja, da norma culta gramatical, e pela censura tanto da linguagem considerada de baixo calão (como palavrões ou obscenidades) como da temática (por exemplo: violência, cenas de sexo, prostituição, dentre outros temas considerados socialmente como imoralidades). Por outro lado, pode-se questionar se as políticas de inclusão, de aceitação da cultura do outro ou do multiculturalismo poderiam reverter ou revisar os valores instituídos na sociedade e perpetuados pelo sistema escolar.

Com base nas observações e estudos realizados até o momento, acredita-se que o espaço para o estudo da literatura marginal-periférica na escola é criado (ou possível) a partir de: 1) uma legislação que permita a inserção do tema como proposta curricular e 2) uma organização pedagógica e didática do conteúdo. Em geral, os conteúdos pedagógicos são inicialmente discutidos nas instituições acadêmicas, responsáveis pela construção e difusão do conhecimento e do saber:

A universidade tem então como função não só formar mestres e doutores, isto é, construir conhecimentos científicos, contribuindo para o desenvolvimento da ciência, por meio da pesquisa, mas desenvolver atividades de ensino e extensão, contribuindo com a avaliação e a implantação de políticas públicas, atendendo às necessidades de diferentes setores da sociedade. É da universidade a responsabilidade de veicular esses conhecimentos disponibilizando-os a comunidade, e a forma de fazê-lo seria por meio de atividades de parcerias com a rede pública de ensino. (MENDES, 2008, p.10131).

Analisar tanto a legislação quanto as produções acadêmicas contribui para construção de uma perspectiva teórica e metodológica possível para a abordagem da literatura marginal-periférica no processo de escolarização.

Propõe-se, deste modo, as seguintes questões norteadoras de pesquisa: a) O que é literatura marginal-periférica e qual seu contexto histórico-cultural de criação? b) Por quem ela é feita, como é produzida materialmente e para quem ela é escrita/dirigida? c) Quais seus elementos estéticos, de inovação, particulares, influências recebidas? d) Como se configura o ensino de literatura na escola segundo as leis e diretrizes da educação? e) É possível, segundo a legislação vigente, acrescentar o estudo da literatura marginal-periférica no contexto escolar do Ensino Médio? f) Há projetos de inclusão e incentivo, discussões pedagógicas e/ou materiais didáticos relacionados à literatura marginal-periférica na escola?

Para desenvolver a análise sobre a produção literária da periferia, optou-se metodologicamente por uma pesquisa bibliográfica<sup>4</sup> com base nos artigos, dissertações e teses sobre o assunto. Apesar da novidade do tema proposto, existe expressiva quantidade de pesquisas no campo acadêmico, além de artigos científicos, jornalísticos e entrevistas que o discutem. Entretanto, o tema tem sido pouco explorado na área da Educação, o que justifica a proposta discursiva desta tese.

Além do panorama histórico e das discussões teóricas acerca da concepção de literatura marginal-periférica, propõe-se a verificação de sua possível inserção por meio dos documentos normativos da educação brasileira e de dois programas nacionais de acesso aos livros literários e didáticos. Nesses moldes, a proposta de investigação contribui para a linha de pesquisa *Cultura, Escola e Ensino*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR), uma vez que correlaciona uma manifestação cultural atual com a dinâmica e a estrutura da educação escolar.

---

<sup>4</sup> Apesar de ter sido aventada a pesquisa de campo diretamente nas comunidades envolvidas no movimento da literatura marginal-periférica, esta alternativa metodológica não foi viável geográfica e economicamente para a pesquisadora. A pesquisa bibliográfica e documental mostrou-se adequada e pertinente não apenas como uma revisão inédita do estado do conhecimento, mas porque reflete a visão da Academia em relação à produção da literatura marginal-periférica. Ou seja, considerando que grande parte do conteúdo escolar perpassa primeiramente às discussões acadêmicas, cabe questionar: Como a literatura marginal-periférica está sendo retratada na Academia. Será que esses conceitos já aparecem ou repercutem nas práticas escolares?

Inicialmente, faz-se uma descrição metodológica da pesquisa, mostrando os critérios seletivos e prioritários da investigação em relação aos trabalhos acadêmicos. Em seguida, justifica-se a escolha terminológica da palavra *literatura marginal-periférica*. Tendo em vista que a maioria dos trabalhos acadêmicos selecionados e analisados abordava a literatura marginal-periférica sob enfoque dos Estudos Culturais, julgou-se fundamental esclarecer alguns princípios norteadores desta perspectiva teórica, em especial em relação à literatura. Utilizou-se como referencial teórico os autores: Richard Johnson (2004), Escosteguy (2004), Cunha (2014), Tavares (2008), Cevalco (2008 e 2009) e Culler (1999).

O terceiro capítulo oferece uma possível distinção desta manifestação artística a partir do mapeamento dos trabalhos acadêmicos selecionados. Num primeiro momento, optou-se por apresentar os principais fatos históricos, políticos e culturais relacionados direta ou indiretamente com a construção do movimento literário marginal-periférico. Num segundo momento, fez-se um levantamento bibliográfico da produção literária tida como marginal-periférica. Esta lista, além de apresentar formalmente uma coletânea significativa de produções literárias e seus autores, servirá posteriormente para verificação de obras indicadas e distribuídas nas escolas públicas por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Para finalizar, apontam-se algumas propostas analíticas apresentadas nos trabalhos acadêmicos no campo da teoria-crítica e educacional por meio de projetos realizados na escola. A indicação teórica realizada pelos autores dos trabalhos acadêmicos no decorrer deste capítulo é fundamental como apontamento teórico construído pela academia, assim como a identificação futura de possível reprodução conceitual nos materiais didáticos, revelando assim a influência das universidades na prescrição de conteúdos no currículo escolar.

O quarto capítulo decorre da crítica teórica de certas questões conceituais empregadas nos trabalhos acadêmicos. A escolha analítica por uma teoria cultural, conforme demonstra a maioria dos trabalhos acadêmicos, implica em possíveis incongruências com o sistema organizacional e teórico apresentado nos materiais escolares da disciplina de Literatura que, até o momento, prioriza a concepção literária baseada na historiografia, na crítica e na teoria tradicional<sup>5</sup>. A discussão

<sup>5</sup> A referência ao termo “tradicional”, utilizado no decorrer desta tese, não corresponde à ideia clássica

sobre o cânone literário torna-se peça-chave para compreensão dos contrapontos entre as teorias tradicionais e culturalistas, tendo como base teórica os autores Ernest Robert Curtius (1957), Leyla Perrone-Moisés (1998) e João Alexandre Barbosa (2014).

No quinto capítulo apresentam-se os resultados da análise das propostas governamentais presentes na legislação brasileira para o ensino de literatura no Ensino Médio. Após a constatação da possibilidade de inserção do conteúdo da literatura marginal-periférica na escola, verifica-se através do conteúdo presente nos livros didáticos indicados pelo PNLD-2015 e na listagem de livros literários distribuídos pelo PNBE, no período de 2008 a 2014, a presença efetiva da literatura marginal-periférica nas escolas do Ensino Médio.

Assim, como apontam as Considerações Finais, deseja-se aqui compreender a literatura marginal-periférica como uma manifestação artística contemporânea, representativa no âmbito da formação social e cultural brasileira atual, passível de análise crítica e literária no contexto escolarizado, sobretudo pelo seu valor estético e não apenas social.

---

da tradição literária, mas reporta-se às teorias fundamentadas na crítica e na historiografia literárias modernas que conservam a linha de pensamento até então desenvolvidas no decorrer da crítica, diferenciando-se das novas propostas culturalistas.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Como a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e documental, o primeiro passo metodológico tomado pela autora, a partir de 2012, foi a leitura de livros da literatura marginal-periférica e a pesquisa informal realizada em sites, blogs, entrevistas, gravações audiovisuais e artigos sobre o tema.

O objetivo era familiarizar-se com os autores, a linguagem e os meios de divulgação desta literatura, pois fazer pesquisa é um caminhar intencional, que permite a visualização de trajetórias e opções, assim como o reconhecimento desses caminhos, o que justifica:

[...] a recorrência ao testemunho daqueles com quem caminhamos e dos quais usufruímos saberes, procurando fundamentar teoricamente nossas experiências. Isso porque o caminho não é um andar às cegas e a trajetória da pesquisa não se faz por ensaio e erro (BUFREM, 2011, p.4).

Assim, no primeiro semestre de 2013, iniciou-se uma pesquisa bibliográfica sistematizada de artigos científicos na internet, no portal de Periódicos Capes<sup>6</sup>, Scielo e no site do Google Acadêmico.

Os seguintes resultados foram obtidos (QUADRO 1):

---

<sup>6</sup>Foram realizadas buscas iniciais em base de dados específicos na área de Linguística, Letras e Artes, na subárea de Línguas e Literatura. Como resultado obtiveram-se cinco trabalhos, sendo estes os mesmos apontados nas pesquisas gerais de área. Apesar de a combinação literatura periférica apontar uma lista de trabalhos, nenhum tratava especificamente da literatura marginal-periférica. Além da pesquisa em bases brasileiras, realizaram-se pesquisas também nos portais: a) Programa de Publicações Digitais da Proppg (Unesp); b) *Project Gutenberg: Fine Literature Digitally Re-Published*; c) Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP). Nenhum artigo relacionado à literatura marginal foi encontrado. Já em 2014, foram identificados três artigos internacionais em espanhol, sendo dois deles da Revista Chilena de Literatura, publicados neste mesmo ano. A eliminação dos artigos foi feita a partir do título, palavras-chaves e resumo. A seleção dos artigos foi feita por meio da leitura crítica.

PESQUISA DE ARTIGOS				
ANO	Fonte	Descritores	Nº de artigos relacionados	Nº de artigos selecionados
2013	<b>Periódicos Capes</b> < <a href="http://www.periodicos.capes.gov.br">www.periodicos.capes.gov.br</a> >	1) Literatura periférica 2) literatura marginal 3) literatura e periferia 4) literatura e marginal	1.279 Nenhum 8 resultados 9 resultados	Nenhum Nenhum 2 selecionados 3 selecionados
2013	<b>Google Acadêmico</b> < <a href="https://scholar.google.com.br/">https://scholar.google.com.br/</a> >	1) Literatura periférica 2) literatura marginal 3) literatura e periferia 4) literatura e marginal	93.000 78.600 105.000 74.700	5 selecionados 25 selecionados 3 selecionados 2 selecionados
2013	<b>SCIELO</b> < <a href="http://www.scielo.org">www.scielo.org</a> > Método integrada/Brasil	1) literatura periférica 2) literatura marginal 3) periferia	111 24 507	Nenhum Nenhum 23 selecionados

QUADRO 1 – RELATO SISTEMÁTICO: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA DE ARTIGOS COM RELAÇÃO A FONTES E DESCRITORES

Foram lidos 35 artigos sobre a literatura marginal-periférica, cuja maioria não estava disponível no sistema da Capes, apenas na busca geral do Google e Google Acadêmico, do que resultaram algumas repetições. Grande parte dos artigos foi escrita pelos mesmos autores ou orientadores das dissertações e teses posteriormente listadas. Importa salientar que, se por um lado essa repetição de autores revela um aprofundamento necessário nos estudos, por outro atesta também a relação coautorial entre orientandos, orientadores e pesquisadores dos mesmos grupos de estudos. Em 2015, realizando o mesmo procedimento seletivo, acrescentaram-se 19 artigos para leitura, sendo a maioria deles publicada entre 2013 e 2014.

Notou-se que houve um crescimento significativo nas produções acadêmicas relacionadas à literatura marginal dos anos 1970, principalmente de análises de textos e obras dos autores correlacionados com a literatura da periferia, como João Antônio, Plínio Marcos e Hélio Oiticica, assim como à literatura carcerária (ou do gênero testemunho, aqui considerada uma subdivisão da literatura marginal-periférica).

Por outro lado, a discussão sobre a literatura marginal-periférica cresceu

internacionalmente, como têm mostrado os números de eventos, artigos científicos, notas jornalísticas e trabalhos de pós-graduação. Há, por exemplo, os trabalhos da pesquisadora Ingrid Hapke da Universidade de Hamburgo (Alemanha) e a tese defendida por Alejandro Reyes Arias, em 2011, na Universidade da Califórnia (Berkeley)<sup>7</sup>. Eventos como os ocorridos recentemente na Alemanha<sup>8</sup>, Colômbia, Portugal e outros se devem não apenas aos acordos universitários, mas às mobilizações sociais e culturais envolvidas no movimento da literatura marginal-periférica.

Outro fato que demonstra o interesse internacional sobre a produção contemporânea brasileira é a tradução de obras em diversas línguas. A editora francesa *Editions Anacaona*, por exemplo, traduz autores da literatura marginal-periférica para o francês, sob a legenda da série *Je suis favela*, com o objetivo de estabelecer um diálogo cultural promissor entre as periferias brasileiras e europeias (ver ANEXO 1).

A fim de delimitar um *corpus* de análise, no segundo semestre de 2013 foi feito um levantamento bibliográfico nos portais da Capes em Banco de Dissertações e Teses, utilizando-se como descritores as combinações: *literatura periférica*, *literatura marginal* e *literatura e periferia*. Foram identificados 47 trabalhos, cujos critérios de seleção foram: a) menção à literatura marginal-periférica<sup>9</sup>; b) citação de autores ou obras consideradas da literatura marginal-periférica. Os trabalhos que tratavam exclusivamente da literatura marginal dos anos 1970 foram descartados. A seleção inicial se deu por meio da leitura dos resumos, do sumário e análise geral do texto, resultando em 25 trabalhos escolhidos.

Nos anos seguintes, em 2014 e no primeiro semestre de 2015, foram selecionados mais oito trabalhos acadêmicos disponíveis na busca Google<sup>10</sup> e na

<sup>7</sup> Tese intitulada: **Voices dos Porões: a literatura periférica no Brasil**. Disponível em: <[http://digitalassets.lib.berkeley.edu/etd/ucb/text/ReyesArias\\_berkeley\\_0028E\\_11358.pdf](http://digitalassets.lib.berkeley.edu/etd/ucb/text/ReyesArias_berkeley_0028E_11358.pdf)> Acesso fev. 2016. Este trabalho foi publicado pela editora brasileira Aeroplano.

<sup>8</sup> *Woche der Marginalen Literatur in Berlin, Hamburg & Köln mit dem Poeten & Kulturaktivisten Sérgio Vaz aus São Paulo* (Maio de 2013).

<sup>9</sup> Entenda-se aqui, menção à ideia de uma literatura marginal-periférica, já que este termo não é utilizado em todos os trabalhos e, por isso, é preciso analisar se há delimitação de um grupo ou geração de autores, advindo das periferias, a partir da década de 1990, e que se manifestam literariamente sob a legenda de “marginais”.

<sup>10</sup> A seleção de trabalhos via Google foi feita a partir da leitura dos resumos e palavras-chave disponíveis ou por meio de anúncios de defesa de dissertações. Nem todas os trabalhos estavam



Capes. Esta lista total de 30 dissertações e três teses foi apresentada no Exame de Qualificação realizado em julho de 2015. A lista, porém, sofreu mais uma adequação no segundo semestre de 2015: a exclusão de quatro dissertações<sup>11</sup> e, em compensação, o acréscimo de mais duas pesquisas, sendo uma dissertação e uma tese.

O quadro a seguir (QUADRO 2) representa o corpus definitivo, que foi objeto de análise de conteúdo:

MESTRADO				
	UNIVERSIDADE	TÍTULO	AUTOR	ANO
1	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Letras	Vozes da favela: representações da favela em Carolina de Jesus, Paulo Lins e Luiz Paulo Corrêa e Castro	Luiz Eduardo Franco do Amaral	2003
2	Universidade Federal do Paraná - Letras	Jornalismo Alternativo e Literatura Marginal em <i>Caros Amigos</i>	Marcos Antonio Zibordi	2004
3	Universidade de São Paulo – Ciências Sociais	Literatura Marginal: os escritores da periferia entram em cena	Érica Peçanha do Nascimento	2006
4	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ Araraquara- Sociologia	Cultura e violência: autores, polêmicas e contribuições da literatura marginal	Rogério de Souza Silva	2006
5	Universidade Federal de Minas Gerais – Estudos Literários	<i>Capão Pecado</i> : sem inspiração para cartão postal	Luciana Mendes Velloso	2007
6	Universidade Federal de Santa Catarina - Literatura	Co-lateral: efeitos e afetos marginais	Flavia Letícia Biff Cera	2007

continua

disponíveis on-line, por isso foi necessário estabelecer contatos com bibliotecas, universidades e os próprios autores. As dissertações que tratavam especificamente da literatura marginal dos anos 1970, e que não mantinham relações com a literatura marginal-periférica também foram descartadas. Acredita-se que os registros acadêmicos de publicação no Brasil ainda são precários e ineficazes na obtenção de dados seguramente confiáveis. Fica, portanto, a ressalva de que é possível encontrar mais trabalhos sobre o tema aplicando diferentes e mais complexas formas de busca.

<sup>11</sup> Dois trabalhos não atendiam à proposta desta tese que seria a de identificar formas de reconhecimento e conceituação da literatura marginal-periférica. Um trabalho, apesar de citar os termos literatura periférica, tratou apenas de um autor da literatura marginal dos anos 1970. Outro trabalho foi excluído da lista porque não foi possível o acesso para a leitura mesmo após várias solicitações feitas diretamente à instituição, à autora e buscas online.

7	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Letras	Do factual ao ficcional: memória, história, ficção e autobiografia em “Memórias de um sobrevivente” de Luiz Alberto Mendes	Adauto Locatelli Taufer	2007
8	Universidade de São Paulo – Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada)	<i>Capão Pecado</i> e a construção do sujeito marginal	Carolina Correia dos Santos	2008
9	Universidade de Brasília. Instituto de Letras – Teoria Literária	Entre música e marginalidade: o discurso malandro em João Antônio e suas repercussões na atualidade	Janaina Rocha	2008
10	Universidade Federal de Minas Gerais. Estudos literários	Marginalidade literária: um olhar sobre a escrita de dois autores latino-americanos	Luciano Danilo Silva	2008
11	Universidade de São Paulo – Educação	A literatura marginal-periférica na escola	Mei Hua Soares	2009
12	Universidade Estadual de Campinas - Linguística	As Margens na literatura: uma análise discursiva de versos marginais	Gissele Bonafé Costa	2009
13	Universidade Federal de Santa Maria - Letras	Diário de um detento: nas fronteiras do gênero Testemunho	Luciara Pereira	2009
14	Universidade Presbiteriana Mackenzie - Letras	Literatura Marginal, uma proposta de leitura para formação de futuros leitores: a leitura pode fazer parte da vida dos alunos, pois a vida deles também faz parte da literatura	Maria Isabel Martins Teixeira de Gavino Dias	2010
15	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ Marília – Ciências Sociais	A escrita como arma: uma análise do pensamento social na Literatura Marginal	Silvana José Benevenuto	2010
16	Centro Universitário Ritter dos Reis - Letras	O Princípio Constitucional da Igualdade e as Implicações éticas à luz da Literatura marginal de Ferréz	Diego de Araújo Tamagnone	2010
17	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis - Letras	O “Caso Ferréz”: um estudo sobre a nova literatura marginal	Renato de Souza	2010

conclusão

18	Universidade Estadual de São Paulo – Teoria Literária e Literatura Comparada	Pacto em <i>Capão pecado</i> : Das margens para o centro do texto, do texto para o interior do homem	Luciana Araújo Marques	2010
19	Universidade Federal de Juiz de Fora - Letras	Narrativas da “frátria imaginada”: Ferréz, Sérgio Vaz, Dugueto Shabazz, Allan da Rosa	Carolina de Oliveira Barreto	2011
20	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Educação (Psicologia da Educação)	A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico	Suzana Filizola Brasiliense Carneiro	2011
21	Universidade Presbiteriana Mackenzie - Letras	<i>Memórias de um sobrevivente</i> , de Luiz Alberto Mendes: o eu prisioneiro e o prisioneiro do eu	Priscila Ferrari	2011
22	Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Letras	O clarim dos marginalizados – A literatura marginal/periférica na Literatura Brasileira Contemporânea	Aline Deyques Vieira	2011
23	Universidade Nove de Julho - Educação	Ensino paralelo na periferia: uma visão da educação à luz de Ferréz	Maria Aparecida Costa dos Santos	2011
24	Universidade do Estado da Bahia – Crítica Cultural	Literatura e Resistência: Ferréz por uma Literatura Menor	Vanessa Bastos Lima	2012
25	Universidade de São Paulo – Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa	Cultura na trincheira: Literatura Marginal e o chão da fricção	Gabriel Alves de Campos	2013
26	Universidade de São Paulo. Ciências Sociais	Juventude e Literatura: um estudo sobre práticas literárias, ações e representações sociais juvenis na periferia da zona leste	Jéssica Ferreira Rodrigues	2014
27	Universidade de São Paulo – Estudos Culturais	Mesmo céu, mesmo CEP: produção literária na periferia de São Paulo	Antonio Eleilson Leite	2014

QUADRO 2 – DISSERTAÇÕES ACADÊMICAS SELECIONADAS

DOUTORADO				
	UNIVERSIDADE	TÍTULO	AUTOR	ANO
1	Universidade Federal de Minas Gerais – Letras	Narrativas contemporâneas da violência: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz	Adécio de Sousa Cruz	2009
2	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Letras	Escritos à margem: presença de escritores de periferia na cena literária contemporânea	Paulo Roberto Tonani do Patrocínio	2010
3	Universidade Estadual de Campinas - Sociologia	A descoberta do Insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)	Mario Augusto Medeiros da Silva	2011
4	Universidade de São Paulo – Ciências Sociais	É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana	Érica Peçanha do Nascimento	2012

QUADRO 3 – TESES ACADÊMICAS SELECIONADAS

A lista de trabalhos comprova que há um número significativo de estudos acadêmicos sobre o tema. Entretanto, poucos abordaram o tema na Educação. Em relação às áreas de estudo, 20 trabalhos (65%) são relativos à área de Letras, integrando-se nesta porcentagem as linhas de pesquisa: Estudos Literários, Teoria da literatura, Literatura Comparada e Linguística; oito trabalhos na área de Sociologia, Ciências Sociais ou as específicas como: Estudos Culturais e Crítica Cultural; e três trabalhos na área de Educação (GRÁFICO 1).

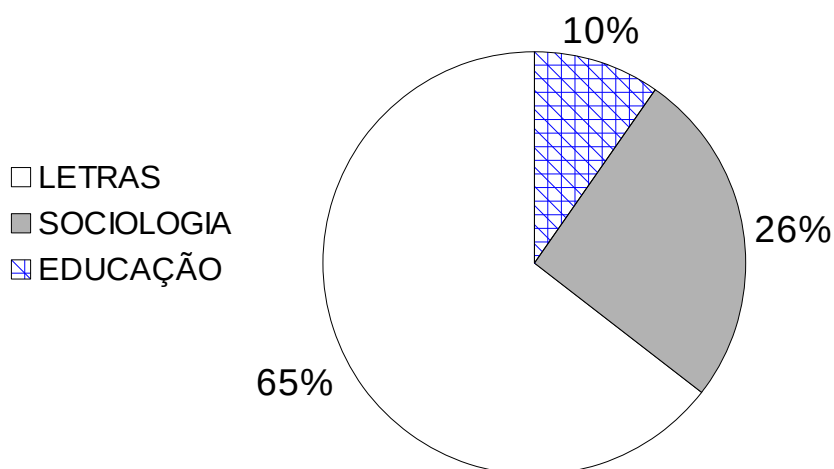


GRÁFICO 1 – PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR ÁREA

No (GRÁFICO 2) é possível visualizar um momento de crescimento da pesquisa acadêmica sobre o tema a partir de 2006, tendo o maior número de produções em 2011.

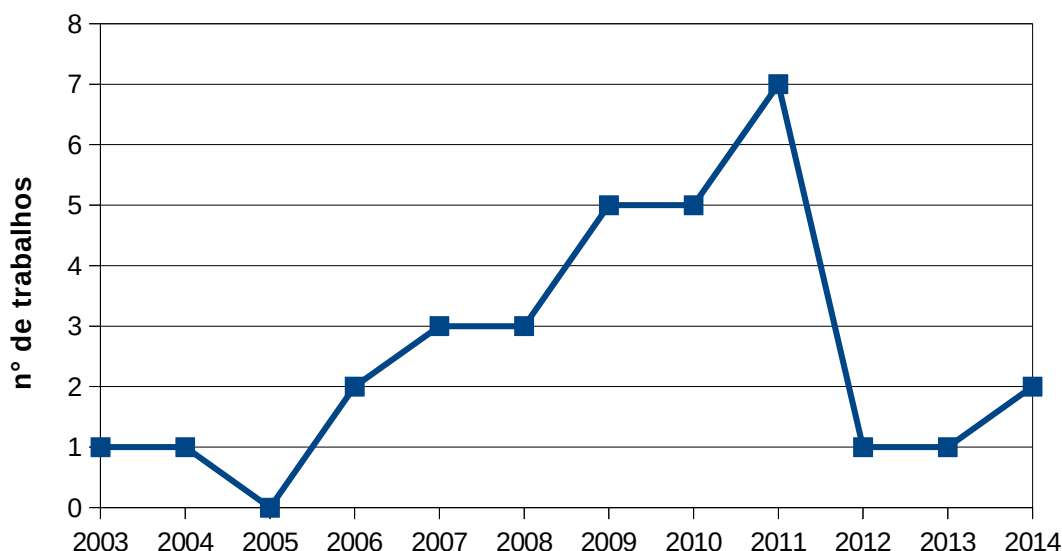


GRÁFICO 2 – NÚMERO DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS ANUAIS SOBRE O TEMA LITERATURA MARGINAL

Aparentemente, a partir de 2012, houve um declínio na produção acadêmica sobre a Literatura Marginal. Mas este dado deve ser relativizado, uma vez que a tendência na utilização de novas nomenclaturas representativas do tema dificulta a garimpagem de trabalhos a partir de descritores, além do atraso de algumas dissertações ou teses integrarem os bancos de dados on-line.

Os trabalhos aqui listados foram realizados em 19 instituições acadêmicas de sete estados brasileiros: 13 de São Paulo, oito de Minas Gerais, três do Rio de Janeiro, três do Rio Grande do Sul, dois de Brasília, um do Paraná e um de Santa Catarina (ver GRÁFICO 3).

Três instituições merecem destaque pelo número de trabalhos realizados: oito da Universidade de São Paulo (USP); três da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP) e três da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

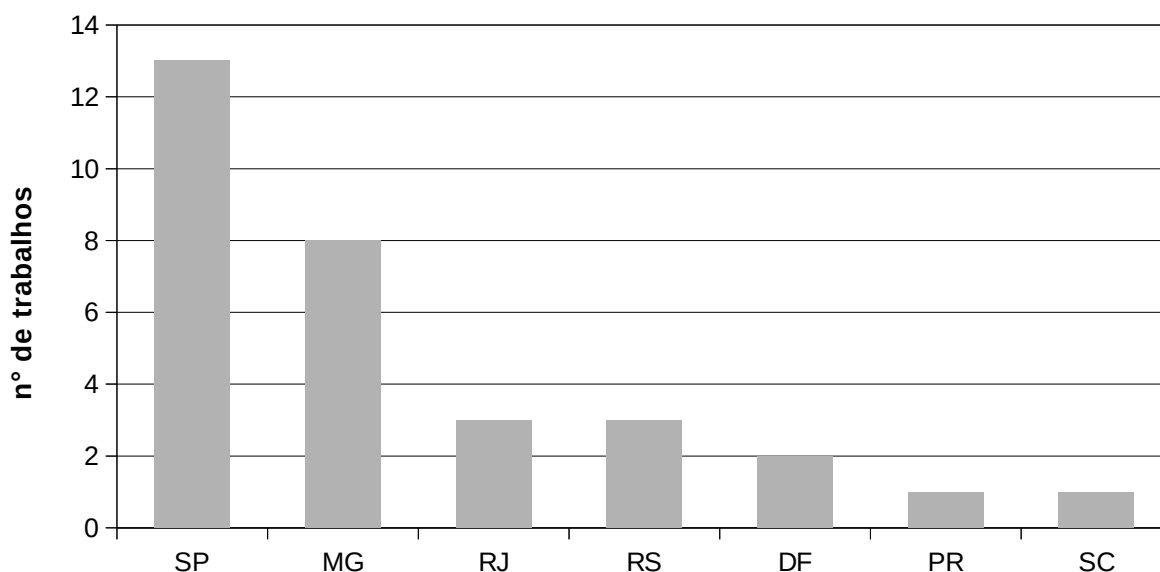


GRÁFICO 3 – PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR ESTADO BRASILEIRO

O fato de a literatura marginal-periférica ter se desenvolvido<sup>12</sup> sobretudo nas regiões periféricas de São Paulo pode ser responsável pelo grande interesse das academias paulistas pelo assunto. Apesar de os escritores paulistas serem mais citados e analisados em trabalhos acadêmicos, há também escritores considerados marginais em Minas Gerais e outras regiões. Academicamente, Minas é um grande polo de estudo de literatura e afrodescendência (estabelecendo uma relação significativa com a literatura produzida nas periferias). O estado também é palco de várias manifestações culturais de hip hop, duelos de Djs, shows, debates e saraus literários.

Já o Paraná, marcado pela representatividade de Paulo Leminski, aclamado autor marginal dos anos 1970, tem recebido em Curitiba vários escritores da literatura marginal-periférica, além de organizar eventos<sup>13</sup> relacionados à literatura e

<sup>12</sup>Atualmente, algumas universidades brasileiras destacam-se como polos de produção científica conforme dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que identificou distribuição extremamente concentrada nos estados da região Sudeste, conforme dados publicados em 1996, destacando-se a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade de Brasília (UNB), como referenciais entre os programas de pós-graduação (CNPq, 1996).

<sup>13</sup> Por exemplo, o evento: **Ebulição Marginal** (2015) divulgado na página da prefeitura de Curitiba.

periferia, iniciando um movimento ainda tímido de saraus (ou rodas de leitura) e formação de leitores e escritores.

Objetivou-se com a leitura das dissertações e teses destacar os eventos relacionados à produção e circulação da literatura marginal-periférica a fim de compreendê-la, em especial, sob enfoque da crítica acadêmica (uma vez que esta atua ou influencia diretamente no sistema escolar) e, assim, obter um panorama acerca do movimento.

A leitura dos trabalhos acadêmicos, então, priorizou: identificar os marcos e os elementos considerados de representatividade e identidade do movimento da literatura marginal-periférica, como por exemplo, a publicação de obras, destaque de autores, eventos, análises textuais, entre outros.

A partir da descrição histórico-social alcançada por meio da análise dos trabalhos acadêmicos, são problematizados os principais conceitos teóricos literários que contribuem na definição conceitual de uma literatura marginal-periférica. Utilizou-se como referencial teórico os autores Leyla Perrone-Moisés (1998), Robert Ernest Curtius (1959) e João Alexandre Barbosa (2014).

O próximo passo metodológico foi a leitura e interpretação da legislação da educação brasileira, buscando-se destacar o conteúdo relacionado ao ensino de literatura no Ensino Médio. Confirmando a possível inserção de um ensino sistemático da literatura marginal-periférica como conteúdo integrante da literatura contemporânea brasileira, cabe identificar nas políticas educacionais se tal reconhecimento e integração estão ocorrendo.

Para isso, analisou-se o conteúdo presente nos livros didáticos disponibilizados pelo PNLD-2015, entendendo ser este o veículo mais prático e acessível do conteúdo curricular em sala de aula, assim como o catálogo de livros distribuídos ao Ensino Médio via Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). O PNBE torna-se um objeto de análise devido a sua proposta de formação de leitores, disponibilizando integralmente as obras para leitura, o que implica no efetivo acesso aos textos.

Dentre as dez coleções indicadas pelo PNLD-2015<sup>14</sup>, foram analisadas quatro coleções, a saber, as mais solicitadas e distribuídas nas escolas conforme o

<sup>14</sup> GUIA de livros didáticos (2015).

Edital do PNLD-2015<sup>15</sup> (QUADRO 4):

	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR(ES)</b>	<b>EDITORA</b>	<b>ANO</b>
<b>1</b>	<i>Português Linguagens</i>	William Roberto Cereja; Thereza Anália Cochar Magalhães.	Editora Saraiva (9ª. edição) Volumes 1, 2 e 3	2013
<b>2</b>	<i>Novas Palavras</i>	Emília Amaral; Mauro Ferreira; Ricardo Leite; Severino Antônio.	Editora FTD (2ª. edição) Volumes 1, 2 e 3	2013
<b>3</b>	<i>Português: Contexto, interlocução e sentido</i>	Maria Luiza M. Abaurre; Maria Bernadete M. Abaurre; Marcela Pontara.	Editora Moderna (2ª.edição) Volumes 1, 2 e 3	2013
<b>4</b>	<i>Língua Portuguesa: Linguagem e Interação</i>	Carlos Emílio Faraco; Francisco Marto de Moura; José Hamilton Maruxo Junior.	Editora Ática (2ª. edição) Volumes 1, 2 e 3	2013

QUADRO 4 – LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS SELECIONADOS PARA ANÁLISE

Dos 7.568.203 livros didáticos distribuídos pelo PNLD-2015, as quatro coleções somam 5.377.608, o que representa aproximadamente 71,1 % dos livros didáticos em uso nas escolas atendidas pelo programa, considerando-se, assim, um *corpus* representativo, suficiente e satisfatório para análise aqui proposta.

O material do PNBE analisado foi aquele disponível pelo site oficial do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE/MEC)<sup>16</sup>, mais especificamente os editais de divulgação da listagem de obras selecionadas e distribuídas pelo governo desde o início do programa no Ensino Médio em 2008.

Espera-se que este estudo forneça dados significativos sobre as pesquisas acadêmicas relacionadas à literatura marginal-periférica, oferecendo um panorama atual sobre esta manifestação, além de apontar na prática as tendências e formas de inserção desta literatura no sistema escolar, reservando às futuras pesquisas diversos caminhos de análise e problematização.

<sup>15</sup> EDITAL DO PNLD 2015 (2015).

<sup>16</sup> Informações contidas nos Editais da Legislação do Programa PNBE, disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-legislacao?start=10>> Acesso dez.2015.



## 2.1 O termo *literatura marginal-periférica*

O uso da palavra composta *marginal-periférica*, neste trabalho, é uma opção metodológica que busca em sua terminologia preservar a primeira definição dada ao movimento enquanto uma literatura marginal – como explicado por Érica Peçanha do Nascimento (2006), que será discutido no próximo capítulo – e a tendência mais recente de delimitação do conceito de marginalidade no contexto geopolítico dado pela noção espacial de periferia.

A união dos termos *marginal* e *periférico* dá maior visibilidade à delimitação do movimento literário que se pretende analisar nesta tese. Este termo já foi utilizado anteriormente, como bem aparece nos títulos de dissertação de mestrado das autoras Mei Hua Soares (2009) e Aline Deyques Vieira (2011) – nesta apenas com a diferença gráfica do traço em vez de hífen. Há autores do movimento literário da periferia que concordam e recomendam o uso, como por exemplo o escritor Sacolinha.

Cabe destacar, entretanto, que a nomenclatura Literatura Marginal ainda é majoritária dentre os trabalhos científicos e acadêmicos em geral (GRÁFICO 4).

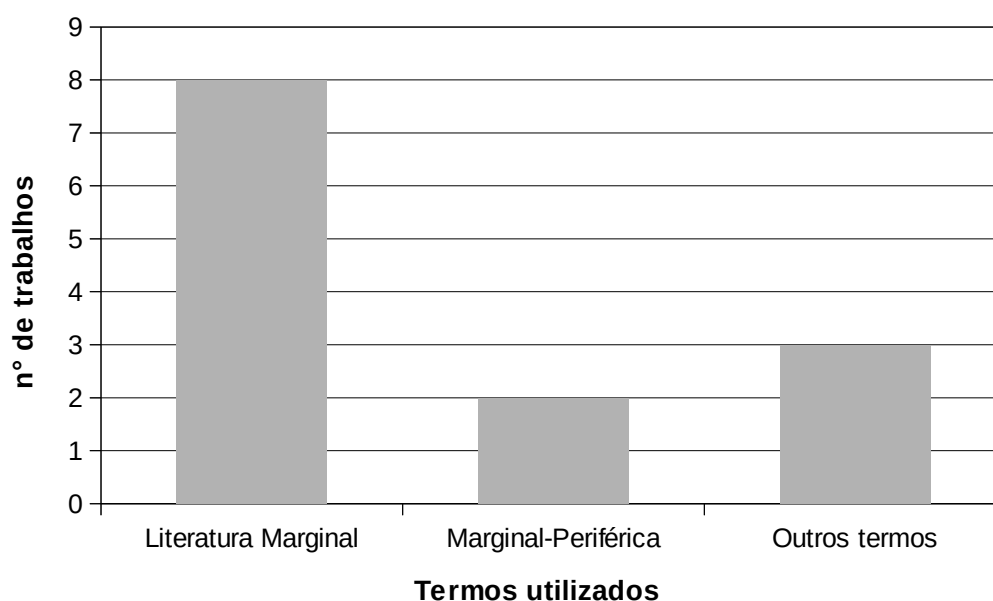


GRÁFICO 4 – UTILIZAÇÃO DO TERMO LITERATURA MARGINAL NO TÍTULO DOS TRABALHOS ACADÊMICOS

Dentre os títulos dos 31 trabalhos acadêmicos analisados, apenas 13 utilizam algum termo relacionado à literatura: oito utilizam o termo Literatura Marginal; dois Literatura Marginal-Periférica; um Nova Literatura Marginal; um Literatura Periférica; e um Literatura menor.

Quanto ao termo ou conceito adotado no interior dos textos dos 31 trabalhos acadêmicos: 24 se reportam ao termo Literatura Marginal; dois utilizam o termo Literatura Periférica; dois utilizam o termo Literatura Marginal-Periférica; um Literatura da favela; um Nova Literatura Marginal; um utiliza o termo genérico “Produção literária da periferia” subdividida em duas fases: literatura hip hop e literatura periférica (GRÁFICO 5).

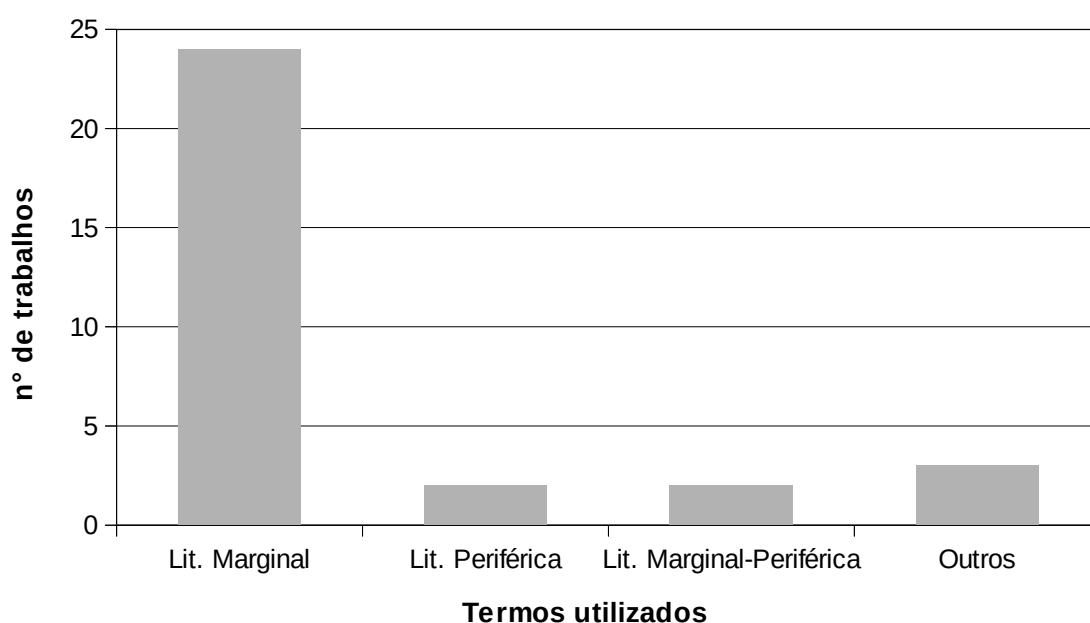


GRÁFICO 5 – UTILIZAÇÃO DO TERMO/CONCEITO LITERATURA MARGINAL NO INTERIOR DOS TRABALHOS ACADÊMICOS

Mesmo utilizando o termo Literatura Marginal como conceito delimitador desta produção literária específica, todos os trabalhos concordam que o termo ainda é discutível e impreciso. Muitos utilizam outros termos em segundo plano (ou como termo substitutivo) como por exemplo: *Literatura marginal dos anos 90* ou *Literatura*

*marginal da Geração 90* – o que pressupõe o contraponto com a Literatura Marginal da Geração 70; e literatura periférica ou literatura da periferia, destacando a identificação dos escritores com o espaço geográfico à margem dos grandes centros urbanos.

Outra tendência nos trabalhos que analisaram obras da literatura marginal-periférica que fazem parte do repertório de escritores (ex-) presidiários é a utilização do termo Literatura Carcerária como sendo uma subdivisão da literatura marginal. O termo literatura combativa e divergente aparecem em menor proporção nos trabalhos acadêmicos, sendo mais usual na mídia em geral.

Como é possível observar no (GRÁFICO 6), quando há maior incidência de trabalhos versados sobre o tema, o termo literatura marginal-periférica ou literatura periférica torna-se mais presente na Academia.

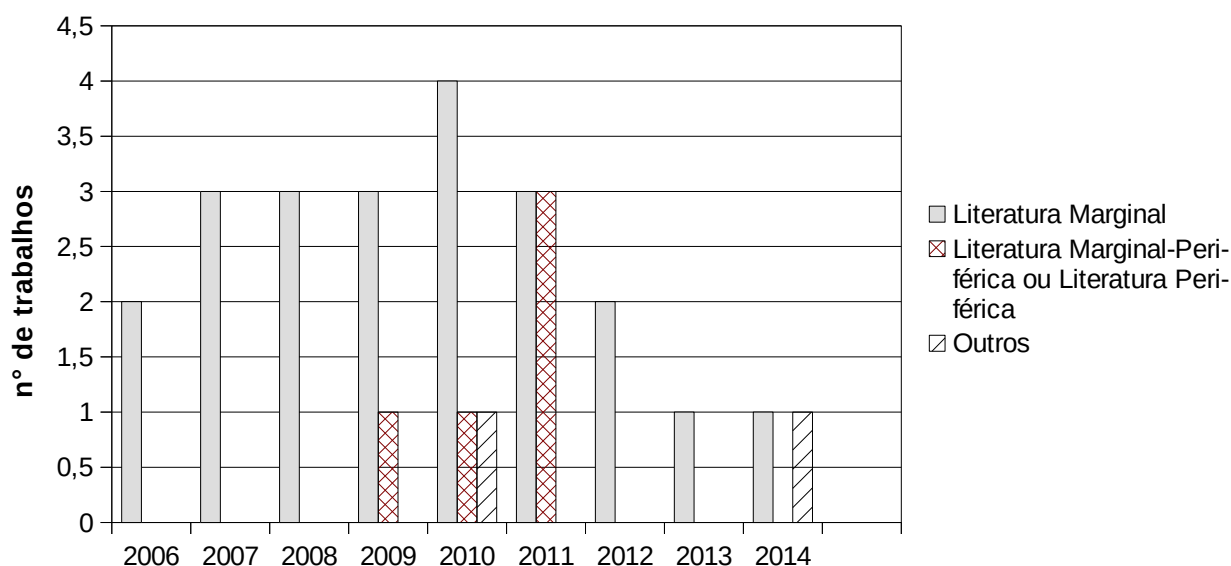


GRÁFICO 6 – UTILIZAÇÃO DO TERMO LITERATURA MARGINAL NA LINHA TEMPORAL DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Apesar de não haver uma concordância terminológica, esta tese mostra como muitos aspectos conceituais já se encontram razoavelmente delimitados (mas não esgotados e, portanto, passíveis de novos questionamentos).

## 2.2 Os Estudos Culturais na Pesquisa Literária

Um dado fundamental e, portanto, digno de nota é a abordagem teórica predominante das pesquisas analisadas sobre a literatura marginal-periférica. Aproximadamente 93,5% dos trabalhos tratam o tema a partir da chamada corrente culturalista<sup>17</sup>. Apesar de apenas três trabalhos admitirem explicitamente adotar os Estudos Culturais como referencial teórico, fica claro que os demais também assumem tal posicionamento, principalmente nas concepções acerca da literatura, já que tomam como base de suas discussões autores como: Williams, Stuart Hall, Bourdieu, Bhabha, Benjamim, Luckács, Foucault<sup>18</sup>, Spivak, Jameson, entre outros. A propósito desse referencial, Vieira (2000, p. 13, grifo nosso) argumenta que:

[...] os **Estudos Culturais já constituem um discurso estabelecido** na América Latina, onde a cultura e a expressão política se entrelaçam com a operação crítica do Continente. **Eles se constituem também menos através da rubrica e mais como uma prática dialógica da teoria crítica literária** latino-americana com conceitos operacionais das ciências humanas (como cultura, identidade, hibridismo, mestiçagem, memória cultural, nação), respondendo, talvez, a nossa especificidade histórica e a vocação política da literatura.

O próprio fato de haver pesquisas acerca da literatura na área de Ciências Sociais, Sociologia e Antropologia já é um dado indicativo da aplicação dos Estudos Culturais no campo acadêmico.

A influência dos Estudos Culturais nos centros universitários em todo o mundo é crescente desde os anos 1990, sobretudo por meio dos teóricos franceses como Michel De Certeau, Michel Foucault e Pierre Bourdieu. No Brasil, há universidades que contam hoje com programas e departamentos específicos de

<sup>17</sup> Um trabalho priorizou o estudo com base nos autores sobre leitura, exemplo: Regina Zilberman, Marisa Lajolo e Ezequiel Theodoro da Silva. E o outro trabalho, apesar de ser da área de Letras, valeu-se de teóricos da antropologia e da história. Esta interdisciplinaridade já é uma tendência culturalista, mas como optou-se por constatar a tendência pela escolha de autores teóricos fundamentais dos Estudos Culturais e pela conceituação de literatura, estes dois trabalhos não foram considerados estatisticamente por falta de referências bibliográficas.

<sup>18</sup> Ver: VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org.) **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

estudos culturais<sup>19</sup>. Entretanto, como aponta Cevalco (2008), a crítica materialista que une cultura, sociedade e literatura está presente em nossa tradição teórica desde a década de 1950, sobretudo com o trabalho do crítico Antonio Candido<sup>20</sup>, hoje representado por Roberto Schwarz.

Segundo Richard Johnson (2004), os Estudos Culturais compõem um movimento, uma rede de forte influência popular e acadêmica, principalmente nas áreas de Estudos Literários, Sociologia, História, Linguística, Estudos de Mídia e Comunicação, que conta com diversos eventos, congressos e até mesmo com publicações científicas em revistas dentre outros meios.

Apesar de sua projeção internacional, os Estudos Culturais não se institucionalizaram como uma disciplina específica, mas “[...] um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea” (ESCOSTEGUY, 2004, p. 137). Sua aplicação é peculiar em cada contexto, seja nacional ou regional. Como consequência, não existe um corpo de conceitos fixos acerca dos Estudos Culturais e tal tentativa de delimitação é rejeitada.

O movimento teve início na Grã-Bretanha, na década de 1950, associado ao desenvolvimento da Nova Esquerda. Os três primeiros livros fundadores desta concepção são: *The Uses of Literacy* (1957) de Richard Hoggart, *The Making of the English Working Class* (1963), de E.P.Thompson e *Culture and Society 1780-1950* (1958) de Raymond Williams<sup>21</sup>. Segundo Schulman (2004, p. 177-178):

---

<sup>19</sup> Segundo Costa (2004), grande parte da bibliografia dos Estudos Culturais estudada no Brasil advém dos Estados Unidos (processo chamado de americanização). “O etnocentrismo parece ter sua 'naturalidade' assegurada mesmo entre aqueles teóricos cujas análises pretendem levar a efeito uma crítica oposicionista a qualquer supremacia” (COSTA, 2004, p. 28). Costa (2004) aponta sobre os riscos de uma teoria (diga-se, britânica) ancorar em outra cultura (como a americana) levando à apropriações inadequadas e adquirindo significações diferentes daquela proposta originalmente. Além disso, a produção intensa e crítica após a década de 1990 gerou considerável fragmentação e trivialização deste campo de estudos, como discute Terry Eagleton em seu livro *Depois da teoria* (2005).

<sup>20</sup> A entrada dos Estudos Culturais nos estudos literários no Brasil está ligada à criação da disciplina de Literatura Comparada, introduzida pela primeira vez na USP, nos anos 1960/1970 por Antonio Candido. Segundo Pinheiro e Bungart Neto (2012, p.10), na década de 1940, antes mesmo da consolidação da disciplina acadêmica, “[...] a revista *Clima*, da USP, administrada por Antonio Candido, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes, já reunia trabalhos sobre literatura, teatro e cinema sob uma perspectiva 'cultural' e não elitista, admitindo em suas páginas estudos a respeito de manifestações populares”.

<sup>21</sup> Norma Schulman (2004) inclui o livro *The long revolution* (A longa revolução) de Williams como parte dos textos formativos dos Estudos Culturais.

Estes textos tinham em comum uma preocupação com a condição social e cultural da classe operária, com a redefinição de concepções elitistas e tradicionais de educação e com a definição de uma “cultura comum”, suficientemente ampla para incluir a cultura popular ou a cultura mediada pelos meios de comunicação de massa.

Richard Hoggart (1918 – 2014) foi professor na *Workes' Educational Association* (WEA), escola de jovens e adultos idealizadora do projeto de integração social dos trabalhadores pós-guerra. Nesta escola, iniciaram-se na prática os estudos culturalistas: reformulação do conteúdo a ser ensinado a fim de torná-lo acessível a todos e de forma a estabelecer relações com a realidade, tornando-se ferramenta para a transformação social.

Hoggart trabalhou durante dez anos em WEA e depois na Universidade de Birmingham, onde fundou o primeiro departamento de Estudos Culturais: *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em 1964. Ele colocou a cultura no centro da discussão, não apenas como mediadora, mas como categoria primária e constitutiva de análise. “As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais compõem seu eixo principal de pesquisa.” (ESCOSTEGUY, 2004, p.137-138).

Hoggart partilhava<sup>22</sup> as ideias e preocupações gerais da doutrina *Cultura e Civilização* desenvolvida em 1932 por L.C.Knights e F.R. Leavis, e da tradição teórica formulada por Raymond Williams, em *Cultura e Sociedade*, de 1958. Em 1979, Hoggart cunhou o termo Culturalismo<sup>23</sup>, dando uma nova noção à cultura. De certa forma, o autor torna-se fundamental para a academia, pois inaugura uma concepção de estudo que privilegia as formas de construção da cultura, expressas sobretudo em textos e documentos, não apenas no consumo passivo da cultura. Assim, categorizou as áreas de estudos em três segmentos: 1) área histórica e filosófica (estudo das ideias e da interação e das mudanças provocadas pelo homem ao longo do tempo); 2) área da sociologia da literatura e artes (estuda o significado

<sup>22</sup> “Para Hall (1980), o problema com o trabalho de Hoggart é a utilização da metodologia literária levisista, que o faz oscilar entre a continuidade de uma tradição e a tentativa prática de modificá-la.” (COSTA, 2004, p.19). Hoggart parecia querer distinguir entre a cultura do povo (cultura popular), despertada por suas tradições de infância e aquilo que era designado para o povo (cultura de massa) (COSTA, 2004).

<sup>23</sup> Segundo Cunha (2014), o termo serve para descrever também os trabalhos de Williams e Hall.

social e artístico dos produtos culturais e a influência destes como meio de comunicação); 3) área crítico-avaliativa, que combina a sociologia com a psicologia social buscando compreender as atitudes sociais, o imaginário, as qualidades estéticas e culturais da arte popular e de massa, incluindo os meios de publicidade, imprensa, cinema, música e televisão (CUNHA, 2014). Hoggart<sup>24</sup> desenvolveu vários estudos relacionados à linguagem, observando os padrões característicos dos grupos sociais, ou seja, a língua enquanto revela a classe, a pertença social do seu enunciator.

Raymond Williams (1918 – 1988) se dedicou à militância estudantil durante seu percurso acadêmico, foi membro do Partido Comunista (onde conheceu Hobsbawn) e do Clube Socialista de Cambridge. Em 1947 lançou a revista *Politics and Letters*, com mais dois colegas de Cambridge, como um primeiro projeto de intervenção cultural. A revista teve quatro edições e finalizou no ano seguinte. A partir de então, Williams passou a se dedicar à docência como professor na educação de adultos no WEA, que defendia uma educação pública e igualitária que contemplasse a cultura em comum, atendendo as necessidades de todas as classes sociais, sem privilégios. É neste contexto que o embrião dos Estudos Culturais começa a se desenvolver, ou seja, buscando novas formas de atuação e perspectiva para o ensino das artes e da literatura.

Dedicou-se aos estudos acerca do termo e significado de cultura e sua relação com a sociedade, projetando sua vida intelectual internacional junto a um grupo de pensadores marxistas do pós-guerra, contra o elitismo de direita e o dogmatismo da esquerda.

Uma das principais críticas que esse grupo de intelectuais de esquerda<sup>25</sup> fazia em relação à visão tradicional de cultura era que, centrada na educação ou nas artes, reproduzia a desigualdade social, mesmo se colocando como 'herança da humanidade' ou o 'repositório dos valores espirituais'. (TAVARES, 2008, p. 9).

<sup>24</sup> Hoggart também se dedicou à política, tornando-se um forte opositor das concepções econômicas de Margaret Thatcher, além de ter sido na década de 1970 a 1975, diretor-adjunto da UNESCO em Paris.

<sup>25</sup> Segundo Tavares (2008), esse movimento da Nova Esquerda agrupava jovens intelectuais entre os quais comunistas dissidentes, socialistas independentes, intelectuais radicais das universidades de Oxford e Cambridge, e os chamados marxistas teóricos.

Com a divulgação do pensamento dos Estudos Culturais, na década de 1960, Williams passou a ministrar aulas nas universidades em Cambridge e em Stanford University. Em suma, Williams considera que “[...] é necessário restaurar a cultura como produto social, como a produção material de um sistema de significação através dos quais uma ordem social se comunica, se reproduz, é vivida como experiência, e explorada como possibilidades e limites”, ou seja, a cultura pertence a todos e não a uma minoria, portanto, “[...] é preciso estender os meios de produção e de compreensão culturais a todos” (CEVASCO, 2009, p. 322). Em *Culture and society* (1958), Williams “[...] constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a ideia de que a 'cultura comum ou ordinária' pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com qualquer outro” (ESCOSTEGUY, 2004, p.139).

Assim como Hoggart e Williams, E.P.Thompson (1924 -1993) foi instrutor em WEA, buscando a integração dos operários trabalhadores no pós-guerra. Foi membro do Partido Comunista inglês e, segundo Cevasco (2009), integrava um grupo de historiadores membros do partido comunista da época, dentre eles Eric Hobsbawm, John Saville, Maurice Dobb e Christopher Hill. Após romper com o partido, Saville e Thompson criam o movimento político Nova Esquerda e a Revista *New Reasoner Review* – posteriormente associada à *Universities and Left Review* – que passou a ser chamada de *New Left Review*<sup>26</sup>.

Desde o início *New Left Review* foi um espaço de discussão para a mudança radical da consciência política do movimento operário inglês. Essa nova esquerda, em sua maioria, engajou como ativista em movimentos como o anticolonialismo e na Campanha pelo Desarmamento Nuclear (CND). (CARMO, 2007, p.11).

Na década de 1960, a revista ganhou um novo tom político<sup>27</sup> que abarcava as noções do estruturalismo francês de Claude Lévi-Strauss e Roland Barthes, e do

<sup>26</sup>A revista *New Left Review* foi responsável pela ampla divulgação das ideias culturalistas do CCCS, publicando inclusive artigos de Hoggart. “Dentre outros, participavam dessa revista: Ralph Milliband, Raymond Williams, Peter Worsley, Doris Lessing, Raphael Samuel, Dorothy e Edward Thompson e Stuart Hall.” (CARMO, 2007, p.11) – conhecidos como 'marxistas humanistas'.

<sup>27</sup>Os artigos publicados por Thompson sobre a revolução e a transição para o socialismo na Grã-Bretanha, publicados no início dos anos 1960, suscitaram conflitos e críticas por parte de Ton Nairn e Perry Anderson. Mais tarde, Anderson assume a direção da revista *New Left Review* dando-lhe um novo enfoque. As discussões e diferenças teóricas entre Anderson e Thompson trazem novas possibilidades de análise da revolução e do desenvolvimento do capitalismo inglês (CARMO, 2007).



marxismo heterodoxo alemão de Walter Benjamin e Berthold Brecht, tornando-se divulgadora da linha marxista defendida por Althusser, Etienne Balibar e Ernest Mandel – a qual Thompson passou a criticar severamente pelo exagerado dogmatismo, teoricismo e determinismo (CUNHA, 2014).

Thompson consagrou-se como historiador após a publicação da obra: *A formação da classe operária inglesa* (1963), dividida em três volumes, que analisa as origens da classe operária inglesa no período de 1790 a 1832. O pesquisador também lecionou em diversas universidades, tanto em cursos acadêmicos quanto não acadêmicos, voltados para o público da classe trabalhadora. Além das Universidades de Leeds e Warwick ministrou cursos esporádicos nos Estados Unidos, nas universidades de Pittsburg, Rutgers, Brown e Dartmouth College. Na década de 1980, tornou-se pacifista antinuclear, liderando manifestações populares contra as ofensivas da OTAN e da política de Margaret Thatcher e Helmut Kohl. Anos mais tarde, retornou a lecionar nas Universidades de Kingston (Canadá), Manchester (Inglaterra) e Rutgers. Atualmente, Thompson é considerado o maior historiador inglês do século XX.

Segundo Storey<sup>28</sup> (1997, p. 46, citado por COSTA, 2004, p. 20-21):

[...] cada um, a sua maneira, rompe com aspectos-chave da tradição que herdou: Hoggart e Williams rompem com o levisismo e Thompson rompe com as formas mecanicistas e economicistas do marxismo. O que os une é uma abordagem que insiste em que, analisando-se a cultura de uma sociedade – o tipos de texto e as práticas documentadas de uma cultura – é possível reconstituir os padrões de comportamento e a constelação de ideias compartilhadas por homens e mulheres que produzem e consomem os textos culturais e as práticas dessa sociedade.

A ênfase dada à cultura popular pelos Estudos Culturais justifica a utilização de tal concepção teórica nos trabalhos acadêmicos acerca da literatura marginal-periférica, uma vez que se estende o significado da cultura, abarcando tanto os textos como as práticas vividas. A preocupação analítica desta corrente passa a ser a produção de sentido a partir das relações de poder e das estruturas sociais no contexto histórico.

Para Johnson (2004), há diversos pontos de partida para compreensão dos

<sup>28</sup>STOREY, John (Ed.) **An introduction to cultural theory and popular culture**. 2.ed. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1997.

Estudos Culturais, seja na tradição histórica, política, acadêmica, enquanto um paradigma teórico ou dependente de seu objeto de estudo. O autor, porém, destaca dois elementos essenciais do movimento: 1) apropriação do termo Cultura e 2) a influência marxista.

Sobre a Cultura, Johnson (2004, p.20) afirma que:

[...] boa parte das fortes continuidades da tradição dos Estudos Culturais está contida no termo singular “cultura”, que continua útil não como uma categoria rigorosa, mas como uma espécie de síntese de uma história. Ele tem como referência, em particular, o esforço para retirar o estudo da cultura do domínio pouco igualitário e democrático das formas de julgamento e avaliação que, plantadas no terreno da “alta” cultura, lançam um olhar de condescendência para a não-cultura das massas.

Ou seja, para os Estudos Culturais não há distinção entre “alta” ou “baixa” cultura. Toda cultura é parte de um processo social, de uma sociedade que se pretende democrática. Por isso, a redefinição do termo Cultura no plano intelectual está interligada a um posicionamento político-ideológico<sup>29</sup>.

A primeira geração de intelectuais teóricos da corrente dos Estudos Culturais, principalmente Raymond Williams, criticava a visão tradicional do termo cultura, utilizado no contexto educacional e das artes, como uma forma de distinção social. O discurso de que a Cultura era a “herança da humanidade”<sup>30</sup>, reproduzia a desigualdade social ao considerar apenas os valores consagrados por uma classe dominante.

Em seus estudos, Williams (2008) faz uma pesquisa etimológica dos termos

<sup>29</sup> Johnson (2004) explica que politicamente o movimento culturalista expressa os ideais da chamada “Nova Esquerda” (relacionada com a Primeira Campanha para o Desarmamento Nuclear e os eventos do pós-1968). Segundo Escosteguy (2004, p. 142): “[...] no período pós-68, os Estudos Culturais transformaram-se numa força motriz da cultura intelectual, de esquerda. Assim, enquanto movimento intelectual tiveram um impacto teórico e político que foi além dos muros acadêmicos, pois, na Inglaterra, constituíram-se numa questão de militância e num compromisso com mudanças sociais radicais”.

<sup>30</sup> Segundo Costa (2004), a ideia da cultura como herança da humanidade ou “o que de melhor se produziu”, advém do pensamento do poeta e crítico literário, Samuel Taylor Coleridge (1772 – 1834). Para ele “[...] a responsabilidade social de preservar e desenvolver a cultura como disposição espiritual” (COSTA, 2004, p. 15) compete unicamente à classe dos clérigos (homens instruídos nas letras e nas artes liberais). Mathew Arnold dá continuidade aos postulados de Coleridge, tornando sua concepção de cultura, conhecida como “a tradição da cultura e da civilização”, predominante até os anos 1950. É ele quem situa a discussão sobre a cultura popular nos debates sobre a cultura. Em meados do século XX, as políticas culturais arnoldiana foram retomadas por Frank Raymond Leavis, que diante dos avanços da cultura de massa, buscava ações de resistência e ensino da “alta cultura”. Estas concepções são consideradas elitistas pelos Estudos Culturais (COSTA, 2004).

utilizados em inglês, observando sua origem e a apropriação de significados no decorrer dos séculos. Notou-se, por exemplo, como o termo cultura (advindo do latim: *colere*), que significava habitar (daí colono, colônia), adorar, cuidar (daí o culto religioso ou cultivo da terra) passou a ser usado, no século XVI, como cultivo do espírito e das faculdades mentais. A partir do século XVIII, o termo cultura foi associado a palavra civilização (*civitas*: ordenado, educado), designando um progresso intelectual e espiritual, individual ou coletivo. A ideia estava ligada ao desenvolvimento da civilização europeia em contraposição ao barbarismo, conforme o ideário francês. Já os alemães, associaram a ideia de cultura (*Kultur*) com os valores subjetivos e relativos (questões do espírito) e a civilização ao uso da razão e dos valores universais. Como coloca Eagleton (2005, p. 45), a cultura:

[...] significava essa esplêndida síntese. Era o abrigo precário onde podiam se refugiar os valores e as energias para os quais o capitalismo não tinha nenhum uso. Era o lugar onde o erótico e o simbólico, o ético e o mitológico, o sensorial e o emocional podiam fazer sua morada dentro de uma ordem social que dispunha de cada vez menos tempo para qualquer um deles.

Após a Revolução Industrial, com a decadência dos valores sociais, o termo cultura foi ligado às artes, religião, instituições, práticas e valores distintos (ou opostos) da sociedade. No século XX, há três categorias de uso: “[...] a cultura como processo de desenvolvimento mental, como um modo de vida específico e como os trabalhos e práticas de atividade intelectual e especialmente artística: a música, a literatura, a escultura, entre outras” (TAVARES, 2008, p. 13). O objetivo de Williams era discutir a inter-relação entre as três categorias a fim de constatar as mudanças sociais provocadas pelo desenvolvimento capitalista de produção. Como coloca Eagleton (2005, p. 45): a partir da década de 1960, a “[...] cultura também estava começando a significar filme, imagem, moda, estilo de vida, *marketing*, propaganda, mídia”.

A contribuição de Williams dentro da tradição do tema cultura e sociedade é a de uni-las num outro nível no qual os significados e a importância dada às mais diversas elaborações humanas são cultura na medida em que fazem parte do modo geral de vida e são elas mesmas que nos fazem entender essas elaborações. Em Williams, a ideia de cultura como modo de vida e como produto artístico não se excluem porque em ambos o valor atribuído

está no significado coletivo (TAVARES, 2008, p. 24).

Conforme a influência recebida do pensamento marxista, Johnson (2004, p.13, grifo nosso) destaca três premissas fundamentais nos Estudos Culturais:

A primeira é que os processos culturais estão intimamente vinculados com as **relações sociais**, especialmente com as relações e as **formações de classe**, com as **divisões sexuais**, com a **estruturação racial** das relações sociais e com as **opressões de idade**. A segunda é que cultura envolve **poder**, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira, que se deduz das outras duas, é que a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais.

A influência marxista, entretanto, é bastante diversa e controversa, uma vez que há inúmeras releituras e aplicações – Johnson (2004) cita apenas os elementos-chaves. Cunha (2014, § 43), por exemplo, lista uma série de autores influentes nos Estudos Culturais como advindos dos “vários marxismos”:

Segundo John Storey, as principais referências viriam de vários marxismos, como o da Escola de Frankfurt (com figuras como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Leo Lowenthal e Herbert Marcuse), como o de Mikhail Bakhtin, Lucien Goldmann e György [Georg] Lukács, mas também como o dos já referidos Althusser, Gramsci e Benjamin. As referências viriam também da psicanálise – mais do que de Sigmund Freud, de Jacques Lacan, Laura Mulvey e Slavoj Žižek. Outras referências viriam do estruturalismo e do pós-estruturalismo, dos já referidos Lévi-Strauss e Barthes, mas também de Ferdinand de Saussure, Will Wright, Michel Foucault, Christian Metz, Jacques Derrida ou Julia Kristeva. Há ainda referências de vários feminismos e de crítica racial, e estão também presentes os autores da teoria social pós-moderna, como Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard ou Frederic Jameson.

Segundo Cunha (2014), os Estudos Culturais, tendo as relações de poder como problemática, estabelecem quatro noções estruturantes: a) ideologia (utilizada por Marx como um sistema de valor, um corpo de ideias e representações que incorporam as relações de dominação; e, conforme Barthes, a ideologia é vista como um mito, ou seja, uma linguagem aparentemente natural mas que falseia a realidade e disfarça os fatos; para Althusser, as práticas ideológicas são os hábitos e rituais que mantêm a ordem social; b) hegemonia (conceito formulado por António

Gramsci<sup>31</sup>, na década de 1930, que trata do processo de controle intelectual e moral exercido pelos grupos dominantes como forma de construção de poder, com consentimento dos dominados); c) resistência (conceito que evidencia a não-passividade dos receptores e da necessidade de negociação do consumo); d) identidade e representação: duas categorias associadas que dizem respeito à construção da identidade e de como estas são representadas socialmente (politicamente), no coletivo (geração, gênero, etnicidade e sexualidade).

O diferencial dos Estudos Culturais é que se propõem a ver produção cultural e modo de vida social como diferentes manifestações de um mesmo impulso. Os projetos artísticos e intelectuais são constituídos pelos processos sociais, mas também constituem esses processos na medida em que dão forma pela qual eles são percebidos. Os elementos que se costuma, em crítica cultural, considerar externos – como, por exemplo, modo de produção econômica, relações sociais, tempo histórico – são de fato internos, na medida em que são eles que estruturam a forma dos produtos culturais (CEVASCO, 2009, p. 322).

Os Estudos Culturais de origem britânica, antes centralizados na crítica textual e na literatura, ganharam novos contornos, metodologias e preocupações, centralizando nos estudos feministas e pós-coloniais, étnicos e antropológicos, analisando as teorias comunicacionais e mediáticas, ampliando seu campo de forma interdisciplinar ou multidisciplinar através da etnografia, semiologia, história social, análise de discurso, estudos de recepção e consumo, entre outros bastante diversos<sup>32</sup>.

Como se pode perceber, a influência dos Estudos Culturais não se restringe ao campo acadêmico. De fato, o seu discurso, em diferentes áreas da vida social, está imprimindo uma transformação na consciência baseada em três processos históricos: a globalização, a democratização e a descolonização (VIEIRA, 2000).

A relação entre os Estudos Culturais e os Estudos Literários é problemática. Por um lado, os Estudos Culturais abraçam os estudos literários como um grande

<sup>31</sup> Segundo Costa (2004, 25): “Hall se utiliza do conceito de hegemonia de Gramsci para argumentar que, nos Estudos Culturais, a cultura é o principal locus da luta ideológica, o palco da 'incorporação' e da 'resistência'; um dos locais onde a hegemonia será ganha ou perdida”.

<sup>32</sup> Segundo Escosteguy (2004, p. 155), alguns dos temas atuais discutidos pelos Estudos Culturais são: a pós-modernidade, a chamada Nova Era (New Times), a globalização, a migração, o papel do Estado-nação, a cultura nacional e suas repercussões sobre o processo de construção das identidades.

repertório documental, que poderá contribuir para as reflexões sociais e construções identitárias:

[...] os Estudos Culturais começam a ver na literatura uma fonte de dados e, através dela, realizam uma justiça simbólica com os grupos reprimidos e os marginalizados pela sociedade. Nesse sentido, o que então se denomina 'Estudos Culturais' constituiria uma ampliação dos limites éticos da crítica" (VIEIRA, 2000, p.19).

Por outro lado, a aproximação da crítica literária das problemáticas sociais, tendo os Estudos Culturais um estatuto de complementaridade, "[...] amplia os limites fenomenológicos dos Estudos Literários, que passam a dialogar mais com a história, a antropologia, a sociologia e a política [...]" (VIEIRA, 2000, p.18). Contudo, o ponto-chave da questão encontra-se na especificidade do que é o literário<sup>33</sup>. Como bem coloca Noé Jitrik<sup>34</sup> (citado por VIEIRA, 2000, p. 18, grifo nosso):

Os Estudos Culturais seriam, então, ele indaga, "uma moeda de ouro" ou "uma falsificação"? [...] uma poção mágica que amplia os horizontes do literário, mas uma cura que contém o próprio veneno, ao gerar novas vulnerabilidades. **O deslizamento da crítica dos objetos literários, de origem filosófica, para a crítica associada aos objetos culturais acarreta**, a seu ver, uma convivência forçada, um **enfraquecimento da crítica literária**, um deslocamento do seu papel de desvelar o não-visível; a Literatura perde também a sua aura e a sua atração.

Um dos primeiros deslocamentos que os Estudos Culturais propõem (ou colocam em prática na academia) é a mudança do que se compreende por teoria, como explica Culler (1999). A teoria não significa mais uma discussão sobre a natureza literária e seus métodos sistemáticos de análise. É um conjunto de reflexões que tem como base diversos outros textos, não especificamente da área em discussão. Segundo Culler (1999, p. 13): "O gênero da 'teoria' inclui obras de antropologia, história da arte, cinema, estudos de gênero, linguística, filosofia, teoria política, psicanálise, estudos de ciência, história social e intelectual e sociologia". O

<sup>33</sup> Na verdade, para os estudos literários o problema está de fato na definição do literário (literariedade), caso contrário, a literatura torna-se um discurso como outro qualquer. Já para os Estudos Culturais, o problema do literário está no enfraquecimento da crítica literária, como sendo o local de embate entre literatura e cultura, onde se define o estatuto da literatura em relação à cultura.

<sup>34</sup> Noé Jitrik é professor da Universidade de Buenos Aires (Argentina). Vieira (2000) reproduz em seu texto a fala proferida por Jitrik na Abertura do Colóquio Trinacional *A Posição da Literatura no Âmbito dos Estudos Culturais*, Cone Sul (1998).

objetivo dessas leituras é mudar a forma de conceber o mundo, de pensar sobre seu objeto de estudo, superar o senso comum, ou seja, questionar tudo aquilo que se vê como natural e lógico<sup>35</sup>. Segundo Culler (1999, p. 14):

[...] a teoria envolve um questionamento das premissas ou pressupostos mais básicos do estudo literário, a perturbação de qualquer coisa que pudesse ter sido aceita sem discussão: O que é sentido? O que é um autor? O que é ler? O que é o 'eu' ou sujeito que escreve, lê, ou age? Como os textos se relacionam com as circunstâncias em que são produzidos?

Assim, a teoria busca mostrar como tudo aquilo que fora tomado como algo natural é na realidade um produto histórico e cultural. Culler (1999, p. 23), então, resume em quatro pontos principais o que seria teoria nos dias de hoje (ou seja, conforme os Estudos Culturais):

1. A teoria é interdisciplinar – um discurso com efeitos fora de uma disciplina original.
2. A teoria é analítica e especulativa – uma tentativa de entender o que está envolvido naquilo que chamamos de sexo ou linguagem ou escrita ou sentido ou o sujeito.
3. A teoria é uma crítica do senso comum, de conceitos considerados como naturais.
4. A teoria é reflexiva, é reflexão sobre reflexão, investigação das categorias que utilizamos ao fazer sentido das coisas, na literatura e em outras práticas discursivas.

Essa tendência é comprovada nos trabalhos acadêmicos aqui analisados, visto que a grande maioria não discorre teoricamente nos limites de uma “teoria literária” (digamos em seu formato tradicional). Há uma predominância de autores de diversas áreas que abarcam discussões sobre questões sociais e culturais diversas. Ou seja, a produção literária é estudada não a partir de princípios da crítica ou teoria literária tradicional, mas é vista como um produto cultural passível de interpretação interdisciplinar, reflexiva e crítica. É a partir desse recorte culturalista que inúmeros trabalhos reforçam a ineficácia e não abrangência da crítica literária (que representa

<sup>35</sup> Para exemplificar, Culler (1999) expõe resumidamente a essência do pensamento reflexivo de Foucault em seu livro *A História da Sexualidade* (1976) e as discussões de Derrida sobre as *Confissões de Jean-Jacques Rousseau*. Segundo Culler (1999, p. 22): “Ambos os exemplos de teoria ilustram que a teoria envolve a prática especulativa: explicações do desejo, da linguagem e assim por diante, que contestam ideias tradicionais (de que há algo natural chamado 'sexo'; de que os signos representam realidades anteriores). Fazendo isso, elas o incitam a repensar as categorias com as quais você pode estar refletindo sobre a literatura”.

a tradição e o senso comum) em relação aos textos literários considerados não-canônicos.

Este novo sentido e abrangência incutida à prática teórica, ao termo e ao fazer Teoria, reflete diretamente nas proposições fundamentais<sup>36</sup> da disciplina literária. Uma questão central para a teoria e crítica literária tradicional como “O que é literatura?”, por exemplo, para os Estudos Culturais perde sua importância, pois, como conclui Culler (1999, p. 26), “[...] como a própria teoria mescla ideias vindas da filosofia, linguística, história, teoria política e psicanálise, por que os teóricos se preocupariam se os textos que estão lendo são literários ou não?”. A distinção metodológica do que é um texto literário e um texto não-literário não é crucial para os Estudos Culturais.

Segundo Culler (1999, p. 26): “[...] tanto as obras literárias quanto as não-literárias podem ser estudadas juntas e de modos semelhantes”. Assim, a teoria literária em si deixa de existir, uma vez que o foco não é mais “teorizar” sobre as especificidades da literatura, dando lugar a um conceito global e interdisciplinar de teoria – reflexões criativas e especulativas sobre as produções sociais e culturais, das quais um texto literário pode ser seu suporte. “A literatura, no sentido de uma coleção de obras de valor real e inalterável, distinguida por certas propriedades comuns, não existe”. (EAGLETON, 2006, p. 16).

Para os Estudos Culturais, o fenômeno da literariedade, considerado o elemento distintivo de um texto literário segundo a teoria e a crítica tradicional, diz respeito a aspectos também presentes em discursos e práticas não-literárias. Culler (1999) coloca, por exemplo, que uma explicação histórica também ocorre de uma situação inicial que é interligada ao desenvolvimento e uma conclusão de modo a fazer sentido; ou ainda, que recursos retóricos, como a metáfora, também podem ser usados de forma não crucial, como na literatura, mas ornamental, em outros tipos de discurso, como o filosófico. Nas palavras de Eagleton (2006, p.8) “Não há nenhum artifício 'literário' – metonímia, sínecdoque, litote, quiasmo etc. - que não seja usado intensivamente no discurso diário”.

De qualquer modo, como os pressupostos da teoria e da crítica literária tradicional são complexos e exigem aprofundamento analítico, os Estudos Culturais

<sup>36</sup> Que se levadas a cabo, discussões sobre o cânone seriam dispensáveis.



não se eximem das discussões: num jogo que aparentemente remete ao mesmo plano de inteligibilidade, inverte a questão “O que é literatura?” (o que pressupõe a análise de um sujeito sobre o objeto de estudo, no caso, a literatura) para “O que faz com que nós, sociedade, tratemos algo como literatura?” (o que pressupõe a relação entre a sociedade e seu constructo cultural, a literatura). Esta mudança de perspectiva metodológica acarreta em uma série de descompassos e conflitos entre a visão tradicional e a culturalista.

É esta inversão metodológica que dá fôlego às discussões acerca do cânone, por exemplo, pois no fundo não interessa o exemplo e a composição literária e estética dos textos em si, mas sim as articulações e motivações sociopolíticas de um grupo social específico que legitima a construção de um repertório textual, considerando-o como exemplar e modelar, impondo, portanto, valores aos outros grupos não representados (utilizando-se do vocabulário culturalista). Como afirma Eagleton (2006), o que importa não é a origem do texto ou seus elementos internos, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram.

Assim, tendo como pano de fundo os embates teóricos aqui brevemente apresentados, busca-se colocar contrapontos que devem ser considerados independente do lado que se assume discutir a literatura.

### 3 REVISÃO HISTÓRICA E CONCEITUAL

A ideia de literatura marginal-periférica, tal como se manifesta hoje, ainda é passível de discussão. Como constatado anteriormente, os principais estudos estão sendo realizados tanto no campo das Letras quanto no campo da Sociologia, privilegiando o recorte teórico dos Estudos Culturais. Desse modo, observou-se que o objeto de pesquisa recebeu tratamentos e enfoques diferenciados, sobretudo como produto de uma cultura popular-urbana da periferia, conforme a tendência de análise culturalista, e raramente como produção estético-literária, conforme a tradição crítica literária.

A primeira menção ao termo Literatura Marginal para designar um movimento literário brasileiro contemporâneo e específico, foi feita pelo escritor Reginaldo Ferreira da Silva, conhecido como Ferréz, no ano 2000, no contexto de lançamento de seu segundo livro: *Capão Pecado*, publicado pela editora Labortexto:

Quando eu lancei o Capão Pecado me perguntavam de qual movimento eu era, se eu era do modernismo, de vanguarda... e eu não era nada, só era do hip hop. Nessa época eu fui conhecendo reportagens sobre o João Antônio e o Plínio Marcos e conheci o termo marginal. Eu pensei que era adequado ao que eu fazia porque eu era da literatura que fica à margem do rio e sempre me chamaram de marginal. Os outros escritores, pra mim, eram boyzinhos e eu passei a falar que era 'literatura marginal' (Ferréz, em fala no dia 20/07/2004) (FERRÉZ, *apud* NASCIMENTO, 2006, p.15).

Como se pode perceber, Ferréz se inspirou na classificação crítica dada a alguns movimentos artísticos das décadas de 1960 a 1990, segundo a representação dos autores citados, João Antônio e Plínio Marcos, e no sentimento próprio de exclusão social.

Mais tarde, como organizador responsável pelo lançamento da edição especial da Revista *Caros Amigos/Literatura Marginal: a cultura da periferia* em 2001, Ferréz retoma o termo “Marginal” como legenda de um grupo de escritores mais ou menos organizados e identificados pelo mesmo perfil sociológico:

A partir de então, a expressão 'literatura marginal' se disseminou no cenário cultural contemporâneo, para caracterizar a produção dos autores que vivenciam situações de marginalidade (social, editorial e jurídica) e estão trazendo para o campo literário os termos, os temas e o linguajar igualmente "marginais" (NASCIMENTO, 2006, p.01)

Esta primeira aparição e delimitação de um grupo de escritores por meio de uma revista contribuiu para os diversos estudos acadêmicos aqui analisados<sup>37</sup>. A proposta deste capítulo é apresentar as principais abordagens conceituais discutidas nesses trabalhos, buscando compreender a complexidade do movimento literário da periferia enquanto um fato histórico, social, cultural e estético. Em seguida, a pesquisa aponta algumas reflexões baseadas na teoria e crítica literárias a fim de problematizar possíveis limitações e perspectivas conceituais.

### 3.1 LITERATURA MARGINAL: CONTEXTOS

O termo *marginal* na literatura foi (e ainda é) utilizado em contextos diversos, principalmente para denominar obras que estão à margem do cânone ocidental e/ou obras que tematizam a subversão dos valores aceitos socialmente. Essas duas prerrogativas estão implícitas na utilização do termo no caso da literatura brasileira<sup>38</sup>.

A definição mais comum entre os trabalhos acadêmicos realizados sobre a literatura marginal-periférica parte da diferenciação do termo Literatura Marginal utilizado em períodos distintos no contexto literário brasileiro<sup>39</sup>. Cita-se com frequência que, no Brasil, têm-se dois momentos de caracterização de uma chamada literatura marginal: o primeiro trata da literatura marginal dos anos 1970, e o segundo, foco da pesquisa, tem-se a literatura marginal<sup>40</sup> produzida nas últimas duas décadas nas regiões periféricas dos grandes centros urbanos, como: São

<sup>37</sup> Nota-se que os trabalhos acadêmicos foram publicados a partir do ano de 2003.

<sup>38</sup> Esta utilização faz parte do senso comum e de algumas correntes teóricas culturalistas, mas não representa uma terminologia da crítica literária em geral.

<sup>39</sup> Esta diferenciação é motivada pela declaração de Ferréz quando cita autores considerados marginais.

<sup>40</sup> A esta manifestação literária, própria das últimas décadas, é que denomina-se aqui de literatura marginal-periférica. Suas especificidades serão analisadas no decorrer deste capítulo.

Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre, Belo Horizonte entre outros.

Grande parte dos trabalhos tratam da literatura dos anos 1970 como sendo aquela que surge em resposta à opressão política e cultural da ditadura militar. Devido à censura e à limitação da produção de livros, os escritores denominados marginais publicavam manualmente seus escritos a partir da técnica do mimeógrafo e os distribuíam em praças, ruas, bares e avenidas. Por isto, este movimento ficou conhecido como Poesia Marginal ou Geração Mimeógrafo.

Este movimento literário caracterizou-se não apenas pelos seus elementos estéticos, temática ou meio de publicação, mas sobretudo pelo seu significado de resistência num determinado momento histórico. Como principais representantes desse movimento têm-se Torquato Neto, Paulo Leminski, Ana Cristina César, Ricardo Carvalho Duarte (Chacal), Francisco Alvim e Cacaso<sup>41</sup>.

Para Hollanda (1980), um dos grandes aspectos diferenciadores desta literatura é a condição social de seus produtores, na maioria universitários de classe média ou alta. A marginalidade aqui se remete à exclusão política e ideológica dada pela Repressão e, portanto, é um estar à margem dos ideais políticos dominante da época. Alguns escritores eram chamados de malditos, valorando também a questão transgressora e violenta do ser marginal, ilegal ou infrator da ordem estabelecida. É importante frisar que tal denominação foi atribuída pela crítica e não pelos próprios escritores.

#### Na dissertação *As Margens da literatura: uma análise discursiva de versos*

<sup>41</sup> Na publicação de 1976 do livro *26 poetas Hoje*, de Heloísa Buarque de Hollanda, a autora destaca os seguintes autores pertencentes ao movimento da literatura marginal da época: Adauto de Souza Santos, Afonso Henriques Neto, Ana Cristina César, Antônio Carlos de Brito, Antônio Carlos Secchin, Bernardo Vilhena, Capinan, Carlos Saldanha, Chacal, Charles, Eudoro Augusto, Flávio Aguiar, Francisco Alvim, Geraldo Eduardo Carneiro, Isabel Câmara, João Carlos Pádua, Leila Miccolis, Leomar Fróes, Luiz Olavo Fontes, Ricardo G. Ramos, Roberto Piva, Roberto Schwarz, Torquato Neto, Vera Pedrosa, Waly Sailormoon, Zulmira Ribeiro Tavares. Anos depois, muitos destes foram incorporados pelo sistema editorial, principalmente devido ao interesse do público pelos chamados autores não-canônicos e pela temática da marginalidade social e política. Nota-se de passagem que dois dos principais críticos que alavancaram a produção posterior da literatura marginal-periférica aparecem nesta obra de divulgação: a própria autora Heloísa Buarque e o poeta (atualmente professor e crítico literário) Roberto Schwarz. Outro livro comentado da literatura marginal da década de 1970 que merece destaque é *Poesia Jovem Anos 70* – de Heloísa Buarque e o jornalista Carlos Alberto Messeder Pereira (Editora Abril) publicado em 1982, que traz poemas, biografias e análises textuais dos principais representantes do movimento literário. Waly Salomão (codinome Waly Sailormoon) também publicou a biografia de Hélio Oiticica, artista citado pelos escritores da literatura marginal-periférica. E assim, percebe-se uma rede (ou como diria Bourdieu, um campo discursivo) de escritores, críticos e obras que de fato mostram afinidades com o movimento da literatura marginal-periférica hoje.

*marginais*, a pesquisadora Gissele Bonafé Costa (2009) faz uma comparação crítica entre as duas antologias sobre a literatura marginal: *26 poetas Hoje* (1976) por Heloísa Buarque de Hollanda e *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica* (2005) por Ferréz, buscando destacar a singularidade de cada movimento literário. Costa (2009) conclui que o termo “marginal” compartilhado por ambos movimentos, identifica o lugar social dos sujeitos-autores e daqueles que são representados em seu discurso:

Concluo, a partir delas, que a produção poética da década de 70 e aquela produzida nas periferias atualmente, significados na marginalidade, apontam, igualmente, para a configuração de uma posição marginal, construída simbolicamente no dizer do sujeito “autor marginal”, a qual fica marcada na alteridade no conjunto da sociedade e de suas leis. No entanto, para além dessa convergência, dadas as condições nas quais cada um desses discursos é produzido, temos também diferentes formas de individualização do sujeito, as quais se materializam em formas distintas de resistência. (COSTA, 2009, p. 3-4).

Costa (2009) mostra como o termo marginal une os dois movimentos no sentido transgressor da escrita literária. Entretanto, os movimentos literários dos anos 1970 e a chamada literatura marginal-periférica são distintos segundo a época, a motivação da produção e a caracterização do grupo de escritores, como também ressalta Silva (2006, p.35-36, grifo nosso):

As questões que cercam a literatura marginal são bem diferentes. Primeiramente, o contexto político e cultural se alteraram. Não vivemos mais em um Estado de exceção. Segundo, a indústria cultural se consolidou deixando pouco espaço para produções alternativas. Terceiro, os autores da literatura marginal não são membros da classe média, mas favelados, ex-presidiários, detentos, rappers, grafiteiros [...]. Portanto, **não cabem comparações mecânicas entre essas duas produções literárias, pois, o contexto, a produção, os grupos sociais, as propostas são distintas.**

Observou-se, no decorrer da leitura dos trabalhos acadêmicos analisados, que grande parte dos pesquisadores estabelecem comparações entre os dois movimentos considerados marginais, da década de 1970 e o atual, a partir da crítica literária feita acerca das manifestações da poesia, descritas sobretudo por Heloísa Buarque. Cabe, portanto, esclarecer que: a produção reconhecida como da geração de 1970, a qual Heloísa Buarque de Hollanda dedica boa parte da sua pesquisa,

atribuindo muitas vezes a denominação de literatura marginal, não se restringe à manifestação na poesia (conhecida como Poesia Marginal), mas trata-se de um movimento mais amplo que envolve várias produções no campo da dramaturgia e artes plásticas, presente desde as décadas de 1960 a 1990. Triveloni (2007) considera, por exemplo, que o termo marginal foi utilizado originalmente para denominar poetas e poesias. Com o passar do tempo, o termo abrigou outras manifestações:

Essa fusão entre a poesia marginal e o romance fez o referencial da marginalidade ser usado amplamente, não só para indicar os poetas da geração mimeógrafo, como também os textos que exploravam alguma situação que parecesse estar fora da ordem social. A classificação marginal na literatura perdeu, assim, suas primeiras características e foi assimilada a qualquer tipo de manifestação artística que tinha, ao menos, um dos pressupostos iniciais dessa geração de desbundados. São eles: poesia ou poeta que permanece à margem do grande mercado editorial, tematização de uma possível contracultura – afastada dos modelos tradicionais –, veiculação da obra por conta do próprio autor, linguagem coloquial e agressiva, temas sociais e políticos engajados em algum tipo de denúncia e autenticidade na reivindicação de direitos artísticos. (TRIVELONI, 2007, p. 45).

De fato, os escritores da literatura marginal-periférica não fazem referência direta aos autores da Poesia Marginal, o que justifica a afirmação de Silva (2006) de que não é possível estabelecer relações mecânicas entre os dois movimentos literários. Entretanto, mencionam nomes como de Plínio Marcos, João Antônio e Hélio Oiticica que, pertencendo à década de 1970, destacaram-se em outras produções literárias e/ou artísticas como teatro, romance, contos e pintura, também consideradas “marginais”. Como afirma Ferréz:

Como **João Antônio** andou pelas ruas de São Paulo e Rio de Janeiro sem ser valorizado, hoje ele se faz presente aqui e temos a honra de citá-lo como a mídia o eternizou, um autor da literatura marginal. Também citamos a batalha de **Máximo Gorki**, um dos primeiros escritores proletariados. Mas não podemos esquecer de **Plínio Marcos**, que vendia seus livros no centro da cidade e que também levou o título de autor marginal e acabou escrevendo dezenas de obras [...] (CAROS AMIGOS, 2001, s/p, grifo nosso).

Em outras palavras, é comum observar o contraponto entre as duas fases da literatura marginal considerando apenas o movimento na poesia, ou seja, do grupo

Poesia Marginal, e não da complexidade de movimentos artísticos da época, todos considerados marginais devido a sua postura de resistência.

### 3.2 PRECEDENTES MARGINAIS

Considerando a correlação feita pelos próprios escritores<sup>42</sup> da literatura marginal-periférica entre as duas épocas, é possível destacar alguns nomes considerados como seus antecedentes:

#### 3.2.1 Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977)

Nasceu em Minas Gerais e mudou-se para São Paulo em 1947. Foi empregada doméstica na casa do médico Euryclides de Jesus Zerbini, onde aprendeu a ler. Em 1955 começou a escrever um registro diário de sua vida. Em 1958 fixou residência em meios aos barracos da favela do Canindé, e teve dois filhos. Nesse mesmo ano, conheceu o jornalista Audálio Dantas do jornal *Folha da Noite* e da revista *O Cruzeiro*, que estava visitando a favela para escrever uma reportagem.

Carolina lhe mostrou seus escritos e Dantas decidiu publicar alguns trechos no jornal. Houve grande repercussão, até que dois anos depois, a Editora Francisco Alves publicou o diário no livro: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* revisado pelo jornalista. O sucesso consagrou Carolina de Jesus como celebridade, tendo seu livro traduzido em 14 línguas e lançado em 20 países. Carolina ainda lançou mais três obras: *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963) e *Provérbios* (1963), e uma obra póstuma *Diário de Bitita* (1986), mas estas não obtiveram tanto sucesso. Carolina faleceu em 1977 devido a uma crise de asma. Mulher de gênio

---

<sup>42</sup> Os autores listados como precedentes são confirmados em inúmeros depoimentos e entrevistas feita com escritores da literatura marginal-periférica, além de presentes nos textos de Manifestos (ver: ANEXOS 2,3 e 4) e nos próprios trabalhos acadêmicos analisados.

forte, teve vários problemas com os vizinhos após se mudar para um bairro de classe média, voltando a ser catadora de papel no final de sua vida.

A autora se tornou uma fonte inspiradora da literatura marginal-periférica exatamente pela sua ousadia no mundo das letras, sobretudo pela sua condição social de marginalizada, favelada e negra. Sua linguagem informal, próxima à oralidade, também se torna uma marca linguística característica da classe social e econômica que representa<sup>43</sup>.

Na época, Carolina foi um caso excepcional e não foi classificada em nenhum movimento literário. Segundo Amaral (2003), uma das classificações possíveis dada à obra de Carolina de Jesus é de literatura testemunho (ou testemunho etnográfico, segundo a terminologia de Elzbieta Sklodowska):

Uma mulher negra, favelada, mãe solteira de três filhos, que vive de catar detritos nas ruas de uma megalópole latino-americana, consegue produzir e publicar um diário contando a história de sua vida e do local em que vive. É um fato extraordinário, um marco para aqueles que trabalham com a literatura testemunho. (AMARAL, 2003, p. 51).

Segundo Amaral (2003), várias obras literárias marginais são vendidas pelo mercado livreiro sob o rótulo de literatura de testemunho ou depoimento, mas é preciso reportar que as qualidades estéticas e literárias superam qualquer tentativa de reprodução da realidade.

Tanto a literatura marginal-periférica quanto a chamada literatura negra abraçam a escrita de Carolina Maria de Jesus como um importante fenômeno precedente a estes movimentos.

### 3.2.2 Plínio Marcos (1935 – 1999)

Plínio Marcos de Barros nasceu em Santos, no ano de 1935 e faleceu em São Paulo em 1999. Foi filho de um bancário e de uma dona de casa, considerados

<sup>43</sup> Na literatura de Carolina, a dificuldade de leitura se dá no nível do registro escrito, que reproduz, por exemplo, as marcas da oralidade, erros de concordância ou pronúncia. Apesar disto, o texto é de fácil compreensão, pois ainda utiliza-se de uma linguagem comum, acessível à maioria. Já na literatura marginal-periférica, o uso das gírias, em especial, torna o texto de difícil acesso ao público que desconhece tal linguajar.



de classe média. Teve grandes dificuldades para finalizar os estudos escolares. Não dado aos estudos, o pai incentivou desenvolver uma profissão. Depois de desempenhar várias funções, fixou-se no circo como palhaço. Na década de 1950, percorreu várias cidades paulistas na Companhia de Teatro de Variedades e foi humorista em algumas rádios da época. Mais tarde, trabalhou em inúmeros circos e alcançou popularidade através da TV-5, como humorista e palhaço (nome Frajola). Em 1958 participou de uma peça infantil feita pela Patrícia Galvão (Pagu), escritora, poeta, diretora de teatro, tradutora, desenhista, jornalista e militante política na época. Recebendo fortes influências do grupo que Pagu participava, Plínio passou a se interessar por leitura, iniciando sua produção literária além da participação com ator e diretor de várias peças teatrais <sup>44</sup>.

A maioria de suas peças foi censurada, mesmo assim conseguiu apresentar algumas clandestinamente. Como alternativa de sobrevivência, adaptou obras teatrais no formato de romance e passou a escrever contos, crônicas, comentários e entrevistas. Foi colunista em diversos jornais paulistas<sup>45</sup>. Era defensor da cultura popular e participou de vários eventos de samba em São Paulo e produções musicais com artistas famosos como Geraldo Filme, Zeca da Casa Verde e Toniquinho Batuqueiro.

Segundo Triveloni (2007, p. 29), em sua dissertação *Plínio Marcos e a perspectiva utópica de superação*, Plínio foi chamado de “[...] escritor maldito e marginal porque sempre retratou em seus escritos o cotidiano urbano de classes sociais banidas, mas sempre deixou transparecer a sua crença na bondade e na esperança daqueles que eram vistos como marginais”. Pensando na correlação com a literatura marginal-periférica, Plínio Marcos também explorou os temas sobre o surgimento das favelas e da criminalidade, como, por exemplo, nos romances: *Na barra do Catimbó* (São Paulo: Global, 1979), assim como a situação precária e doentia das carceragens brasileiras, como, por exemplo, em *A Mancha roxa* (Edição

<sup>44</sup> Dados bibliográficos foram retirados do sítio oficial do autor. Disponível em: <<http://www.pliniomarcos.com/>> Acesso em setembro de 2015.

<sup>45</sup> Triveloni (2007, p.37) observa que “Plínio foi colunista de diversas revistas, jornais e de alguns outros veículos de informação de circulação nacional. Só para permanecer no ambiente paulista, pode-se citar as revistas *Veja*, *Placar*, *Ele & Ela*, *Viaje Bem* e *Status*. Nos jornais contribuiu para a *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo*, *O Pasquim*, *Diário da Noite*, *Hora do Povo*, *Diário do Povo*, *A Tribuna*, *Última Hora* e *Jornal da Orla*”. Como se pode notar, o escritor, principalmente no início da década de 1980, além de publicar obras literárias, teve grande participação na imprensa jornalística.

do autor, 1988).

A partir da década de 1980, após o período de repressão, suas peças foram liberadas ao público. Dentre as que obtiveram maior repercussão, estão: *Barrela* (escrita em 1958), *Dois perdidos numa noite suja* (1966), *A Navalha na carne* (1968) e *O Abajur Lilás* (1969). Citando Julián Boal<sup>46</sup> (2000), Triveloni (2007, p.12) afirma que:

[...] a linha dramática que coloca em cena os diálogos rápidos, cujo campo semântico se situa no limiar do palavrão, a desgraça dos suburbanos como ação principal, a cafajestice e a exploração como formas de sobrevivência, foi iniciada no Brasil pelo Teatro Desagradável de Nelson Rodrigues, nos inícios dos anos de 1950, e transformada diretamente em Teatro da Crueldade por Plínio Marcos, em 1958, com a primeira encenação de *Barrela*. Ao expor para o público questões marginalizadas e ignoradas pelos responsáveis da sociedade, o autor criou uma obra que significou uma ruptura com os padrões tradicionais literários brasileiros e se direcionou, sensivelmente, para questões sociais representativas, as quais lograram lugar privilegiado no ambiente literário e deixaram uma marca inconfundível, que faz a relação obra e autor, enredo e personagens, ser reconhecida facilmente (TRIVELONI, 2007, p.12).

Neste clima pliniano, Triveloni (2007) mostra que a representação da marginalidade e suas relações com o poder dominante já estavam aparecendo nas artes pós-64, como é o caso da obra: *Auto da Compadecida* (1957) de Ariano Suassuna e *Eles não usam black-tie* (1958) de Gianfrancesco Guarnieri<sup>47</sup>. Até mesmo para o TBC, havia o intuito de levar aos palcos os problemas sociais reais vivenciados pelo povo<sup>48</sup> (TRIVELONI, 2007). Entretanto, Triveloni (2007, p.25) destaca que:

<sup>46</sup> BOAL, Julián. **As imagens de um Teatro Popular**. São Paulo: Hucitec, 2000.

<sup>47</sup> No sistema educacional, as obras de Ariano Suassuna são uma constante em livros didáticos (sobretudo para contextualizar o ensino do gênero teatral, estabelecendo um paralelo com as obras clássicas de Gil Vicente). Guarnieri está sendo incluído nos livros didáticos com muita força, sobretudo devido à divulgação da obra pelo PNBE e às indicações de leitura para os exames de vestibular.

<sup>48</sup> Segundo Triveloni (2007, p. 23): “Já a dramaturgia brasileira teve seu primeiro grande caráter de transformação da consciência política no povo brasileiro em dezembro de 1961, com a criação do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, o CPC. O grupo foi composto, em sua maioria, por intelectuais, estudantes e artistas dissidentes do grupo do Teatro Arena. Eles acreditavam que a arte, em todas as suas formas, seria capaz de conscientizar o povo. Mesmo que o TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) tenha tentado isso dez anos antes, a conscientização de intervenção na ideologia da massa só foi verdadeiramente assimilada pelo público nos três anos que o CPC se manteve ativo”. A maioria dos artistas eram filiados ao PCB.

Enquanto alguns artistas visavam, com sua arte, extrapolar a moral conservadora dos militares, modernizar, transformar a cultura brasileira e anarquizar o sistema político vigente, o escritor [Plínio Marcos], um pouco à margem das vanguardas artísticas, se debruçou sobre o cotidiano da contravenção e explorou, em seus escritos, a exclusão, a miséria e a infelicidade dos párias brasileiros. Relacionando-se com a situação social brasileira, os escritos de Plínio Marcos surgem como uma significativa pintura da indignação sobre as mazelas cotidianas.

Em sua pesquisa, Triveloni (2007) menciona a classificação “marginal” de Plínio Marcos, mas também expõe a teoria defendida por Davi Arrigucci Júnior, e desenvolvida por Flora Süssekind, acerca da concepção neo-naturalista (considerando as narrativas plinianas como romances-reportagem)<sup>49</sup>.

Durante, e sobretudo após o período da ditadura, muitos artistas tiveram suas obras reconhecidas pelo público e pela crítica. Plínio Marcos, por exemplo, conta com quatro prêmios no Teatro Amador<sup>50</sup>; trinta e três prêmios na categoria Teatro Profissional<sup>51</sup>, e dezesseis homenagens, entre estas a dedicação de espaços culturais que receberam o seu nome. Isto mostra que a prerrogativa primeira da literatura marginal (da década de 1970), que era estar à margem do sistema editorial e do mercado, revelou-se um tanto flexível. De qualquer forma, a marginalidade, em termos de linguagem e temática, permaneceu e certamente inspirou a literatura marginal-periférica.

<sup>49</sup> A pesquisa de Triveloni (2007) apresenta os conceitos acerca da estética naturalista e dos romances-reportagem, explicando-os a partir da obra de Plínio Marcos. Além do foco da teoria literária, Triveloni apresenta no final de seu trabalho uma bibliografia completa e comentada de toda produção literária e jornalística de Plínio Marcos, citando inclusive outros trabalhos acadêmicos sobre o autor e adaptações de suas obras para o cinema e televisão – fica aqui registrado como indicação de leitura a quem interessar.

<sup>50</sup> A obra *Barrela* foi representada em 1959 apenas uma vez, graças a ajuda de Pagu. Segundo Plínio: “O texto foi enviado para a Censura Federal, que o proibiu. A Patrícia Galvão comunicou-se com o Pascoal Carlos Magno, uma espécie de ministro sem pasta do Governo de Juscelino Kubitschek. Ele então enviou um telegrama diretamente do gabinete do presidente dizendo para a polícia reconsiderar a proibição da peça. E o texto foi liberado para uma apresentação [...]” (depoimento de Plínio Marcos disponível no seu site oficial: <<http://www.pliniomarcos.com/>>). A obra foi premiada no mesmo ano de 1959 no II Festival Teatro Amador, em Santos. Os demais prêmios foram recebidos entre os anos de 1958 a 1960. Entende-se que a partir da década de 1960, Plínio passou a integrar o teatro profissional.

<sup>51</sup> Nota-se que 66% dos prêmios foram concebidos no auge da ditadura (entre os anos de 1960-1979), inclusive por grandes eventos da crítica e da mídia, como por exemplo: Prêmio Governador do Estado (SP), Prêmio Jabuti, Molière, APCT, APCA, Prêmio Gato de Ouro (TV Globo), Prêmio TV Tupi entre outros. Os demais prêmios foram adquiridos nos anos de 1980 a 1993 (ex: Prêmio Shell, Troféu Nossa Caixa, entre outros).

### 3.2.3 João Antônio (1937 - 1996)

João Antônio Ferreira Filho nasceu em 1937, em São Paulo, numa família de emigrantes portugueses, sem muitos recursos financeiros. Desde criança escrevia e participava de concursos literários. Estudou jornalismo na década de 1950 e, em 1963, lançou seu primeiro livro de contos: *Malagueta, Perus e Bacanaço* pela editora Civilização Brasileira. O livro foi um sucesso de vendas além de obter uma crítica positiva na época. Com a obra, o autor ainda estreante, recebeu dois prêmios Jabuti e colecionou tantos outros como: Prêmio Fábio Prado e Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo. Em 1976, um dos contos do livro deu origem ao filme *O Jogo da Vida*, uma adaptação cinematográfica feita por Maurice Capovilla, tendo Lima Duarte como ator.

João também exerceu a profissão de jornalista no *Jornal do Brasil*, *O Pasquim* e outros meios editoriais de resistência ao governo da época. Participou da equipe fundadora da Revista *Realidade*<sup>52</sup>, em 1966. Vários contos seus foram primeiramente publicados em revistas e jornais, e mais tarde reunidos em livros. Entre estes, os principais são: *Leão-de-chácara* (1975), *Malhação do Judas Carioca* (1975), *Casa de Loucos* (1976), *Lambões de Caçarola* (1977), *Calvário e Porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977), *Ô Copacabana!* (1978), *Dedo-duro* (1982), *Meninão do caixote* (1984), *Abraçado ao meu rancor* (1986), *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno* (1991), *Patuléia* (1996), *Sete vezes rua* (1996) e *Dama do Encantado* (1996).

Desde o ano 2000, a Editora Cosac Naify<sup>53</sup> passou a reeditar vários livros e coletâneas do autor, sob coordenação editorial de Milton Ohata<sup>54</sup>.

<sup>52</sup> João Antonio integra o grupo de intelectuais que mais tarde haveriam de criar a Revista *Caros Amigos*, onde a literatura marginal-periférica foi lançada. João foi encontrado morto em seu apartamento meses antes do lançamento da Revista.

<sup>53</sup> A mesma editora, Cosac Naify, que relança João Antônio, também assumiu a publicação de várias obras russas, inclusive do autor Ivan Goncharov – autor muito lido e admirado por João Antônio e Maksim Górkí (ou Máximo Górkí) – autor citado pelo escritor Ferréz no Manifesto da literatura marginal-periférica. Isto mostra como há uma relação literária também neste sentido – de inspiração nos contos russos.

<sup>54</sup> Cabe ressaltar que Milton Ohata é doutor em História pela USP e trabalha no Serviço de Difusão Cultural do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Foi coorganizador do livro *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz* (Editora Companhia da Letras), ao lado de Maria Elisa Cevalco.

João Antônio foi considerado pela crítica como sendo o autor dos marginalizados. Seus textos retratavam os tipos marginais comuns da vida cotidiana como: operários, prostitutas, crianças abandonadas, os frequentadores de bares, jogadores de sinuca, pessoas envolvidas no crime e nas drogas, os desempregados, homossexuais, enfim, toda população que compunha o cenário das favelas, da periferia. Diferentemente de Plínio Marcos, que trazia em seus textos certa nuance de esperança, João retratava a realidade de forma nua e crua. Alguns críticos consideram sua obra autobiográfica, onde prepondera o formato de texto literário-jornalístico, além de compará-lo à Lima Barreto e Mario de Andrade<sup>55</sup>.

Após a morte do escritor, o filho de João Antônio fez uma doação em 1998 de vários pertences do escritor, como livros, mobílias, documentos e objetos pessoais, para a Universidade Estadual de São Paulo, Campus de Assis. Hoje o acervo está no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) e disponibiliza diversas pesquisas realizadas sobre o autor, sendo: uma monografia; oito pesquisas de iniciação científica; treze dissertações de mestrado e sete teses de doutorado. É provável que o número de pesquisas hoje seja ainda maior, uma vez que os dados apresentados no referido site são de 2009.

Em entrevista para o Blog CapítuloDois<sup>56</sup>, em 2014, a coordenadora do projeto de sistematização do Acervo João Antônio (CEDAP), Ana Maria Domingues Oliveira, questionada sobre a relação entre o autor e a atual literatura marginal-periférica, afirma que:

O termo marginal, nesse caso, me parece justo quando pensamos no recorte da sociedade sobre o qual João Antônio opta por escrever. Por outro lado, o lugar que ele ocupa no cenário da literatura brasileira de seu tempo não me parece marginal, uma vez que se trata de um autor de talento reconhecido pela academia e pela crítica e que sempre teve boas vendas de seus livros. É importante lembrar que seu primeiro livro surge publicado por uma das mais importantes editoras dos anos 60 no Brasil, a Civilização Brasileira (CAPÍTULO DOIS, 2014, s/p).

João Antônio, apesar de retratar a marginalidade da época, foi aclamado

<sup>55</sup> Foi comparado a Mario de Andrade pela primeira vez num concurso literário por Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda, - integrantes da comissão julgadora, revela João Antônio em depoimento (ver: Revista Eletrônica Bula, 2015).

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://capitulodois.com/2014/12/01/um-tempo-para-joao-antonio/>>. Acesso em out.2015.

pela crítica e pelo público. Criticava, sim, a classe média, da qual fazia parte, e afirmava que não compactuava com seus valores<sup>57</sup>. Diferentemente da maioria dos escritores da chamada literatura marginal-periférica, João Antônio estudou, formou-se, foi conhecido pela mídia, colecionou obras musicais e jornalísticas, além de ministrar palestras em universidades. Tinha amplo conhecimento de língua portuguesa, literatura brasileira e universal (sobretudo russa). Seus livros foram traduzidos e publicados em diversos países<sup>58</sup>.

É possível dizer então que a correlação que se dá entre a atual literatura da periferia e a produção de João Antônio está/é exatamente na/a esfera de vida das pessoas marginalizadas pela sociedade, tal como isso é retratado de forma estética na literatura. João é um representante deste grande grupo social, enquanto que na literatura marginal-periférica os autores se consideram a própria voz antes silenciada pelo sistema. Abreu (2013, p.30), por exemplo, sintetiza a preocupação da obra de João Antônio da seguinte forma:

A literatura de João Antônio proporciona uma visão acerca dos problemas sociais enfrentados pelo povo brasileiro, sobretudo nas cidades, onde as condições de vida são precárias e as estruturas não contribuem para se realizar um projeto de cidadania. Representante de uma gente que não é ouvida e percebida pelas autoridades, o escritor manifestou sua visão através da eleição de tipos sociais marginalizados, como personagens de contos e crônicas, e de textos jornalísticos e entrevistas, em que procura interpretar a situação do homem que não consegue sobreviver em face das circunstâncias sociopolíticas, como no manifesto *Corpo-a-corpo com a vida* (ANTÔNIO, 1975). As posições que João Antônio assumiu diante da deterioração do produto cultural brasileiro, atacando diretamente quem deveria responder pela calamidade, sobretudo a imprensa, ajudaram a formar a imagem de escritor de marginais ou “Rabelais da boca do lixo”, como a imprensa o rotulou.(ABREU, 2013, p.30)

<sup>57</sup> Ver depoimento do autor em *As confissões de João Antônio* – por Carlos Willian Leite (16/03/2009) na Revista eletrônica Bula, disponível em: <<http://acervo.revistabula.com/posts/vale-a-pena-ler-de-novo/as-confissoes-de-joao-antonio>> Acesso outubro de 2015. Trata-se de uma transcrição direta de uma palestra proferida pelo escritor na UNESP em 1994. Nesta palestra João Antônio fala sobre a sociologia da literatura citando Antonio Candido – o que demonstra grande afinidade teórica com tal corrente literária.

<sup>58</sup> É possível conferir parte da vida e trajetória do autor João Antônio através do livro: *Paixão de João Antônio*, escrito pelo então amigo e confidente Mylton Severiano, publicado pela Editora Casa Amarela em 2005. Severino é autor do livro *Realidade, a revista que virou lenda* (Editora Insular), foi jornalista, editor de texto e colunista, trabalhou em grandes mídias como: *O Estado de S.Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Quatro Rodas*, *Realidade*, TV Globo, TV Cultura, TV Tupi, TV Abril, *A Nação*, *O Jornal*, *Panorama* (Londrina -PR), *Brasil Extra*, *Extra-Realidade Brasileira* e *Caros Amigos* (onde foi colunista e editor-executivo até 2009). (informações disponíveis em: <<http://www.conversaafiada.com.br/brasil/2013/03/24/realidade-a-revista-que-virou-lenda>> Acesso out.2015).

Apesar das mudanças de sentido e abrangência do termo marginal, como Abreu (2013) defende em seu artigo, é possível considerar a influência direta de João Antônio para a literatura marginal-periférica, sendo este um dos autores mais citados pelos escritores, como confirma a reportagem de Carolina Cunha pela editora Saraiva<sup>59</sup>, que traz o depoimento de Ferréz, Alessandro Buzo, Ademiro Alves (Sacolinha) e o rapper Ogi.

Dentre os trabalhos acadêmicos analisados, a dissertação *Entre música e marginalidade: o discurso malandro em João Antônio e suas repercussões na atualidade*, de Janaina Rocha (2008), indaga sobre as razões pelas quais João Antônio alinha-se à proposta atual da literatura marginal-periférica, conforme Ferréz, em *Caros Amigos*, sugere. Rocha (2008) debate a questão a partir das teorias da malandragem e da dialética da marginalidade desenvolvidas principalmente por João Cezar de Castro Rocha e Maria Rita Kehl. Priorizando uma análise dos textos de João Antônio e sua relação com a música, no caso do samba, Rocha (2008) aproxima o autor dos textos de Ferréz e da influência do hip hop<sup>60</sup> nas produções marginais contemporâneas. A autora também destaca semelhanças nos meios de produção e circulação dos produtos culturais e da utilização dos Manifestos como forma de protesto.

### 3.2.4 Hélio Oiticica (1937 - 1980)

Hélio Oiticica foi artista performático, pintor e escultor, considerado como um dos principais artistas brasileiros. Nasceu no Rio de Janeiro em 1937, numa família de importantes personalidades, como seu pai, José Oiticica Filho (1906-1964), fotógrafo, engenheiro, entomólogo e professor de matemática, e seu avó, José Oiticica (1882-1957), filólogo, professor, escritor, anarquista e jornalista, intelectual conhecido na época. Hélio e seus irmãos foram educados em casa e viveram parte da adolescência e juventude nos Estados Unidos – onde recebeu forte influência no

<sup>59</sup> Reportagem: João Antônio é pop nas canetas da periferia (12/01/2013) por Carolina Cunha. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/49456>> Acesso em outubro 2015.

<sup>60</sup> Citando, por exemplo, Mano Brown, Jocenir e os Racionais.

campo das artes.

Na década de 1950 entrou em contato com a Arte Moderna e passou a integrar o Grupo Frente, que o auxiliou na primeira exposição no Museu de Arte Moderna. Começou a conviver com críticos e artistas como Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa. Desenvolveu diversas técnicas de composição como: pinturas geométricas sob guache e cartão, pinturas a óleo sobre tela e compensado, e obras monocromáticas (vermelho e branco) sob influência da escola de Arte Concreta e do Neoconcretismo. A partir da década de 1960, Hélio inova na exposição de artes em estruturas manuseáveis, um novo conceito que explora os cinco sentidos. Nesta época passou a conviver com grupos de samba, aproximando-se da cultura popular.

Hélio Oiticica escreveu que o mais importante para combater os meios repressivos é a criação de uma nova linguagem. Disse também que era mais provável que ela surgisse nas “classes mais humildes” onde o samba, as festas, o candomblé e a macumba já tinham rompido com as regras sociais convencionais, “para não falar em outras manifestações de ordem mais complexa, como por exemplo, a expressividade individual na linguagem”. (CERA, 2007, p. 80).

Além de sua obra denominada *Tropicália* inspirar o movimento do tropicalismo (música e literatura) nas décadas de 1960/1970, a exposição de sua obra, *Seja marginal, seja herói*, num show de Caetano Veloso, lhe deu projeção no universo artístico e musical brasileiro<sup>61</sup>.

As obras de Hélio também tiveram grande repercussão no exterior, onde realizou várias exposições. Grande parte de suas obras eram acompanhadas de discursos, críticas, textos explicativos, comentários e elaborações teóricas, como é o caso do *Parangolé*, *Éden*, *Barracão*, *Apocalipopótese*, *Mundo-Abrigo*<sup>62</sup>. Segundo Cera (2007, p.28), Hélio definia a antiarte como:

[...] uma forma de viver de acordo com o que se pensa sem se preocupar com os julgamentos morais que, por sua vez, seriam substituídos pela

<sup>61</sup> Informações do acervo Itaú, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica>> Acesso em outubro de 2015.

<sup>62</sup> As obras citadas aqui foram analisadas pela pesquisadora Flávia Cera (2007) em sua dissertação, estabelecendo uma relação com a produção da literatura marginal. As obras de Oiticica podem ser apreciadas na internet no acervo Itaú Cultural (site oficial).



responsabilidade individual: “a liberdade moral (...) dá a cada um o seu próprio encargo, a sua responsabilidade individual”. Assim se justificariam “todas as revoltas individuais contra valores e padrões estabelecidos: desde os mais socialmente organizados (revoluções, p. ex.) até as mais viscerais e individuais (a do marginal, como é chamado aquele que se revolta, rouba e mata)” .

O *Parangolé*, por exemplo, era uma espécie de capa que lembra uma bandeira ou um estandarte, considerado pelo artista como “antiarte por excelência”.

A responsabilidade individual atribuída ao programa anti-moral do *Parangolé*, é da mesma ordem daquela que Foucault apresenta como cura sui, o cuidado de si. Por isso o *Parangolé* era uma manifestação ética: “aspiração humana de uma ‘vida feliz’”, cujos meios dizem respeito ao indivíduo que deve ter responsabilidade sobre as suas decisões, sem, no entanto, submeter-se aos julgamentos morais. (CERA, 2007, p.28)

Hélio Oiticica, a partir da sua obra *Seja marginal, seja herói*, sintetizou as ideias de uma série de manifestações no campo artístico que ficaram conhecidas como *Marginália* ou *Cultura Marginal*. Silva (2006) analisa a diferença entre o “ser marginal” da década de 1970 e nos dias atuais. Para Silva (2006), ser marginal na década de 1970 era ser herói, era uma questão de escolha: “[...] é o artista contra o burguês, ou melhor, é o artista de origem burguesa que, insatisfeito com sua própria classe, se volta contra ela e exalta o excluído que anda 'no fio da navalha' entre a casa e a rua, entre o Brasil real e o Brasil legal” (SILVA, 2006, p. 27). E continua:

[...] hoje, já não se trata mais de uma elite branca e bem educada que pretende emprestar virtudes épicas ao povo na esperança de que um dia ele se torne senhor de seu destino [...] Quando um autor como Ferréz chama sua obra de marginal e se classifica como um autor marginal, a identificação com tal palavra já não tem mais o orgulho que tinha anteriormente, porque não se trata de uma escolha e sim de uma condição. Uma condição social numa determinada sociedade e num determinado contexto histórico. (SILVA, 2006, p.27-28).

Apesar das diferenças motivacionais de cada época, autores da literatura marginal-periférica citam Hélio Oiticica sobretudo pela identificação que este demonstra com cultura popular brasileira, pelo seu espírito inovador e revolucionário, contrário às forças de opressão política, uma voz de resistência que declara em seus manifestos uma nova perspectiva para a arte, um olhar periférico.

Estes são os principais autores citados nas entrevistas dos autores da literatura marginal-periférica, nos Atos de Manifesto publicados nas revistas *Caros Amigos* e nos trabalhos acadêmicos analisados. Além dos autores relacionados à produção de 1960 a 1990, cita-se ainda autores consagrados pela literatura brasileira, tais como: Lima Barreto, Guimarães Rosa, Aluísio Azevedo, Rubem Fonseca, Jorge Amado, Graciliano Ramos. Entretanto, para Silva (2006, p. 11-12, grifo nosso) grande parte do discurso literário até então produzido “[...] foi sempre um discurso **sobre o periférico e não pelo periférico**; um discurso sobre ele e não por ele”. Este fato diferenciaria as produções anteriores da atual manifestação literária marginal-periférica.

Além do âmbito nacional, Ferréz, por exemplo, ainda recorda autores como: Máximo Gorki e Kafka. Gorki, pseudônimo de Aleksiei Maksímovitch Piechkóv (1868 – 1936), teve uma infância dura, pobre e marcada pelo desrespeito e agressões. Trabalhou em diferentes empregos, passou fome e frio. Engaja-se ao partido comunista e passa a aderir às ideias de Marx e Lênin. Gorki foi preso várias vezes por questões políticas. Foi jornalista, dramaturgo e escritor russo que marcou o início dos romances ideológicos no século XX. Gorki dá início a chamada literatura do proletariado - trata-se da exposição de histórias relacionadas ao momento político da época, cheio de revoltas e denúncias em relação às injustiças e a miséria sofridas pelos trabalhadores operários. Em sua ânsia por um mundo melhor, o escritor busca retratar o submundo soviético, destacando personagens pobres, miseráveis, trabalhadores, prostitutas, ladrões, ou seja, toda classe excluída pelo sistema. É nesse aspecto revolucionário e de revelação da opressão que Gorki torna-se um modelo para a literatura marginal-periférica. Os livros autobiográficos de Gorki foram lançados pela editora Cosac Naify<sup>63</sup>, responsável por grande parte da divulgação de escritores russos revolucionários no Brasil.

Considerado um dos escritores tchecos mais influentes no século XX, Franz Kafka (1883-1924) teve uma vida oprimida pela figura do pai. Filho mais velho de uma família de judeus em Praga, cursou Direito e, apesar de bem-sucedido em seu

---

<sup>63</sup> Títulos publicados: *Infância* (1913/1914), *Ganhando meu pão* (1916) e *Minhas universidades* de Máximo Gorki. No Brasil, tornou-se conhecido por meio das adaptações teatrais das obras: *Os pequenos-burgueses* (traduzido por Fernando Peixoto e José Celso Martinez Correa), *Mãe e Rale*.

emprego, preferia dedicar-se à literatura<sup>64</sup>.

Somente o trabalho dissertativo de Vanessa Lima (2012), por exemplo, faz menção a Kafka, relacionando-o com a literatura marginal-periférica. Lima discute o conceito teórico de *literatura menor*, traçado por Deleuze e Guattari a partir de uma análise de Kafka:

[...] uma literatura para ser considerada como menor reúne três características básicas: 1ª A desterritorialização da língua em que é escrita; 2ª Tudo é político, pois o meio social passa a ser um pano de fundo para essa literatura; 3ª Tudo adquire um valor coletivo, ocorrendo, portanto, a multiplicação da singularidade. (LIMA, 2012, p.47).

Para Lima (2012), a literatura menor seria aquela produzida pelas minorias políticas. Tendo como base as considerações de Deleuze e Guattari sobre a obra de Kafka, Lima (2012, p.47-48) faz um paralelo com a obra de Ferréz, *Capão Pecado*, e conclui:

A literatura marginal por ser uma arte engajada e representar uma perspectiva política não hegemônica, aliou-se a movimentos culturais como o hip hop, a sites, mídias e revistas, como a Caros Amigos, que representam esse tipo de política. [...] Assim também é a literatura menor, seu poder revolucionário encontra-se na utilização do código artístico de maneira política, ao construir um conceito de coletividade que abriga diferentes atores sociais: seja o negro, a mulher, o morador da favela, o homossexual, o marginalizado. Este tipo de literatura não representa um mero reflexo da realidade, o texto passa a ter relação com o contexto retratado, o texto também passa a ser um instrumento de exercício da práxis popular.

As relações estabelecidas com literaturas engajadas e revolucionárias tendem a confirmar a intenção política do movimento da literatura marginal-periférica.

Os autores da literatura marginal-periférica também exaltam a literatura de cordel, considerada como uma expressão autêntica do povo marginalizado, como declara Ferréz em Caros Amigos (2001, s/p):

Fazemos uma pergunta: quem neste país se lembra da literatura de cordel? Que traz a pura essência de um povo totalmente marginalizado, mas que sempre insistiu em provar que a imaginação não tem fronteira? A literatura

<sup>64</sup> Obras mais conhecidas são *O processo* (romance e adaptação no cinema) e *Metamorfose* (conto).

de cordel é literatura marginal, pois à margem esteve e está, num lugar que gosta de trabalhar com referências estrangeiras.

Pode-se inferir que, além da compatibilidade (admiração ou respeito) devido a esta literatura ser produzida diretamente pelo povo, para o povo, sem intervenções do mercado editorial, as técnicas de impressão simples e artesanais, sobretudo através da xilografia (ou xilogravura), assemelham-se com o estilo gráfico e artístico das periferias, como é o caso da pichação (preto no branco), do grafite e da própria xilografia urbana<sup>65</sup>.

Entretanto, a comparação entre as duas literaturas se dá, sobretudo, no nível de uma produção feita pelo povo, por pessoas marginalizadas socialmente.

Outra menção que retoma o universo nordestino é a escolha do nome do escritor Ferréz, uma união entre os nomes de Virgulino Ferreira (conhecido como Lampião – o maior cangaceiro brasileiro da história) e Zumbi dos Palmares (principal líder do Quilombo de Palmares, uma força de resistência aos domínios da Coroa portuguesa). Os dois heróis, Lampião e Zumbi, são um dos personagens mais citados na literatura de cordel.

Como se pode ver, a identificação que os escritores da literatura marginal-periférica aparentemente estabelecem, assim como a maioria dos trabalhos acadêmicos analisados, está no nível externo à obra, ou seja, se refere ao contexto social. Há uma compatibilidade quanto ao sentimento de marginalidade em relação ao poder dominante (seja qual for sua representação simbólica). A proximidade temática e os recursos linguísticos podem estar em função desta questão social.

### 3.3 MARCOS DA LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA

Não é uma tarefa simples e mecânica identificar os fatos que deram início à manifestação literária marginal-periférica, uma vez que há inúmeros aspectos históricos, culturais, políticos, formais, dentre outros, envolvidos neste processo

---

<sup>65</sup>A xilografia também foi adaptada e utilizada por vários artistas plásticos contemporâneos, como Hélio Oiticica e Anna Maria Maiolino.

numa relação praticamente de interdependência. O esforço a seguir busca destacar as esferas culturais e políticas que antecedem à produção efetivamente autodenominada literatura marginal, mostrando como há um “clima” social favorável ao desenvolvimento desta literatura. Em seguida, destaca-se os fatos que marcam o início deste movimento – todos elencados conforme o grau de importância dado nos trabalhos acadêmicos analisados.

### 3.3.1 Histórico-cultural

Percebe-se que o movimento literário não é um acontecimento isolado, mas está em relação a inúmeros fatos que, direta ou indiretamente, contribuíram para tal realização. A pesquisa de Luiz Eduardo Franco do Amaral (2003), por exemplo, destaca que as favelas existem há mais de um século, e que, portanto, há sim uma cultura eminente que circula nesse espaço, sobretudo através da expressão oral (música, poesias), moda, dança, costumes, comportamentos.

Para compreender as relações sociais no espaço denominado periferia, é preciso entender sua formação histórica cultural. Periferia significa aquilo que está *em torno de, ao redor de, a parte externa*. Em relação às cidades, a periferia é a região que está mais afastada dos centros urbanos. Outro termo equivalente seria subúrbio. Delimita-se, portanto, o conceito de periferia como espaço de apropriação e convivência de grupos sociais desprovidos dos bens de consumo e direitos, opondo-se às condições sociais dos centros urbanos. Um dos grandes problemas das áreas periféricas é sua origem não legalizada, sendo a maioria resultado de invasões e assentamentos, e que, por não arrecadarem impostos, também não recebem assistência em relação ao esgoto, água, energia elétrica, recolhimento do lixo e demais serviços prestados pelos municípios (RAMOS, 2007).

Estudos mostram que a concepção urbanística das cidades brasileiras está intimamente ligada àquela projetada pela cultura europeia, especialmente inspirada pela reforma urbana parisiense dada pelo Barão de Haussmann (1850 a 1879). O objetivo da reforma era o saneamento básico, as medidas higienistas e a estética da

cidade. Isto gerou segregação social e racial, desarticulando a dinâmica social pós-abolição. A modernidade não integrou o negro e, nessa nova ordem, persiste a problemática racial (CUNHA JR, 2007). Segundo dados do IBGE, a maioria da população afrodescendente reside na periferia. A periferia, portanto, não é apenas uma questão geográfica ou política, mas seu estudo implica também questões históricas, culturais e raciais.

É neste cenário de intenso processo de industrialização e urbanização que os movimentos sociais passam a desempenhar papel fundamental na luta pelos direitos, cidadania e democracia. A partir da década de 1970, os movimentos sociais se tornaram mais intensos na América Latina, e no Brasil ganharam contornos significativos somente após a Ditadura. A maioria das reivindicações dos movimentos se dá no plano da deficiência ou isenção do poder público como provedor de bens e serviços, partindo assim das camadas sociais mais pobres, de setores populares e da classe operária. Em geral, como aponta Konrad (2007), as lutas sociais se definem como: lutas sindicais (por salários e condição de vida); lutas urbanas (por acesso ao consumo coletivo, moradia, direitos); lutas do campo (reforma agrária, pequeno produtor); luta pelo acesso à educação formal e lutas ideológicas (anarquismo, comunismo, religiosas).

Em relação à produção literária marginal de hoje, acredita-se que o Movimento Negro seja o mais representativo e ativo no contexto das periferias, pois resume toda a intensa relação histórica entre população, espaço, raça, dominação cultural. Como defende Rodrigues (2014, p. 53):

Grande parte dos autores periféricos se afirmam como negros e a grande parte dos negros do país são moradores da periferia das grandes metrópoles, sendo assim, determinadas causas dos dois grupos se imbricam não somente na literatura como na música, por exemplo. No hip-hop uma das temáticas mais fortes é o combate ao racismo, fenômeno que tem sido experimentando pessoalmente, mas que passou a ser verbalizado pelos jovens negros da periferia nas suas produções artísticas.

Pode-se dizer que o movimento negro é um dos mais antigos do país, uma vez que a luta pela libertação e resistência têm início na diáspora africana. Com o início da República, diversas associações, eventos e congressos foram criados e

realizados em todo Brasil em defesa dos direitos legais dos negros, tais como: Clube Treze de Maio, Frente Negra Brasileira, Jornais, Teatro Experimental do Negro, Concursos de Artes Plásticas e beleza e exposições em Museus. Somente em 1978, criou-se o Movimento Negro Unificado (MN) que resultou na oficialização do Dia da Consciência Negra, e na década de 1990 na ação governamental de implantação do Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra (GTI).

Em 2003, o MN contribui para a aprovação da Lei 10.639/03, que inclui nos currículos escolares o ensino da história e literatura afro-brasileira e se apresenta como mecanismo de conscientização e desmistificação de uma história e valores construídos sob olhar da cultura dominante. Recentemente, com a aprovação de novas políticas de promoção da igualdade racial como o sistema de cotas no Ensino Superior, o MN passou a dispor de um campo de ação complexo, organizado e relacionado de forma direta com a Educação.

Nascimento (2010) propõe a observação da periferia não apenas sob o viés tão explorado pela antropologia dos anos 1970 a 1990, que apenas dicotomiza centro-periferia pelos padrões socioespaciais, mas a partir da noção de cultura. Este novo olhar dá voz ao grupo social de origem, destacando o conjunto simbólico e material resultante das relações sociais deste espaço específico:

A cultura da periferia seria, então, a junção do modo de vida, comportamentos coletivos, valores, práticas, linguajares e vestimentas dos membros das classes populares situados nos bairros tidos como periféricos. E dela ainda fazem parte manifestações artísticas específicas, como as expressões do hip hop (break, rap e grafite) e a literatura marginal-periférica, que reproduziriam tal cultura no plano artístico não apenas por retratarem suas singularidades, mas por serem resultados da manipulação dos códigos culturais periféricos (como a linguagem com regras próprias de concordância verbal e uso do plural, as gírias específicas, os neologismos, etc.). (NASCIMENTO, 2010, p.119).

Nesse sentido apontado por Nascimento, Amaral (2003) trata da então recente explosão literária nas favelas a partir de um panorama sobre as manifestações culturais e artísticas dos morros: o samba, o funk, o surgimento dos MC's, rap, hip hop, os grupos de Olodum, Afro Reggae, as Organizações não-governamentais (ongs), a propagação de grupos de teatro, dança, cinema e música, as artes plásticas (Hélio Oiticica), pintura, grafite, favela *fashion*, grifes de moda, a

divulgação da cultura da favela em programas televisivos e cinematográficos, a abertura nos meios de comunicação através da internet, sites, blogs, entre outros.

Cabe lembrar que, apesar de ser algo completamente peculiar, as manifestações artísticas literárias da periferia brasileira podem estar relacionadas com movimentos sociais anteriores e de nível mundial, como as revoluções culturais do Renascimento do Harlem (EUA) e o Negritude (África), ou influências da escrita negra estadunidense, caribenha e britânica, que, de certa forma, deram origem às competições musicais como o RAP (*rhithym and poetry*) e o hip-hop, a dança (*break*) e o grafite.

Isto comprova como a literatura produzida na marginalidade social brasileira, singular em sua trajetória histórica em afirmar sua identidade, crenças e valores a partir de uma expressão estética própria, pode manter pontos de intersecção e diálogo com outras realidades vividas no mundo.

Para Amaral (2003), a literatura marginal-periférica pode ser considerada um desdobramento da cultura hip hop, uma vez que vários escritores estiveram envolvidos primeiramente na produção das letras de música. Esta teoria é desenvolvida posteriormente na dissertação de Leite (2014), exposta no final deste capítulo.

Além dos movimentos sociais, da cultura e da música em geral, alguns trabalhos acadêmicos reportam a um ponto específico da nossa história – considerado o estopim para a militância nas periferias brasileiras. Trata-se do fato ocorrido em 2 de outubro de 1992, conhecido como o Massacre do Carandiru. Segundo depoimentos, uma briga de presos no chamado Pavilhão 9, culminou em um confronto com a Polícia Militar, resultando na morte de 111 detentos. O ocorrido foi tema de livros, documentários, filmes e letras de música<sup>66</sup>.

A questão da criminalidade, tanto a relacionada aos morros das favelas quanto a institucionalizada, tornou-se foco de discussões políticas, de segurança e educação. A crise no sistema carcerário contribuiu para a ampliação de projetos e ações de intervenção nas comunidades de periferia.

---

<sup>66</sup> Por este motivo, alguns trabalhos apontam a obra *Estação Carandiru* (2001), de Dráuzio Varella, como um marco da literatura carcerária, aqui vista como ramificação da literatura marginal-periférica.



### 3.3.2 Político

Há políticas de incentivo governamentais nos âmbitos federal, estaduais e municipais, que auxiliam na formação e manutenção de eventos e organizações em geral envolvendo as comunidades da periferia. Uma das primeiras leis de incentivo à cultura foi instituída no governo José Sarney, a Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, que dispõe dos benefícios fiscais nos impostos de renda, concedidos aos contribuintes que patrocinam atividades culturais segundo cadastro no Ministério da Cultura (MinC), e criou o Fundo de Promoção Cultural (FPC). A periferia das décadas de 1970 e 1980 já se transformava em palco atrativo para investimentos e ações sociais, tanto de assistência quanto cultural.

O benefício foi suspenso pela Medida Provisória nº 161/90, transformada na Lei nº 8.034, de 12 de abril de 1990, por Fernando Collor, e complementada pela Lei nº 8.134, de 27 de dezembro de 1990, que alterou a legislação do Imposto de Renda e deu outras providências. Somente em 1991, o presidente Collor retoma as discussões sobre os incentivos à cultura e estabelece o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), por meio da Lei nº 8.313, conhecida como Lei Rouanet, e cria três mecanismos de apoio: o antigo FPC passa a ser o Fundo Nacional da Cultura (FNC), com o objetivo de captar e destinar recursos aos projetos aprovados pelo Pronac; cria-se o Fundo de Investimento Cultural e Artístico (FICART), caracterizado pela comunhão de recursos destinados à aplicação em projetos culturais e artísticos; e estabelece o Incentivo a projetos Culturais por meio do Mecenato. A lei também amplia os benefícios sobre o Imposto de Renda de pessoas físicas ou jurídicas conforme as formas de incentivo prestadas à cultura. A lei foi regulamentada e complementada de forma sistemática por meio do Decreto nº 5.761, de 27 de abril de 2006, no governo Lula, ampliando suas formas de divulgação e fiscalização<sup>67</sup>.

Outra legislação importante neste contexto é a Lei nº 12.343, de dezembro de 2010, do governo Lula, que institui o Plano Nacional de Cultura (PNC) e cria o Sistema Nacional de informações e Indicadores Culturais (SNIIC). Além de atuar na

---

<sup>67</sup>No site do Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura (Salic), do Ministério da Cultura, é possível acompanhar os projetos aprovados e contemplados pelos programas de Mecenato, visualizando seus objetivos, agenda, planos de ação, administrativos e financeiros. Disponível em: <<http://novosalic.cultura.gov.br/>>.

sociedade em geral, o PNC busca promover e universalizar o acesso à arte e à cultura, também no ambiente educacional. Um resultado eficiente na questão da cultura na periferia foi a criação dos Pontões de Cultura, entidades certificadas pelo MinC que auxiliam na articulação e parcerias entre as redes federal, estaduais e municipais, conforme os interesses regionais, identitários e temáticos. O PNC prevê até o ano de 2020 a criação de 15 mil Pontos de Cultura. Em São Paulo, o Ponto de Cultura age de forma estratégica alcançando principalmente os segmentos sociais mais vulneráveis através de editais e agendas culturais.

Cabe às organizações e secretarias de cada estado e município criar suas formas de incentivo e promoção à cultura. O Estado de São Paulo, por exemplo, conta com dois programas que atendem diretamente as comunidades da periferia<sup>68</sup>: o programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) e o Programa de Ação Cultural (ProAC). O VAI foi criado em 2003 com a finalidade de apoiar financeiramente as atividades artísticas culturais de jovens de baixa renda e residentes em regiões desprovidas de recursos<sup>69</sup>. O VAI disponibiliza a cada ano um edital de convocação com o regulamento de inscrição de projetos. No edital de 2016, os valores podem chegar a 70 mil reais por projeto, conforme a modalidade de inscrição. O ProAC<sup>70</sup>, da mesma forma, lança editais anuais para todas as regiões de São Paulo a fim de fomentar e difundir a produção artística em diversas modalidades (teatro, dança, música, literatura, circo, artes cênicas, festivais, museu, entre outros). Os projetos são avaliados por uma comissão e, quando aprovados, são beneficiados financeiramente, com a contrapartida de que ofereçam ações sociais a preços populares ou gratuitos. Segundo Leite (2013, p.2):

Os artistas, companhias, grupos e movimentos culturais estão tendo cada vez mais possibilidades de acesso a recursos para viabilizar seus projetos via editais públicos. Nas três esferas de governo, as oportunidades se multiplicam. Embora muito longe de atenderem à demanda, esses editais não podem ser desprezados; pelo contrário. E o movimento cultural, de

<sup>68</sup>Segundo Leite (2014), o Sarau do Binho, por exemplo, já foi contemplado nestes dois programas e no Programa *Ponto de Cultura*, convênio do Governo Federal e Estadual. Em 2014 foi contemplado no Edital *Rumos Itaú Cultural*.

<sup>69</sup>O programa foi criado por meio da Lei do VAI nº 13.540/2003 e ampliado pela Lei do VAI nº 15.897/2013. Os editais e informações estão disponíveis no site da Prefeitura de São Paulo <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/fomentos/index.php?p=7276>>.

<sup>70</sup>Os editais e regulamentos do ProAc estão disponíveis no site da Secretaria da Cultura do Governo de São Paulo, <<http://www.cultura.sp.gov.br/>>.

periferia está atento a isso, não só acessando, como implementando lutas visando a sua ampliação e melhor adequação aos interesses dos artistas periféricos. Prova disso é a ampliação do VAI , em São Paulo, e do PROAC , do estado de São Paulo, que abriu mais três linhas de apoio, entre elas, Sarau Literário e Cultura Negra, atendendo antiga reivindicação do movimento cultural periférico.

Já a Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999 dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil, que tenham como objetivo a promoção da cultura, educação, segurança, saúde, entre outros que beneficiem a sociedade. Assim, o governo institui Termo de Parceria, estipulando um vínculo de cooperação entre as partes para fomento e execução de projetos e atividades de interesse público<sup>71</sup>.

Na prática, observa-se que uma das instituições simpatizantes que mais fomentam a literatura marginal-periférica (e em geral da cultura popular e de periferia) é o Itaú Cultural. Criado em 1987, o Instituto Cultural Itaú<sup>72</sup> mantém um dos maiores acervos digitais de artes, enciclopédias, entre outros. Na enciclopédia Itaú Cultural<sup>73</sup>, por exemplo, é possível encontrar a biografia do escritor Ferréz, assim como toda a agenda de eventos promovidos pela instituição com a participação do artista. Há vários outros programas mais específicos e relacionados à literatura promovidos pelo MinC, dos quais os escritores e organizações da periferia estão começando a participar. Conforme o exemplo do escritor Sacolinha:

Os três primeiros livros foram todos objetos de financiamento público por meio de editais de apoio à publicação de livros. O primeiro foi viabilizado pela FUNARTE – Fundação Nacional de Artes –, instituição ligada ao Ministério da Cultura, por meio do Edital Bolsa Funarte de Criação Literária; o segundo, Estação Terminal, teve o apoio do Governo do Estado de São Paulo, através do PROAC – Programa de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, o mesmo que também financiou seu livro de contos Manteiga de Cacau. (LEITE, 2014, p. 132).

Além de se beneficiar diretamente das leis de incentivo à cultura, a produção

<sup>71</sup> Usufruindo desta lei, por exemplo, a *Cooperifa*, dirigida por Sérgio Vaz, institucionalizou-se como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) com o nome de Cooperação dos Artistas da Periferia com apoio do Instituto Itaú Cultural, um dos parceiros do poeta (LEITE, 2014).

<sup>72</sup> Informações disponíveis no site oficial: <<http://www.itaucultural.org.br/>>.

<sup>73</sup> A enciclopédia de Arte e Cultura Brasileira possui mais de 5.600 verbetes que trazem informações como biografias, comentários críticos e análises históricas, envolve tanto pessoas como instituições, eventos e obras. Além de Ferréz é possível encontrar outros autores da literatura marginal-periférica, como Sérgio Vaz, além da agenda cultural que envolve os Saraus entre outros nas periferias.

da literatura marginal-periférica está atualmente interligada com os movimentos<sup>74</sup> artísticos literários e sociais da comunidade da periferia. Observa-se que a maioria dos escritores da periferia mantêm projetos de incentivo à leitura e à cultura. Isto se dá devido à necessidade essencial de formação de um público leitor e consumidor. Visto a precariedade do sistema escolar, de incentivo à formação dos moradores da periferia, dentre outros fatores, os projetos ganham um *status* político, marcado pela luta contra os preconceitos, contra a estigmatização social, em prol da valorização da própria cultura.

Observa-se que grande parte dos escritores reconhecidos como integrantes do movimento da literatura marginal-periférica participa dos movimentos e saraus da sua região, e mais, são lançados com ajuda dos próprios movimentos por meio das antologias e eventos culturais, o que reforça a importância destes centros de proliferação literária. Destaca-se aqui alguns destes movimentos culturais:

#### a) Movimento Cultural 1 *DaSul*

Fundado em 1999 pelo poeta e ativista Ferréz, na região de Capão Redondo, já realizou diversas intervenções na comunidade, como: palestras sobre a valorização do negro e da mulher na comunidade, distribuição de livros de poesia, doação de livros, eventos musicais, a Primeira Páscoa na Favela, com distribuição de ovos de chocolate para as crianças, criação do programa de Hip Hop na rádio comunitária, editoração da *Revista Literatura Marginal* Ato 1 e Ato 2 (em parceria com a Casa Amarela), criação da Primeira Biblioteca infantil do Extremo Sul em São Paulo, apoia à prática de capoeira e festas populares e campanhas de combate à violência nas favelas (fonte: <http://www.1dasul.com.br/>).

#### b) Cooperifa

A Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa) foi fundada em 2001 pelos

---

<sup>74</sup> Cabe destacar que é projeto dos Estudos Culturais manter ligações com os movimentos sociais como uma forma de preservar seu caráter de crítica política, já que sua atuação nos centros acadêmicos e universitários tendem à despolitização (COSTA, 2004).

poetas Sérgio Vaz e Marcos Pezão. Promove saraus literários semanalmente no bar do Zé Batidão, na Zona Sul de São Paulo, assim como atividades culturais de incentivo à leitura e à criação poética e promoção da cidadania. O sarau conta com cerca de 250 pessoas (em eventos especiais, já alcançou 500 participantes). O grupo promove a projeção de filmes, documentários, exposições de fotografia e artes plásticas, sendo a literatura e os lançamentos de livros as principais atividades. Em 2004, a cooperativa lançou o Jornal *Farol Urbano*. A Cooperifa promoveu a I Semana de Arte Moderna da Periferia (conhecida como a Semana de 2007), que uniu diversos artistas das periferias em todo Brasil (ver o manifesto da literatura marginal redigida por Sérgio Vaz no ANEXO 5). É um local de grande encontro de escritores e artistas das periferias, que se tornou modelo cultural em todo país (fonte: <http://cooperifa.blogspot.com.br>).

#### c) Projeto Literatura no Brasil

Criado pelo poeta Sacolinha, Ademiro Alves, é uma associação de escritores, sem fins lucrativos, que celebra e incentiva a leitura. Mantém um Ponto Aberto de Cultura com diversas atividades: acesso à biblioteca comunitária, *Comunidade do Conto*, feira de troca de livros e gibis, Sarau *Literatura Nossa*, com recitais, lançamento de livros, exibição de filmes e documentários, *Conte sua História*, que reúne vários depoimentos de pessoas da comunidade e sua relação com a literatura, *Trocando Ideias*, um grupo que discute sobre um livro específico, lido por todos (fonte: <http://literaturanobrasil.blogspot.com.br/>).

#### d) Sarau Suburbano

Criado pelo escritor e cineasta Alessandro Buzo, acontece toda terça-feira no bairro do Bixiga. Atualmente o sarau fez parceria com a Universidade UNINOVE e promove festivais, saraus, encontros com escritores. Também desenvolve oficinas de Grafite, Mc Break e DJ. O Sarau Suburbano é responsável pela abertura da Primeira Livraria de São Paulo, especializada em Literatura Marginal: Livraria

Suburbano Convicto (fonte: <http://sarausuburbano.blogspot.com.br/>).

e) Sarau do Binho

Criado em 2004 por Binho, na região do Campo Limpo. O grupo organiza a *Brechoteca*, *Bicicloteca* e o *Cine Beira-Rio*, além de realizar semanalmente os saraus literários. Devido ao fechamento do local pela prefeitura, o grupo se reúne atualmente no Espaço Clariô de Teatro na vila Santa Luzia (fonte: <http://saraudobinho.blogspot.com.br/>).

f) Sarau Bem Black

Idealizado por Nelson Maca, o sarau acontece em Salvador – BA, o espaço promove a literatura, música, principalmente o hip hop e artes numa vertente da cultura negra. O sarau promove o encontro Coletivo Blackitude que reúne diversos artistas da região em eventos culturais. (fonte: <http://saraubemblack.blogspot.com.br/>).

g) Periferia em Movimento

A *Periferia em Movimento* é uma organização que associa moradores, artistas, saraus, rappers, grafiteiros, músicos, grupos de dança e teatro, atividades esportivas, núcleos de comunicação e de proteção às mulheres, negros, crianças e outras minorias. Expõe a agenda cultural da periferia promovendo a cultura (fonte: <http://periferiaemmovimento.wordpress.com/>).

h) Edições Toró

A Edição Toró é um selo editorial criado pelo poeta Allan da Rosa, que, além de editar livros marginais, estimula a leitura, os estudos e intercâmbios com a Cultura Africana e Afro-brasileira. A organização oferece diversas palestras, oficinas,

conferências, não só no Brasil, mas também em países africanos, México e na América Latina em geral. Atualmente, o selo é responsável pelo lançamento e editoração de livros de vários autores da literatura marginal-periférica. A edição Toró também mantém boas relações com o universo acadêmico. (fonte: [www.edicoestoro.net](http://www.edicoestoro.net)).

#### i) Ação Educativa

Ação Educativa é uma associação civil sem fins lucrativos, criada em 1994 para promover os direitos culturais e educativo dos jovens. Incentiva e divulga trabalhos de pesquisa e produção de conhecimento motivando a participação política da juventude (fonte: <http://www.acaoeducativa.org.br/>) .

#### j) Cinema

Na área cinematográfica, cita-se: Núcleo de Comunicação Alternativa (NCA); Cinebecos; Brava Cia; Capulanas Cia Negra de Teatro entre outros.

Cabe ressaltar que todos os movimentos são de promoção cultural e que apenas alguns estão envolvidos diretamente com a produção literária, apesar de contar com a participação de escritores e poetas da chamada literatura marginal-periférica. Os saraus são as modalidades mais articuladas à literatura marginal-periférica, pois são nesses espaços que circulam os textos literários e se organizam as antologias poéticas, revelando novos escritores. Segundo Leite (2014, p. 41): “Existem mais de 20 saraus regulares que aglutinam diversos poetas e escritores de diferentes regiões. Esses encontros são, quase todos, mensais”, o autor destaca que alguns são semanais, como a Cooperifa e o Sarau Suburbano.

Com tamanha oferta e capilaridade, os saraus formam hoje um vigoroso circuito de fruição e produção literária, mobilizando um público fiel e cada vez mais amplo. Se considerarmos uma presença, em média, de 50 pessoas por sarau, chegaremos a uma cifra de mais de mil pessoas participando desses encontros o que denota uma presença expressiva em se tratando de uma modalidade de evento cultural relacionada à literatura

em regiões pouco servidas de equipamentos culturais que estimulam a prática da leitura. (LEITE, 2014, p.41)

Os saraus aqui listados são os mais conhecidos e citados nos trabalhos acadêmicos analisados. Provavelmente, este destaque se deve às relações estabelecidas entre os escritores da literatura marginal-periférica e os saraus (ou outras organizações). A maioria é da região paulista, já que grande parte dos trabalhos acadêmicos focam esta região. Há poucos estudos sobre tais movimentos e organizações em outros Estados brasileiros.

O Sarau dos Mesquiteiros<sup>75</sup> é um caso original. Trata-se de um sarau organizado pelo escritor Rodrigo Ciríaco, desde 2006, em uma escola pública, onde participam jovens e adolescentes da região. O sarau funciona regularmente e oferece diversas atividades culturais e literárias.

Muitos movimentos e saraus hoje contam com o apoio das leis de incentivo à cultura, principalmente do VAI e PRONAC, conforme a participação via editais.

### 3.3.3 Formal

Entenda-se aqui como início formal a publicação de livros, revistas, manifestos ou qualquer outro tipo de texto escrito que torne possível a materialização de um projeto, no caso da literatura marginal-periférica, e o reconhecimento por um público de leitores/críticos/consumidores. Como o fenômeno aqui analisado diz respeito a uma literatura, não há como mensurá-lo criticamente sem seu registro escrito somado a um circuito próprio de produção e circulação deste material.

Assim, listou-se os principais marcos da literatura marginal-periférica, conforme o grau de importância dado pelos trabalhos acadêmicos analisados.

---

<sup>75</sup> MESQUITEIROS. Blogspot. Disponível em: <<http://mesquiteiros.blogspot.com.br/>> Acesso abril, 2016.



### 3.3.3.1 Revista *Caros Amigos* (2001)

A maioria dos trabalhos acadêmicos concorda que um dos marcos iniciais da literatura marginal-periférica, enquanto um movimento literário específico, foi a publicação da edição especial da Revista *Caros Amigos/Literatura Marginal: a cultura da periferia* em 2001<sup>76</sup>, que apresentou pela primeira vez ao público leitor os textos de um grupo de escritores da periferia sob a legenda de literatura marginal. Nota-se que o termo utilizado na Revista é Literatura Marginal, e que a referência à periferia está em segundo plano como elemento delimitador desta manifestação cultural.

Para o campo literário, o lançamento de autores da periferia por meio de uma revista já reconhecida foi estratégico para divulgação de textos e formação de um público leitor especializado. Além dos textos poéticos apresentados, os discursos expressos nos Manifestos de abertura contribuíram significativamente para a autocrítica e delimitação do pensamento que torna a literatura marginal-periférica um movimento próprio e específico (ver ANEXO 2, ANEXO 3 e ANEXO 4).

A função social de um manifesto é exatamente declarar ao público as razões que motivam ou justificam determinado ato. Apesar de ser um gênero dissertativo-argumentativo bastante utilizado nos meios políticos para conscientização de um público acerca de seus direitos e deveres, promoção de ações ou divulgação de ideias, o manifesto tornou-se comum nos círculos literários com as chamadas vanguardas, no início do século XX. Segundo Barroso (2007, p.158): “O manifesto tinha a obrigação de expor os conceitos fundamentais à compreensão (e aceitação) da arte que apresentava e defendia. Devia justamente defender um espaço de discussão e de fruição para as estéticas e as obras que propunha”. Como uma das características principais do modernismo era romper com os valores, com a técnica e a estrutura (estética e linguística) consideradas clássicas ou tradicionais, havia uma necessidade eminente dos artistas defenderem seus ideais e perspectivas teóricas, redirecionando o olhar crítico do público receptor.

---

<sup>76</sup> A Revista é citada em 26 trabalhos, sendo que nove afirmam ser esta o marco da literatura marginal. Os demais não assumem um marco inicial, mas estabelecem uma relação de vários fatores como por exemplo: a publicação da Revista, os livros *Cidade de Deus*, *Capão Pecado*, e alguns consideram ainda a obra de Drauzio Varella.

A cultura dos manifestos acompanha o ambiente intelectual e social correspondente à abertura conceitual da arte. Os manifestos são meios de difusão das reflexões dos artistas a respeito da arte – conceitos, técnicas, aspectos ligados à fruição da obra. As realizações, as obras de arte, são ali explicadas e interpretadas pelo artista para a sociedade, que começa a ver a arte de outro modo, reconhecendo valores estéticos onde antes não era possível. (BARROSO, 2007 p.158).

Sendo assim, é possível afirmar que a publicação de textos e dos manifestos da literatura marginal-periférica na revista *Caros amigos* cumpriu o objetivo formal de uma apresentação estética e pública do movimento. Este aspecto delimitador é fundamental para a academia, pois traz ao público a compreensão do grupo sob sua produção literária, de forma organizada e crítica, tornando-se um objeto passível de estudo e análise nas universidades.

A escolha de um meio de comunicação como uma revista política e o discurso apregoado via manifesto revela um aspecto importante quanto ao posicionamento ideológico do grupo. Há dois trabalhos acadêmicos que tratam especificamente da relação entre a Revista *Caros Amigos* e a literatura marginal-periférica, sobretudo no âmbito teórico da Análise do Discurso.

O trabalho dissertativo de Marcos Antonio Zibordi (2004) analisa o discurso presente na Revista *Caros Amigos*, considerando-a como um dos principais meios de divulgação e concretização da literatura marginal-periférica, tendo como porta-voz o escritor Férrez. Zibordi (2004) faz um estudo histórico sobre a imprensa brasileira e analisa a construção da revista *Caros Amigos*, idealizada em 1997 pelo grupo esquerdista *Arte&Comunicação*. Desde a primeira edição, a revista deixa claro seu posicionamento político e ideológico, constituindo-se como uma oposição implícita ou explícita ao modelo governamental da época, principalmente contra a ditadura militar. Para Zibordi (2004, p.47), *Caros Amigos* combina a imprensa alternativa com o discurso político<sup>77</sup> “[...] incluindo matizes de anarquismo,

<sup>77</sup> Além do editorial da revista ser composta por um grupo de ativistas sociais, Zibordi (2004) mostra a contundência do discurso na escolha dos comentaristas, críticos políticos e literários (ex: Léo Gilson Ribeiro, responsável pela seção literária 'Janelas Abertas', a crítica de Frei Betto, as séries especiais com Noam Chomsky, etc.). As escolhas de autores literários também são motivadas, alternando entre: Machado de Assis, José Saramago, João Ubaldo Ribeiro, Rachel de Queiroz, Jorge Amado entre outros clássicos analisados sob o ponto de vista social. Zibordi também destaca as referências ao Manifesto Comunista de Marx e Engels que são constantemente citadas, assim como uma chamada revolucionária (Marx é o nome mais citado na indexação), provando assim o engajamento e

comunismo, Teologia da Libertação, cultura popular, MST, Cuba, etc.”.

Ao traçar o perfil da revista e sua interação com o público, Zibordi (2004, p. 9) afirma que: “Demonstra-se que eles se relacionam, principalmente, na valorização da experiência vivida na elaboração do relato, na iniciativa pedagógica ou didática para com o leitor, e na memória ressentida que é muito presente em boa parte da produção”. É possível observar menções ao movimento das periferias nas primeiras edições da revista, como mostra Zibordi (2004, p.50) citando o comentário de Milton Santos:

O geógrafo não poupa críticas ao modelo econômico globalizante, elogia o MST e o movimento hip-hop, diz que os negros vão começar a reagir e afirma: 'A maior parte do Brasil, como população, como território, não aceita a globalização. O que falta é propor uma outra globalização. Está havendo até agora uma certa insistência nesse processo de cima para baixo. Haverá também um processo de baixo para cima, que coincide um pouco com o que já vem acontecendo'<sup>78</sup>.

A literatura marginal desponta com as referências a João Antônio e Plínio Marcos. A relação da literatura de João Antônio com a literatura marginal periférica, segundo Zibordi (2004), se dá especialmente pela admiração que Ferréz expressa por alguns escritores marginais (da década de 1970), tornando a sua própria escrita “afilhada” deste estilo literário:

Outro trabalho que reafirma esta intenção política e revolucionária na produção marginal é a dissertação de Gissele Bonafé Costa (2009). Este faz uma análise do discurso a partir da concepção teórica de Eni P. Orlandi, tomando a ideologia como parte do processo de produção do imaginário, a saber, como a materialidade do discurso revela a marginalidade e seus efeitos. A partir do *Manifesto de Abertura: Literatura Marginal*, em *Caros Amigos* edição de 2001, Costa (2009) mostra que a escolha por este tipo de texto revela a tentativa de estabelecer novos parâmetros para a composição literária, rompendo, assim, com os modelos atuais (tradicionais).

Segundo Costa (2009), nesta primeira edição da literatura marginal-periférica em *Caros Amigos*, Ferréz estabelece uma relação com o passado

perfil da revista.

<sup>78</sup>O comentário de Milton Santos encontra-se na revista *Caros Amigos*, edição de 1998, páginas 22 a 28, como aponta Zibordi (2004) em referência de rodapé.

histórico, num forma de “ascendência” construída simbolicamente, aproximando o povo da periferia (favela ou gueto, como se refere) com os índios e os negros excluídos socialmente. Num segundo momento, Ferréz retoma a identificação com os movimentos da literatura de cordel e a chamada literatura marginal (especificamente aquela dos anos 1970, representada principalmente pelos escritores João Antônio e Plínio Marcos). Relações diretas de linha marxista também podem ser identificadas, como ressalta Costa (2009, p. 24):

É interessante observar também que o termo 'proletariado' aparece como sinônimo possível para 'marginal'. Máximo Gorki, pseudônimo utilizado por Aleksei Maksimovich Peshkov para evitar a perseguição política, é reconhecido como o fundador da chamada 'literatura proletária'. Em sua obra aparecem como personagens integrantes das classes excluídas russas da qual ele, inclusive, fez parte<sup>79</sup>.

Costa (2009) mostra como a construção do discurso, elaborado por Ferréz, ao definir o que é literatura marginal, é feito por oposições como: centro e periferia, índios e bandeirantes, negros escravos e senhores das casas grandes, obras editadas e obras vendidas na rua, o autor marginal e o 'boyzinho', o proletariado e a burguesia.

Na segunda edição especial da revista *Caros Amigos* (2002), Costa (2009) observa o diálogo entre o discurso atual e o anterior. No texto de abertura intitulado *Terrorismo literário*<sup>80</sup>, Ferréz escreve com agressividade as seguintes palavras: “Mó satisfação em agredir os inimigos novamente, voltando com muito mais gente e com grande prazer de apresentar novos talentos da escrita periférica.” (CAROS AMIGOS, 2002, s/p).

Nesta edição, Ferréz confirma a definição da literatura marginal: “A literatura marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo.” (CAROS AMIGOS,

<sup>79</sup>Adiante, a ideia de defender uma causa e fazer parte desta é ressaltada por Costa (2009, p. 25): “É na constituição dessa imagem que também é citado Máximo Gorki, o qual, mais do que defender o comunismo, foi também um proletário”.

<sup>80</sup>Costa (2009) faz uma relação visual com a capa da revista que traz um livro aberto, só que sem a rosa que aparece na primeira edição – em seu lugar há marcas de tiros e um corpo morto estendido abaixo. A cena mais violenta dialoga com a postura discursiva de Ferréz neste segundo momento.

2002, s/p).

Na terceira e última edição analisada, Costa (2009) mostra o discurso do texto intitulado *Contestação* fazendo uma relação com a imagem da capa da revista: que desta vez traz um menino da periferia com lágrimas nos olhos, uma arma na mão e uma caixa de presentes. “A ficção, a literatura, a imaginação do livro cedem lugar exclusivo ao social [...]” (COSTA, 2009, p.31). No discurso Ferréz conclui com as seguintes palavras: “A revolução será silenciosa e determinada como ler um livro à luz das velas em plena madrugada” (CAROS AMIGOS, 2004, s/p).

A partir da perspectiva destes dois trabalhos e, evidentemente, do próprio discurso presente nos manifestos, é possível afirmar que a literatura marginal-periférica pretende-se engajada politicamente, e busca evidenciar por meio de seus textos literários a luta social, marcada sobretudo pelas oposições: centro e periferia, classe dominante e classe marginalizada.

### 3.3.3.2 *Cidade de Deus* – Paulo Lins (1997)

O segundo marco mais citado nos trabalhos analisados é a publicação do livro *Cidade de Deus* de Paulo Lins, em 1997, pela editora Companhia das Letras, que mais tarde foi adaptado para o cinema por Bráulia Mantovani, um filme dramático dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund (2002).

O livro trata do desenvolvimento do conjunto habitacional Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, que revela, desde a sua fundação, um crescimento desordenado e uma relação com a violência e o tráfico de drogas. Lins escreve seu texto muito próximo do chamado Naturalismo, ou seja, escola literária que busca retratar a influência do meio sobre o indivíduo. A própria experiência de vida, como morador e participante da realidade descrita nas favelas, e seus estudos sistematizados na área antropológica contribuíram para a profundidade e verossimilhança na descrição dos fatos.

Entre os trabalhos acadêmicos analisados, a dissertação de Rogério de Souza Silva (2006), *Cultura e Violência: autores, polêmicas e contribuições da*

*literatura marginal*, analisa com mais profundidade a obra e seu contexto. Silva (2006, p.10) afirma que:

A obra que desencadeou o interesse do público pela literatura marginal foi o romance *Cidade de Deus* (1997) do carioca Paulo Lins, que logo ganhou impulso na cena cultural brasileira destacando-se, principalmente como uma produção textual oriunda de setores tradicionalmente excluídos do sistema literário brasileiro, sobretudo como sujeitos da escrita.

Silva (2006) dedica um capítulo de sua pesquisa à recepção crítica da obra de Paulo Lins. Assim, o autor afirma que o artigo intitulado *Uma aventura artística incomum*, do crítico Roberto Schwarz<sup>81</sup>, publicado em setembro de 1997, no *Caderno Mais* do jornal *Folha de São Paulo*, contribuiu significativamente para a projeção literária do livro *Cidade de Deus*.

A fim de verificar duas críticas opostas, Silva (2006) explora o conteúdo crítico do artigo de Schwarz, destacando algumas falas positivas do crítico em relação à composição estética de Lins e, em seguida, expõe partes do artigo de Wilson Bueno, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1997, intitulado: *Narrativa é caricatural e pretensiosa*. Neste artigo, Bueno (citado por SILVA, 2006, p. 28) discorda sistematicamente da opinião de Schwarz, acrescentando que:

A literatura marginal é uma produção textual que se ocupa da representação da experiência de miséria e brutalidade da vida nas comunidades pobres das grandes metrópoles, escrita por pessoas que nasceram e cresceram nesses locais, tomando uma perspectiva elaborada a partir do interior destas próprias comunidades.

---

<sup>81</sup>A relação entre o crítico e o escritor, entretanto, é anterior à leitura e à crítica no jornal. Segundo Cera (2007, p. 32), “Paulo Lins era bolsista da antropóloga Alba Zaluar, que desenvolvia uma pesquisa etnográfica sobre violência urbana na Cidade de Deus. [...] Zaluar o levou para conhecer Roberto Schwarz, que o estimulou a escrever *Cidade de Deus*”. Zaluar, por outro lado, crítica severamente a obra de Lins, em entrevista a pesquisadora declara que: “[...] o problema de ‘Cidade de Deus’ é muito mais sério. Em primeiro lugar, o Paulo Lins fez o livro sem consultar as pessoas envolvidas. A pesquisa acadêmica é uma coisa séria. Eu emprestei a ele toda a pesquisa que fizemos na Cidade de Deus. Esse material tinha o depoimento do único sobrevivente da guerra [entre traficantes] retratada no filme, que é o Ailton Batata, que aparece no romance com o nome de Sandro Cenoura. Além disso, há uma série de impropriedades no romance. Nunca existiu, por exemplo, aquele bando de meninos ainda com dente de leite dando tiro nas pessoas. Isso é mentira, e é muito sério porque cria uma imagem sobre as crianças que vivem nesses locais que não é verdadeira. A própria história do Zé Pequeno é contada como se ele já tivesse nascido ruim. É uma volta à teoria do criminoso nato, que, do ponto de vista da criminologia, já está completamente superada.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2004). A crítica de Zaluar parte do olhar antropológico, buscando pontos que convergem com a realidade, entretanto cabe a literatura exercer a ficcionalidade, sem compromisso com o real.

E continua, reafirmando o valor político-ideológico da literatura (com base em Eslava<sup>82</sup>, 2004):

Portanto, não se pode ignorar que a literatura marginal é, com todos os reparos que se lhe possa fazer a perspectiva crítica hegemônica, uma realização textual produzida por sujeitos das camadas subalternas tematizando a violência que assola a sociedade brasileira, e, ao mesmo tempo, um projeto que vai além do literário, pois busca se constituir em porta-voz estético e ideológico dos que sempre foram silenciados e hoje integram o 'povo da periferia/favela/gueto'. Essas são as razões substanciais que impulsionam a literatura marginal enquanto movimento e lhe confere seus principais signos críticos.” (SILVA, 2006, p.28).

Diante de tal contraponto, Silva (2006, p. 22) deduz, a partir de seu posicionamento teórico culturalista, que:

[...] Bueno possui premissas cristalizadas da avaliação estética, uma vez que está longe de conceber a literatura como um conceito historicamente construído. Ou seja, segue o modelo de avaliação literária que privilegia o empenho do verbo, iniciando sua análise despojado da recomendável generosidade de perceber o texto como um artefato cultural que merece ser interpretado em suas mais diversas articulações, evitando-se preconceitos. (SILVA, 2006, p. 22).

Silva (2006) ainda destaca os comentários de Luís Felipe Miguel num boletim de circulação interna da UnB<sup>83</sup>, chamando a atenção para o fato de um autor (no caso, Paulo Lins), que não pertence à elite cultural, ascender tão rapidamente no campo literário:

Muitos mistérios cercam Cidade de Deus. A mais prestigiosa editora do país decide publicar um catatau de 550 páginas de um romancista estreante – ainda por cima favelado, mulato e atendendo pelo pouco promissor apelido de “Paulo Maluco”. A maior revista semanal de informação dedica seis páginas altamente elogiosas ao livro. E um sério candidato ao posto de crítico mais importante do Brasil ocupa página e meia do jornal de maior circulação para tecer loas ao romance. (MIGUEL, 1998, s/p)

Neste boletim há cinco artigos críticos sobre a obra *Cidade de Deus*, na época recém-lançada e que gerou certo alvoroço no meio acadêmico e literário. A discussão sobre a vida de Paulo Lins e suas relações com a comunidade e também

<sup>82</sup>ESLAVA, Fernando Villarraga. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita. **Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 24. Brasília, julho-dezembro de 2004, pp. 35-51. 2004.

<sup>83</sup> Boletim disponível: <[http://www.gelbc.com.br/pdf\\_boletins/011.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_boletins/011.pdf)> Acesso jun. 2015.

com a academia instauram polêmicas sobre o valor ou as intenções de sua obra. Em entrevista à Revista *Cult*, por exemplo, Paulo Lins diz que debate política e literatura com outros amigos escritores como Marçal Aquino<sup>84</sup>, Marcelino Freire<sup>85</sup>, Luiz Ruffato<sup>86</sup>, Alice Ruiz<sup>87</sup> (que conhece há 30 anos) e Ferréz (HOMSI, 2015).

De fato, a obra *Cidade de Deus* colaborou diretamente na disseminação da cultura popular e das comunidades da periferia. O fato de ter sido adaptada ao cinema, alavancou as manifestações literárias e artísticas neste sentido, resultando em diversas outras produções televisivas que focaram a vida nas favelas. Por outro lado, segue a publicação de críticas e movimentos contra a imagem fragmentada e estereotipada pela ficção, literária e cinematográfica, acerca da vida na periferia.

### 3.3.3.3 *Capão Pecado* – Ferréz (2000)

Outro livro que chama a atenção é o próprio *Capão Pecado* do escritor Reginaldo Ferreira da Silva, conhecido como Ferréz, publicado no ano 2000 (e, portanto é anterior ao texto do Manifesto da literatura marginal).

Ferréz nasceu em dezembro de 1975 em São Paulo. É poeta, romancista e contista, sendo ligado ao movimento hip hop. Exerceu vários empregos durante a adolescência. Em 1997 lançou seu primeiro livro de poemas *Fortaleza da Desilusão*, influenciado pelo movimento da Poesia Concreta. Dois anos depois, a fim de promover eventos e ações de intervenção cultural e política em sua comunidade, Ferréz fundou o grupo 1DaSul. Estreou na prosa de ficção no ano 2000 com o livro *Capão Pecado*, que retrata a realidade da comunidade de Capão Redondo, onde é morador. Em 2003 publica o romance *Manual Prático do Ódio*. A partir da revista que

<sup>84</sup> Aquino nasceu em Amparo, São Paulo e também é autor publicado pela Editora Cosac Naify, atualmente considerado como um dos grandes escritores brasileiros contemporâneos. É citado em alguns trabalhos como compondo o grupo de autores marginal da década de 1990 ao lado de Paulo Lins e Fernando Bonassi (com quem escreveu em parceria a série *Força Tarefa*, na TV Globo). Além de romance, novela e conto, Aquino conta com obras adaptadas no cinema.

<sup>85</sup> Marcelino Freire nasceu em 1967, em Sertânia, PE. Participou de várias antologias no Brasil e no exterior. Recebeu o prêmio Jabuti pelos “Contos Negreiros”.

<sup>86</sup> Ruffato nasceu em Cataguases em Minas Gerais. Foi jornalista e hoje se dedica à literatura como escritor e crítico. Recebeu diversos prêmios da crítica literária. Criou o evento Balada Literária que reúne escritores da Vila Madalena (SP) e é integrante do coletivo EDITH.

<sup>87</sup> Alice Ruiz, junto com Paulo Leminski eram representantes da literatura marginal da década de 1970, segundo Heloísa Buarque (<http://www.heloisabuarquedehollandia.com.br/a-poesia-marginal/>)



criou, *Literatura Marginal*, lança à antologia *Literatura Marginal: Talentos da Escrita Periférica* (2005). Também em 2005 publica o romance infantojuvenil *Amanhecer Esmeralda*. No ano seguinte, reúne vários contos em *Ninguém é inocente em São Paulo*, sendo que cinco deles foram adaptados em curtas-metragens e um em animação. Participou como cronista na revista *Caros Amigos*, de 2001 a 2010 e lançou em 2009 o livro *Cronista de um Tempo Ruim* e o documentário autobiográfico *Literatura e Resistência*. Em 2013 publicou os livros *Deus foi almoçar* e *O pote mágico*, ambos pela Editora Planeta. Em maio de 2015, Ferréz lançou o livro de contos *Os ricos também morrem*, com ilustrações de Alexandre Maio.

Ferréz, por sua vez, tem os caminhos abertos pela literatura. Famoso desde que lançou *Capão Pecado* (2000), é frequentemente chamado para participar de eventos literários consagrados, como a Festa Literária de Paraty (FLIP), em 2004, onde esteve ao lado do sociólogo José de Souza Martins, sob a mediação do jornalista Zuenir Ventura, além de eventos de literatura como a Balada Literária, ocorrida em São Paulo, em 2007." (BENEVENUTO, 2010, p.14)

A fama do livro advém sobretudo da vida do autor. Todas as dissertações citam o nome de Ferréz, confirmando assim sua representatividade no movimento da literatura marginal-periférica. A dissertação de Renato Souza (2010), em especial, mostrou-se uma das mais completas descrições biográficas do autor Ferréz. Souza (2010) analisa as obras de Ferréz sob perspectiva dos discursos produzidos nas áreas do jornalismo e da Sociologia. Destaca alguns eventos como: a contribuição de Ferréz na publicação do livro *Notebook*, no qual ainda assinam textos Caetano Veloso, Roberto Freire, Paulo Coelho, Paulo Lins, Arnaldo Jabor e Pelé (o livro é distribuído nos Estados Unidos e na Europa nas versões em inglês e espanhol); a presença do escritor no Encontro *Esquina da Palavra* (Itaú Cultural), ao lado do escritor Ignácio de Loyola Brandão e do jornalista Marcelo Coelho; e a sua contribuição para a *Folha de São Paulo* como colunista.

O trabalho de Maria Aparecida Costa dos Santos (2011), voltado à área da Educação, investiga toda produção do autor Ferréz<sup>88</sup> (livros, entrevistas, blog, etc.) a fim de identificar a trajetória educacional do escritor: quais os aspectos perpassam

<sup>88</sup> O trabalho de dissertação de Santos (2011) divulga erroneamente o nome do autor Ferréz, como sendo Reginaldo Faria da Silva (que inclusive é o nome de um ator da Globo), sendo que o correto é Reginaldo Ferreira da Silva.

pela educação formal (escola), não-formal (projetos sociais) e informal (comunidade). Para Santos (2011, p. 20):

Ferréz transformou este processo em literatura, música e atuação pedagógica, levando-nos a inferir que o ensino paralelo seria, sobretudo, o resultado de uma junção de fatores sociais e educacionais, responsável pela formação de um sujeito marginalizado, que, entre outras coisas, luta pela liberdade de seu ser e pela liberdade de seu entorno, utilizando a arte como processo transformador de uma realidade violenta.

A dissertação de mestrado *Capão Pecado: sem inspiração para cartão postal*, de Luciana Mendes Velloso (2007), analisa a singularidade do livro *Capão Pecado* (2ª. Edição da Labortexto), que apresenta várias fotografias, além de depoimentos de vários autores da periferia, amigos do autor, tais como: Gaspar, Mano Brown, Cascão, Outraversão, Negredo e Conceito Moral – a maioria integrantes de grupos de Rap e ativistas do movimento 1 DaSul. Velloso (2007) destaca que a literatura de Ferréz<sup>89</sup> é por vezes enquadrada como parte da chamada “Geração 90” e por vezes como parte da “Literatura Marginal”, além de apresentar correlações com os estudos de fotografia e com o “[...] discurso coletivo e civilizatório do movimento ativista contemporâneo da periferia.” (VELLOSO, 2007, p. 5).

A partir de um estudo com base em autores como: Giorgio Agamben, Roland Barthes, Rosalind Krauss, Maria Rita Kehl, Loïc Wacquant e Antonio Rafael Barbosa, a pesquisadora questiona o limiar da ficção e da realidade na obra de Ferréz e conclui que:

O livro parece colocar em cena uma coletividade, braço de um grande projeto de uma região que quer se estabelecer ou se estabilizar com um discurso coeso, uno e integrado ante a sociedade brasileira, marcada por grandes diferenças, sobretudo econômico-sociais. A postura ousada, do escritor, de unir ao objeto literário a fala, a imagem e a coletividade é, a princípio, inovadora, mas sobretudo política. (VELLOSO, 2007, p. 16).

Assim, Ferréz explora os temas do cotidiano das favelas, dos guetos e periferias brasileiras, marcadas pela violência, criminalidade, preconceito, revoltas,

---

<sup>89</sup> A dissertação de Velloso (2007) também cita errado o nome de Ferréz como sendo Virgulino Ferreira.

vinganças, mas também pelo trabalho, família, religião e laços de amizade e respeito.

No âmbito da educação, a obra *Capão Pecado* também tornou-se um marco, uma vez que foi a primeira obra da literatura marginal-periférica a ser selecionada no Plano Nacional Biblioteca da Escola<sup>90</sup> para o Ensino Médio (PNBE- EM) em 2008.

Apesar de apenas três trabalhos acadêmicos analisados apontarem o livro *Capão Pecado* como um marco da literatura marginal-periférica, todos os pesquisadores concordam que Ferréz é o maior representante e principal articulador do movimento.

### 3.4 A PRODUÇÃO DA LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA

Atualmente, a produção textual identificada como sendo pertencente à Literatura Marginal-Periférica é bastante considerável. Conta-se com mais de duzentos títulos publicados além de uma série de produções de áudio e audiovisual. A primeira tabela de obras aqui indicadas é baseada na lista elaborada por Érica Peçanha do Nascimento em sua tese de doutorado (2012) sendo, porém, atualizada.

A segunda tabela é baseada no catálogo de venda da livraria Suburbano Convicto<sup>91</sup>, a primeira livraria especializada em obras da literatura periférica, que está localizada em São Paulo no bairro Bixiga. O criador e responsável pela livraria também é escritor renomado da literatura periférica: Alessandro Buzo. Buzo nasceu em Itaim Paulista, na zona leste de São Paulo. Hoje com 42 anos, é autor de onze livros e organizador de sete coletâneas. Participou como diretor, junto com Toni Nogueira, do filme *Profissão MC* (2009)<sup>92</sup> e fez durante três anos o quadro *Buzão*, no Programa *Manos e Minas* da TV Cultura. Participou de várias outras programações

<sup>90</sup> Apesar de não ser foco da nossa pesquisa, cabe a nota de que a obra *Amanhecer Esmeralda* de Ferréz (Editora Objetiva) também foi contemplada em edital PNBE-2005 Acervo 6 na Educação Infantil. Disponível em: <[ftp://ftp.fnde.gov.br/pub/acervos/acervo\\_06\\_pnbe2005.pdf](ftp://ftp.fnde.gov.br/pub/acervos/acervo_06_pnbe2005.pdf)> Acesso jan.2016.

<sup>91</sup> Disponível em <<http://livrariasuburbanoconvicto.blogspot.com.br/>>, conferidas e acrescidas por consulta em blogs de escritores e divulgadores da literatura marginal-periférica, como nas páginas de Rodrigo Ciríaco, Edições Toró, Ferréz, etc.

<sup>92</sup> O filme de 52 minutos pode ser assistido no youtube – conta com a participação de Criolo Doido e outros MCs conhecidos pelo público da periferia.

culturais como na SP CULTURA e no Jornal SPTV na Rede Globo<sup>93</sup>. As informações relativas às editoras e anos de publicações das obras oferecidas na livraria são limitadas no site, o que exigiu outras formas de pesquisa<sup>94</sup>.

Os gêneros explorados na literatura marginal são diversos. Há poemas, crônicas, contos, romances, teatro e autobiografia. Nas listas de Nascimento (2012) são considerados livros e produções não-ficcionais como dissertações, ensaios nas áreas de Sociologia, Antropologia e Crítica Literária, que foram aqui mantidas. Em geral, a linguagem é coloquial e típica da localidade de cada escritor, estando bem presentes a questão da gíria e dos palavrões. A temática gira em torno das vivências proporcionadas por este universo marginalizado, seja no social, na cultura ou politicamente.

#### 3.4.1 Autores e obras

Acredita-se que a bibliografia abaixo possa compor uma possível antologia deste movimento literário (QUADRO 5).

	<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>EDITORA</b>	<b>ANO</b>
<b>1</b>	VAZ, Sérgio e MUCIOLO, Adrienne	<i>Subindo a ladeira mora a noite</i>	Edição dos autores	1988
<b>2</b>	VAZ, Sérgio	<i>A margem do vento</i>	Scortecci	1991
<b>3</b>	VAZ, Sérgio	<i>Pensamentos vadios</i>	Scortecci	1994
<b>4</b>	VAZ, Sérgio e MUCIOLO, Adrienne	<i>A margem do vento</i>	Scortecci	1995
<b>5</b>	FERRÉZ	<i>Fortaleza da Desilusão</i>	Edição do autor	1997
<b>6</b>	LINS, Paulo	<i>Cidade de Deus</i>	Companhia das Letras	1997

continua

<sup>93</sup> Os programas feitos por Buzo exploram exclusivamente as ações culturais e artísticas na periferia. E podem ser vistos no site: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/10/confira-reportagens-do-sptv-sobre-cultura-de-periferia.html>> Acesso out. 2015.

<sup>94</sup> Algumas referências foram identificadas em pesquisa de sites, propagandas de lançamento das obras e blogs. Parte dos livros não tem editora, pois são feitos por iniciativa dos autores.

continuação

7	FERRÉZ	<i>Capão Pecado</i>	Labortexto	2000
8	BUZO, Alessandro	<i>O trem: baseado em fatos reais</i>	Scortecci / Edicon	2000
9	JOCENIR	<i>Diário de um detento</i>	Labortexto	2001
10	MENDES, Luiz Alberto	<i>Memórias de um sobrevivente</i>	Cia Das Letras	2001
11	ANDRÉ DU RAP	<i>Sobrevivente – do massacre do Carandiru</i>	Labortexto	2002
12	FERRÉZ	<i>Manual Prático do Ódio</i>	Objetiva	2003
13	BUZO, Alessandro	<i>Suburbano convicto: o cotidiano do Itaim Paulista</i>	Edicon	2004
14	CANTO, Cláudia	<i>Morte às vassouras: diário de uma jornalista que se tornou empregada doméstica em Portugal.</i>	Edicon	2004
15	VAZ, Sérgio	<i>A poesia dos deuses inferiores: biografia poética da periferia. Taboão Da Serra</i>	Edição do autor	2004
16	VAZ, Sérgio e MUCIOLO, Adriane (org.)	<i>O rastilho da pólvora: antologia dos poetas da Cooperifa.</i>	Edição dos autores	2004
17	VAZ, Sérgio	<i>O rastilho de pólvora: antologia do Sarau da Cooperifa</i>	Itaú Cultural	2004
18	FERRÉZ	<i>Amanhecer Esmeralda</i>	Objetiva	2005
19	FERRÉZ (org.)	<i>Literatura Marginal: talentos da escrita periférica</i>	Agir	2005
20	FERRÉZ (org.)	<i>Favela toma conta</i>	Rio de Janeiro: Aeroplano	2005
21	SACOLINHA	<i>Graduado em marginalidade</i>	Edição do autor	2005
22	ROSA, Allan Santos da	<i>Vão</i>	Edições Toró	2005
23	BIG RICHARD	<i>Hip hop consciência e atitude</i>	Livro Pronto	2005
24	BUZO, Alessandro	<i>O trem: contestando a versão oficial</i>	Edicon	2005
25	FERRÉZ	<i>Ninguém é inocente em São Paulo</i>	Objetiva	2006
26	BUZO, Alessandro	<i>Guerreira</i>	Edicon / Global	2006

continua

continuação

27	DINHA (Maria Nilda Mota)	<i>De passagem, mas não a passeio</i>	Edições Toró	2006
28	SACOLINHA	<i>85 letras e um disparo</i>	Ilustra / Global Editora	2006
29	VAZ, Sérgio	<i>Colecionador de pedras</i>	Edição do autor	2006
30	ROSA, Allan Santos da	<i>Da Cabula</i> (teatro)	Edições Toró / Global editora	2006 / 2007
31	Toni C	<i>Hip hop a lápis - o livro</i>	Editora Anita	2006
32	DUGUETO SHABAZZ	<i>Notícias jugulares: contos, crônicas e poesias</i>	Edições Toró	2006
33	FERREIRA, Roberto	<i>A poesia que pariu</i>	Edição do Autor	2006
34	SILVA, Cidinha da	<i>Cada tridente em seu lugar</i>	Instituto Kuanza	2006
35	Eliane Brum	<i>A vida que ninguém vê</i>	Arquipélago Editorial	2006
36	EDSON GABRIEL	<i>De olhos bem abertos: a política presente em nosso cotidiano</i>	FTD	2006
37	FUZZIL	<i>Um presente para o gueto</i>	Edições Toró	2007
38	ROSA, Allan S. da	<i>Zagaia</i>	Editora DCL	2007
39	Walter Limonada	<i>Trokando umas ideias e rimando outras</i>	Edição do autor	2007
40	Francis Gomes (org.)	<i>Antologia Literatura no Brasil</i>	Ilustra	2007
41	VÁRIOS	<i>Sarau da Cooperifa</i>	Dulcineia Catadora	2007
42	TICO	<i>Elas etc.</i>	Edição do autor	2007
43	CANTO, Robson	<i>Noite adentro</i>	Edições Toró	2007
44	GUMA e ROSA, Allan Santos da	<i>Morada</i>	Edições Toró	2007
45	MARIA TEREZA	<i>Negrices em flor</i>	Edições Toró	2007
46	SERGINHO POETA E BINHO	<i>Donde miras: dois poetas e um caminho</i>	Edições Toró	2007
47	SOUZA, Elizandra e AKINS KINTE	<i>Punga</i>	Edições Toró	2007
48	BUZO, Alessandro (org.)	<i>Pelas periferias do Brasil - vol. 1</i>	Edição dos autores	2007

continua

continuação

49	SILVA, Michel da (Michel Yakini)	<i>Desencontros</i>	Edição do autor	2007
50	CANTO, Robson	<i>Noite adentro</i>	Edições Toró	2007
51	FUZZIL	<i>Um presente para o gueto</i>	Edições Toró	2007
52	VÁRIOS	<i>Antologia Sarau da Cooperifa</i>	Dulcineia Catadora	2007
53	VÁRIOS	<i>Cadernos Negros – vol. 30</i>	Edição dos Autores	2007
54	MAZZO, Soninha e ALMEIDA, Raquel	<i>Duas gerações sobrevivendo no gueto – Contos, crônicas e poesias.</i>	Elo da Corrente Edições	2008
55	SANTOS, João do Nascimento	<i>Cordéis e poesias para cantar.</i>	Elo da Corrente Edições	2008
56	SARAU ELO DA CORRENTE	<i>Prosa e poesia periférica (Antologia). São Paulo</i>	Elo da Corrente Edições	2008
57	BATISTA, Márcio	<i>Meninos do Brasil</i>	Edição do autor	2008
58	CANTO, Claudia	<i>Mulher moderna tem cúmplice</i>	Edicon	2008
59	Mannu UF e JR Mc	<i>Voo de primeira classe</i>	Elo da Corrente Edições	2008
60	BUZO, Alessandro (org.)	<i>Pelas periferias do Brasil - vol.II</i>	Edição dos autores	2008
61	SANTOS, Claudeni dos	<i>Fragments Noturnos</i>	Elo da Corrente Edições	2008
62	KAIM, Paulo	<i>Demorô</i>	Thesaurus	2008
63	VÁRIOS	<i>Um segredo no céu da boca</i>	Edições Toró	2008
64	FERREIRA, Roberto	<i>Quarto</i>	Edição do Autor	2008
65	VAZ, Sérgio	<i>Cooperifa: antropofagia periférica</i>	Aeroplano	2008
66	CONDE e ROSA, A. S. da	<i>Conde</i>	Edições Toró	2008
67	BESO, Marcelo	<i>Juventude Supersônica</i>	Javali projetos experimentais	2008
68	PECCINI, Sérgio	<i>Amanhã. Aqui. Nesse mesmo lugar</i>	Javali projetos experimentais	2008

continua

continuação

69	VÁRIOS	<i>Sarau Elo da Corrente: prosa e poesia periférica</i>	Elo da Corrente	2008
70	CÍRIACO, Rodrigo	<i>Te pego lá fora</i>	Edições Toró	2008
71	VÁRIOS	<i>Antologia Literatura no Brasil</i>	Edição dos Autores	2008
72	CARRANO, Austragésilo	<i>O sapatão e a travesti</i>	Edições Cantos dos Malditos	2008
73	SILVA, Cidinha da	<i>Você me deixe, viu? Eu vou bater meu tambor</i>	Mazza Edições	2008
74	Silvio Diogo	<i>Desenho do Chão</i>	Edições Toró	2008
75	NASCIMENTO, João do	<i>Saudade do meu sertão</i>	Elo da Corrente	2008
76	TONI C (org.)	<i>Literatura do oprimido</i>	Edição do autor	2009
77	FERRÉZ	<i>Cronista de um tempo ruim</i>	Selo Povo	2009
78	SANTISTA, Claudio e BISPO, Paulinho	<i>Prosas de buteco</i>	Elo da Corrente Edições	2009
79	VÁRIOS	<i>Antologia Poesia na Brasa - volume 1</i>	Edição dos autores	2009
80	LOPES, Barbara e BISCHAIN, Sonia	<i>Poemas e prosas de um eu Rua de trás (livro duplo)</i>	Edição dos autores	2009
81	VÁRIOS	<i>Coletivo 8542</i>	Edição dos autores	2009
82	VÁRIOS	<i>Império lampinho</i>	Edição dos autores	2009
83	FAGUNDES, Daniel e PEREIRA, André	<i>Lágrima terra</i>	Edições Toró	2009
84	BUZO, Alessandro	<i>Favela toma conta</i>	Aeroplano	2009
85	BUZO, Alessandro (org.)	<i>Pelas periferias do Brasil - vol.III</i>	Edição dos autores	2009
86	NASCIMENTO, Érica Peçanha	<i>Vozes marginais na literatura</i>	Aeroplano	2009
87	SPERBER, Susi	<i>Identidade, alteridade: conceitos, relações e a prática literária</i>	Unicamp/ IEL	2009
88	Afro-X	<i>Ex-157: a história que a mídia desconhece</i>	Edição do Autor	2009

continua



conclusão

89	NATALE, Edson	<i>Pequeno calendário colorido para os que sabem ler o tempo</i>	Edição do Autor	2009
90	BERIMBA DE JESUS	<i>Encarna</i>	Annablume	2009
91	CASULO	<i>Dos olhos pra fora mora a liberdade</i>	Edição do Autor	2009
92	BALBINO, Jéssica	<i>Traficando conhecimento</i>	Aeroplano	2010
93	GOG	<i>A rima denuncia</i>	Global	2010
94	SACOLINHA	<i>Estação Terminal</i>	Nankin	2010
95	SACOLINHA	<i>Peripécias da Minha Infância</i>	Nankin	2010
96	LAUREATTI, Cláudio	<i>Luminosidades</i>	Edição do autor	2010
97	VIDAL, Márcio	<i>Receitas para amar no século XXI</i>	Edição do autor	2010
98	TONI C (org.)	<i>Hip hop a lápis - vol. II</i>	Anita	2010
99	BUZO, Alessandro	<i>Buzo – 10 anos</i>	Edicon	2010
100	CANTO, Claudia	<i>Cidade Tiradentes: de menina a mulher</i>	Edicon	2010
101	LOBÃO	<i>Fam da rua</i>	Edição do autor	2010
102	CERNOV, Catia	<i>Amazônia em chamas</i>	Selo Povo	2010
103	BISCHAIN, Sonia	<i>Nem tudo é silêncio</i>	Edição da autora	2010
104	VÁRIOS	<i>Antologia Poesia na Brasa - vol. 2</i>	Edição dos autores	2010
105	PRETO GHÓEZ	<i>A sociedade do código de barras</i>	Edição do autor	2010
106	BUZO, Alessandro(org.)	<i>Pelas periferias do Brasil – vol. IV</i>	Edição dos autores	2010

QUADRO 5 – AUTORES E OBRAS DA LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA (1)

Mais de 70 obras listadas aqui conferem com as listas elaboradas em 2011 por Érica Peçanha Nascimento (2012) em sua tese de doutorado. Dentre estes, 54 livros foram lançados no próprio Sarau da *Cooperifa*, entre os anos de 2004 a 2010; cerca de 20 livros contaram com o apoio do Programa VAI; a maioria foi publicado

com recursos próprios. Há algumas instituições colaboradoras como: Ação Educativa, Itaú Cultural, Centro Cultural da Espanha, bolsas da Funarte ou Ponto da Cultura, DGT Filmes e conduta, Eurotur Câmbio e Turismo, Portal Vermelho PCdoB, Manpower Recursos Humanos.

A lista a seguir (QUADRO 6) está baseada nos livros que são oferecidos nas livrarias e blogs de escritores e saraus:

	<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>EDITORA</b>	<b>ANO</b>
<b>1</b>	Augusto Boal	<i>Jane Spitfire</i>	Codecri / Geração Editorial	1977/ 2003
<b>2</b>	Emiliano José e Oldack de Miranda	<i>Lamarca: o capitão da guerrilha</i>	Global Editora	1980
<b>3</b>	Fábio Lucas (org.)	<i>Contos da Repressão (coletânea)</i>	Record	1987
<b>4</b>	Zuenir Ventura	<i>1968 o ano que não terminou</i>	Nova Fronteira	1989
<b>5</b>	Rodolfo Coelho	<i>Poesia 100 Filtro</i>	Scortecci	2001
<b>6</b>	José M. Sarmiento	<i>Paraisópolis - Caminhos de Vida e Morte</i>	Zouk	2003
<b>7</b>	Marçal Aquino	<i>Cabeça a prêmio</i>	Cosac & Naify	2003
<b>8</b>	Julio Ludemir	<i>Lembrancinha do Adeus</i>	Planeta	2004
<b>9</b>	Drauzio Varella	<i>Por um fio</i>	Companhia das Letras	2004
<b>10</b>	Jorge Furtado	<i>Meu tio matou um cara</i>	L&PM	2004
<b>11</b>	Marçal Aquino	<i>Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios</i>	Companhia das Letras	2005
<b>12</b>	Ecio Salles	<i>Poesia Revoltada</i>	Aeroplano	2007
<b>13</b>	Cristiane Ramalho	<i>Notícias da Favela</i>	Aeroplano	2007
<b>14</b>	DJ Raffa	<i>Trajetória de um Guerreiro</i>	Aeroplano Tramas Urbanas	2007
<b>15</b>	Ericson Pires	<i>Cidade Ocupada</i>	Aeroplano	2007
<b>16</b>	Maria Paula Araújo e Ecio Salles	<i>História e Memória de Vigário Geral</i> <sup>95</sup>	Aeroplano Tramas Urbanas	2008
<b>17</b>	Flávio Lenz	<i>Daspu: a moda sem vergonha</i>	Aeroplano Tramas Urbanas	2008

continua

<sup>95</sup> Em alguns sites aparece como: *Vigário Geral* ou *Vigário Geral: história e memória*.

continuação

18	Ronaldo Lemos e Oona Castro	<i>Tecnobrega: o Pará reinventando o negócio da música</i>	Aeroplano O instituto projeto pesquisas	2008
19	Dudu do Morro Agudo	<i>Enraizados: os híbridos locais</i>	Aeroplano Tramas Urbanas	2010
20	Anderson Quack	<i>No olho do furacão</i>	Aeroplano Tramas Urbanas	2010
21	Luciana Bezerra	<i>Meu destino era o nós do morro</i>	Aeroplano Tramas Urbanas	2010
22	Joselito Crispim	<i>Bagunção</i>	Aeroplano	2010
23	Hugo Montarroyos	<i>Devotos 20 anos</i>	Aeroplano	2010
24	Zinho Trindade	<i>Tarja preta</i>	Poesia Maloqueiristas	2010
25	Alessandro Buzo	<i>Hip Hop: dentro do movimento</i>	Aeroplano	2010
26	Alessandro Buzo	<i>Buzo 10 anos (comemorativo)</i>	Edicon	2010
27	Eliezer Muniz dos Santos	<i>Canal Motoboy</i>	Aeroplano	2010
28	André Ebner	<i>De que lado você está (Apoio: A Tribuna Regional e Cantinho das Letras)</i>	Selo Comunitário + Projeto Cre-Ser.	2010
29	Claufe Rodrigues	<i>O pó das palavras</i>	Ponteio Edições	2010
30	Goli Guerreiro	<i>Terceira Diáspora: o porto da Bahia</i>	Corrupio	2010
31	Alejandro Reyes	<i>A rainha do Cine Roma</i>	Leya Brasil	2010
32	Patrícia Melo	<i>Valsa Negra</i>	Rocco	2010
33	Patrícia Melo	<i>Elogio da Mentira</i>	Rocco	2010
34	Akins Kintê e Nina Silva	<i>InCorPoros: nuances de libido</i>	Ciclo Continuo de Literatura	2011
35	Sérgio Vaz	<i>Literatura: Pão e Poesia</i>	Global editora	2011
36	Roger Franchini	<i>Toupeira: a história do assalto ao banco central</i>	Planeta do Brasil	2011
37	Marçal Aquino	<i>O Invasor</i>	Companhia das Letras	2011
38	Marcos Teles	<i>Sob o azul do céu: histórias das ruas</i>	Selo Povo	2011
39	Cidinha da Silva	<i>Oh, margem! Reinventa os Rios!</i>	Selo Povo	2011
40	Alessandro Buzo	<i>Do Conto à Poesia</i>	Ponteio	2011

continua

continuação

41	Alessandro Buzo	<i>Dia das Crianças na periferia (literatura infantil)</i>	Suburbano	2011
42	Alessandro Buzo (org.)	<i>Pelas Periferias do Brasil (Vol. V)</i>	Suburbano Convicto Edições (independente)	2011
43	Rodrigo Ciríaco	<i>100 Mágoas</i>	Um por TODOS	2011
44	Lids Ramos, Carolzinha Teixeira, Henrique Godoy	<i>Roube-me por favor</i>	Coletivo Cultural Poesia na Brasa	2011
45	Sérgio Ballouk	<i>Enquanto o tambor não chama</i>	QUILOMBHOJE	2011
46	José M. Sarmento	<i>Bixiga: um cortiço dos infernos</i>	Livro Pronto	2011
47	Francis Gomes	<i>Ecos do silêncio</i>	All Print	2011
48	Sacolinha	<i>Manteiga de Cacau</i>	Ilustra	2012
49	Elizandra Souza	<i>Águas da Cabaça</i>	Coletivo Mjiba	2012
50	Junior Perim	<i>Panfleto</i>	Aeroplano Tramas Urbanas	2012
51	Ferréz e Demaio (Alexandre de Maio)	<i>Desterro (História em quadrinhos)</i>	Anadarco Editora	2012
52	Alessandro Buzo	<i>Profissão MC (inspirado no filme)</i>	Editora NVersos	2012
53	Hélvio Gomes Cordeiro	<i>Quilombo: terra da esperança</i>	Formato	2012
54	Toni C.	<i>O hip hop está morto</i>	LiteraRUA	2012
55	Luiz Alberto Mendes	<i>Cela Forte</i>	Global Editora	2012
56	Emerson Alcalde	<i>Boneco do Marcinho (literatura infantojuvenil)</i>	Edicon	2012
57	Victor Rodrigues	<i>Praga de Poeta</i>	Edições Maloqueirista	2012
58	Allan da Rosa e Priscila Preta	<i>A Calimba e a Flauta</i>	Capulanos	2012
59	Luiza Borba	<i>Fartesia</i>	Anadarco Editora	2012
60	Tico	<i>As nupcias do escorpião</i>	---	2012
61	Thiago Cervan	<i>Sumo Bagaço</i>	Poesia Maloqueirista	2012
62	Allan Regis	<i>Mil horas sem fim</i>	Clube de Autores	2012

continua

continuação

63	Sidney de Paula Oliveira	<i>Negraciosa</i>	Quilombhoje	2012
64	Mano Cakis	<i>Não temos muito tempo</i>	---	2012
65	Alejandro Reyes	<i>Vozes dos Porões: a literatura periférica/marginal do Brasil</i>	Aeroplano Tramas Urbanas (Série 3 Vol.6)	2013
66	Binho Cultura	<i>A história que Eu conto</i>	Aeroplano Tramas Urbanas	2013
67	Antonio Eleilson Leite (org.)	<i>Graffiti em SP: tendências contemporâneas</i>	Aeroplano Tramas Urbanas	2013
68	Heraldo HB	<i>O cerol fininho da baixada: histórias do cineclube Mate com Angu</i>	Aeroplano Tramas Urbanas	2013
69	Nuno DV Rôssi Alves	<i>Livro duplo: Rio de Riscos Rio de Rimas</i>	Aeroplano Tramas Urbanas	2013
70	Andréia Garcia	<i>A viajante do trem</i>	---	2013
71	Toni C.	<i>Sabotage: um bom lugar (Biografia oficial de Mauro Mateus dos Santos)</i>	LiteraRua	2013
72	Elizandra Souza (org.)	<i>Pretextos de Mulheres Negras (Coletânea)</i>	Coletivo Mjiba	2013
73	Sacolinha	<i>Como a água do rio</i>	Aeroplano Tramas Urbanas (Série 3. Vol. 3)	2013
74	Mel Duarte	<i>Fragmentos Dispersos</i>	Na Função - Produções Artísticas	2013
75	Victor Rodrigues	<i>Sinceros insultos</i>	Edições Maloqueirista	2013
76	Walner Danziger	<i>Ainda cometo um samba</i>	Edições Incendiárias	2013
77	Caco Pontes	<i>Sensacionalíssimo</i>	Edições Maloqueirista + Editora Kazuá	2013
78	Fábio Mandingo	<i>Morte e Vida Virgulina</i>	Ciclo Contínuo	2013
79	Toni C. (org.)	<i>Um sonho de Periferia (com jovens da ORPAS)</i>	LiteraRUA	2013
80	Sônia Regina Bischain	<i>Vale dos Atalhos</i>	Sundermann	2013
81	Jessé Andarilho	<i>Fiel</i>	Objetiva (Favela holding)	2014

continua

continuação

81	Jessé Andarilho	<i>Fiel</i>	Objetiva (Favela holding)	2014
82	Vários autores	<i>O que dizem os umbigos?! (Antologia - sarau)</i>	---	2014
83	Débora Garcia	<i>Coroações</i>	---	2014
84	Tubarão Dulixo	<i>Viver entre os porcos sem comer da lavagem</i>	Edicon	2014
85	Gilberto Yoshinaga	<i>Nelson Triunfo: do sertão ao hip hop (Biografia de Nelson Campos Triunfo)</i>	Selo Shuriken Produções (independente)	2014
86	Alessandro Buzo	<i>Favela Toma Conta 2: A literatura e o Hip hop transformaram minha vida</i>	Edicon	2014
87	Marcio Costa	<i>Justa palavra</i>	RG Editores	2014
88	Jennyfer Nascimento	<i>Terra Fértil</i>	Coletivo Mjiba	2014
89	Sem Fronteiras	<i>Perifeminas II</i>	LiteraRUA	2014
90	FantiMamunilde	<i>Vida de Rato e outros contos</i>	---	2014
91	Marah Mends	<i>Amarguras de uma paixão – Parte 1</i>	Biblioteca 24 horas	2014
92	Victor Rodrigues	<i>Aprender Menino</i>	Edições Maloqueirista	2014
93	Márcio Vidal	<i>A vida em três tempos</i>	Ibis Libris	2014
94	Allan Regis	<i>Reminiscências</i>	Clube de Autores	2014
95	Fábio Rogério	<i>Manda um salve</i>	SB	2015
96	Alessandro Buzo	<i>Ruas de Fogo</i>	Edicon + Suburbano Convicto Edições	2015
97	Vários autores	<i>Pode Pá que é Nós que tá – Vol III (Antologia de Poesia e prosa – II Concurso Literário)</i>	UM por TODOS	2015
98	Wesley Barbosa	<i>O diabo na mesa dos fundos</i>	Selo Povo	2015
99	Ferréz (org.)	<i>Palavrarmas (Audiolivro)</i>	Livro Falante	2015

continua

				conclusão
100	Vários autores Paula Anacaona (org.)	<i>Eu sou favela</i> <sup>96</sup>	NOS	2015
101	Alessandro Buzo (org.)	<i>Poetas do Sarau Suburbano – Vol. 3</i>	Edicon	2015
102	Valter Luis (Limonada)	<i>Todo mundo quer ir pro cel. (HQ)</i>	Edicon	2015
103	Dois Ponto Zero	<i>Slam da Guilhermina</i>	Edicon	2015
104	Vários autores	<i>Do Burro (Antologia – vol2) Coletânea de poesias</i>	---	---
105	Alessandro Buzo (org.)	<i>Poetas do Sarau Suburbano – Vol. 2</i>	Edicon	--

QUADRO 6 – AUTORES E OBRAS DA LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA (2)

Percebe-se nesta listagem a predominância de publicações feitas pela Editora Aeroplano, sob o selo *Tramas Urbanas*. A coleção *Tramas Urbanas*, que conta com a curadoria de Heloísa Buarque de Hollanda, é um projeto patrocinado pelo programa *Petrobras Cultural* e tem como objetivo proporcionar instrumentos de reflexão no campo teórico, crítico e histórico sobre os fenômenos sócio-culturais e estéticos presentes nas periferias brasileiras. Segundo a Consultoria da Editora<sup>97</sup>:

O conjunto de livros que a compõem apresenta a reflexão e/ou o testemunho de jovens pensadores, artistas e lideranças procedentes dos ou identificados com os novos movimentos culturais dessas regiões periféricas das grandes metrópoles do país. Muitos deles são intelectuais “orgânicos”, que produzem um conhecimento autônomo e relevante em torno das questões culturais, sociais e políticas emergentes (PETROBRAS, 2016, s/p).

O selo *Literatura de Periferia – Brasil* é um projeto que dá continuidade à Coleção *Tramas Urbanas* e hoje conta com dez livros publicados. Já o *Selo Povo* é uma coleção da editora Literatura Marginal, organizada por Ferréz em parceria com

<sup>96</sup> Inclui textos de Alessandro Buzo, Sacolinha, Rodrigo Ciríaco e Ferréz, entre outros.

<sup>97</sup> Site oficial da Petrobras, setor de Projetos Patrocinados. Disponível em: <<http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/projetos/27/172>> Acesso fev. 2016.

a Ação Educativa. O projeto, fundado em 2008, busca ampliar o mercado editorial dos livros da periferia, assim como oferecer livros de bolso a preços populares.

As composições musicais e cinematográficas (CDs e curtas-metragens, por exemplo) não são foco da pesquisa, mas como a literatura marginal-periférica está interligada aos movimentos e grupos de rap e hip hop, nota-se que várias obras são divulgadas na livraria de Buzo, entre eles<sup>98</sup>: Emicida, Criolo Doido, Facção Central, Rashid, Kamau, Inquérito e Aláfia.

Cabe lembrar que a lista proposta aqui não se esgota, podendo haver mais autores e livros a serem acrescentados, assim como alguns títulos excluídos. A apropriação do conceito de literatura marginal-periférica é fundamental para estabelecer algumas divisões acerca de autores e obras, visto que nem todo autor que trata da periferia é considerado parte do movimento em si. O movimento, conforme as pistas deixadas pelos próprios escritores em seus manifestos e depoimentos, tende a fixar a experiência e vivência na marginalidade como ponto crucial para literatura que se quer marginal-periférica<sup>99</sup>.

A primeira dissertação a abordar diretamente o tema da literatura marginal-periférica, por exemplo, não desconsiderava o valor literário de autores que tematizam a favela como: Rubem Fonseca, Patrícia Melo, Ronaldo Alves, Fernando Bonassi, Marçal Aquino, Fernando Molica<sup>100</sup>, entre outros. Seu interesse é limitado pelos autores que, além de tematizarem, vivenciam a experiência marginal, sendo a escrita realizada sob uma perspectiva privilegiada. Amaral (2003), portanto, analisa três autores, Carolina de Jesus, Paulo Lins e Luiz Paulo Corrêa e Castro, que possuem os seguintes pontos em comum: “[...] os três construíram representações da favela em suas obras; os três tiveram a experiência da favela, vivenciaram sua

<sup>98</sup> Alguns destes artistas aparecerão nos livros didáticos analisados.

<sup>99</sup> Na lista aqui elaborada não há distinção de grupos de escritores. Foram considerados todos os autores sugeridos nos sites pesquisados. Portanto, há necessidade de uma investigação criteriosa futura que possa indicar novas formulações, principalmente elaborando listas específicas de livros conforme o gênero.

<sup>100</sup> A maioria dos trabalhos acadêmicos analisados, não citavam os nomes de Fernando Bonassi (algumas vezes apenas restrito a sua função crítica em relação aos autores da literatura carcerária), Patrícia Melo (a autora é criticada por Ferréz e por alguns grupos da literatura marginal-periférica que não a consideram como escritora representante desta modalidade), Marçal Aquino, Marcelino Freire, Luiz Ruffato. Muitos destes são citados apenas como escritores que retratam a periferia, mas que não fazem parte desta realidade. São vistos como autores de notoriedade (“de massa”), pois circulam em grandes editoras.



realidade, seu cotidiano; por fim, os três estabeleceram um diálogo com a favela, cada qual a sua maneira” (AMARAL, 2003, p. 11-12).

Amaral (2003) destaca Ferréz como autor central da literatura da periferia em seguida de Paulo Lins e Mano Brown, além de atribuir importância à criação de novos espaços de divulgação da leitura, como saraus, eventos e feiras literárias. Amaral (2003) também destaca algumas obras literárias pouco conhecidas: *O Bandido* (Sette Letras, 1997), de Ronaldo Alves (ex-morador da Rocinha) e os poetas Mano Melo (cearense que viveu durante anos no Vidigal, cuja obra inclui poemas memoráveis sobre a favela, como o emblemático *O Vampiro Ciro*), Deley de Acari e Pablo das Oliveiras (cujos poemas são divulgados no livro *Um século de favela*, organizado por Alba Zaluar e Marcos Alvito). Nota-se que dificilmente esses escritores são citados em trabalhos acadêmicos hoje.

Ao adentrar no tema da literatura, Amaral (2003) também ressalta os vestígios sobre a favela na produção literária brasileira, citando principalmente o movimento naturalista e o modernismo em: Aluísio Azevedo (*O cortiço*); Euclides da Cunha (*Os sertões*), que relata como a criação das favelas no Rio de Janeiro se potencializaram após o retorno da guerra de Canudos na Bahia; as crônicas e relatos de Benjamin Costallat, em 1924, que relata suas experiências na favela; citações sobre as favelas em poemas de Oswald de Andrade e Mario de Andrade (*Macunaíma*); as obras de Lima Barreto; e a pintura de Tarsila do Amaral.

Nesta perspectiva, é possível acrescentar as análises críticas de Roberto Schwarz em *Os pobres na literatura brasileira* (1983) – que se reportam aos autores que tematizam o pobre desde Gregório de Mattos a Chico Buarque, de Tomás Antônio Gonzaga a Ferreira Gullar e até Machado de Assis.

Como se pode observar por meio dos trabalhos acadêmicos analisados, as análises literárias de autores e obras ainda são limitadas e restritas. Entretanto, o movimento da literatura marginal-periférica, antes de ser objeto de estudo acadêmico, é um movimento organizado e que se estrutura de forma bastante admirável. O maior exemplo disto é a formação de uma livraria especializada, constituindo um acervo próprio e significativo, além da formação dos circuitos de produção e circulação através dos saraus e demais movimentos sociais.

### 3.4.2 Literatura Carcerária

Uma tendência bastante forte é a expressão Literatura Carcerária como ramificação da literatura marginal-periférica. Dentre os trabalhos analisados, três tratam especificamente desta abordagem, e dois comentam tal segmento já utilizando a nomenclatura “literatura carcerária” ou “literatura de cárcere”.

A dissertação de Luciara Pereira<sup>101</sup> (2009), por exemplo, analisa a obra de Jocenir, *Diário de um detento: o livro* (2001) – livro que se encaixa na denominação do gênero *testimonio* (testemunho). A autora discute sobre a consolidação do gênero testemunho no cenário cultural hispano-americano e delimita um *corpus* mínimo de narrativas desta modalidade no Brasil – citando Carolina Maria de Jesus (*Quarto de despejos* – 1960), Hosmany Ramos (*Pavilhão 9. Paixão e morte no Carandiru* - 2001), Jocenir, William da Silva Lima, Humberto Rodrigues (*Vidas do Carandiru: histórias reais* - 2002), André Du Rap e Bruno Zeni (*Sobrevivente André du Rap do Massacre do Carandiru* – 2002) e Luiz Alberto Mendes (*Memórias de um sobrevivente* – 2001). Nota-se em algumas obras da literatura marginal-periférica, principalmente nas do gênero bibliográfico ou memorialístico, a coautoria ou autoria coletiva (de dois a três escritores). Acredita-se tratar de uma novidade para a teoria e crítica literária.

Segundo Pereira (2009), o gênero testemunho vincula-se ao projeto artístico “marginal” porque este busca representar a realidade dos favelados, dos (ex-) presidiários, de um grupo social que está à margem da sociedade, além de tematizar a violência. A literatura marginal-periférica, para a autora, é problemática neste sentido, ela possui um caráter ficcional mas também estabelece um compromisso com a realidade, com o coletivo por meio das experiências vividas e linguagem própria.

O pesquisador Adauto Locatelli Taufer (2007) analisa em sua dissertação a convergência entre memória, história, ficção e autobiografia na obra de Luiz Alberto Mendes, considerado um dos autores da literatura marginal-periférica. Taufer (2007) sintetiza a vida do autor na criminalidade nas ruas de São Paulo, condenado a 74

---

<sup>101</sup> O trabalho de Pereira (2009) é orientado pelo Dr. Fernando Villarraga Eslava, autor de vários artigos relacionados à literatura marginal, é citado em várias dissertações e teses aqui analisadas.

anos de prisão, e analisa como o contato com a literatura<sup>102</sup> mudou seu destino. “Com talento, emoção e muita sensibilidade” - defende Taufer - “Luiz Alberto Mendes oferece aos leitores o testemunho de sua experiência carcerária; busca a compreensão de si próprio; traça um panorama da falência do sistema carcerário brasileiro; relata seu sofrimento e sua dor vividos no interior da prisão” (TAUFER, 2007, p. 14).

Para Taufer (2007), o autor Luiz Alberto Mendes merece maior atenção dos críticos especializados em literatura, pois sua obra destaca as tensões sociais e do abandono do gênero humano. Taufer (2007) tem como intuito demonstrar os papéis de autobiógrafo e ficcionista assumidos por Mendes, ressaltando sua significância diante da literatura marginal-periférica:

[...] o projeto literário dos escritores periféricos é fazer com que a voz dos grupos excluídos da sociedade retumbe. Os porta-vozes dessa nova vertente da literatura periférica visam à denúncia da violência – sobretudo a policial. Sua literatura aponta para a exposição da desagregação da estrutura familiar, da força do tráfico e do submundo do crime, da organização do sistema carcerário, da falta de perspectiva dos jovens, entre outros objetivos. Além disso, os escritores marginais, ao produzirem seus textos, intentam ressaltar os aspectos positivos da periferia, como a solidariedade; o espírito de coletividade e a união tão caros às comunidades carentes; o singular modo de falar, pleno de gírias características; e, sobretudo, as manifestações culturais que emergem desses lugares. (TAUFER, 2007, p.13-14).

Já o trabalho de Priscila Ferrari (2011) analisa a obra *Memórias de um sobrevivente* (2001) de Luiz Alberto Mendes, tendo como apoio as concepções da chamada literatura marginal e do referencial teórico acerca do gênero *testimonio* de Mabel Moraña e Blanka Vavakova. Concebido como um relato autobiográfico, Ferrari (2011) tem como objetivo analisar as imbricações do discurso real e ficcional no livro de Mendes<sup>103</sup>. A pesquisa faz parte do projeto “O discurso literário e o discurso

<sup>102</sup> Segundo Taufer (2007, p. 34-35) “Luiz Alberto Mendes Jr. teve a oportunidade de ler quatro a cinco obras por semana, com uma média de oito a dez horas de leitura por dia. Leu todas as obras de Dostoiévski, Tolstói, Górkí, John Steinbeck, Cronin, Scott Fitzgerald, e livros de Guy de Maupassant, Françoise Segan, Leon Uris, Walter Scott, James Michener, Harold Robbins, Morris West, Irving Stone, Irwin Shaw, Henry James, Stendhal, Balzac, Victor Hugo, Somerset Maugham, Virgínia Woolf, Arthur Hailey, Sinclair Lewis, Henry Miller, Hemingway, Norman Mailer, Robert Ludlum, entre outros”. O autor ainda leu diversas obras da literatura brasileira: Érico Veríssimo, Jorge Amado, Machado de Assis, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade, etc.”. Assim como vários autores da literatura marginal-periférica, o autor revela estreitas relações com a literatura canônica.

<sup>103</sup> Mendes não se considera um autor da literatura marginal-periférica, apenas utilizou o espaço (no

histórico: perspectivas dialógicas” que visa o estudo de textos contemporâneos que dialogam com a percurso histórico. Para Ferrari (2011, p.10):

[...] na narrativa carcerária, a autobiografia se evidencia, pois assinala a possibilidade de um sujeito marginal ocupar um lugar de destaque no panorama literário, plenamente aceito no mercado editorial. Tal fato é resultado de transformações que ocorreram na transição da modernidade para a pós-modernidade, uma vez que certos escritores podem contar o seu lado da história, de maneira autônoma, e entrar para o mundo da literatura, o qual por muito tempo foi ocupado pela elite.

Ferrari (2011, p.13) afirma que a chamada Literatura Carcerária “[...] se trata de uma vertente da literatura marginal – justamente porque o narrador das memórias de Mendes é um sujeito subalterno que está inserido em um espaço à margem da sociedade, a prisão”. Acerca disso, a pesquisadora relembra vários autores clássicos que também vivenciaram e transmitiram em suas obras a questão do cárcere, entre eles: Cervantes, Dostoiévski e Oscar Wilde.

O conceito de literatura, conforme a perspectiva bakhtiniana adotada pela autora, é histórico. Por isso sua definição e suas inter-relações são determinadas e variam ao longo do tempo, ou seja, para compreender a literatura é preciso considerar o contexto global e a cultura de uma determinada época (FERRARI, 2011). Assim, a autora destaca o conto de Luiz A. Mendes que aparece no livro *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica* (Editora Agir, 2005), intitulado *Cela-forte*, que havia ganhado um prêmio na categoria conto de um concurso organizado no Complexo Penitenciário do Carandiru, organizado com auxílio de Drauzio Varella, Arnaldo Antunes e do funcionário Waldemar Gonçalves, com patrocínio da Universidade Paulista (Unip) em 1999. A pesquisadora sugere um contexto apropriado para o desenvolvimento de uma literatura carcerária, somados a um circuito de produção e crítica mais elaborados. Fernando Bonassi<sup>104</sup>, por exemplo, reconhece criticamente o trabalho de Mendes. Atualmente ele é visto como uma autoridade letrada, que reforça a validade do discurso “marginal ou periférico” perante leitores habituados com a produção literária considerada hegemônica (FERRARI, 2011).

caso da publicação da Revista *Caros Amigos*), como meio de divulgação do seu trabalho.

<sup>104</sup>Bonassi conheceu Mendes em 1999 num projeto de Oficinas Literárias na Casa de Detenção (FERRARI, 2011).

Desse modo, nota-se que a crítica da literatura carcerária parece estar se definindo enquanto um campo de estudo específico, que une as modalidades ficcionais e histórico documentais, tendência observada em vários países, sobretudo na América Latina, sob influência dos Estudos Culturais. O desenvolvimento da crítica sobre o gênero memorialístico<sup>105</sup> está registrada nos ensaios teóricos de Philippe Lejeune<sup>106</sup>, que, segundo Bungart Neto (2012), foi o primeiro a demonstrar o valor artístico desta modalidade aos escritores, leitores e críticos literários. Em seus escritos, Lejeune (2008) desafiou os “guardiões da alta cultura”, lutando pelo reconhecimento nos meios acadêmicos e literários (BUNGART NETO, 2012).

### 3.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TRABALHOS ACADÊMICOS ANALISADOS

Buscou-se, na construção deste panorama sobre a literatura marginal-periférica, destacar os principais elementos presentes na maioria dos trabalhos acadêmicos analisados, traçando assim direcionamentos possíveis para formulação de uma história e crítica literária sobre a modalidade<sup>107</sup>.

Por outro lado, nota-se que alguns trabalhos tiveram uma aplicação específica em disciplinas não literárias, como por exemplo a dissertação de Tamagnone (2010), que buscou refletir sobre o direito e a literatura, verificando o problema ético estabelecido a partir da constituição da igualdade de todos diante da lei e da realidade marcada pela desigualdade, e discriminação. Como propõe os Estudos Culturais, linha adotada pelo pesquisador, as obras de Ferréz se constituíram como documentos de apropriação de uma realidade social e não necessariamente estética e ficcional.

---

<sup>105</sup>Gênero que abarca a literatura confessional (autobiografia, memórias, diário, autoficção) (BUNGART NETO, 2012).

<sup>106</sup>LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Minas Gerais: Editora UFMG, 2008.

<sup>107</sup> Importa ressaltar que, como os trabalhos abordam a linha teórica culturalista, grande parte dos direcionamentos aqui dados limitam-se às questões externas ao texto, oferecendo poucos indicativos estéticos-literários. Esta questão comprova a necessidade de mais estudos específicos de análise textual.

Já a dissertação de Campos (2013) aprofunda os estudos teóricos analisando a formação literária com base nas obras *Casa-Grande e Senzala* (1933) de Gilberto Freyre, *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) de Caio Prado Junior e *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda. Para Campos (2013), a literatura marginal é uma subformação da literatura brasileira e aparece como negação do sistema literário, buscando enfrentar dois fatores: a malandragem e a escravidão, considerados como processos formativos da literatura nacional. Segundo o autor, a literatura marginal é uma arte que exerce papel político e que tem a miséria como elemento constituinte da estrutura social, sendo a violência a mediadora entre a realidade vivida e representada. O objetivo de Campos (2013, p.12) é verificar como se formou a “[...] relação entre a experiência social e a sua dimensão simbólica de acordo com o estilo de cada autor para dar conta da matéria histórica de que partiram para desenvolver suas obras”. Desse modo, o foco da pesquisa é mais histórico e político, centrado nos aspectos da violência, tendência bem presente na crítica acadêmica hoje.

Apesar de se buscar certos conhecimentos partilhados e frequentes, a pluralidade nas concepções adotadas nos trabalhos acadêmicos só tem a enriquecer os estudos acerca dessa manifestação tão característica e complexa.

Destaca-se, a seguir, um trabalho que propõe uma análise conceitual do movimento da literatura marginal-periférica e outros três que estabelecem práticas de leitura de autores marginais nas escolas.

### 3.5.1 Proposta conceitual: Literatura Hip Hop X Literatura Periférica

Para o campo da teoria e crítica literária, a proposta elaborada por Antonio Eleilson Leite em sua dissertação *Mesmo céu, mesmo CEP: produção literária na periferia de São Paulo* (2014) merece destaque uma vez que estabelece certos princípios norteadores para leitura e compreensão dos textos literários representantes da literatura marginal-periférica.

Leite (2014) realizou um estudo crítico de 39 obras da literatura marginal-periférica de diferentes gêneros, publicadas entre 1988 a 2012 em São Paulo, e as agrupou em duas vertentes denominadas: Literatura Hip Hop e Literatura Periférica. Segundo o autor, a categorização se dá por motivos predominantemente estéticos:

A definição desses grupos se dá pela observação de tendências estéticas predominantes, identificadas no contexto literário da periferia de São Paulo, evidenciadas por alguns pontos de relativa convergência, entre os quais os manifestos: Manifesto da Literatura Marginal, de Ferréz, (associado à Literatura Hip Hop) e o Manifesto da Antropofagia Periférica, de Sergio Vaz (relacionado à Literatura Periférica). (LEITE, 2014, p.14).

A Literatura Hip Hop, segundo Leite (2014), seria aquela que recebeu influência direta do movimento cultural do hip hop<sup>108</sup>, principalmente do RAP, e que teve seu auge nos anos 2000 a 2005. Como característica principal, o segmento estabelece um tom de denúncia e crítica em relação ao contexto social, muitas vezes associando o mal ao “sistema”, ou seja, a engrenagem das relações sociais, políticas, econômicas, culturais, entre outras. Para o autor, a Literatura Hip Hop apregoa mais uma reação do que um engajamento, tratando esteticamente as mesmas temáticas e tensões presentes no hip hop.

A partir de 2005, o segmento da Literatura Periférica ganha mais visibilidade e adeptos. O movimento corresponde às obras de autores que receberam influência direta dos saraus literários, como da *Cooperifa* e do Binho, e dos fomentos públicos nas instâncias de produção e circulação graças aos editais e programas de incentivo à cultura.

São autores que prezam pela performance oral, além da forma escrita. Não por acaso, todos os livros relacionados neste segmento são de poesia, inclusive de rappers. Aparecem aqui elementos de coletividade, festividades, culto às ancestralidades (negras, principalmente), orgulho de ser da periferia, muitos poemas de amor e sexo, superando o denunciismo e o ceticismo sombrio que caracteriza a Literatura Hip Hop. (LEITE, 2014, p. 15).

<sup>108</sup>O autor destaca a influência americana dos gêneros musicais do hip hop e do RAP nas periferias brasileiras a partir de 1980. Para Leite (2014, p.25), “[...] o RAP se espalhou pelas periferias estimulando a criação poética entre os jovens, tornando-se, a meu ver, o fator mais importante de ressignificação positiva da periferia, base sobre a qual podemos hoje falar de cultura de periferia e por extensão, de uma literatura da periferia”.

Na chamada Literatura Periférica, Leite (2014) subdivide os autores em dois espaços relacionados aos movimentos dos saraus: a) *Cooperifa*: sendo Sérgio Vaz (pioneiro da literatura periférica, com a fase pré e pós-cooperifa), e b) *Sarau do Binho* com três gerações: 1) Marcio Batista, Binho, Serginho Poeta, Evandro Lobão; 2) Allan da Rosa, Dinha, Fuzzil, Casulo; 3) Elizandra Souza, Akins Kinte, Marcio Vidal Marinho, Daniel Fagundes e André Luiz Pereira, Zinho Trindade, Luan Luando.

O agrupamento descrito por Leite (2014) pode ser didaticamente visualizado conforme os segmentos, gêneros e autores representativos, como se expõe abaixo (QUADRO 7):

LITERATURA HIP HOP	LITERATURA PERIFÉRICA
Gênero predominante: prosa	Gênero predominante: poesia
<b>Autores representantes:</b> Ferréz Alessandro Buzo Sacolinha Preto Ghóez (rapper) Dugueto Shabazz (rapper) Toni C (rapper)	<b>Autores representantes:</b> <b>a) Sarau da Cooperifa</b> - Sérgio Vaz  <b>b) Sarau do Binho (gerações)</b> 1) Marcio Batista, Binho, Serginho Poeta, Evandro Lobão 2) Allan da Rosa, Dinha, Fuzzil, Casulo 3) Elizandra Souza, Akins Kinte, Marcio Vidal Marinho, Daniel Fagundes e André Luiz Pereira, Zinho Trindade, Luan Luando.
Obras analisadas: TOTAL 19	Obras analisadas: TOTAL 20

QUADRO 7 – AUTORES DA LITERATURA HIP HOP E DA LITERATURA PERIFÉRICA

Leite (2014) busca apresentar as obras selecionadas identificando as principais correntes e seus autores, conforme as seguintes proposições estéticas e materiais: a) a temática (violência, amor, sexo, pobreza, política, lutas sociais, etc.); b) o gênero<sup>109</sup>; c) a experimentação estética (sintaxe, intertextos, paratextos) e; d) o padrão editorial, ou seja, o formato da obra como sendo artesanal, industrial ou

<sup>109</sup>O autor considera as divisões de gênero conforme a tradição clássica: épico, lírico e dramático; suas formas: verso ou prosa, e as divisões de gênero conforme a variação moderna: romance, conto e crônica.



convencional.

Optou-se por apresentar nesta tese as conclusões dos estudos dissertativos de Leite (2014) sistematizadas e dispostas em um quadro comparativo a fim de dinamizar a leitura e os principais aspectos diferenciadores dos segmentos propostos (QUADRO 8):

	LITERATURA HIP HOP	LITERATURA PERIFÉRICA
<b>SOCIAL</b> visão do povo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visão demasiadamente negativa em relação à coletividade</li> <li>- Desqualificação do povo (povo manipulado e fútil)</li> <li>- Reprovação dos aspectos da vida da população periférica (como: consumo de bebidas alcoólicas, futebol, festas e a malandragem)</li> <li>- Crítica: povo que só quer saber de novela e futebol/ “Zé povinho – povo que tem inveja do sucesso do outro”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estabelece uma relação afetiva e de pertencimento ao povo morador da periferia</li> <li>- Qualificação do povo: lindo! Inteligente!</li> <li>- Valorização de aspectos da vida da população periférica.</li> <li>- Povo como protagonista de seu destino</li> </ul>
<b>MULHER</b> visão do feminino/ amor/ sexo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mulheres tratadas com desprezo e misoginia (exceto as mães)</li> <li>- Tratamento desprezível: a mulher é considerada vulgar, traidora, fofqueira</li> <li>- Sua presença se restringe quase que exclusivamente para fazer sexo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mulheres são cultuadas por seus encantos de beleza, força e companheirismo (exaltação à figura feminina)</li> <li>- O amor e o sexo recebem uma abordagem mais delicada.</li> <li>- Há poemas com “eu lírico” feminino</li> </ul>
<b>SUPERAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As pessoas carecem de evolução e não de emancipação</li> <li>- Evolução é dada pela leitura e estudo. A Educação é redentora da massa iletrada (visão moralista)</li> <li>- Os autores se consideram exemplos de superação individual (graças à leitura) e assim podem estimular a massa a sair da inércia da submissão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Há um envolvimento com o povo colocando-se no mesmo patamar, com os defeitos e virtudes que lhe são próprios</li> <li>- A transformação passa, necessariamente, por essa relação</li> <li>- Mais reflexivo e menos moralista</li> </ul>
<b>VIOLÊNCIA</b> (expectativa de futuro)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acentua o aspecto sombrio da periferia permeado por violência, tráfico de drogas e traições</li> <li>- Demonstra indignação com o sofrimento do povo/ visão crítica da desigualdade social</li> <li>- Descrença na capacidade de superação coletiva deste povo, dada a sua falta de consciência e conhecimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Violência aparece mais atenuada por uma abordagem sutil e reflexiva, menos explícita.</li> <li>- Conformista: na Literatura Periférica o céu está sempre cheio de pipas no ar, tem churrasquinho na laje, crianças na rua, lembranças da infância feliz, apesar de pobre.</li> </ul>

QUADRO 8 – QUADRO CONCEITUAL COMPARATIVO

Acredita-se, com base nas leituras realizadas nesta pesquisa, que a proposta de Leite (2014) aponta para um caminho consistente e promissor que pode ser futuramente evidenciado enquanto modelo de análise literária contemporânea nas escolas de Ensino Médio. Segundo o autor (2014, p.36), a denominação Literatura Marginal é:

[...] algo que se mostrou inconsistente, além de apressado, em se tratando de um movimento ainda em estágio embrionário. Esse grupo de escritores, poetas e rappers se autodenominavam marginais menos por uma filiação a uma linhagem de escritores identificados por esta alcunha e mais por um dado objetivo que é um reconhecimento de sua condição marginalizada na sociedade.

O trabalho dissertativo de Leite (2014) é bastante recente (e talvez ainda de pouco acesso aos meios acadêmicos), mas aponta significativas mudanças e novas formas de conceber o próprio movimento da literatura marginal-periférica em razão de suas qualidades, não apenas culturais, mas também estéticas.

### 3.5.2 A literatura marginal-periférica na Escola

Dentre os trabalhos acadêmicos analisados, apenas três abordam a literatura diretamente relacionada ao contexto escolarizado.

A dissertação da pesquisadora Mei Hua Soares (2008) foi o primeiro trabalho no plano educacional a analisar a literatura marginal-periférica na escola. O objetivo do trabalho foi investigar as potencialidades da leitura literária de textos marginais-periféricos em séries do Ensino Fundamental II e Ensino Médio em uma escola pública da periferia de São Paulo.

A autora utilizou como referencial as teorias da recepção de Hans Robert Jauss e Vicent Jouve combinadas às teorias teatrais de Constantin Stanislavski e Bertolt Brecht, buscando caracterizar os processos de identificação e distanciamento do leitor com a obra. A discussão foi complementada com as teorias de campo de Pierre Bourdieu e polissistema de Even-Zohar para tratar as relações da literatura

marginal-periférica com o mercado editorial, a crítica literária, a mídia e a indústria cultural. Foram selecionados para leitura fragmentos (poesias ou capítulos) das seguintes obras literárias: *Capão Pecado* de Ferréz, *Graduado em marginalidade* de Sacolinha, *Vão* de Allan da Rosa e *Te pego lá fora* de Rodrigo Ciríaco.

A pesquisa parte de uma constatação do desinteresse de alunos pela leitura literária em sala de aula e o “descompasso” entre o conteúdo curricular e a vida dos alunos. Soares (2008) questiona qual seria o papel da escola na formação do indivíduo. Para ela, o ensino público preocupa-se tão somente com a formação para o mercado de trabalho, não havendo, por isso, espaço para questionamento e “[...] muito menos para uma possível fruição literária” (SOARES, 2008, p.51). Em especial, a disciplina de Língua Portuguesa prioriza o ensino do linguístico, ultimamente evidenciado nos aspectos comunicativos, sociointerativos, discursivos e cognitivos.

Soares (2008) critica a leitura literária realizada em sala de aula, destacando a necessidade de reposicionamento das metodologias de ensino: “[...] a leitura literária de textos mais 'canônicos' encontra resistência dos alunos decerto também porque representa uma cultura institucionalizada e escolarizada, na qual eles não encontram ressonância, pela qual não se sentem 'lidos' ” (SOARES, 2008, p.34). Para a autora, a escrita precisa envolver outros anseios, não apenas motivos escolares, mas desejos mais próximos, familiares e íntimos.

Então, Soares (2008) percebeu, a partir de algumas experiências de leitura em sala de aula, que a literatura marginal-periférica traz uma linguagem que se aproxima da realidade do leitor aluno, despertando o interesse e tornando-se via de expressão e vazão de sentimentos. A literatura marginal-periférica é praticamente vista como um elemento de superação do universo escolar, podendo ajudá-lo a ser menos excludente. Seu estudo pode então contribuir para a “[...] efetiva incorporação da heterogeneidade cultural” (SOARES, 2008, p. 50).

Para verificar a relevância da literatura marginal-periférica na escola, Soares (2008) busca observar as instruções dadas pela legislação (federal e estadual), observando paralelamente como se estabelece o que deve ser lido e ensinado na escola e como estas obras são legitimadas no ambiente escolar. Visto que as

diretrizes incentivam o contato com o maior número de gêneros textuais em sala de aula, Soares (2008) observa que a maioria dos professores ainda mesclam apenas textos canônicos com alguns gêneros musicais, e conclui que a literatura marginal-periférica poderia ser uma boa opção no sentido de proporcionar vivências literárias e multiculturais. Para ela, “[...] a literatura marginal-periférica apresenta um papel relevante – independente do valor literário – no ensino de literatura e na produção textual escolar que é o da *apropriação da escrita por parte dos grupos historicamente excluídos da cultura erudita*” (SOARES, 2008, p.45).

A pesquisa empírica ocorreu com alunos de uma escola de rede pública estadual de ensino, sendo a maioria pertencente às classes menos favorecidas, moradores das regiões periféricas da zona norte de São Paulo. Cerca de 150 alunos do Ensino Médio responderam um questionário informal com a finalidade de traçar um perfil do público. Soares (2008) então destaca algumas características da cultura escolar do jovem periférico, como a preferência pelo uso do computador (*games*, conversas on-line, blogs, orkut), da televisão e apreciação de músicas como funk, axé, rock, pagode, rap e pop. Não há entre os jovens o hábito da leitura e muitos já ingressaram no mercado de trabalho (formal e informal). Através das observações *in loco*, a pesquisadora afirma que apesar do orgulho de viver nas “quebradas”, no “submundo”, os alunos não querem ser vistos como excluídos ou dignos de dó. A maioria deles utilizam, inclusive em sala de aula, aparelhos tecnológicos (como MP3 e 4, celulares) como sinal de *status* e de pertencimento ao grupo. Percebe-se também um “código de vestuário” (boné, jaquetas com touca, calça justa e blusinhas coladas, maquiagem, tênis de marca, etc.) e a existência de “famílias” ou seja, grupos organizados sob o signo da pichação, que estabelecem suas próprias leis a serem obedecidas pelos integrantes. O grupo assegura proteção e reconhecimento coletivo, prática influenciada pela visão norte-americana. Soares (2008) notou o excesso de violência física, moral e preconceitos de raça, cor, gênero, nível socioeconômico, comportamento e região. A expressão corporal é acentuada, assim como o uso de gírias, expressões de conotação sexual e palavrões.

Visto que o perfil dos alunos se aproximava ao estilo temático da literatura marginal-periférica, a pesquisadora buscou selecionar fragmentos de textos e

observar as reações em sala de aula. Houve um grande interesse dos alunos pela leitura, principalmente dos alunos mais próximos das realidades descritas nos textos. Soares (2008) relata, de forma mais ou menos sistematizada, as experiências que teve em sala de aula (Experiência I), em uma companhia de teatro (Experiência II) e como observadora de um projeto na zona leste de São Paulo, ministrada pelo professor e escritor Rodrigo Ciríaco (Experiência III). Como a pesquisadora não conhecia nenhum projeto precedente relacionado às práticas de leitura com a literatura marginal-periférica, suas ações foram intuitivas e de testagem a cada ano e turma, aperfeiçoando depois seu referencial teórico durante o curso de Mestrado e um curso realizado chamado *Oficina do Ator Antropofágico*, do diretor da Cia. Antropofágica Abaporu, Thiago Reis Vasconcelos. A oficina auxiliou nas reflexões sobre a legitimação da literatura, das artes, da hierarquização, ideologia, questões sobre oralidade e as relações entre centro-periferia, violência urbana/policial/marginal, além de oferecer um repertório teórico com base em Stanislavski e Brecht – que aplicou posteriormente em sua prática literária em sala de aula.

Na experiência em sala de aula<sup>110</sup> com a leitura de textos diversos (convencionais e da literatura marginal-periférica), Soares (2008) observou que quanto mais próximas as leituras ficavam do cotidiano dos alunos, maior era o interesse. Assim, ela passou a buscar textos que abordssem temas do horizonte de expectativas dos alunos (segundo a concepção de Jauss).

Apesar do sucesso e do interesse dos alunos pela leitura de textos marginais-periféricos, Soares (2008) percebeu que ainda havia dificuldade nas leituras de textos canônicos e poéticos, assim como a percepção de efeitos de linguagem como a ironia. Ela então se questionou se a literatura marginal-periférica seria a melhor opção de leitura, uma vez que parecia não exigir nada do leitor, a não ser uma identificação notável e passiva. Soares (2008) concluiu que o interesse dos alunos considerados não-leitores por textos marginais-periféricos era evidente, mas

---

<sup>110</sup> Soares (2008) relata as reações observadas com a leitura de cada texto em sala de aula. As experiências tiveram início nas turmas do Ensino Fundamental II. As observações depois foram sistematizadas nas turmas do Ensino Médio, e em especial numa turma de 2ºano do período noturno. Segundo a autora, muitos alunos buscaram emprestar as obras indicadas em sala de aula, realizando uma leitura na íntegra. Algumas atividades curriculares e extraclasse também foram realizadas, como uma peça de teatro e algumas palestras sobre o tema da literatura marginal-periférica.

que “[...] a formação de um sujeito leitor *na escola* não é feita somente de leituras 'de gosto', o que não significa que essa ou aquela literatura não sirva, mas que o leitor-aluno para se tornar um leitor pleno, autônomo, precisa da mediação do leitor especialista, no caso, o professor” (SOARES, 2008, p. 75). E acrescenta:

[...] a literatura marginal-periférica, ainda que possa consistir em uma importante ferramenta de ensino – na medida em que desperta a atenção e o gosto pela leitura, principalmente nos alunos e alunas que costumam rechaçar as leituras tradicionais – apresenta limitações no âmbito escolar se não mediada (SOARES, 2008, p. 78).

Neste entremeio, Soares (2008) realizou leituras de obras da literatura marginal-periférica e, dentre elas, lhe chamou a atenção o texto de Rodrigo Ciríaco, *Te pego lá fora*, por se reportar ao contexto escolar. A pesquisadora, então, descobriu que o autor era formado em História pela USP e lecionava numa escola da zona leste de São Paulo, coordenando um projeto pedagógico de um jornal feito pelos estudantes, além de saraus e encontros literários mensais. Segundo as informações de Ciríaco em seu blog:

[...] em dois anos de projeto, mais de 100 saraus foram feitos em sala de aula; mais de 30 encontros literários – fora do horário de aula – foram realizados, nove poetas e escritores compareceram na escola (Sérgio Vaz (2X), Marcelino Freire, Sacolinha, Allan da Rosa, Dinha, Alessandro Buzo, Carlos Galdino, Akins Kinte e Elizandra Souza), mais de 80 livros destes autores – entre outros – foram distribuídos GRATUITAMENTE aos alunos integrantes do projeto, além do compartilhar de risos, lembranças, choros, saudades e muita, muita leitura. (CIRÍACO, 2015, s/p).

Soares (2008) participou de um evento patrocinado pela Ação Educativa, onde o próprio Ciríaco comentou e exemplificou suas atividades de leitura poética e saraus (segundo ele, conforme o modelo de Sarau da *Cooperifa*). Visitou também a escola a qual leciona Ciríaco e participou de um encontro literário com o poeta Sérgio Vaz e alunos das 6<sup>a</sup>., 7<sup>a</sup>. e 8<sup>a</sup>. séries (atividade extraclasse).

Soares (2008) confirma a relevância dos estudos da literatura marginal-periférica na escola, mas ressalta algumas conclusivas: primeiro que o “[...] o valor maior das obras marginais-periféricas estaria relacionado à representatividade social e à apropriação da escrita por grupos historicamente desfavorecidos, o que

ocasionaria identificação por parte do leitor, aluno de escolas de periferia” (SOARES 2008, p.11). Segundo, a literatura marginal-periférica pode desempenhar uma função social importante, mas que também pode ocasionar disfunções como: um tipo de leitura colada, passiva, de um cotidiano já dado e a redução da leitura a um único gênero de fácil entendimento (linguagem e temática acessíveis); a fetichização do texto literário por conta da violência constante. Terceiro, a literatura marginal-periférica é “[...] uma dentre as muitas possibilidades de trabalho com a leitura no âmbito educacional, mas que só ela não daria conta das necessidades de aprendizagem do jovem [...]” (SOARES, 2008, p.145).

Mei Hua Soares (2008, p. 128) aponta como solução: “[...] fazer com que a leitura de obras marginais-periféricas convivesse com outras leituras (legitimadas ou não), e vice-versa, numa relação dialógica, não excludente, mediada pelo professor”. Ela defende a tese de que o papel da literatura marginal-periférica na escola não deva ser apenas um meio de propiciar um prazer estético, mas uma possibilidade de reflexão coletiva e colaborativa. Para isto, seria fundamental a identificação e o distanciamento do leitor da obra lida. Ou seja, o processo de identificação, demonstrado pela empatia dos alunos em relação a leitura, seria o contato direto com o texto numa atitude contemplativa. Em seguida, o processo de distanciamento seria mediado com outros textos (literários, poéticos, críticos, de entrevista ou outros) que dialoguem criticamente com a leitura feita anteriormente, a fim de desenvolver a opinião e a reflexão.

Esse diálogo entre obras distintas, canônicas ou não-canônicas, que fomentem a vivência literária do aluno leitor, parece consistir em um dos cerne para se atingir o desdobramento ou a duplicidade do leitor: o leitor identificado e, ao mesmo tempo, o distanciado. E para que esse fenômeno seja estabelecido na leitura escolar, o professor, enquanto mediador, precisa estar preparado para lidar com questões que, muitas vezes, o tiram de uma comodidade com relação ao que considera pertinente ou não enquanto leitura. Abrir mão daquilo que define como legítimo literariamente, ou seja, de seu lugar de detentor (ou legitimador) das leituras que 'merecem ser lidas' em sala de aula é fundamental para que um processo dialógico ocorra.” (SOARES, 2008, p.141).

Deste modo, para a autora, seriam necessários outros instrumentos de avaliação para julgar obras que não pertencem ao conjunto literário canônico, pois, no caso da literatura marginal-periférica, a falta de uma crítica e de estudos sobre

sua posição sócio-cultural são fatores que podem colocar em dúvida o valor literário das obras, dificultando a distinção entre uma literatura massificada<sup>111</sup> e de consumo em relação a uma literatura que promova a real transformação no pensar do sujeito leitor.

O segundo trabalho na área da educação é de Maria Isabel Teixeira de Gavino Dias (2009) em *Literatura Marginal, uma proposta de leitura para formação de futuros leitores: a literatura pode fazer parte da vida dos alunos, pois a vida deles também faz parte da literatura*, sob orientação da professora Doutora Marisa Philbert Lajolo. O estudo tem como objetivo incentivar a leitura a partir de textos que possam possibilitar a identificação do leitor, tanto no nível linguístico quanto das vivências cotidianas, mostrando que um estudo sistematizado da literatura marginal-periférica pode contribuir na formação de leitores. A pesquisa busca retratar as experiências em sala de aula a partir da leitura do poema *Eu queria ter e ser* e das obras *Capão Pecado* e *Amanhecer Esmeralda* (literatura infantojuvenil) do autor Ferréz.

A pesquisa parte da concepção de que a leitura pode “[...] conscientizar os alunos sobre temas ligados a seus interesses, como sexualidade, racismo, tolerância, não só aprofundando sua visão de mundo como também aumentando sua formação cultural” (DIAS, 2009, p. 10). Por isso a necessidade de discutir parâmetros para a leitura literária a fim de motivar e aumentar o interesse dos alunos pelos textos na escola analisada. Utilizou-se como referencial teórico as formulações propostas por Roger Chartier<sup>112</sup>, Paulo Freire e Teresa Colomer, além da leitura dos documentos do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) e outros ligados ao Governo do Estado de São Paulo.

A pesquisa empírica envolveu 96 alunos da 7<sup>a.</sup> e 8<sup>a.</sup> séries, dos períodos matutino, vespertino e noturno, de uma escola pública estadual na cidade litorânea de Santos, em São Paulo, que atende moradores pertencentes à classe

<sup>111</sup>Soares (2008) aborda com mais detalhes as questões relacionadas à literatura de massa e à indústria cultural e coloca a necessidade de uma crítica especializada a fim de ressaltar os valores estéticos e sociais da literatura marginal-periférica para que esta não seja explorada pelos meios de comunicação e de massa sobretudo quando relacionada à violência, e receba aval dos circuitos da educação. Diferentemente da autora, a tese aqui apresentada demonstra que há sim uma crítica literária (ou acadêmica) que aborda as questões socioculturais do movimento da literatura marginal-periférica. O que carece é uma crítica literária que estabeleça valores estéticos, que aponte elementos significativos e internos aos textos, tal como a crítica tradicional se propõe a formular.

<sup>112</sup>Um dos textos utilizados de Roger Chartier é mediado pelo debate com Pierre Bourdieu, intitulado *A leitura: uma prática social* presente no livro *Práticas da Leitura* (2001).



média/baixa. O projeto ocorreu durante as aulas de Língua Portuguesa, onde se desenvolveu a leitura (individual e coletiva), discussões em grupo e produções (orais e escritas) relacionadas às experiências vividas.

A leitura de Ferréz e as atividades propostas a partir dela pretendem fazer os alunos entenderem, compreenderem e aprenderem que eles fazem parte da sociedade e não são apenas moradores de uma periferia perigosa. Conscientizando assim, que eles, os alunos, são cidadãos com direitos e deveres para uma melhor condição de vida dentro da sociedade. (DIAS, 2009, p. 14).

Dias (2009) desenvolve a ideia de Chartier (2001) de que cada leitor dá sentido ao texto de forma singular ou partilhada com base em suas próprias referências sociais e históricas, ou seja, as experiências e vivências particulares são reconhecidas em certas leituras, aumentando o grau de identificação e apropriação do texto. Chartier (2001) coloca que a aprendizagem escolar propicia uma aprendizagem da decifração e do saber ler em nível elementar e que somente a aprendizagem da leitura pode capacitar uma leitura hábil que se apropria de diferentes textos. O intuito do projeto é trabalhar exatamente sobre a concepção da leitura hábil.

A pesquisadora ainda mostra, a partir dos estudos de Chartier (2001), que a relação entre leitura e leitores está associada a própria história do livro – uma presença desigual no interior dos grupos sociais, tanto na questão do acesso quanto à destinação. Assim, a camada popular não contava com uma literatura específica. Estabelecendo uma relação com o contexto atual, Dias (2009) trata dos esforços e da preocupação do governo brasileiro em proporcionar o acesso ao livro, assim como atividades, projetos, programas e eventos que possam mobilizar nas áreas de leitura, literatura e formação de bibliotecas, principalmente nos lugares que ainda há restrições socioeconômicas e culturais por meio do PNLL.

O PNLL, em voga desde 2006, também expressa a visão de que o direito à leitura somado aos outros direitos fundamentais é um caminho seguro para plena cidadania. O PNLL divide-se em quatro eixos de ação: a) Democratização do Acesso à leitura; b) Fomento à Leitura e a Formação de Mediadores; c) Valorização do Livro e da Leitura e d) Desenvolvimento da Economia do Livro (DIAS, 2009).

Por outro lado, Dias (2009) critica a situação precária das escolas e a falta de interesse nas aulas de literatura, tanto por parte dos alunos quanto dos professores, geralmente submetidos a um currículo enfadonho e descompassado com a realidade. Muitas vezes, a razão para leitura de um livro é o vestibular ou uma produção textual, que sequer é comentada ou discutida posteriormente pelo professor. Com base em Colomer (2008) <sup>113</sup>, Dias (2009) ressalta que a leitura envolve um jogo de interpretações e que as ideias deveriam ser trocadas em sala de aula, conforme a mediação do professor.

Em seguida, Dias (2009) relata suas experiências com a leitura em sala de aula e como diagnosticou a necessidade dos alunos tratarem assuntos do seu cotidiano, ou seja, relacionados à violência, sexo e tráfico de drogas. A pesquisadora buscou recursos na literatura marginal-periférica<sup>114</sup>, acreditando que tanto o tema quanto à linguagem seria um atrativo para os estudantes. Dias (2009) destaca que a mediação do professor é fundamental para o sucesso da leitura no contexto escolar e que isto inclui certas atitudes como: a) conhecimento do *corpus* (obra e autor); b) versatilidade (saber contar a história e observar a intertextualidade); c) dinamizar a leitura (aproveitando as inferências dos alunos); d) estar disponível para atender os alunos mesmo fora do horário de aula; e) ter autoridade e postura a fim de evitar situações vulgares ou agressivas.

Ao justificar sua escolha pelos textos de Ferréz, a pesquisadora relata que conheceu o escritor através de um livro didático adotado pela escola, *Novo Diálogo: Língua Portuguesa* de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho, Editora FTD – 2006 (coleção Diálogo: língua portuguesa 8ª. e 9ª. anos)<sup>115</sup>. Além deste respaldo pedagógico, Dias (2009) observou que o autor tinha um grande reconhecimento no

---

<sup>113</sup> COLOMER, Teresa. Andar entre livros: A leitura literária na escola. IN: **Nos caminhos da literatura**. [realização]. Instituto C&A; [apoio] Fundação Nacional do Livro Infante e Juvenil. São Paulo: Petrópolis, 2008.

<sup>114</sup> Para definir a literatura marginal-periférica, Dias (2009) conta com os estudos de Érica Peçanha do Nascimento (artigos e entrevistas) levantando o contexto da literatura marginal na década de 1970 e dos objetivos da nova geração a partir de 1990. O conceito de literatura está associado à atuação social e cultural que os escritores exercem em suas comunidades.

<sup>115</sup> Interessante observar no contexto desta tese que há outros livros didáticos que trazem textos ou indicativos sobre a literatura marginal-periférica, comprovando a inserção efetiva desta literatura no contexto escolar (seja ou não pelo aval da crítica ou da academia). Dias (2009) expõe na sua dissertação, nas páginas 51 a 54 as imagens do livro didático digitalizadas: o poema ocupa três páginas do livro e é acrescido de uma biografia de autor Ferréz (texto e foto). A pesquisadora observa que o livro didático suprimiu alguns versos e o final foi modificado.

sistema literário, no Brasil e no exterior, várias obras publicadas em diferentes gêneros e público leitor, assim como listas de premiações e atividades literárias e culturais. Deste modo, realizou a leitura de suas obras e selecionou alguns textos.

Dias (2009) relata que as leituras do conto infantil *Amanhecer Esmeralda* e do poema *Queria ter e ser* foram bem aceitas, resultando em um trabalho significativo. Ao contrário, os estudos da obra *Capão Pecado* não obtiveram sucesso, não devido ao texto em si, mas à evasão e à rotatividade dos alunos na escola. As atividades de leitura do romance mereciam mais tempo e constância, o que não foi possível nas séries em que o projeto foi aplicado.

A dissertação então expõe uma análise comparativa entre a Linguagem Adulta, presente no romance *Capão Pecado* e a Linguagem Infantil, em *Amanhecer Esmeralda*. A linguagem de Ferréz utilizada para o público adulto, conclui Dias (2009, p. 39):

[...] parece particular de um grupo social, morador de uma periferia urbana, acostumado com a violência, drogas, estupros etc. Para leitores não habituados a este tipo de linguagem, torna-se, às vezes, difícil entender o que está sendo dito, não só pela quantidade de gírias, como também pela presença de palavras de baixo calão e pela violência das situações vividas pelas personagens, que podem ruborizar leitores mais conservadores.

Já a linguagem infantil é simples e de fácil entendimento. Apesar de retratar o mesmo contexto das periferias e ser informal, o texto remete a imagens mais positivas e o uso dos adjetivos e substantivos expressam sentimento de carinho, próprias para a idade e anseios do público.

Dias (2009) também aponta a atitude dos personagens em ambas as obras de Ferréz e conclui certas semelhanças como: a preocupação dos pais em relação à educação dos filhos (o estudo pode garantir um futuro melhor); as crianças trabalham para ajudar no sustento familiar; o vício dos pais é motivo de vergonha para os filhos (reprovação ao uso de bebidas alcoólicas, por exemplo); a esperança de que pequenos gestos possam mudar a vida da comunidade<sup>116</sup>. Ela também destaca as disparidades como a imagem da escola presente nos dois livros, a

---

<sup>116</sup>Observa-se que algumas das situações listadas por Dias (2009) comprovam as conclusões temáticas acerca das tendências da literatura marginal-periférica divididas sob a legenda de Literatura Hip Hop e Literatura Periférica segundo Leite (2014) – analisadas anteriormente neste capítulo.

trajetória das personagens (Rael e Manhã) e o final dos protagonistas.

A partir deste estudo, Dias (2009) conclui que os textos de Ferréz podem ser trabalhados tanto no Ensino Fundamental (5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. séries) quanto no Ensino Médio, desde que se considerem as vivências dos alunos, a identificação com as obras e promova o debate crítico. Sugerindo apoio de Paulo Freire, a pesquisadora também defende o acesso ao acervo literário completo nas bibliotecas escolares, suprimindo o interesse despertado pelos alunos em sala de aula. “Sendo assim, pode-se acreditar na hipótese que originou este estudo, algumas atividades de leitura bem elaboradas e desenvolvidas adequadamente, em sala de aula, podem tornar os alunos em futuros leitores” (DIAS, 2009, p. 91).

O terceiro e último trabalho analisado nesta tese é de Suzana Filizola Brasiense Carneiro (2011), intitulado *A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico*, centrado na área de Psicologia da Educação. A partir de um projeto de literatura marginal, coordenado por jovens da comunidade e envolvendo os alunos do Ensino Fundamental II de uma escola municipal da periferia de São Paulo, Carneiro (2011) buscou analisar o fenômeno de articulação entre a comunidade e a escola, numa abordagem qualitativa fenomenológica, tendo como referencial teórico as concepções de Edith Stein sobre visão de pessoa, comunidade e formação. O intuito é refletir sobre as propostas de uma educação integral e as ações comunitárias que auxiliam no processo de transformação pessoal e social.

Sem adentrar nas proposições teórico-metodológicas deste trabalho, visto que contempla uma área específica com objetivos pedagógicos que não envolvem diretamente a disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, opta-se aqui apenas destacar como a literatura marginal-periférica foi abordada nas atividades escolares.

Dentre as atividades e ações listadas pela pesquisadora que envolvem a escola e a comunidade, há um projeto denominado *Leitura para Todos* que consiste na criação de uma biblioteca comunitária. Foram doados 1044 livros por uma instituição do Rio de Janeiro e mais um acervo de literatura marginal, feito pelos chamados Coletivos do bairro. Segundo Carneiro (2011, p. 27): “Os coletivos são grupos de jovens que se reúnem com o objetivo de produzir e divulgar a cultura da

periferia, buscando com essas iniciativas promover uma transformação social a partir das pessoas, da conscientização de seu papel político”. Os coletivos também criaram, em parceria com a escola, o *Espaço Cultural* onde funciona o *Cineclube Alastre* (com projeção e debate sobre filmes); oficinas de grafite e literatura marginal (foco da pesquisa), além de mediar os empréstimos da biblioteca comunitária.

A oficina de literatura marginal tem como objetivo: “[...] incentivar a leitura, produzir textos, refletir sobre as relações sociais e desenvolver senso crítico nos alunos” (CARNEIRO, 2011, p. 29). É coordenada por um jovem do bairro, Knup Acrata<sup>117</sup>, membro de um coletivo que promove saraus e eventos de cultura periférica. Os temas trabalhados nas oficinas de literatura, posteriormente expressos nas oficinas de grafite, são norteados pelo Projeto Pedagógico da escola. Os encontros, considerados atividades extracurriculares, ocorrem semanalmente durante o período de duas horas, não havendo obrigatoriedade na participação. Além de investigar as formas de articulação social, Carneiro (2011) buscou observar as contribuições do projeto no processo educacional dos alunos participantes.

A pesquisa utilizou como base de análise: as observações das oficinas de literatura marginal, encontros com educadores e gestores da escola e uma entrevista reflexiva com um grupo de alunos participantes da oficina. As oficinas apresentam quatro momentos específicos: a) explicação sobre o que é literatura, e apresentação do que é a literatura marginal; b) trabalho de leitura e produção de poemas; c) produção de um fanzine (imagens, figuras) e; d) realização de um sarau com exposição do que foi aprendido e produzido nas oficinas. Em geral, organiza-se um livro com a produção dos alunos.

Como o projeto é de longo prazo e busca atender as necessidades da escola, alguns momentos se diferenciam no cotidiano escolar, principalmente pelo tempo de aprofundamento e pelos temas de fundo, que são: cultura de paz e diversidade. Há poucos relatos sobre os materiais e textos<sup>118</sup> utilizados em sala de

<sup>117</sup> Nome fictício do jovem.

<sup>118</sup> São transcritos alguns poemas de autoria dos alunos, outros do educador Knup Acrata, além de fragmentos do manifesto do Sarau *Poesia na Brasa, A elite treme* e uma letra de música do grupo SNJ (Somos Nós a Justiça). Há uma foto dos livros que compõem a coleção da literatura marginal na biblioteca comunitária como: *Punga* (de Elizandra Souza); *Rua de trás* (de Sonia Regina Bischain); *Antologia dos poetas suburbanos*, dentre outros afins como: *História do movimento anarquista no Brasil* e *Pequena História da Imprensa Social no Brasil* (de Edgar Rodrigues).

aula. Alguns livros utilizados nas oficinas são escritos por pessoas do bairro e editados com financiamento de instituições que promovem projetos sociais. A ideia do organizador, Knup Acrata, é mostrar que existem outras literaturas além daquela estudada em sala de aula, e que é possível fazer poesia, não apenas ler, mas escrever. A visão que se tem sobre a literatura é de instrumento de consciência política que resgata o papel do indivíduo na comunidade, o que é compartilhado pela escola.

Para concluir as atividades, houve um sarau que envolveu alunos, pais e professores. O entusiasmo foi grande e os alunos recitaram de cor vários poemas – o que surpreendeu a direção da escola. Em geral, segundo os relatos de Knup e da direção da escola, esperava-se mais envolvimento, participação e produção dos alunos.

A questão da indisciplina, das provocações mútuas, baixa autoestima e outros dificultou o andamento das oficinas e assim não obtiveram os resultados desejados. Os educadores que trabalhavam com o grafite desistiram ao longo do projeto, devido à dificuldade de lidar com alunos de faixa etária mais baixa, além dos roubos de materiais. O professor de português, ao ser questionado sobre a mudança de comportamento e envolvimento dos alunos que participaram das oficinas, diz não notar nenhuma transformação. Para ele, algumas alunas têm aproveitado a biblioteca comunitária e realizado mais leituras, principalmente de romances.

Apesar de a dissertação destacar em seu título uma relação com a literatura marginal, esta foi superficial e não trouxe informações sobre autores, livros ou outro material que realmente indicasse uma preocupação com o texto literário. A autora traz em nota de rodapé a definição de literatura marginal feita por Érica Peçanha do Nascimento, mas não explora nada além disto.

Somente a foto dos livros que compõem o acervo literário da escola comprova algumas relações com a literatura marginal-periférica tal como tem-se delimitado aqui. A ênfase da literatura marginal na dissertação de Carneiro (2011) está mais interligada aos movimentos sociais e políticos do bairro, que demonstram a preocupação em divulgar e produzir uma cultura da periferia.

As dissertações aqui analisadas revelam que o tema da literatura marginal-periférica já tem sido explorado no contexto educacional, sobretudo organizado em formato de projetos (de leitura, produção ou saraus), priorizando as escolas públicas de periferia. A princípio, a ideia da identificação dos indivíduos com a literatura é decisiva na escolha desta modalidade literária, assim como a reflexão política e ideológica faz parte das discussões (ou da finalidade da leitura), tornando-se um dispositivo crítico a ser desenvolvido em prol da cidadania ou formação do leitor.

## 4 TEORIA DA LITERATURA: QUESTIONANDO LIMITES

[...] a expressão 'literatura marginal' serviu para classificar as obras produzidas e veiculadas **à margem do corredor editorial**; que não pertencem ou que se **opõem aos cânones** estabelecidos; que são de autoria de **escritores originários de grupos sociais marginalizados**; ou ainda, que **tematizam** o que é peculiar aos sujeitos e **espaços tidos como 'marginais'**. (NASCIMENTO 2009, p.1, grifo nosso).

Essa conceituação compartilhada na maioria dos trabalhos acadêmicos e expressa aqui na voz de Nascimento (2009), serve como referência chave para compreensão da literatura marginal-periférica. Em geral, a definição corresponde ao ideal do grupo, uma vez que estes buscam evidenciar a questão da marginalidade, seja social, cultural, geográfica, editorial ou jurídica, marcando suas produções literárias com os aspectos linguísticos e temáticos dessa vivência. Entretanto, cabe discutir, a partir desta definição, alguns aspectos fundamentais para compreensão desta manifestação, como: a questão das editoras, a concepção de cânone, a autoria, as temáticas abordadas nos textos e o termo marginal; a fim de averiguar a delimitação conceitual e seus limites.

### 4.1 À MARGEM DO MERCADO EDITORIAL

Grande parte dos escritores da periferia afirmam estar à margem do corredor editorial. A realidade hoje, no entanto, torna este princípio delimitador um tanto contraditório. Isto se dá pelo fato de vários autores terem suas obras publicadas por editoras, seja de pequeno ou médio porte, garantindo uma circulação considerável no mercado livreiro. O intuito da maioria dos escritores marginais periféricos é publicar suas obras em editoras renomadas alcançando reconhecimento e prestígio literário.



Acerca disso, cabe uma ressalva: todo escritor, a princípio desconhecido do grande público, está à margem do corredor editorial, seja ele um autor periférico, ou morador do centro da cidade, branco ou negro, mulher, ateu, universitário, não importando enfim, o rótulo social e/ou identitário. A editoração é uma atividade que tem, muitas vezes, a ampliação da recepção dentre seus objetivos, não sendo tarefa simples a seleção de um autor ou obra para o mercado, já que isso envolve diversas variáveis, tais como agenciadores, que fomentam a leitura em meios de circulação, perfis específicos de obras da editora, um certo “termômetro”<sup>119</sup> do público consumidor, entre outros. De certo modo, a literatura marginal está em ascensão no mercado, e isto pode ser explicado por inúmeros fatores externos e políticos que contribuem para este destaque, como por exemplo: a projeção dos Direitos Humanos em todos os setores da vida social<sup>120</sup>; o retrato da periferia brasileira revelado em documentários, jornais e nos cinemas<sup>121</sup>; o interesse pelo universo das drogas e da violência; a produção cultural dos bairros periféricos (música e grafite) repercutindo e interagindo com processos de produção internacional<sup>122</sup>, entre outros.

Como destaca Patrocínio (2010, p. 24), em sua tese *Escritos à margem: a presença de escritores de periferia na cena literária contemporânea*:

[...] no tocante ao empenho de casas editoriais em publicar escritos de

<sup>119</sup> Entenda-se que o público imediato de leitores segue certas tendências do mercado editorial, principalmente motivados por temas em voga em diferentes instâncias como nos campos televisivos cinematográficos. Exemplo: as famosas sagas, os textos de teor erótico, biografias, best-sellers, etc. Para esses leitores, as grandes editoras, a partir de pesquisas e publicação de críticas (resenhas), praticamente conseguem “prever” gostos, antecipando sucessos e promovendo modismos.

<sup>120</sup> Candido (1989) analisa em seu texto: *Direitos Humanos e Literatura*, que os direitos humanos e todo o discurso de igualdade alimentado pelas políticas e ideologias da época já repercutem nas atitudes e na “fraseologia” das pessoas. O homem não acha mais tão natural as diferenças sociais. A justificativa não é mais determinista ou religiosa, mas há um sentimento de culpa e medo. Da mesma forma, Candido (1989) observa que o discurso dos políticos e empresários (representantes da classe dominante) fazem alusões às situações sociais, considerando intolerantes as diferenças sociais e buscam (ao menos na teoria) promover uma distribuição equitativa. “É claro que ninguém se empenha para que de fato isto aconteça, mas tais atitudes e pronunciamentos parecem mostrar que agora a imagem da injustiça social constrange, e que a insensibilidade em face da miséria deve ser pelo menos disfarçada, porque pode comprometer a imagem dos dirigentes.”(CANDIDO, 1989, p. 109).

<sup>121</sup> Exemplo a adaptação do livro *Cidade de Deus* de Paulo Lins para os cinemas em 2002, sob a direção de Fernando Meirelles e Kátia Lund; ou ainda o filme *Tropa de Elite*, dirigido por José Padilha em 2007 – mostrando a realidade violenta das favelas brasileiras.

<sup>122</sup> Um exemplo típico é o espaço dedicado ao tema na televisão brasileira, seja em novelas ou programas semanais como *Esquenta*, da TV Globo, com Regina Cassé, que busca divulgar a cultura das periferias cariocas dentre outras consideradas marginais.

autores da periferia, sendo perceptível o interesse de grupos editoriais nesses autores, observando nesse tipo de produção literária um importante nicho mercadológico. Exemplar, nesse sentido, é a criação do selo Literatura Periférica da Global Editora, responsável pela publicação dos livros de Alessandro Buzo, Sacolinha, Allan Santos da Rosa e Sérgio Vaz. Além do inegável empenho da Editora Aeroplano em se constituir enquanto espaço de veiculação de obras produzidas sobre a periferia urbana e por sujeitos pertencentes a este espaço, destacando para estas obras o selo Tramas Urbanas. Selo responsável pela publicação da autobiografia de Alessandro Buzo, *Favela toma conta*, em 2008; e pelo lançamento de *Cooperifa, antropofagia periférica*, de Sérgio Vaz, em 2007 (PATROCÍNIO, 2010, p. 24).

Em geral, a ideia de uma “exclusão” do mercado editorial não seria um princípio exclusivo ou predominantemente relacionado à condição social e periférica do autor, não constituindo, portanto, um conceito definidor da literatura periférica. No campo literário, a produção de uma obra exige (mesmo que em níveis diferentes) certo engendramento prévio de um sistema literário. Entende-se como sistema literário, tanto as instâncias envolvidas na produção e recepção de uma obra como, por exemplo, o circuito autor-obra-leitor, as editoras, distribuidores, agenciadores, livreiros, livrarias, críticos literários, academia, universidades, escolas, entre outros (ROMAIS, 2006), quanto às relações estéticas envolvidas, as quais Candido (2013, p. 25) chama de manifestações literárias:

[...] um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Esses denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização.

Ou seja, a literatura é um campo vivo, que se movimenta a fim de estabelecer relações seja de contradição, ruptura, continuidade, afirmação, negação, exemplaridade ou tendência – neste ponto é que cada obra lançada necessita ter uma posição reconhecida, mesmo que temporária ou incerta, na tradição histórica. É certo que as obras não são textos autônomos, mas participam ativamente deste movimento literário: seja na perspectiva canônica de uma tradição histórica ou de tendências contemporâneas como *best-sellers* ou modismos.

Sendo assim, a principal dificuldade na produção editorial de uma obra seria

desta pertencer, de algum modo, a este sistema ou, então, produzi-lo, como parece ser o caso do movimento na periferia. Há indícios de um esforço consciente de criar condições próprias para seu produto circular. Isto pode ser observado na união dos escritores, na formação de leitores através da criação dos saraus, eventos literários, na projeção dada nos sites dos organizadores e autores, na busca de incentivos culturais e financeiros para projetos, na busca por publicações em jornais, críticas elaboradas entre outros. Assim, a divulgação de um grupo sob uma nomenclatura definida ganha maior amplitude e visibilidade no universo das letras, contribuindo para uma possível investida do mercado livreiro.

#### 4.2 À MARGEM DO CÂNONE LITERÁRIO

Um segundo aspecto analítico está em relação ao cânone. O cânone tem sido alvo de diversas críticas desde o evento do Iluminismo, e mais incisivamente nas últimas décadas. Entretanto, pode haver falta de compreensão quanto à realidade histórica, origem, função e formação do cânone. O imaginário que prevalece é aquele que concebe o cânone como uma listagem fixa de autores e obras representantes do universo da classe dominante, o que corresponde a uma visão ideológica sob a realidade.

A tradição de selecionar e classificar a matéria literária segundo gêneros e autores remete a Antiguidade greco-latina e a Igreja Cristã – é, portanto, uma prática típica do Ocidente. Segundo Leila Perrone-Moisés (1998), não há registros de uma formação canônica na cultura oriental<sup>123</sup>, principalmente porque a criação de uma listagem de obras consideradas exemplares, modulares pressupõe uma gama de valores sociais e morais prescritos por uma linhagem do pensamento filosófico e político-cultural.

---

<sup>123</sup> Cabe ressaltar que, sob influência dos Padres da Igreja e dos escritores eclesiásticos, a Igreja oriental na Idade Média discutiu e definiu uma rigorosa seleção de textos literários formando o cânon bíblico e, mais tarde, também o patrístico. Sendo assim, o Oriente possui representatividade na formação de um cânon considerado cristão. Outro aspecto a ser considerado é a inclusão de obras e autores orientais em algumas seleções da literatura canônica, principalmente na Espanha (CURTIUS, 1957).

Neste caso, a cultura e o pensamento ocidental propiciaram a formação do cânone. É possível reconhecer dois momentos na formação do cânone: o cânon medieval e o cânon moderno, historicamente interligados, cada qual com suas características.

Curtius (1957) explica que, na Idade Média, as três potências mundiais<sup>124</sup> (a literária da Escola, a jurídica do Estado e a religiosa da Igreja) estabeleceram suas listagens de textos e autores como autoridades no assunto e, portanto, dignas de estudo e modelo para as demais produções. Nesta época, não havia classificações hierárquicas dentro do cânone, todo autor ou texto podia ser considerado como autoridade no assunto (QUADRO 9).

<b>CÂNONE – ANTIGUIDADE</b>		
<b>Tradição greco-latina:</b> selecionar e classificar autores e gêneros		
<b>Século IV d. C :</b> uso do termo cânon para designar lista de autores (tradição cristã)		
<b>Até século XV :</b> uso do termo cânon para designar lista de autores e gêneros (cristão e pagão)		
<b>IGREJA (religiosa)</b>	<b>ESTADO (jurídica)</b>	<b>ESCOLA (literária)</b>
Princípio: autoridade - estudo e modelo	Princípio: autoridade - estudo e modelo	Princípio: didático-pedagógico - estudo (gramática) - modelo (literário- gêneros)

QUADRO 9 – O CÂNONE NA ANTIGUIDADE

O termo *cânon* só ocorre pela primeira vez no século IV d.C., significando uma lista de autores, uma relação de escritores referentes à literatura cristã. A nomenclatura tornou-se parte dos estudos filológicos a partir do século XVI. Na literatura, este termo veio a integrar-se à antiga ideia de listas didáticas de autores, utilizadas sobretudo com fins pedagógicos de instrução escolar.

<sup>124</sup> Esses três grandes centros políticos – a Igreja, o Estado e a Escola – além de responsáveis pela formação de uma cultura canônica de textos, também desenvolveu as técnicas de interpretação do texto.

Na era medieval, “[...] o ensino da gramática compreendia a língua e a literatura. A seleção dos autores didáticos medievais abrange escritores pagãos e cristãos” (CURTIUS, 1957, p. 51). Em seu estudo, Curtius (1957) examina vários testemunhos documentais com indicações destes autores considerados didáticos, uma vez que as listas cumpriam seu papel educacional.

Nesse estudo, é possível notar uma variação entre uma lista e outra, sobretudo no decorrer dos séculos<sup>125</sup>. Entre os autores mais conhecidos atualmente têm-se: Virgílio, Homero, Marciano Capela, Ovídio, Horácio, Pérsio, Esopo (fábulas), Ésquilo<sup>126</sup>, entre outros. A indicação das obras desses autores também variava, além do esforço em manter o equilíbrio entre autores cristão e pagãos, e ainda sobre a diversidade de gêneros representativos.

O cânon medieval persistiu até o século XV, no auge do classicismo francês, principalmente baseado na lista de Hugo de Trimberg (1280), representando a “pura latinidade” (CURTIUS, 1957). Para Curtius (1957, p. 264), “[...] o desenvolvimento de um cânon serve de garantia a uma tradição”, sendo assim, a seleção e a preservação de textos na cultura antiga é fundamental para a compreensão histórica do Ocidente e, conseqüentemente, da ideia de europeização aos moldes da modernidade. Aliás, a prática da conservação da memória e da tradição é um traço civilizatório expressivo.

Curtius (1957) destaca a necessidade de conceber a Europa na totalidade de sua história, e não apenas a partir de nações modernas, tal como é ensinado nas escolas: “A história das ‘grandes potências’ de hoje e de ontem é ensinada em isolamento artificial, do ponto de vista dos mitos e ideologias nacionais. Decompõe-se assim a Europa em áreas ou pedaços de espaço” (CURTIUS, 1957, p.7). Esta perspectiva incluiu uma visão da produção literária:

A “europeização” do panorama histórico, que hoje se reclama, deve também aplicar-se à literatura. Se a Europa é o produto de dois corpos culturais, o antigo mediterrâneo e o moderno ocidental, o mesmo se pode dizer de sua literatura, que só se compreenderá como um todo, reunindo, numa visão de

<sup>125</sup> Conforme Curtius (1957, p. 51) “[...] a lista dos autores amplia-se até o século XIII”.

<sup>126</sup> Dentre os nomes citados na obra de Curtius (1957), infelizmente, a maioria é desconhecida em nossa geração. O próprio autor critica a falta de elucidação acerca da história, cultura e literatura da Antiguidade Latina – que segundo ele é o princípio gerador da cultura europeia e ocidental. Em nossa sociedade, se quer temos obras consideradas fundadoras e fundamentais dessa cultura traduzida.

conjunto, os seus dois elementos. Mas, segundo a História da Literatura, consagrada pelo uso, a Europa moderna só começa em 1500.(CURTIUS, 1957, p.10).

Essa crítica é fundamental e corrobora para tese de que não apenas parte da literatura (ou da história) nos tem sido negada, mas o próprio desenvolvimento do pensamento da humanidade. Não é por acaso que nossa teoria e crítica literária também só nos é acessível a partir do século XVIII, como se antes nada houvesse sistematizado e conceituado sobre literatura.

Quanto à formação do cânon moderno, a Itália foi a primeira nação moderna a estabelecer sua lista indicativa, em 1500, influenciada por sua situação cultural: por um lado, o retorno aos estudos da antiguidade e da poesia neolatina, e por outro à divulgação da poesia em língua vulgar (CURTIUS, 1957).

Foi preciso criar uma teoria da língua italiana para que esta pudesse servir de norma para a produção literária mais recente. Elegeram-se os grandes autores como modelares: Dante, Petrarca, Bocácio, Ariosto e Tasso.

Diferentemente na França, Boileau tornou-se conhecido “[...] por ser, supostamente, o primeiro a escrever em versos corretos” (CURTIUS, 1957, p. 274). Para Curtius (1957, p.273), “[...] só a França possui um sistema clássico de literatura, no pleno sentido da palavra. A vontade de regular *sistematicamente* é, de fato, um distintivo do século XVII na França”, assim, sua literatura e seu cânone tornaram-se expressão de sua nacionalidade e espírito<sup>127</sup>.

Já a Inglaterra presentificou suas raízes latinas no século XVIII, negando precisar importar qualquer elemento latino da França.

O romantismo<sup>128</sup> alemão, segundo Goethe (1820 citado por CURTIUS, 1957, p. 275), advém de uma “[...] formação de sentimentos religiosos cristãos, tomada primeiro aos antigos e, depois, aos franceses, e favorecida e fortalecida por nebulosas lendas heroicas nórdicas”.

A Espanha conservou e incorporou na sua literatura nacional diversos autores antigos, autores ibéricos da época imperial romana. A nação espanhola

<sup>127</sup> O “gosto francês” foi considerado dominante no quadro político europeu. O próprio ensino de gramática e literatura no Brasil seguiu tal modelo (inclusive no ensino da língua e literatura latina).

<sup>128</sup> Curtius (1957, p.278) considera a terminologia: classicismo e romantismo como uma disputa, “uma das formas mais recentes da antinomia entre os antigos e os modernos”.

considera sua língua a mais próxima do latim, como afirma Gracián (citado por CURTIUS, 1957, p. 276): “[...] as duas línguas universais, as chaves do mundo.”.

Cada nação moderna buscou consagrar seus autores tendo em vista a fixação e perpetuação de uma língua nacional e um espírito que a descrevesse em sua nova roupagem. Deste modo, o cânone moderno voltou-se para um campo político e ideológico a fim de representar a potencialidade, força e união de cada povo. A influência greco-latina torna-se relativa diante do projeto da modernidade (QUADRO 10).

PERMANECE A TRADIÇÃO SOB INFLUÊNCIA ANTIGA		CÂNONE MODERNO
IGREJA (religiosa)	ESTADO (jurídica)	ESCOLA (literária)
Segue a tradição: autoridade	Segue a tradição: autoridade	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Formação Nacional (língua/cultura)</li> <li>* Campo político e ideológico (potência da nação)</li> <li>* Novo Cânone: modelo de língua nacional (nova gramática)</li> </ul>

QUADRO 10 – O CÂNONE MODERNO

Compreende-se, a partir desta breve exposição, que o cânone não é uma entidade fechada, engessada ou eternizada. Pelo contrário, o cânone tem certa instabilidade devido à sua história e alguns princípios (sobretudo, didáticos e morais) reguladores, ou seja, critérios de apreciação e reconhecimento dos autores que se revelam, com o tempo, exemplares para linguística e estudos poéticos. Isto acarreta, conseqüentemente, em sutis variações no decorrer do tempo, tanto de autores quanto de obras.

Porém, na Era moderna, devido à organização do pensamento e da ciência, muitos dos princípios norteadores do julgamento estético encontram-se em discussão e/ou, de certa forma, são negados:

Na prática, o exercício da crítica pelos próprios escritores se deve, em grande parte ao fato de os princípios, as regras e os valores literários terem deixado de ser, desde o romantismo, predeterminados pelas Academias ou por qualquer autoridade ou consenso. **Diluíram-se e perderam-se**, pouco a pouco, os códigos que orientavam a produção literária: **código moral** (o Bem), **o código estético** (o Belo), **o código de gêneros** (determinado pela expectativa social), **de estilo** (orientado pelo gosto), **o código canônico** (a tradição concebida como conjunto de modelos a imitar). Cada vez mais livres, através do século XIX e sobretudo do XX, os escritores sentiram a necessidade de buscar individualmente suas razões de escrever, e as razões de fazê-lo de determinada maneira. **Decidiram estabelecer eles mesmos seus princípios e valores**, e passaram a desenvolver, paralelamente às suas obras de criação, extensas obras de tipo teórico e crítico (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.11, grifo nosso).

Percebem-se sinais de crise na concepção atual de cânone, desaparecendo, aos poucos, a necessidade de valores preestabelecidos para sua definição, havendo por isso a necessidade de muitos escritores-autores, bem como de críticos e historiadores da literatura, reestabelecerem novos ideais, ressaltando, inclusive, não apenas questões históricas ou estéticas, mas outros critérios não fixos. No entanto, uma opção ao perigo do relativismo subjetivista poderia passar por um regresso às fontes, como registra Pound (1997, p. 47-48) neste depoimento:

VOCÊS NUNCA SABERÃO por que eu os escolhi ou por que eles mereceram ser escolhidos, ou melhor, por que vocês aprovam ou desaprovam a minha escolha, até irem aos TEXTOS, aos originais. E quanto mais depressa vocês forem aos textos, menos necessidade terão de dar ouvidos a mim ou a qualquer outro crítico fastidioso.

O projeto da modernidade tende a ser baseado em valores individualistas, diminuindo a valorização ou a relação com o passado ou com a coletividade ancestral. A dissolução de conceitos universais abre espaço para a fragmentação, com alguns escritores buscando manter certa ligação discreta e necessária com o passado que lhes justifique a própria escrita. Perrone-Moisés (1998, p.12) destaca que: “Os valores que eles [os escritores-críticos] atribuem aos autores do passado não são valores *a priori*, mas aqueles capazes de garantir o prosseguimento de seu próprio trabalho e da escrita literária em geral”.

Apesar desta característica contemporânea, Perrone-Moisés (1998) questiona o fenômeno dos escritores-críticos em estabelecer uma listagem



canônica: Quais suas pretensões? Que relações há entre as listas pessoais e aquelas elaboradas no decorrer da história literária institucional? Que modificações e fundamentos introduzem na história do cânone? Existem critérios comuns de seleção?

Perrone-Moisés (1998), a partir do estudo dos seguintes escritores (autores de obras literárias contemporâneas e críticos literários): Ezra Pound (1885 - 1972), T.S.Eliot (1888 - 1965), Jorge Luis Borges (1899 – 1986), Octavio Paz (1914 - 1998), Italo Calvino (1923 - 1985), Michel Butor (1926), Haroldo de Campos (1929 - 2003) e Philippe Sollers (1936), traça os valores e aspectos comuns apontados por estes como primordiais nas obras selecionadas como canônicas<sup>129</sup>. São estes: 1) Maestria Técnica: a prosa ou a poesia são resultados da inspiração mas também de uma técnica aplicada; 2) Concisão: é um preceito da retórica clássica adaptado à vida moderna, é um traço estilístico que cumpre dizer o máximo com o mínimo de palavras; 3) Exatidão: é a adequação das palavras às coisas, às ideias – princípio defendido por vários escritores e filósofos da antiguidade grega. Na modernidade, assume um objetivo de não representar a Verdade, mas aproximar a palavra à visão de mundo que pretende revelar no texto; 4) Visualidade e sonoridade: é a capacidade de evocar visões/imagens nítidas e apreciação por meio da qualidade musical - valor adquirido pelos antigos. Os modernos consideram a imagem (visual ou tipográfica) um critério importante para apreensão do real; e a musicalidade, apesar de baseada nos modelos contemporâneos, é um fator inovador nas formas de criação e recepção; 5) Intensidade: é a profundidade em que atinge o âmbito psicológico do leitor, as emoções. Na Antiguidade o objetivo era atingir o leitor com a função catártica ou moral, no romantismo era alcançar a função expressiva e, agora, na modernidade, é a mensagem que deve produzir ou transpor as emoções; 6) Completude e Fragmentação: para os antigos a obra deve ser uma imitação completa, uma ação que representa o todo (começo, meio e fim) articulados a um sistema exterior, seja teológico, ou outro. Para os modernos, a completude é apenas interna, ou seja, não é necessário à obra reportar-se a uma realidade mimetizada, nem ter um universo referente, basta ter coerência interna, e por isso, pode ser

<sup>129</sup> Esta descrição encontra-se sistematizada em quadro ilustrativo (QUADRO 13) no Apêndice 1 para facilitar eventuais consulta aos critérios de análise canônica.

fragmentada; 7) Intransitividade: este valor é introduzido pelos românticos com base na teoria de Kant. Acredita-se que a arte literária tem um fim em si mesma, interessa apenas para si – como Jákobson mais tarde definiu como função poética da linguagem – conceito defendido pelos escritores e críticos modernos. Esta característica torna a obra de arte “[...] ao mesmo tempo, autônoma e ligada (no ponto de partida e no de chegada) ao contexto em que ela se produz.” (PERRONE-MOISES, 1998, p.164); 8) Utilidade: desde Platão e Aristóteles a questão da utilidade ou da inutilidade da arte é discutida. Para os modernos há uma separação entre a finalidade estética e a finalidade moral, “[...] mas todos sentem a necessidade de ampliar sua ação para além da função estética, o que implica uma ética.” (PERRONE-MOISES, 1998, p.165). Mesmo defendendo que a literatura tem um fim em si mesma, paralelamente os escritores-críticos ressaltam certa utilidade da arte como, por exemplo, manter a construção linguística da nação, transmitir valores morais e civilizatórios, ampliar a percepção de mundo e a capacidade de fruição, ou ainda que a literatura tem seu valor político e revolucionário; 9) Impessoalidade: na antiguidade a impessoalidade do poeta era devido às ações sobrenaturais do oráculo, das crenças e da magia, que o tornavam apenas um porta-voz. Na modernidade há uma impessoalidade justificada pela superioridade da própria linguagem<sup>130</sup>; 10) Universalidade: esta é uma convicção clássica, de que a poesia é a linguagem geral da humanidade. “Para os modernos, a obra deve ter uma função de conhecimento e de autoconhecimento, que só pode ser exercida se ela disser respeito a todos os homens” (PERRONE-MOISES, 1998, p.170), independente do ângulo político deste ideal (conservador dos valores humanísticos clássicos ou progressista que busca o acesso democrático das massas à produção “elitizada”). Este universalismo, para alguns escritores, pode sim ser alcançado pela literatura particularista também, devido ao alcance da globalização do mundo atual; 11) Novidade: princípio moderno, remete à autovalorização de sua produção como privilegiada diante da história e enquanto ruptura com o passado, os olhares estão voltados para o futuro, antecipando-o.

<sup>130</sup> "Um escritor é uma pessoa animada pela linguagem" (Todorov) ou ainda "Não somos nós que dizemos o mundo com a linguagem: a linguagem nos diz, o mundo se diz a si mesmo na linguagem"(Octavio Paz) (citados por PERRONE-MOISES, 1998, p. 166).

Perrone-Moisés (1998) conclui que a maioria dos valores da modernidade deriva do romantismo alemão e, portanto, se efetuiu no fim do século XVIII. Os modernos levam a lógica romântica à exacerbação. Mas é esta convicção idealista e conjunto de valores e crenças que dá maior visibilidade e unidade ao projeto moderno, tornando-o demonstrável mesmo que contestável.

O cânone brasileiro é ramificação desse ideal moderno, acrescido de seus próprios princípios e marcas histórico-sociais, conforme as descrições feitas por historiadores e críticos literários. Como afirma Barbosa (2014, p. 17), no início havia um grande esforço no sentido de:

[...] estabelecer um corpus de autores e obras identificados como brasileiros e diferenciados das origens européias [...]. Neste sentido, sobreleva o discurso histórico-literário, desde as suas mais incipientes manifestações românticas, passando pela extraordinária sistematização de Sílvia Romero, em fins do século XIX, até às reformulações modernas e contemporâneas.

Neste artigo *O Cânone na história da literatura brasileira*, Barbosa (2014) faz um panorama das obras de crítica e historiografia literárias brasileiras, destacando os autores Sílvia Romero (que sistematiza, sob influência do romantismo, os principais estudos sobre os autores e obras da literatura brasileira até então produzidos), seus contrapositores, Ronald de Carvalho e José Veríssimo, as revisões críticas da década de 1950 com Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Antônio Soares Amora, somadas às produções dos anos 1960, com Luís Costa Lima e Haroldo de Campos. Barbosa (2014) finaliza citando as obras de Alfredo Bosi, Massaud Moisés e Fausto Cunha e afirma que a contribuição revisionista do cânone brasileiro é inegável, além de exercitar muito mais a *adição* do que a *exclusão* de autores e obras.

Neste percurso de formação literária no Brasil, Barbosa (2014) destaca a influência do pensamento de cada época sobre o passado histórico, e destaca a falta de critérios para o estabelecimento de autores e obras no decorrer dos séculos, perpetuando a condição de uma “[...] literatura esvaziada de verdadeiros gênios inventivos” (BARBOSA, 2014, p. 30). Atualmente, as discussões acadêmicas acerca do cânone partem, muitas vezes, das questões teórico-ideológicas dos Estudos Culturais. O princípio norteador é colocar em xeque a formação do cânone como

uma construção social da elite, interessada em perpetuar seus valores e estabelecer novas relações de valorização de obras “marginalizadas”, principalmente de autores considerados representantes das “minorias sociais”. Deste modo, a ideia de cânone está intimamente associada a uma imposição de uma classe dominante, ao mesmo tempo que se propõe a criação de “novos cânones” (entenda-se aqui como listagem de principais autores representantes de uma modalidade literária).

Por esta razão, muitos trabalhos acadêmicos aqui analisados, ao se reportarem ao termo cânone, mantém a ambivalência, ora negando a existência de um cânone em prol de uma democratização e não-hierarquização literária, ora estabelecendo a entrada de determinadas obras e autores em cânones específicos e fragmentados conforme a modalidade literária que se tem em mente priorizar, como é possível constatar nos exemplos abaixo (QUADRO 11):

EX	CONCEITO	FRASE
1	NEGAÇÃO DO CÂNONE	“De acordo com Terry Eagleton (2006) ao analisarmos uma obra literária <b>não devemos ter como parâmetro o cânone literário</b> , a chamada grande tradição. Classificar uma determinada literatura de acordo com os moldes estabelecidos por uma tradição é levar em conta apenas a opinião de determinadas pessoas, ou seus motivos particulares em um determinado momento. Outras formas de analisar uma literatura devem ser consideradas, e <b>a partir dos Estudos da Cultura</b> podemos visualizar outras relações possíveis entre autor e público, e entre a sociedade e o autor que a representa. Tal sociedade antes representada apenas pelos intelectuais, agora tem sua imagem construída por um sujeito que está dentro dela” (LIMA, 2012, p. 51) .
2	ESTUDOS CULTURAIS COMO PARÂMETRO	“ <b>A noção de valor literário construída pelo cânone foi minada pelos Estudos Culturais.</b> A literatura que antes significava apenas a representação da alta cultura, as belas letras, passa a ser pensada como uma representação da cultura, a qual deve ser construída por todos. Essa era a noção de cultura pensada por Raymond Willianns nos primórdios dos Estudos Culturais” (LIMA, 2012, p. 27). “[...] uma das propostas da literatura marginal é tentar construir múltiplas facetas para a realidade nacional, ao contrário da literatura considerada tradicional, a qual, com seus códigos de hierarquização e seus cânones acaba por abafar a <b>voz dos guetos, dos grupos marginalizados</b> , referendando assim a prática de exclusão do sistema” (LIMA, 2012, p. 22).

continua

3	<b>INCLUSÃO DE AUTORES CONTEMPORÂNEOS AO CÂNONE</b>	“Atualmente, a obra de Luiz Alberto Mendes, bem como a de Ferréz, <b>não está excluída</b> do mercado editorial, <b>nem do cânone</b> . Por isso, de acordo com Érica Peçanha, a crítica Andréa Hossne desenvolveu a expressão “literatura marginal dos marginalizados” para designar a obra produzida por escritores como estes, que <b>circulam nos meios editoriais, que já fazem parte do cânone</b> , no entanto o sujeito-escritor continua excluído social, econômica e literariamente” (FERRARI, 2011, p. 23).
4	<b>FORMAÇÃO DE “CÂNONES” ESPECÍFICOS</b>	“Dada a abrangência e rigor acadêmico dessa obra, pode-se afirmar que Allan da Rosa <b>ingressou neste cânone que alinha escritores negros</b> ”.(LEITE, 2014, p. 186).

QUADRO 11 – EXEMPLOS CONCEITUAIS SOBRE O CÂNONE

Retomando a definição dada sobre a literatura marginal em relação ao cânone, a afirmativa de que as obras “[...] não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos [...]” é um conceito equivocado. Um fator importante a se considerar é a necessidade do distanciamento temporal para que um determinado autor seja reconhecido pela crítica literária como um modelo às produções conseguintes. O espaço entre o panteon dos “imortais” é sempre negociável<sup>131</sup>. Dificilmente um autor/escritor contemporâneo poderia pertencer a um cânone, pois sua obra não teve repercussão suficiente para que se determinasse seu valor. Não é o número de leitores ou livros vendidos que torna a obra merecedora de registro na história. Tudo indica que é o trabalho da crítica literária que influencia em tal listagem – não uma crítica generalista, mercadológica, mas uma crítica dialética, que nasce da argumentação e contra-argumentação de estudiosos da área.

Por outro lado, como os autores da literatura marginal-periférica poderiam estar em oposição ao cânone? Em que sentido eles se opõem ao cânone? Se não houver motivos estéticos literários expressos ou justificados para tal oposição, mas

<sup>131</sup> Mais uma vez, a ideia de que é preciso pertencer a um Sistema Literário. Para compreender esta relação, é possível fazer uma analogia com o que acontece na filosofia. Ou seja, as temáticas centrais da filosofia são praticamente as mesmas, durante séculos. Em alguns momentos da história destacam-se nomes, filósofos que realmente expõem e dão vida a suas hipóteses. Os nomes que se destacam, geralmente é devido à contra-argumentação de uma tese já realizada ou continuidade desta. É como uma grande história – prevale quem conta “a versão” da melhor maneira. Há um discurso interno, e a dialética é o principal fio condutor deste “quadro” de autores.

poder-se-ia inferir que a discordância estaria no campo político ou ideológico da formação de um cânone, uma vez que seria dificultoso delimitar razões estéticas ou de procedimentos contrários às obras canonizadas.

Esta seria uma posição culturalista, pois estabelece a relação de negação, de oposição à própria ideia de um cânone – este visto como um meio de manutenção ideológica de uma classe dominante. Paradoxalmente, mesmo que os escritores não concordem com a ideia de um cânone, isto não elimina sua existência – e, inclusive, a possibilidade de obras desses escritores fazerem parte dele. Apesar da formação do cânone contar com certos princípios reguladores, a novidade é um elemento privilegiado na modernidade: o que tornaria qualquer oposição como um traço de ruptura capaz de valorização.

Patrocínio (2010), por outro lado, defende que a literatura marginal não está à margem do cânone porque possui traços canônicos em sua composição estética:

Uma leitura atenta dos textos da Literatura Marginal revela a existência de procedimentos estéticos semelhantes aos realizados por autores classificados como canônicos, impossibilitando, assim, denominar tais escritos como marginais em uma perspectiva literária.” (PATROCÍNIO, 2010, p. 14).

Proposições como estas também merecem elucidações. Afinal, que procedimentos estéticos são realizados por autores canônicos? Repetir alguns destes procedimentos é passaporte para inclusão no cânone (já que não estão à margem)? Podem ser citados alguns valores considerados comuns aos críticos que perpetuam a ideia de cânone no contexto ocidental moderno (ver esquematizado no APÊNDICE 1), entretanto, poder-se-ia listar critérios ou procedimentos estéticos comuns aos autores canonizados em nossa cultura brasileira?

Desse modo, estabelecer um conceito delimitador de uma tendência literária contemporânea, como da literatura marginal-periférica, partindo do pressuposto de seu não-pertencimento ao cânone, é uma visão precipitada e inconsistente diante da crítica e da historiografia literária tradicional, dada a falta de distanciamento temporal e de um trabalho significativo da crítica literária especializada<sup>132</sup>.

<sup>132</sup> Atualmente a elaboração crítica acerca das obras da chamada literatura periférica são, relativamente, escassas e sem repercussão no campo literário consagrado. Poucos críticos reconhecidos elaboram análises sobre as obras (alguns, como Heloísa Buarque de Hollanda ou

A realidade do cânone não impõe leituras obrigatórias e restritas às suas indicações. Pelo contrário, funciona como uma espécie de medida, um modelo para avaliar outros livros e, portanto, uma ferramenta crítica de análise textual e não uma medida de valores ideológicos. Nota-se que os valores políticos ideológicos mudam conforme o tempo, bem como as classes que os representam, enquanto o cânone pode perpassar milênios, línguas e culturas diferentes, com temas inúmeros e autores dos mais variados<sup>133</sup>. Mas esta concepção não é mais usual ou defendida. Na modernidade, a formação dos cânones nacionais prevaleceu em detrimento de uma perspectiva mais ampla e universal.

#### 4.3 A TEMÁTICA MARGINAL

Nota-se que, na definição da literatura marginal-periférica aqui discutida, o tema das obras deve, necessariamente, estar relacionado com a realidade “marginal” dos sujeitos-escritores. O fato sugere que a novidade temática desta modalidade literária seja a interligação (proposital ou acidental) do autor-escritor ser considerado como marginalizado socialmente e abordar esta experiência no texto literário. Ou ainda, o ponto de vista privilegiado da narrativa, ou seja, diretamente situado sob perspectiva do indivíduo que pertencente ao meio narrado, a periferia, retratando com fidelidade ou “autoridade” o que lhe é peculiar nesta vivência.

Sabe-se, porém, que é preciso que a estética do texto enquanto obra literária esteja acima de qualquer valoração extraliterária. A possível *verossimilhança* enquanto um conceito na literatura não restringe a escrita à experiência real do autor, mas sim à técnica e os recursos utilizados que desencadeiam a experiência na leitura. Isto significa que a delimitação do grupo da literatura marginal-periféria via temática não pode estar dependente da perspectiva combinatória dos fatores extraliterários que a definem.

---

Roberto Schwarz arriscam definições na perspectiva da Sociologia da Literatura).

<sup>133</sup>A luta contra a instituição canônica é claramente uma predisposição moderna, reforçada sobretudo pelas concepções kantianas (que abalam a estrutura e os pressupostos sobre a estética do gosto) somadas aos ideais marxistas e demais correntes que buscam, sob a égide de um multiculturalismo, desconstruir tudo o que advém da cultura ocidental (greco-latina e cristã).

Esta tendência, entretanto, está presente desde a primeira tentativa de delimitação do movimento literário, como observa-se nas palavras de Amaral (2003, p. 85):

A literatura de favela então seria aquela que:

1. Tematizasse a favela;
2. Tivesse sido escrita por um autor pertencente à favela, ou que tenha tido a experiência da vida na favela;
3. Estabelecesse um diálogo com a favela.

Ou seja, aquela cujos textos não se restringissem somente ao âmbito literário, mas provocassem fatos ou ações ou intervenções reais na favela, em uma específica ou em todo o contexto das favelas, de maneira política, social ou ideológica.(AMARAL, 2003, p. 85).

Esta definição privilegia o aspecto social em detrimento das características literárias. A literatura marginal-periférica é essencialmente engajada, isto é perceptível não só nas delimitações críticas do movimento, mas nas declarações dos autores, caracterizando a luta política pela justiça e valorização do espaço periférico.

Esta questão, por exemplo, justifica as vertentes críticas em relação à produção da literatura marginal-periférica que consideram, por exemplo, autores que tematizam em suas obras o contexto da periferia, mas que não são necessariamente autores periféricos, ou seja, moradores da periferia. É o caso da literatura de Patrícia Melo<sup>134</sup>, Fernando Bonassi, Marçal Aquino, Luiz Ruffato, André Sant'Anna<sup>135</sup>, entre outros. Cabe ressaltar que muitos escritores advindos da periferia não reconhecem estes autores como sendo da literatura marginal-periférica, ressaltando a máxima de que é preciso vivenciar a realidade dos guetos para ter “autoridade” nesta modalidade de escrita.

Como visto anteriormente, no segundo capítulo desta tese, por meio de afirmações e pesquisas realizadas pelos autores dos trabalhos acadêmicos analisados, a temática marginal já foi abordada por diversos autores, seja da literatura clássica universal ou do contexto literário brasileiro. De fato, seria muito

<sup>134</sup> Melo nasceu em Assis, em São Paulo. Escritora brasileira, enfatiza a violência e a criminalidade em seus romances. Participou de diversas produções no teatro, cinema e televisão (minisséries). Ganhou o prêmio Jabuti em 2001, com sua obra “Inferno”.

<sup>135</sup> Sant'Anna nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. É filho do escritor Sérgio Sant'Anna. Atualmente trabalha como escritor, compositor, roteirista de publicidade, cinema e televisão.



difícil justificar a formação de um movimento literário pela via temática, levando em conta a amplitude de produções nesta área. O que realmente parece ser um fator distintivo é a posição do autor – exatamente um aspecto considerado e sustentado pelas teorias culturalistas.

#### 4.4 AUTODENOMINAÇÃO MARGINAL

Uma das características que motivou a denominação desse tipo de literatura como sendo literatura marginal-periférica é exatamente o autorreconhecimento do autor como sendo alguém que vivencia ou vivenciou situações de marginalidade (social, política, espacial). A autodenominação é um fator interessante que permite também uma correlação com as produções da literatura negra. Segundo Silva (2011, p.20): “[...] a recorrência da história literária dessas confecções estéticas é de que, com raras exceções, nenhum autor que não tenha autodenominado negro ou periférico assumiu o rótulo de ter escrito algo chamado de Literatura Negra ou Periférica” (SILVA, 2011, p. 20). Em outras palavras, há primeiramente um reconhecimento identitário do autor para que, então, sua obra seja incluída na denominação estabelecida. Como mostra Nascimento (2009, p.3)

[...] a existência de um conjunto de ideias e vivências compartilhadas permitiu que o movimento de literatura marginal dos escritores da periferia se constituísse e que laços de amizade e colaboração mútua fossem desenvolvidos entre esses autores, desencadeando uma importante movimentação cultural nas periferias paulistanas.

Esta característica é própria da contemporaneidade (para não citar o termo pós-modernidade ou ainda da corrente dos estudos culturais), ou seja, há uma necessidade de reconhecimento do indivíduo e da formulação de um grupo de aceitação, que compartilhe os mesmos interesses a fim de ganhar forças num sistema totalmente adverso e competitivo. Nota-se que a tendência hoje é qualificar as obras literárias segundo a estirpe do autor, diferenciando-as conforme a raça, gênero, preferências sexuais, nacionalidade, posição ideológica, política, religiosa,

de classe e assim por diante. Como coloca Lajolo (2001, p.110):

[...] no século XX manifestam-se nas arenas literárias os times e as tribos que, nas arenas sociais, lutam por uma vaga na primeira divisão. Os excluídos da tradição mais conservadora dos estudos literários têm agora seus livros e seus cursos. E quase que sua academia. Nem sempre, no entanto, com o mesmo prestígio, quase nunca com o mesmo capital. Mas arrombaram a festa e deram a volta por cima, numa nova redistribuição das cartas do velho baralho.

Há literatura para crianças, jovens, mulheres, negros – e complementa Lajolo (2001, p. 110): “[...] também podemos conferir a literatura de homossexuais, de índios, de imigrantes. Policial, ficção científica, esoterismo, autoajuda, reportagem, crônica. Tem tudo, sim senhor! E tudo é Literatura!”.

A autodenominação não é um princípio norteador da produção literária por dois motivos: primeiro porque na Crítica Literária não há um reconhecimento criterioso sobre esse tipo de qualificação. É possível denominar um movimento estético-literário a partir do reconhecimento identitário de seus escritores? Esta parece ser uma pergunta simples, mas implica em uma série de discussões teóricas e problemáticas. Em nenhum momento na historiografia literária tem-se uma qualificação a partir das características pessoais e de vida do autor. Os movimentos literários (escolas, tendências ou estilos literários) são períodos considerados devido às afinidades expressas pelos autores, em uma determinada composição artística, tais como a forma (verso ou prosa), gênero, linguagem, temas e concepção de mundo, ou seja, jamais por convergência de características pessoais ou identitárias. Esta parece ser uma prerrogativa pós-moderna.

O segundo motivo estaria na declaração dos próprios autores pertencentes ao grupo. Nem todos concordam com a rubrica marginal ou periférica. Observa-se que no manifesto escrito por Ferréz, o escritor elucida a produção literária marginal como: “[...] uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo.” (CAROS AMIGOS, 2002, s/p). Esta afirmação abrange não apenas os autores moradores da periferia, mas todas as pessoas que estão à margem do que é chamado de centro (entenda-se, da cultura

elitizada), dando maior amplitude a seleta de autores<sup>136</sup>.

Ao contrário, Fernando Bonassi<sup>137</sup> (citado por NASCIMENTO, 2009, p.57), em 2004, declara sua aversão ao termo:

Eu acho a expressão literatura marginal um massacre, a pior coisa é os textos ficarem sob essa égide. É típico da má crítica essa leitura sociológica que não se apega aos detalhes literários e se prende à experiência social. Isso não me interessa, eu tenho horror às interpretações sociológicas dos autores, isso desqualifica a literatura por causa da experiência social. O que temos aqui são quatro exemplares de literatura urbana, quatro aproximações do que o Brasil fez de si próprio. Literatura não é expressão de um grupo social, é originalidade. Não vi ninguém elogiar o Ferréz pela qualidade do texto dele, fala mais do fato dele ser pobre e do hip hop. Tem sido devastador 'ser marginal', os instrumentos de abordagem são ultrapassados, a ideia de marginalidade empobrece a nossa obra. Estamos falando de urbanidade, eu gosto mais de pensar assim, mesmo porque ninguém chamou o Graciliano Ramos de marginal pela pobreza apresentada em Vidas Secas.

Nascimento (2009) faz uma abordagem abrangente sobre este assunto, entrevistando e registrando as opiniões de vários autores considerados da literatura marginal – nem todos concordam com a definição ou a própria utilização do termo marginal, entretanto, observa-se que o termo está sendo cada vez mais citado nos veículos de divulgação e crítica, tornando-se “marca” desta construção estético-literária.

\*

Como se pode notar, os conceitos delimitadores de uma chamada literatura marginal-periférica só é possível sob a égide dos estudos culturalistas, principalmente por destacar a produção como representativa de uma classe social específica, considerada uma minoria desprovida de voz diante de uma sociedade impositiva (representada pelo cânone tradicional).

De certa forma, os conceitos apregoados coincidem com as práticas ocorridas mundialmente. Segundo Eagleton (2006) há quatro momentos que marcam a crítica literária atual, relacionando a ação política às ações culturais em todo o mundo: 1) a produção literária de povos e nações que lutam pela sua

<sup>136</sup> Na prática, a presença de autores que não pertencem a alguma realidade das periferias urbanas, com destaque da região paulista, é exceção.

<sup>137</sup> Segundo a pesquisa de Érica P. Nascimento (2009), Bonassi foi considerado por Manuel da Costa Pinto, um dos estudiosos do movimento como sendo o precursor das manifestações contemporâneas de literatura marginal.

independência (estado de colonização); 2) a produção literária e crítica advinda dos movimentos feministas (ou feminino); 3) a crítica em relação à indústria cultural, o que sugere maior controle democrático dos aparatos ideológicos e; 4) o movimento da literatura das classes operárias. A descrição deste último momento parece manter estreita relação com a manifestação da literatura marginal-periférica no Brasil:

Silenciados por gerações inteiras, aprendendo a considerar a literatura uma atividade de elite fora de seu alcance, os operários da Grã-Bretanha vêm se organizando ativamente nos últimos dez anos para encontrar seus estilos e suas vozes próprias.[...] As empresas editoras comunitárias e cooperativas são projetos conjuntos, interessados não apenas em uma literatura ligada a valores sociais alternativos; eles desafiam e modificam as relações sociais existentes entre autores, editores, leitores e outros trabalhadores da literatura. [...] Terminarei com uma alegoria. Nós sabemos que o leão é mais forte do que o domador, que também sabe disso. O problema é que o leão não sabe. Não é de todo impossível que a morte da literatura ajude o leão a acordar. (EAGLETON, 2006, p. 326-327).

É neste clima de descompasso entre a crítica literária tradicional e as novas concepções culturalistas que as discussões acerca da literatura, no âmbito escolar, encontram respaldo na legislação e nos livros didáticos (para não falar da prática de cada professor em sala de aula). Considerando a alegoria de Eagleton, a importância e a especificidade da literatura parecem estar em suspenso aguardando o final do espetáculo circense.

## 5 LITERATURA E ESCOLA

Para compreender as esferas culturais, sociais e ideológicas que permeiam as práticas escolares, é preciso elucidar as principais propostas regidas pela legislação no que tange o ensino da literatura, uma vez que parte do conteúdo mínimo de uma disciplina escolar é regido por estas leis específicas.

Cabe, entretanto, considerar, especialmente no momento histórico do país, a possibilidade de uma futura (e talvez próxima) aprovação de uma reformulação educacional significativa e estrutural que substituiria em grande parte a base na qual o sistema educacional hoje está pautado. Trata-se da proposta preliminar *Pátria Educadora: a qualificação do ensino básico como obra de construção nacional*, publicada em abril de 2015 pela presidência da república e a Secretaria de Assuntos Estratégicos para apreciação, revisão e discussão pela sociedade civil.

O documento apresenta diretrizes de um projeto nacional que elenca diversas ações visando a concretização de um ideário. Segundo o documento, a situação da qualidade do ensino no Brasil é precária. Na área que tange a disciplina de Língua e Literatura, afirma que: “No final do terceiro ano do ensino médio, mais da metade dos alunos mal consegue ler ou escrever texto simplório” (PÁTRIA EDUCADORA, 2015, p.3).

A proposta, que se diz “revolucionária”, busca estratégias de desenvolvimento relacionadas principalmente no campo econômico e educacional. Assim, considera três pontos de partida: continuar e aperfeiçoar as práticas pautadas no modelo de eficiência empresarial (exemplo: estabelecer metas, avaliação, incentivos, cobrança, acompanhamento, despolitização e participação democrática); mudar a maneira de ensinar e de aprender baseada no ensino tradicionalista (enciclopédico, raso e informativo), para um modelo de libertação: análise verbal e raciocínio lógico através do aprofundamento seletivo; e organizar o sistema nacional de ensino considerando sua diversidade com a finalidade de evoluir (PÁTRIA EDUCADORA, 2015).

Em suma, os quatro eixos propostos de qualificação são: a) organização da cooperação federativa na educação (no campo da avaliação, redistribuição e correção); b) reorientação do currículo e da maneira de ensinar e de aprender (mudança de paradigma pedagógico e curricular); c) a qualificação de diretores e de professores; e d) aproveitamento de novas tecnologias. Dentre as ações necessárias para implementação do plano, o documento prevê a criação de um Currículo Nacional (Base Nacional Comum) que objetiva abandonar os métodos tradicionais de ensino e organização curricular de conteúdos:

A Base Nacional Comum abandonará o enciclopedismo raso que tradicionalmente marca nosso ensino. Não se contentará, porém, em colocar enciclopédia menor -- conjunto de conteúdos consagrados - no lugar da enciclopédia maior. Dará a capacitações primazia sobre conteúdos. E na maneira de tratar conteúdos preferirá o aprofundamento seletivo à superficialidade abrangente (PATRIA EDUCADORA, 2015, p. 24).

Haverá, portanto, Sequências Padrão e Especiais de Capacitações que os alunos deverão cumprir a cada etapa escolar (as capacitações de comportamento, por exemplo, são baseadas na disciplina e na cooperação). Para o Ensino Médio haverá escolas federais de referência, as quais os alunos poderão concorrer a uma vaga conforme o nível de desenvolvimento global. Os livros didáticos, enquanto guias das atividades do professorado, serão dispensados e substituídos por protocolos, feitos por especialistas com o objetivo de estabelecer repertório amplo e pormenorizado das maneiras de ministrar, em cada aula, os elementos do Currículo Nacional (PATRIA EDUCADORA, 2015). Segundo o documento, o governo disponibilizará meios tecnológicos e técnicas para auxiliar o professor em sala de aula (vídeos e *softwares*), combinando o ensino presencial e por recursos audiovisuais interativos e progressivos.

O projeto está em discussão e já recebeu várias críticas. Acredita-se que, se aprovado, a implementação do plano no sistema escolar ocasionará o fim dos estudos historiográficos da literatura, uma vez que equivale ao modelo enciclopédico e positivista criticado no documento, e a indicação de obras consideradas canônicas pela crítica e história literária possivelmente também perderá seu sentido e *status* de legitimado. Nesse sentido, a inserção da literatura marginal-periférica na escola

tornar-se-ia ainda mais possível (e talvez, desejada), assim como a desconstrução das teorias literárias que até o momento deram vazão e razão ao ensino da literatura na escola.

Paralelamente, está em processo de construção a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), prevista na Constituição e no Plano Nacional de Educação. A primeira versão foi lançada em julho de 2015 no Portal da BNCC, pelo MEC, para Consulta Pública. Em abril deste ano será apresentada a 2<sup>a</sup>. versão. Segundo o documento, os objetivos da área de Linguagens buscam assegurar o debate sobre cidadania e pluralidade, questionando os processos de construção da realidade social e no âmbito da linguagem, visa explorar as mais diversas experiências, questionando as visões de mundo naturalizadas.

A BNCC propõe à disciplina de Língua Portuguesa uma organização com base em cinco eixos: apropriação do sistema de escrita alfabético/ortográfico e de tecnologias da escrita, oralidade, leitura, escrita e análise linguística. Incentiva a formação literária durante toda a Educação Básica, segundo a teoria do letramento literário. Em relação ao repertório desejável para estudo no Ensino Fundamental, o BNCC (BRASIL, 2015, p.42) cita: “[...] textos literários tradicionais, da cultura popular, afro-brasileira, africana, indígena e de outros povos”, acrescentando a cada nível/série um aprofundamento, como por exemplo: comentar temas e imagens, compreender características gerais). Conforme as séries, o documento especifica o estudo de gêneros, como por exemplo: contos, lendas, fábulas e mitos.

Já o conteúdo proposto para o Ensino Médio, em relação aos estudos literários, implica na supressão da Literatura Portuguesa e na mudança de perspectiva histórica sobre as produções literárias brasileiras (com inclusão das produções africanas, afro-brasileira e indígenas). Ou seja, o ensino da literatura não parte da estrutura linear da história, mas do ponto de vista atual sobre o passado. Deste modo, o conteúdo prevê para o 1º. Ano do Ensino Médio, o estudo “[...] das produções literárias de autores da Literatura Brasileira Contemporânea, percebendo a literatura como produção historicamente situada e, ainda assim, atemporal e universal” (BRASIL, 2015, p. 61). Incentiva a leitura de obras africanas de língua portuguesa, o trabalho a partir das técnicas narrativas e de recursos sonoros, além

do contato com os gêneros: contos, crônicas e poemas. Para o 2º. Ano, a BNCC acrescenta o estudo das produções literárias dos séculos XX e XIX, em diálogo com as obras contemporâneas. Assim, o estudo das manifestações literárias dos séculos XVIII, XVII e XVI fica reservado ao 3º. Ano, sendo que um dos objetivos é:

Analisar a interação que se estabelece entre a narrativa literária e o seu contexto de produção (ideologias, vozes sociais, outros textos, tradições, discursos, movimentos culturais, políticos, etc.) considerando também o modo como a obra dialoga com o presente (BRASIL, 2015, p. 65).

Os estudos dos gêneros textuais são distribuídos nas Práticas: Político-Cidadãs, Investigativas, do Mundo do trabalho e das Tecnologias de informação e comunicação.

Nota-se, a partir desta breve exposição, que as reformas educacionais no Brasil tendem a adotar uma perspectiva culturalista que prioriza um ensino voltado ao mercado de trabalho, com vistas a uma formação geral e, muitas vezes, superficial e automatizada, uma vez que nega os valores tradicionais, a memória e o percurso histórico da sociedade.

## 5.1 LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA

A educação brasileira é regida por uma legislação específica que tem como seu principal documento a Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, conhecida como a LDB, firmada no governo de Fernando Henrique Cardoso. Esta estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional, outorgando à União, formada pelos Estados, Distrito Federal e os Municípios, a responsabilidade de elaborar um Plano Nacional de Educação (PNE) e organizar os currículos e os conteúdos mínimos para a educação infantil, fundamental e média. Cabe a União também supervisionar e disponibilizar os meios necessários para reconhecimento, avaliação e credenciamento das instituições ofertantes do ensino, tanto público quanto privado.

Recentemente, a Lei nº.13.005 de 25 de junho de 2014, sancionada pela



presidente Dilma Rousseff, aprovou o novo Plano Nacional de Educação (PNE)<sup>138</sup>, com validade de dez anos. O PNE tem como objetivos elevar o nível de escolaridade da população, melhorar a qualidade do ensino, reduzir as desigualdades sociais e regionais e democratizar a gestão do ensino público. Diante do processo de modernização do país, o PNE prioriza a formação de cidadãos qualificados para desempenhar uma profissão. Neste novo plano, no artigo segundo, no item VII, torna-se uma diretriz a “promoção humanística<sup>139</sup>, científica, cultural e tecnológica do País”. Nesse sentido, a literatura contribui para esta formação humana necessária, apesar de a política brasileira estimular tanto o ensino tecnológico e científico em detrimento às humanidades.

Segundo a **LDB**, a educação escolar brasileira deverá vincular-se ao mundo de trabalho e à prática social. A lei garante o ensino público e gratuito das séries fundamentais e do ensino médio, sendo os pais os responsáveis em matricular a criança a partir dos quatro anos de idade<sup>140</sup>. O Ensino Médio, segundo a LDB, é responsável por consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, assim como preparar o aluno para o trabalho e para o exercício da cidadania, incluindo a formação ética, intelectual e crítica.

No âmbito da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, prioriza-se a produção textual, antes centrada na tríade: narração – descrição – argumentação, agora formalizada pelos Gêneros Textuais ou Gêneros Discursivos que listam uma série de textos (a maioria não-literários) de circulação social, elaborados em determinada situação para alcance de objetivos específicos, por exemplo: carta de solicitação, receita, texto de divulgação científica, notícia, campanha publicitária, entre outros. O ensino da literatura sistematizado pela historiografia literária não seria um conteúdo do ensino fundamental a ser consolidado, mas trata-se de uma nova forma de estudo literário. É portanto uma disciplina considerada nova para os adolescentes.

---

<sup>138</sup> O primeiro Plano Nacional de Educação surgiu em 1962, elaborado na vigência da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024, de 1961). Esse sofreu revisões em 1965 e em 1966, onde passou a chamar Plano Complementar de Educação.

<sup>139</sup> O termo “humanística” difere daquele adotado pela filosofia tradicional. Aqui equivale apenas aos estudos referentes às humanidades.

<sup>140</sup> A lei nº 12.796, de 2013 revoga a idade escolar obrigatória de sete anos e institui a idade de quatro para o ingresso no ensino básico.

Segundo a legislação, o currículo do Ensino Médio deverá destacar a educação tecnológica básica (ciências, letras e artes), tendo a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e cidadania. A LDB também prevê a especificidade de cada região do Brasil, incentivando a complementação do currículo considerado como uma Base Nacional Comum, assim, cada sistema de ensino e estabelecimento escolar poderá oferecer um conhecimento diversificado segundo as exigências dadas pelas “[...] características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (BRASIL, 1996, LDB, Art.26). Paralelamente, a Lei nº 11.645 de 2008, que destaca a importância na ministração dos conteúdos relacionados à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas, complementa a visão inclusiva e multicultural da LDB.

Tendo como ponto de partida a LDB, têm-se os seguintes documentos oficiais da educação que prescrevem certas medidas e orientações quanto ao ensino nas escolas brasileiras: **1) os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)** e seus desdobramentos particulares como: os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) e suas Orientações Complementares (OCEN); **2) as Diretrizes Curriculares Nacionais** para o Ensino Médio (DCN-EM) e suas versões estaduais, no caso, interessam as Diretrizes do Estado do Paraná (DCE). Estas são fontes primordiais para compreender as práticas em sala de aula.

Os **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)** buscam delimitar as áreas de conhecimento conforme as propostas do Ensino Médio presentes nas diretrizes registradas na Lei nº. 9.394/96 e no Parecer do Conselho Regional da Educação/Câmara de Educação Básica nº 15/98. Tais propostas visam a formação escolar do aluno para o contexto do mundo contemporâneo e a criação de uma identidade para a escola média brasileira. A linguagem é uma competência fundamental para a compreensão de toda ciência, técnicas e conhecimentos veiculados pela escola. Seu estudo deve destacar a natureza social e interativa da linguagem, incentivando a verbalização da linguagem interiorizada do aluno e de outras práticas sociais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) dividem-

se em quatro partes: Parte I: *Bases Legais*; Parte II – *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*; Parte III – *Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias*; e Parte IV – *Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Grande parte do texto de Bases legais justificam as mudanças no EM a partir de uma compreensão política e econômica que surge devido à chamada “revolução tecnológica”. Toda essa visão acerca de um mundo globalizado, do acesso generalizado à informação, desenvolvimento e superação de meios de comunicação e tecnologia, faz com que o mercado e as relações de socialização por meio do trabalho sejam modificadas, exigindo um novo perfil de cidadão. Esta ideia reforça que o valor do indivíduo e sua cidadania só são reconhecidos mediante seu trabalho. Ora, tal concepção não condiz com uma formação ética, pois além de excluir potencialmente um bom número de jovens que estão à margem do mercado de trabalho, a cidadania não deve associar-se à condição trabalhista do indivíduo. Esta associação leva a erros como considerar aquele que ocupa um melhor cargo como portador de direitos enquanto que aquele que está nas ruas, em situação de risco, não tem direitos (pois não contribui na grande engrenagem do mercado). Infelizmente parece ser este o imaginário popular aqui no Brasil, reforçado em documentos como este.

A sociedade está sim em transformação e constante mudança, como sempre esteve – sendo apenas a velocidade destas uma novidade. Apesar disto, os documentos não apontam ou valorizam aquilo que é imutável, que permanece nas relações sociais e na humanidade em si. Se observarmos mais a fundo, as tecnologias mudam parte da relação e da comunicação, mas os grupos sociais preservam certas tradições, inclusive como meio de sobrevivência, necessidade de memória e crítica, conservando assim sua história – e este é um fator que torna o homem humano diante da realidade que se apresenta.

Para os PCNEM, é positivo que as competências enquanto cidadão correspondam àquelas necessárias para o trabalho. A justificativa com base no trabalho, que é uma das dimensões fundamentais que a escola deve prover, alia-se a uma visão negativa do passado e das práticas escolares tradicionais. Afirma, por exemplo, que “[...] ao manter uma postura tradicional e distanciada das mudanças sociais, a escola como instituição pública acabará também por se marginalizar”

(BRASIL, 2000, p. 12). O documento ainda coloca que o ensino anterior a esta reforma, ou seja, pautado no tradicionalismo, é “[...] descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações” (BRASIL, 2000, p.4).

A reforma curricular, segundo os PCNEM, deve capacitar o aluno nos três domínios da ação humana: “a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva”. Para isto, foca que os eixos estruturais da educação contemplem a ideia do: *Aprender a conhecer; Aprender a fazer; Aprender a viver; Aprender a ser* – premissas defendidas pela UNESCO. Diante de uma explicação mínima do que seria cada um desses aspectos, para a questão da literatura em discussão, a concepção do *Aprender a ser* é fundamental:

Aprender a ser supõe a preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, frente às diferentes circunstâncias da vida. Supõe ainda exercitar a liberdade de pensamento, discernimento, sentimento e imaginação, para desenvolver os seus talentos e permanecer, tanto quanto possível, dono do seu próprio destino (BRASIL, 2000, p.16).

Na Parte II – *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*, o principal eixo da proposta é o respeito à diversidade. O documento traz uma visão da área, de forma interdisciplinar e a especificidade de cada disciplina, buscando refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem e as competências e habilidades que procura desenvolver em cada estudante. Na introdução, a abordagem sobre a linguagem tem como base os princípios teóricos bakhtinianos, oferecendo uma perspectiva transdisciplinar da linguagem em suas diferentes manifestações objetivando a interação social.

Em relação à literatura, é possível destacar alguns conceitos expostos a fim de reforçar a importância de seu estudo, por exemplo: “A linguagem é uma herança social, uma 'realidade primeira', que, uma vez assimilada envolve os indivíduos e faz com que as estruturas mentais, emocionais e perceptivas sejam reguladas pelo seu simbolismo” (BRASIL, 2000, parte II, p.5), ou ainda: “O caráter dialógico das linguagens impõe uma visão muito além do ato comunicativo superficial e imediato. Os significados embutidos em cada particularidade devem ser recuperados pelo estudo histórico, social e cultural dos símbolos que permeiam o cotidiano.” (BRASIL,

2000, parte II, p.6). Os PCNEM demonstram a importância da literatura como manifestação consciente da linguagem, das relações sociais, assim como a elaboração e organização do pensamento humano em estruturas constituídas pelo pacto ficcional. É um sistema simbólico diferenciado daquele utilizado no dia-a-dia, mas que oferece uma gama de novos significados, atribuição de sentido, vocabulário, entre outros.

Os pressupostos teórico-metodológicos do documento estão sintetizados em dez subtítulos<sup>141</sup>. Dentre estes, a literatura recebe algumas menções como: que cada texto literário possui suas dimensões na organização, marcando suas especificidades e relações com seu contexto sócio-histórico: “Comparar os recursos expressivos intrínsecos a cada manifestação da linguagem e as razões das escolhas, sempre que isso for possível, permite aos alunos saber diferenciá-los e inter-relacioná-los.” (BRASIL, 2000, parte II, p. 8).

O documento deixa explícito que o acesso à literatura, diga-se autorizada, como os cânones, pode ajudar no processo de aprender a gostar, afinando assim a crítica pessoal do aluno: “O gostar ou não de determinada obra de arte ou de um autor exige antes um preparo para o aprender a gostar. Conhecer e analisar as perspectivas autorizadas seria um começo para a construção das escolhas individuais.” (BRASIL, 2000, parte II, p. 9).

Sobre as competências e habilidades listadas nos parâmetros, algumas podem ser alcançadas pelo estudo da literatura, tais como:

Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas. [...] Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de ideias e escolhas, tecnologias disponíveis etc.). [...] Recuperar, pelo estudo, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial. [...] Respeitar e preservar as manifestações da linguagem, utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização; usufruir do patrimônio nacional e internacional, com as suas diferentes visões de mundo; e construir categorias de diferenciação, apreciação e criação. (BRASIL, 2000, parte II, p. 14).

---

<sup>141</sup> Cada subtítulo é explicado de forma sucinta (Ver BRASIL, 2000, Parte 2, p. 6-12).

No tópico específico intitulado Conhecimentos de Língua Portuguesa, os PCNEM explicam que desde a LDB de 1971, a disciplina de Português está dividida entre o estudo de Língua e Literatura (com base na literatura brasileira). Esta divisão é notória até os dias atuais tanto nas aulas quanto nos livros didáticos, ou seja, a subdivisão do conteúdo em: gramática, estudos literários e redação. O documento critica esta postura, pois apregoa um ensino mais interdisciplinar e voltado à análise do discurso, do texto em si.

O ensino de gramática, para os PCNEM, é apenas um exercício de regras descritivas, com frases soltas, deslocadas de seu contexto (que seria o texto). Esta proposta de estudar a língua diretamente aplicada ao texto parece ser ideal, entretanto na prática sabe-se que é preciso dominar o mínimo de concepções sobre as normas de funcionamento da língua para então compreender seu uso e contexto. Ou seja, assim como na matemática é preciso dominar as quatro operações para então aprender a interpretar um problema e saber qual ação matemática desenvolver, na língua também é preciso conhecer suas regras e normatização para então compreender sua aplicação e sentido no texto. As regras não podem ser o foco na interpretação de um texto, mas sim sua construção de sentido. Para isto, o domínio das regras deve estar implícito na análise textual. São momentos diferentes do processo de ensino-aprendizagem e que não estão sendo levados em conta. O estudo da gramática deve auxiliar no desenvolvimento cognitivo do aluno, pois trabalha com operações mentais de organização, seleção, substituição, significado, entre outros.

Para os PCNEM, a literatura deverá se integrar à área de leitura:

Os conteúdos tradicionais de ensino de língua, ou seja, nomenclatura gramatical e história da literatura, são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos e a literatura integra-se à área de leitura (BRASIL, 2000, parte II, p. 18)

Segundo a LDB e o Parecer CNE, cada escola tem autonomia para propor as disciplinas e distribuir sua carga horária. Sendo assim, não há na legislação uma obrigatoriedade em relação ao estudo específico da literatura, apenas o desenvolvimento das competências e habilidades devem ser respeitadas.

Para finalizar os estudos sobre os PCNEM, há apenas um tópico listado nas competências e habilidades a serem desenvolvidas na disciplina de Língua Portuguesa que diz respeito à literatura. Já apontamos tal objetivo acima, porém aqui aparece de forma particularizada: “Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial” (BRASIL, 2000, parte II, p.24).

Os PCN+ Ensino Médio, que é complementar aos PCNEM, traz novamente a discussão sobre a reformulação do Ensino Médio e contempla, em termos gerais e um tanto repetitivo, a área de *Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias*. Em seguida trata cada uma das disciplinas integrantes a esta área. Na introdução referente à área de Língua Portuguesa, o material traz dois exemplos relacionados à literatura, na perspectiva de articular as demais áreas de maneira interdisciplinar:

[...] ao tratar dos gêneros literários, pode trazer a discussão de modelos explicativos, de análises críticas e de hipóteses de relações causais, do contexto das Ciências Humanas ou das Ciências Naturais, encontrados com facilidade no material didático das disciplinas das referidas áreas. (BRASIL, 2002, vol.1, p.18).

Neste primeiro exemplo, a tentativa é de estabelecer relações com outras áreas a partir de teses ou hipóteses críticas sobre determinado tema ou assunto - uma atividade interessante que poderá contribuir para a análise do texto literário e construção crítica de visão de mundo. O segundo exemplo propõe relacionar o estudo da literatura com a história. De forma bastante contundente, os PCN+ citam vários autores considerados canônicos dentro da perspectiva da literatura ocidental:

A Literatura, particularmente, além de sua específica constituição estética, é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural: Camões ou Machado de Assis; Cervantes ou Borges; Shakespeare ou Allan Poe; Goethe ou Thomas Mann; Dante ou Guareschi; Molière ou Stendhal. (BRASIL, 2002, vol 1. p. 19).

No item específico de Língua Portuguesa, da autoria de Maria Paula Parisi Lauria, após uma breve introdução, são colocadas algumas situações problemas

possíveis em sala de aula e uma proposta de resolução, contextualizando ações previstas pelos PCNs e orientações gerais sobre a área de Linguagem. A situação 3, no caso, se refere a um fragmento do texto *Famigerado* de Guimarães Rosa sob a seguinte questão: “[...] como apreender os efeitos de sentido criados pelas adesões e rupturas ao sistema linguístico da língua portuguesa falada e escrita no Brasil?” (BRASIL, 2002, vol.1, p. 56). Lauria (BRASIL, 2002, vol.1, p. 58) traz a seguinte conclusiva:

A leitura do texto literário – e a consequente percepção dos recursos expressivos de que se vale o autor para constituir seu estilo – mobiliza uma série de relações: entre texto e contexto sociocultural de produção e recepção; entre escolhas do autor, temáticas abordadas, estruturas composicionais e estilo, apenas para citar algumas. O trecho de Guimarães Rosa requer um leitor capaz de identificar o tratamento que uma temática universal (o medo) recebe de um autor que se vale de alguns recursos ímpares: um léxico inspirado na cultura oral do interior mineiro e uma sintaxe que frequentemente rompe os padrões estabelecidos pela norma. A leitura da obra literária poderá assim fazer muito mais sentido para os estudantes, pois passa a ser entendida não como mero exercício de erudição e estilo mas como caminho para se alcançar, por meio da fruição<sup>142</sup>, a representação simbólica das experiências humanas.

O objetivo da análise textual pressupõe o desvelamento dos discursos que se interpõem na linguagem (escrita/falada). Uma das competências a serem desenvolvidas relacionadas ao texto, segundo os PCN+, é reconhecer a tipologia dos textos. Mas, mais importante, é compreender a visão de mundo e cultura expressas pela língua, e mobilizar os conhecimentos linguísticos. Assim, o trabalho da disciplina volta-se constantemente à tríade das competências: interativa, textual e gramatical.

A questão da intertextualidade é colocada ao afirmar que “Os textos orais e escritos mostram de forma concreta o universo de seu autor: o que ele pensa, como

---

<sup>142</sup> Como fruição, o documento entende o “desfrute” - ou seja, “[...] trata-se do aproveitamento satisfatório e prazeroso de obras literárias, musicais ou artísticas, de modo geral - bens culturais construídos pelas diferentes linguagens -, depreendendo delas seu valor estético”(BRASIL, 2002, vol.1, p.67). Nas OCEM, há uma explicação mais aprofundada sobre o conceito de fruição para que não haja a interpretação errônea de que a fruição significa prazer enquanto atividade lúdica ou de divertimento. O texto explica o conceito de fruição segundo a tradição clássica, aristotélica (catarse e mímese) e segundo uma concepção mais moderna, citando Adorno – neste a obra seria palatabilidade, própria para o consumo. São dois extremos mediados pela ideia de que quanto mais letrado for o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será em suas experiências estéticas literárias (BRASIL, 2006).



pensa, como expressa esse pensamento, que diálogos trava com outros textos de outros interlocutores.” (BRASIL, 2002, vol.1, p. 58). A literatura é o maior exemplo desta proposição, pois cada obra literária surge em resposta afirmativa ou de oposição às obras anteriores.

Sobre a emissão de juízos críticos sobre manifestações culturais, os PCN+ afirmam que é necessário considerar que todo produto cultural, seja literatura, artes plásticas, música, dança ou outro, possui uma relação com seu tempo e com o tempo passado, sendo muitas vezes resultado desta construção histórica. “Não basta considerar algo como belo ou não; é preciso saber de que premissas se parte para valorizar determinados procedimentos de ordem estética, sem perder de vista que tais valores são variáveis no tempo e no espaço.” (BRASIL, 2002, vol.1, p. 65).

Ao conceituar cultura, os PCN+ fazem menção ao estudo da história da literatura como exemplo de um bem cultural e patrimônio coletivo. Ao tratar sobre o imaginário coletivo, citam-se alguns mitos criados a partir de obras literárias (anteriores ou reforçados por elas):

Os mitos imortalizados pela literatura como o “herói sem nenhum caráter”(Macunaíma), o homem do interior de Minas (Grande sertão: veredas) ou o nordestino retirante (Vidas Secas) são representações revestidas de alta carga expressiva e que, entre tantas outras que o professor pode escolher, merecem ser apreciadas do ponto de vista estético (BRASIL, 2002, vol.1, p.68).

Os PCN+ também fazem reconhecimento do patrimônio cultural não apenas nacional, mas internacional, incentivando a apreciação estética desses bens independente de sua origem, assim como valoriza as produções individuais dos alunos. Reforça-se a importância da dupla faceta de todo produto cultural que é a expressão de valores locais ao mesmo tempo que sintetiza simbolismos universais. No item acerca da Seleção de conteúdos, os parâmetros dão suporte à formação de leitores e ao ensino da literatura canônica, privilegiando a literatura brasileira, em detrimento de seu recorte historiográfico. Outra posição fortemente marcada é quanto ao estudo dos gêneros discursivos (gêneros textuais e literário). Nesse aspecto, a literatura é mais uma ramificação desta nova visão acerca da linguagem e do discurso linguístico. A proposta é abandonar o “velho esquema” de produção

textual baseado nas estruturas textuais tradicionais: narração, descrição e dissertação, e buscar adotar uma perspectiva de análise e produção a partir dos gêneros textuais que circulam socialmente:

- na literatura, o poema, o conto, o romance, o texto dramático, entre outros;
- no jornalismo, a nota, a notícia, a reportagem, o artigo de opinião, o editorial, a carta do leitor;
- nas ciências, o texto expositivo, o verbete, o ensaio;
- na publicidade, a propaganda institucional, o anúncio;
- no direito, as leis, os estatutos, as declarações de direitos, entre outros. (BRASIL, 2002, vol.1, p. 77).

Nessa concepção, importa que o aluno analise textos que fazem parte da vida extraescolar, experimentando não apenas o contato com o livro, mas com diversos suportes como enciclopédias, *outdoor*, revista, jornal, artigos, *folders*, etc. A finalidade é ampliar o contato com textos escritos e desenvolver de forma múltipla a competência textual.

Mais adiante, para finalizar, os PCN+ enfatizam alguns procedimentos para o estudo de textos literários considerando-os como “objeto sócio-historicamente construído”:

- distinguir texto literário de texto não-literário, em função da forma, finalidade e convencionalidade;
- comparar dois textos literários, percebendo semelhanças ou diferenças decorrentes do momento histórico da produção de cada um deles;
- diferenciar, em textos, marcas de valores e intenções de agentes produtores, em função de seus comprometimentos e interesses políticos, ideológicos e econômicos;
- identificar, na leitura de um texto literário, as implicações do tratamento temático e do estilo relativas ao contexto histórico de produção e recepção do texto;
- relacionar o universo narrativo com estilo de época, bem como com estereótipos e clichês sociais. (BRASIL, 2002, vol.1, p. 80).

As ações são focadas no campo da Linguística e da Análise do Discurso.

Em 2006, foi publicada pela Secretaria de Educação Básica as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) sob o título: *Linguagens, códigos e suas tecnologias* (vol.1). Acredita-se que estas complementam com mais eficácia os PCNEM<sup>143</sup>. Neste documento, o conteúdo referente ao ensino de língua portuguesa

<sup>143</sup> Uma das propostas das OCEM é apontar alguns equívocos conceituais presentes nos

vem dividido em dois capítulos: 1) Conhecimentos de Língua Portuguesa – enfatizando os conceitos gerais da linguística, justificando o enfoque dado à linguagem e aos gêneros textuais que circulam na sociedade e não apenas aos literários. O questionamento sobre a linguagem perpassa o campo ideológico da legitimação de certos usos, buscando desmistificar esta “construção social” e valorizar todo o tipo de manifestação linguística, observando seu contexto e sua adequação. Nesse sentido, o texto escrito deve ser estudado ao lado da oralidade, das composições visuais, musicais, entre outras; 2) Conhecimentos de literatura – onde se expõe os principais conceitos teórico-metodológicos sobre a disciplina.

Nas OCEMN, o capítulo acerca dos conhecimentos literários formula uma defesa da especificidade da literatura justificando sua presença na escola atual, uma vez que o contexto da modernização e da tecnologia visa apenas o imediatismo. Em geral, os conhecimentos técnico-científicos encontram sentido dentro da engrenagem mercadológica do trabalho, enquanto que a arte e a literatura são questionadas quanto ao seu valor e sentido dentro da escola.

A primeira tarefa do documento é diferenciar a literatura das demais produções dos gêneros textuais – abordagem adotada como princípio norteador do estudo de linguagem:

Embora concordemos com o fato de que a Literatura seja um modo discursivo entre vários (jornalístico, o científico, o coloquial, etc.), o discurso literário decorre, diferentemente dos outros, de um modo de construção que vai além das elaborações linguísticas usuais, porque de todos os modos discursivos é o menos pragmático, o que menos visa a aplicações práticas. Uma de suas marcas é sua condição limítrofe, que outros denominam transgressão, que garante ao participante do jogo da leitura literária o exercício da liberdade, e que pode levar a limites extremos as possibilidades da língua (BRASIL, 2006, p.49).

As OCEM retomam historicamente a presença da disciplina literária nos currículos escolares, tornando-se inclusive um sinal distintivo de cultura, e destaca que: “A disciplina, um dos pilares da formação burguesa humanista, sempre gozou de *status* privilegiado ante as outras, dada a tradição letrada de uma elite que

---

PCNs/PCNEM e corrigir o posicionamento de forma explicativa. Optou-se neste trabalho fazer eventuais correções, em nota de rodapé, no decorrer do texto para que não ficassem repetitivas as citações no texto.

comandava os destinos da nação” (BRASIL, 2006, p.51). Em seguida, devido ao desenvolvimento das técnicas e do mercado, houve uma “derrubada dos valores” (sobretudo tradicionais) colocando o estudo da literatura em xeque. O documento, então, coloca explicitamente a questão: “[...] por que ainda a Literatura no currículo do ensino médio se seu estudo não incide diretamente sobre nenhum dos postulados desse mundo hipermoderno?” (BRASIL, 2006, p. 52). Apesar de a linha de raciocínio ser materialista, a resposta “em defesa” da literatura encontra-se aos moldes tradicionais: as OCEM retomam a universalidade da literatura, mostrando que a literatura é como um “[...] meio de transcender o simplesmente dado, mediante o gozo da liberdade que só a fruição estética permite.” (BRASIL, 2006, p. 52-53) e, citando Candido, é um meio de humanização do homem coisificado. As OCEM justificam a literatura também através da legislação, citando a LDB e os PCNs, principalmente quanto ao “[...] desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico”(BRASIL, 2006, p.53).

O documento critica o exagero em discutir épocas e escolas literárias, ou seja, o recorte historiográfico, e ressalta que é mais importante o acesso ao texto e a formação do leitor. Coloca-se a importância do conceito de letramento literário, segundo Magda Soares, defendendo a ideia de que é preciso exercer as práticas sociais que usam a escrita e apropriar-se da literatura por meio da experiência estética e da fruição: “Por extensão, podemos pensar em letramento literário como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o” (BRASIL, 2006, p. 55)

Em seguida, questiona-se a postura do professor (autoritário, conservador, democrático, liberal) em relação aos textos literários canônicos e não-canônicos, à literatura de massa ou de produções de grupos minoritários. Esta discussão é muito interessante para temática deste trabalho, pois pode-se questionar também a inclusão da literatura marginal-periférica neste contexto. As OCEM colocam que restringir o estudo aos autores canônicos pode ser autoritarismo, assim como não ensiná-los em prol das manifestações populares também pode ser permissivo. Qual seria então o lugar de tantos tipos de produção literária? Segundo o documento:

Sem dúvida, muitos deles têm importância das mais acentuadas, seja por transgredir, por denunciar enfim, por serem significativos dentro de determinado contexto, mas isso ainda é insuficiente se eles não tiverem suporte em si mesmos, ou seja, se não revelarem qualidade estética. (BRASIL, 2006, p.55).

Com base em Gramsci<sup>144</sup> (2002), as Orientações Curriculares sustentam a ideia de que: “Qualquer texto escrito, seja ele popular ou erudito, seja expressão de grupos majoritários ou minorias, contenha denúncias ou reafirme o status quo, deve passar pelo mesmo crivo que se utiliza para os escritos canônicos.” (BRASIL, 2006, p. 57). Nesta concepção fica claro: a) a possibilidade de uso de textos escritos não-canônicos na escola; b) uso de textos de origem popular; c) os textos são vistos como expressão de classes sociais (grupos majoritários ou minorias); d) os textos apresentam um fundo político podendo conter denúncias ou reafirmando seu status quo; e) o crivo, ou seja, os critérios de julgamento de valor<sup>145</sup> são os mesmos para qualquer tipo de texto.

A partir deste conceito, lista-se algumas questões a serem feitas aos textos: “Há ou não intencionalidade artística? A realização correspondeu à intenção? Quais os recursos utilizados para tal? Qual seu significado histórico-social? Proporciona ele o estranhamento, o prazer estético?” (BRASIL, 2006, p. 57). Nota-se que as Orientações dão mais instruções sobre o tratamento dado ao texto literário do que os documentos anteriores, além de apontar direcionamentos metodológicos e visões teóricas acerca da literatura.

O documento dos PCNs – Bases Legais traz em anexo as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio redigida em 1998. Entretanto, o texto atual das **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCN-EM)** foi aprovado em 2011 e tornou-se obrigatório nas escolas a partir da Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012. Diferentemente da redação anterior de 1998 - que enfatizou a discussão sobre os princípios estéticos, políticos e éticos que inspiravam a LDB, de forma bastante equivocada e incoerente - este novo documento traz um panorama

<sup>144</sup> GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. V. 6. Trad. e org. de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luís Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

<sup>145</sup> A afirmação de Gramsci (2002) não delimita a instituição legitimadora que emite os crivos sobre a avaliação literária, mas pressupõe-se aqui que sejam as instâncias da crítica literária.

sobre a situação atual e planejamento para o Ensino Médio no Brasil.

O documento ressalta as diversas ações promovidas pelo governo, como leis e programas de apoio e incentivo à educação. Discute pontualmente as questões relacionadas à inclusão e a diversidade cultural:

Para que se conquiste a inclusão social, a educação escolar deve fundamentar-se na ética e nos valores da liberdade, justiça social, pluralidade, solidariedade e sustentabilidade, cuja finalidade é o pleno desenvolvimento de seus sujeitos, nas dimensões individual e social de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, compromissados com a transformação social. Diante dessa concepção de educação, a escola é uma organização temporal, que deve ser menos rígida, segmentada e uniforme, a fim de que os estudantes, indistintamente, possam adequar seus tempos de aprendizagens de modo menos homogêneo e idealizado (BRASIL, 2011, p. 152)

E ainda reserva espaço para considerar a realidade dos jovens no Brasil, questões do mercado de trabalho e as especificidades pedagógicas dos cursos noturnos, do EJA, da Educação Especial e dos estudantes indígenas, quilombolas e do campo. Retoma várias discussões presentes nos demais documentos aqui analisados e destaca o papel da pesquisa e dos Direitos Humanos como princípio norteador das diretrizes educacionais, além dos mecanismos de avaliação da aprendizagem, institucional e das redes de Educação Básica, com destaque ao ENEM.

A disciplina de literatura é citada sob a perspectiva da matriz pedagógica: */- Linguagens*, que é constituída pelos seguintes tópicos: a) Língua Portuguesa; b) Língua Materna, para populações indígenas; c) Língua Estrangeira moderna; d) Arte, em suas diferentes linguagens: cênicas, plásticas e, obrigatoriamente, a musical; e) Educação Física. Observa-se que a literatura não é considerada como um componente curricular obrigatório, mas está pressuposta no ensino de Língua Portuguesa. Não há considerações pontuais sobre as disciplinas aqui nas diretrizes nacionais. O recorte dado ao documento é mais formal e estrutural baseado nas legislações que o precedem.

As DCN-EM preveem uma base nacional comum a toda rede de ensino e uma complementada conforme as necessidades e prerrogativas de cada Estado. Isto permite que cada Estado formule seu próprio currículo respeitando à legislação

nacional e destacando suas necessidades regionais. A secretaria do Estado do Paraná, por exemplo, conta com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica, com um módulo específico de Língua Portuguesa (2008).

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa (DCE-LP) do Estado do Paraná traz, primeiramente, a dimensão histórica do ensino da Língua Portuguesa. O documento questiona o papel desempenhado pela escola a partir da constatação das desigualdades sociais no país. No campo linguístico, as diretrizes apontam que a democratização do ensino favoreceu o ingresso dos alunos das classes menos favorecidas, mas que essa inclusão é marcada pelo conflito entre a linguagem ensinada e a linguagem comum das camadas populares. A linguagem é considerada como um meio de discriminação. Esta visão não concebe a linguagem como uma produção humana, resultado de processos históricos e que, conseqüentemente, necessita de uma padronização para que possa ser acessível a todos. As afirmações feitas acerca da língua portuguesa no decorrer das diretrizes revelam um conhecimento insuficiente e por demais generalizado sob a perspectiva única da luta de classes. Critica-se negativamente, por exemplo, o ensino da língua latina, da retórica e da leitura de clássicos como sendo uma educação elitista, “[...] claramente reprodutivista, voltada para a perpetuação de uma ordem patriarcal, estamental e colonial” (VILLALTA<sup>146</sup>, 1997 *apud* BRASIL, 2008, p. 39 - 40). O documento não considera, no caso da literatura, por exemplo, a escrita de resistência e crítica presente em muitos clássicos, ou ainda em relação ao ensino de línguas, o fato de que latim constituiu a base das línguas modernas e seu ensino caminhou paralelamente à constituição da língua portuguesa.

Já sobre a Retórica, o documento afirma que “[...] é uma disciplina que fornecia às classes dirigentes uma técnica privilegiada que lhes permitia assegurar-se da propriedade da linguagem” (BRASIL, 2008, p.42). A retórica é uma técnica muito antiga, advinda dos gregos, que privilegia o falar bem com objetivo persuasivo e eficaz. Esta técnica era bastante difundida pois a busca pela verdade e a

---

<sup>146</sup> VILLALTA, L. C. O que se faz e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello (org.). **História da vida privada no Brasil** – Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

compreensão do mundo, filosoficamente, tinha como base a argumentação e a contra-argumentação das teses formuladas. O bem falar contribuía para a organização e exposição pública das ideias com finalidade dialética.

“Com relação à literatura, até meados do século XX, o principal instrumento de trabalho pedagógico eram as antologias literárias, com base nos cânones” (BRASIL, 2008, p. 45), provavelmente aqui, o texto se refere aos cânones da literatura portuguesa e os primeiros esboços de uma literatura nacional.

Na década de 1970, o ensino institucionalizado volta-se para qualificação técnica para o mercado de trabalho, com base na pedagogia tecnicista, com viés pragmático e utilitário. A disciplina de língua portuguesa coloca como centro a questão da comunicação e da expressão (oral e escrita) como norteadores da sua prática. Outros estudos como: a sociolinguística, semântica, análise do discurso e variações linguísticas são debatidas e pouco a pouco incluídas no currículo escolar.

Foi nesta década que o ensino de literatura ficou restrito ao ensino médio conforme os moldes estruturalistas e historiográficos: “[...] no vigor da ditadura militar, não seria tolerada uma prática pedagógica que visasse despertar o espírito crítico e criador dos alunos. A leitura literária era compreendida como subversiva, pois levava o sujeito à reflexão e à compreensão de si mesmo e do mundo” (BRASIL, 2008, p. 45). É possível observar que o documento ora acusa o ensino da literatura como sendo alienante, conservador e mantenedor da ordem estabelecida, ora é humanizador e instrumento de libertação, reflexão e crítica<sup>147</sup>. É um paradoxo conceitual que se reveza conforme a classe de poder que pretende criticar. A visão sobre a ditadura também é partidária, afinal os estudos literários foram mantidos, inclusive a prática de leitura integral de livros da literatura brasileira e clássicos universais. A censura foi realizada contra as ideias do socialismo e do comunismo que na época ameaçavam o poder<sup>148</sup>, isto não implica num sistema de ensino acrítico mas sim (e tão somente) restritivo.

Na década de 1980, a abertura política possibilitou os avanços nas pesquisas pedagógicas e educacionais, que enfatizaram a vertente progressista pela

---

<sup>147</sup> Cabe notar que o conteúdo literário o qual se critica é essencialmente o mesmo, uma vez que se baseia nos cânones literários.

<sup>148</sup> Na prática, é possível observar que a instância crítica que realizava a própria censura não tinha refinamento linguístico e literário para perceber as ambiguidades e mensagens codificadas.



chamada pedagogia histórico-crítica. Esta concepção, no campo da disciplina de língua portuguesa e literatura resultou nos estudos focados nas interações sociais, no contexto e nas práticas discursivas, sendo o Círculo de Bakhtin as obras de referência nas universidades até os dias de hoje.

Com base no livro *O texto na sala de aula*, organizado por João Wanderley Geraldi, escrito em 1984, a educação no Paraná buscou denunciar os estudos tradicionais baseados na gramática normativa e valorizar a educação linguística (centrada no texto/contexto) defendendo as unidades básicas de ensino na estrutura: leitura, produção de texto e análise linguística. A ideia é oferecer o máximo de interação com textos diversos, de circulação social, para que o aluno desenvolva aptidões sobre os multiletramentos<sup>149</sup>. “Nesse sentido, é preciso que a escola seja um espaço que promova, por meio de uma gama de textos com diferentes funções sociais, o letramento do aluno, para que ele se envolva nas práticas de uso da língua – sejam de leitura, oralidade e escrita” (BRASIL, 2008, p. 50).

No tópico sobre a literatura, as diretrizes do Paraná destacam a concepção de Antonio Candido<sup>150</sup> acerca da função literária: psicológica, formadora e social. É psicológica porque oferece um momento de fuga da realidade, de contato com o sonho e a imaginação, possibilitando reflexão, identificação e catarse; é formadora porque atua de forma educativa sobre o sujeito, tratando de realidades não reveladas na ideologia dominante; e é social porque retrata diversos segmentos da sociedade e suas especificidades. O “produto literário”, segundo as diretrizes, depende da vida social e apresenta modificações históricas conforme o nível de relação com as demais instâncias dialógicas como a própria linguagem, o contexto, a cultura, a crítica literária, a história, a economia, entre outros. Desta forma, as diretrizes reforçam a teoria da Estética da Recepção (Jauss)<sup>151</sup> e a Teoria do Efeito (Iser)<sup>152</sup>, expondo as sete teses de Hans Robert Jauss sobre a reformulação da história literária.

<sup>149</sup> Conceito defendido por Cope e Kalantzis (2000) – significa a multiplicidade de usos da linguagem e estratégias que envolvem a produção de sentido.

<sup>150</sup> Conceitos discutidos em: CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, Vol. 4, n. 9, PP. 803-809, set/1972.

<sup>151</sup> JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação a teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

<sup>152</sup> ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

Na definição do Conteúdo Estruturante, os pressupostos teóricos do ensino de literatura estão pautados na aplicação das teorias da recepção feitas por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar<sup>153</sup> – o chamado Método Recepcional. O leitor, então, é visto como sujeito ativo no processo de leitura, contribuindo para a discussão aberta dos textos literários. O método divide-se em cinco etapas de ação docente-discente: 1) Determinação do horizonte de expectativa do aluno (realidade sociocultural dos educandos, preferências e gostos); 2) Atendimento ao horizonte de expectativa (oferta de textos próximos à realidade do aluno, buscando a identificação); 3) Ruptura do horizonte de expectativas (as expectativas, certezas e esperanças podem ser abaladas com mais leituras, a interpretação deve ser aprofundada para romper com o senso comum e suas limitações); 4) Questionamento do horizonte de expectativas (autoavaliação a fim de perceber o aprendizado na leitura, a ampliação dos horizontes); e 5) Ampliação do horizonte de expectativas (retomada de posicionamento tendo em vista os conhecimentos adquiridos).

As diretrizes aconselham trabalhar com outras linhas de conhecimentos (sociológicos, filosóficos, análise do discurso, estudos culturais) e estabelecer relações com outras áreas (arte, biologia, antropologia, religião, etc.).

No final do documento, em anexo, há uma relação dos conteúdos estruturantes, denominados *Discurso como prática social*, que se subdividem em três categorias: *Conteúdos Básicos*, *Abordagem teórico-metodológica* e *Avaliação*. Quanto aos conteúdos básicos, há menção aos: Gêneros Discursivos, e os trabalhos com a Leitura, Escrita e Oralidade. Não há tópicos específicos para o conteúdo literário, a literatura está implícita como um gênero discursivo. Apenas a avaliação ressalta: “Referente à obra literária, amplie seu horizonte de expectativas, perceba os diferentes estilos e estabeleça relações entre obras de diferentes épocas com o contexto histórico atual” (BRASIL, 2008, p. 98).

Em geral, o que se pode perceber na leitura dos documentos legislativos é uma crítica predominantemente construída por meio da negação dos valores tradicionais, estes considerados inadequados à educação atual, tendo em vista seu

---

<sup>153</sup> AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. **Literatura e Formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

contexto moderno e globalizado. O ensino de literatura é criticado por sua ênfase na historiografia literária. Contudo, deve-se levar em conta que estudar a literatura a partir do recorte histórico e dos movimentos artísticos literários é uma opção metodológica que pode sim ser questionada, mas, por outro lado, pode ser complementada além de servir como ponto de partida para efetiva prática de leitura. Pois como afirma Candido (2013, p.31):

[...] o ponto de vista histórico é um dos modos legítimos de estudar literatura, pressupondo que as obras se articulam no tempo, de modo a se poder discernir uma certa determinação na maneira por que são produzidas e incorporadas ao patrimônio de uma civilização.

Há vários pontos de conflito teórico-metodológico nos textos. A dificuldade no estudo da literatura nos PCNEM, por exemplo, é identificar o que é ou não um texto literário. Cita-se exemplos de Drummond, Zé Ramalho, Paulo Coelho, enfim, sabe-se que todos são literatura, o problema não é, na realidade, a identificação do que é literário, mas sim como avaliar seu valor – ou seja, em toda manifestação artística, reconhecemos sua essência de arte, mas queremos sempre validar, julgar, hierarquizar – isto faz parte das relações de valor. Porém, esses critérios não são considerados, pois pretende-se na escola não atribuir valores para não desmerecer qualquer manifestação<sup>154</sup>.

Nota-se que na proposta dos parâmetros, a literatura perde seu lugar de destaque, enquanto arte da palavra, e passa a integrar o plano maior que é a linguagem. Esta concepção de linguagem prioriza a visão linguística do texto, sendo que o foco de estudo passa a ser os chamados gêneros discursivos (aliás, a linguagem é discurso e interessa revelar estes discursos como uma forma de desmascaramento ideológico). O estudo da literatura fica restrito apenas a mais uma das formas possíveis dos gêneros discursivos. A discussão estética, filosófica e histórica sobre a literatura está em segundo plano em prol do aperfeiçoamento estritamente linguístico e discursivo do aluno.

Há imposição de perspectivas teóricas que circundam todos os textos, como por exemplo, a concepção de que os valores (inclusive a linguagem e as

---

<sup>154</sup> O que pressupõe a desconstrução ou negação da ideia de cânone – apesar deste ser citado em vários momentos, seja de forma positiva ou negativa.

instituições) são construções sociais. No âmbito literário há frases como: “Não basta considerar algo como belo ou não; é preciso saber de que premissas se parte para valorizar determinados procedimentos de ordem estética, sem perder de vista que tais valores são variáveis no tempo e no espaço” (BRASIL, 2002, vol.1, p.65). O documento pressupõe um conceito moderno de que o Belo, por exemplo, varia no tempo e no espaço.

Segundo Dalvi (2014), após analisar as diretrizes do Estado do Espírito Santo e identificando esta mesma problemática teórica, ou seja, a citação de autores díspares e muitas vezes divergentes entre si, conclui que:

Essa aparente pouca clareza teórica poderia ser vista, por um lado, como tributária de uma situação da área de Educação como um todo – por exemplo, Siomara Borba Leite (2000) aponta uma reiterada afirmação de fragilidade teórico-metodológica dos trabalhos na área; e, por outro lado, poderia ser lida como relacionada a uma política que induz a produção de esvaziamentos ou diluições onto-epistemológicas, cujo desdobramento seria a construção de “mosaicos” teóricos nos quais diferentes correntes político-pedagógicas se reconheceriam, minando, de antemão, possíveis críticas, tensionamentos e embates. (DALVI, 2014, p.148).

A segunda opção parece ser mais congruente com a análise aqui apresentada, uma vez que encontramos nos documentos tanto apoio quanto críticas em relação ao cânone<sup>155</sup>, impossibilitando, assim, uma afirmativa categórica em relação à posição teórica, metodológica e ideológica adotada na legislação.

\*

Para concluir as observações gerais acerca da legislação educacional brasileira, pode-se notar que: a LDB, a partir dos princípios e fins da Educação Nacional (Artigo 3 & III), não seria um empecilho para a prática de leitura e estudo da literatura marginal-periférica na escola uma vez que defende a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura e as produções artísticas, valorizando inclusive a experiência extraescolar<sup>156</sup>. A lei também garante que cada escola faça adequações em seu conteúdo conforme as especificidades da região, cultura e clientela<sup>157</sup> que atende.

<sup>155</sup> Considerando este como uma noção estruturante que difere correntes teóricas hoje.

<sup>156</sup> Observa-se que muitas experiências e práticas de leitura marginal-periférica ocorrem por via de projetos educacionais extraescolares, envolvendo inclusive não apenas professores mas membros ativos na sociedade.

<sup>157</sup> Nota-se, a partir dos relatos das dissertações aqui analisadas, que toda aplicação e práticas de

Já para os PCNEM (2000), a organização das áreas e disciplinas de conhecimento não são obrigatórias, mas as competências e habilidades descritas devem ser observadas. Sendo assim, de acordo com os pressupostos defendidos para área de *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*, a partir da disciplina sugerida de Língua Portuguesa e Literatura, o ensino da literatura marginal-periférica seria possível pois traz uma experiência que pode ser pensada no âmbito da crítica social, colaborando para formação dos juízos de valor e exercício crítico.

A literatura marginal-periférica também está munida de “recursos expressivos” que permitem que sua linguagem seja comparada, diferenciada e inter-relacionada com outras manifestações linguísticas e/ou literárias. Para os PCNEM, o acesso à diversidade textual amplia o universo de compreensão e crítica do aluno. O documento defende que o cânone pode ser um ponto de partida no processo de desenvolvimento da crítica pessoal e do “aprender a gostar”. Nesse sentido, os textos da literatura marginal-periférica, principalmente na poesia, poderiam ser utilizados enquanto objetos de intertextualidade uma vez que remetem a obras ou autores clássicos<sup>158</sup>.

Considerando a concepção dos documentos educacionais em relação aos Gêneros, a literatura marginal-periférica também seria um exemplo de texto de circulação social, com intenções discursivas e representante de um grupo social específico (que, segundo os PCNEM, deve ser respeitado e preservado).

Considerando os fundamentos teóricos da Estética da Recepção adotados nas DCE-LP no Paraná, acredita-se que a literatura marginal-periférica poderia ser contemplada nas primeiras etapas do chamado Método Receptional de Aguiar e Bordini (1993), ou seja, 1) na *determinação do horizonte de expectativa* do aluno/leitor – é quando o professor toma conhecimento da realidade sociocultural dos educandos e 2) *atendimento ao horizonte de expectativas*, quando o professor oferece a leitura de textos próximos ao conhecimento de mundo dos alunos. Este

---

leitura da literatura marginal-periférica foram realizadas em escolas preferencialmente públicas e situadas em regiões periféricas, ou seja, as experiências relatam a questão da identificação dos sujeitos (clientela escolar) com a literatura.

<sup>158</sup>Por exemplo os poemas de Sérgio Vaz (2007): “Os miseráveis” (remete à obra do mesmo nome de Victor Hugo), “Romeu e Julieta” (remete ao conflito amoroso do texto de Shakespeare) ou “Banquete Lírico”(faz menção aos poetas consagrados da literatura brasileira: Cecília, Drummond, Vinícius, Clarice).

trabalho deve envolver também outros textos para que as expectativas sejam rompidas e que novos horizontes sejam estabelecidos.

O estudo da literatura periférica, conforme os apontamentos da legislação, também poderia contribuir para os estudos<sup>159</sup> no campo da linguística e da sociologia, como: observar a linguagem não-padrão e seus efeitos e usos no contexto específico da periferia; contrapor historicamente os processos de criação dos centros e periferias no Brasil; a situação das favelas e bairros menos favorecidos politicamente – como a falta de recursos como saneamento básico, saúde, transporte e outros pode influenciar na vida e nas relações sociais e culturais de um grupo, entre outros. São recortes específicos sugeridos como atividades interdisciplinares. Qualquer recorte destes pressupõe anteriormente um estudo crítico com base na leitura, interpretação e comparação de elementos estéticos e literários. Afinal, nenhum texto literário pode ser utilizado apenas como pretexto – a leitura e a crítica são princípios norteadores da presença da literatura em sala de aula.

Deste modo, a pesquisa mostra que não há impedimentos para o ensino da literatura marginal-periférica, assim como de qualquer outra manifestação literária similar, na escola, desde que se tenha como prioridade alcançar os objetivos educacionais propostos no documento.

## 5.2 PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD/2015)

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) pode ser considerado um dos mais antigos programas de distribuição de obras didáticas da rede pública de ensino<sup>160</sup>. Ao longo de 80 anos, diversas políticas foram discutidas e colocadas a

<sup>159</sup>As conclusões aqui expostas estão de acordo com as possibilidades observadas na legislação, segundo as teorias e métodos que são adotados/sugeridos, isto não significa que estão de acordo com as concepções de literatura que são discutidos nesta tese.

<sup>160</sup> Em 1929 o Estado criou o primeiro órgão responsável de legislar sobre as políticas do Livro Didático e sua distribuição em toda rede pública de ensino, o Instituto Nacional do Livro (INL). Em 1938, por Decreto, foi instituída a primeira comissão nacional do Livro Didático e em 1966 foram feitos os primeiros acordos entre o MEC e a Agência Norte-Americana para Desenvolvimento Internacional (Usaid) o que resultou na Comissão do Livro Técnico e Didáticos (Colted). A produção de livros

termo estabelecendo formas de controle de produção e distribuição de livros didáticos em todo país. Após uma série de avanços do programa, este é estendido para o Ensino Médio em 2005, com a criação do PNLD-EM.

Atualmente, o programa tem como objetivo prover não apenas livros didáticos mas também acervos literários e de obras complementares, dicionários entre outros. O programa é executado em ciclos trienais que permitem a reutilização e a reposição de livros por série do Ensino Fundamental e Médio, suprimindo de forma específica o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), as Escolas do Campo e os alunos com necessidades especiais<sup>161</sup>. O programa segue um calendário de ações que envolve desde a adesão das escolas, editais de inscrição das editoras interessadas em publicar, triagem, avaliação e seleção de obras, publicação do Guia de livros didáticos para análise e escolha dos professores e escolas, envio de pedidos, aquisição e distribuição.

Segundo os dados estatísticos do FNDE, o Ensino Médio recebeu no PNLD-2015, 87.622.022 exemplares de livros didáticos, beneficiando 7.112.492 alunos em 19.363 escolas. De fato, o Programa é significativo e atinge um grande contingente de alunos e professores do ensino público no Brasil. Isto justifica a escolha de livros didáticos para análise via PNLD.

O Guia de livros didáticos PNLD-2015 de língua portuguesa do Ensino Médio (2014) introduz seu texto contextualizando o Ensino do português (seu papel e suas práticas) em relação ao mundo dos jovens (trabalho, vivências sociais, expectativas, vestibular, etc.). Quanto aos princípios e objetivos gerais da disciplina, especificamente ao que tange a literatura, o Guia (2014, p. 12) recomenda: “[...] uma abordagem de textos da tradição literária brasileira e de língua portuguesa em geral,

---

didáticos em território nacional se estabeleceu em 1970, finalizando os acordos com os Estados Unidos e implementando nas parcerias com as unidades federadas. Cria-se o Fundo do Livro Didático no ano seguinte e em 1976 é extinto o INL. É criada a Fundação Nacional do Material Escolar (Fename), responsável pelo programa do livro didático, contando com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e as Unidades da Federação. O governo assume a compra da maior parcela dos livros e busca suprir as necessidades do Ensino Fundamental da rede pública. Em 1983 a Fename é substituída pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) junto ao Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef). Somente em 1985, o Plidef passa a ser o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), nomenclatura e estrutura presente até hoje.

<sup>161</sup> As informações sobre o programa estão disponíveis nos sites oficiais do MEC <<http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>> e no Portal do FNDE <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-apresentacao>>.

orientada para a formação do leitor de literatura e secundada por um processo de construção de conhecimentos específicos”. No segundo tópico de recomendação, trata da abordagem dos gêneros em circulação nas esferas públicas. Ou seja, o documento diferencia o momento de estudos literários da concepção e estudo dos Gêneros Discursivos, diferentemente do recorte dado na maioria dos documentos da legislação anteriormente citados.

O Guia (2014) comenta sobre a avaliação das obras didáticas<sup>162</sup>, expondo pontualmente os critérios de valoração e os pontos que serão abordados nas resenhas avaliativas dos livros didáticos, tais como: visão geral da obra acerca da literatura, leitura, produção escrita, oralidade e conhecimentos linguísticos. Em seguida, analisa cada coleção, destacando pontos fortes e fracos, a eficiência dos Manuais dirigidos aos Professores e as formas de interação propostas para atividades em sala de aula.

### 5.2.1 Análise dos Livros didáticos

Torna-se objeto de análise, as quatro primeiras coleções didáticas mais solicitadas e distribuídas pelo PNLD-2015, conforme o Edital *PNLD-2015: Coleções mais distribuídas por componente curricular Português*<sup>163</sup>:

- 1) *Português Linguagens* (de William Roberto Cereja e Thereza Anália Cochar Magalhães - Editora Saraiva, 2013);
- 2) *Novas Palavras* (de Emília Amaral; Mauro Ferreira; Ricardo Leite e Severino Antônio - Editora FTD, 2013);
- 3) *Português: Contexto, interlocução e sentido* (de Maria Luiza M. Abaurre; Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara - Editora Moderna, 2013) e
- 4) *Língua Portuguesa: Linguagem e Interação* (de Carlos Emílio Faraco; Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Junior - Editora Ática, 2013).

<sup>162</sup> Dentre as 17 coleções inscritas no edital de convocação, dez foram aprovadas no processo avaliativo, integrando o Guia do Programa 2015.

<sup>163</sup> Edital disponível no site FNDE: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>> . Acesso jan. 2016.



O objetivo desta análise é identificar possíveis fragmentos de texto ou citação de autores (ou qualquer outro apontamento ou contexto significativo) que possam remeter à literatura marginal-periférica. Após a identificação, pretende-se verificar o tratamento dado ao texto, assim como visualizar a influência ou não de pressupostos teóricos ou metodológicos observados nos trabalhos acadêmicos aqui analisados.

Além das pistas diretamente relacionadas à manifestação da literatura marginal-periférica, busca-se destacar paralelamente possíveis indícios de sua futura inserção, ou seja, a presença dos precedentes marginais ou descrições e autores da literatura marginal dos anos 1970. Considera-se ainda as manifestações gerais das periferias no âmbito musical do hip hop, rap e dos movimentos sociais e artísticos (todos estes citados anteriormente nesta tese).

COLEÇÃO I	
<b>TÍTULO</b>	<i>Português Linguagens</i>
<b>AUTORES</b>	William Roberto Cereja; Thereza Anália Cochar Magalhães
<b>EDITORA</b>	Editora Saraiva
<b>EDIÇÃO</b>	9ª. edição
<b>VOLUMES</b>	I, II e III
<b>ANO</b>	2013

A coleção *Português: Linguagens* de Cereja e Magalhães<sup>164</sup>. é formada por três volumes, cada um dividido em quatro unidades principais compostas de capítulos. A literatura, organizada tradicionalmente pela historiografia literária, é central no desenvolvimento das unidades. Os capítulos trabalham os seguintes eixos: Literatura (estilos literários); Produção de texto (oral e escrito); Língua: uso e reflexão (aspectos linguísticos) e Interpretação de texto (leitura e exercícios preparatórios para o Enem e vestibular). A coleção apresenta, no final das unidades, dois momentos de integração com os alunos: um com questões de vestibular e outro

<sup>164</sup> A análise emitida pelo MEC e FNDE está disponível no Guia de livros didáticos PNLD/ 2015 de Português, nas páginas 54 a 59.

denominado “Vivências”, o qual direciona atividades de pesquisa e leitura no início da unidade e propõe sua exposição em grupo no final da unidade.

Analisando a coleção, foi possível encontrar alguns autores da Poesia Marginal, geração 1970, no decorrer de atividades e exemplos literários ou linguísticos. No volume I, por exemplo, o poema *E com vocês a modernidade*, de Cacaso está em relação à poesia *Meus oito anos* de Casimiro de Abreu numa atividade de leitura comparativa, com o objetivo de observar a adequação e a superação dos estilos literários conforme o contexto histórico-social (*Português: Linguagens*, p. 23, vol.1). Mais adiante, o poema *Happy end* do mesmo autor é exemplo de poema de verso livre, construção própria dos poetas modernos (*Português: Linguagens*, p. 56, vol.1). O mesmo poema é citado no volume II da coleção: trata-se de uma questão de vestibular (UFRJ) que Cereja e Magalhães propõem para análise o gabarito oficial em relação à compreensão das operações cognitivas de justificação e conclusão (FIGURA 1):

Da mesma forma, não há muito rigor quanto ao significado no emprego de verbos como *concluir*, *inferir* e *deduzir*. De modo geral, nas três situações, espera-se que o estudante chegue a um resultado (uma conclusão) por meio da observação de pistas ou elementos do texto nem sempre explícitos.

Observe a questão a seguir, extraída do vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e a resposta que consta no gabarito oficial dele.

### Happy end

O meu amor e eu  
nascemos um para o outro  
agora só falta quem nos apresente

(Cacaso)

O texto “Happy end” — cujo título (“final feliz”) faz uso de um lugar-comum dos filmes de amor — constrói-se na relação entre desejo e realidade e pode ser considerado uma paródia de certo imaginário romântico. *Justifique a afirmativa, levando em conta elementos textuais.*

Resposta: O título oficial do poema de Cacaso e seus dois primeiros versos remetem a um amor predestinado, idealizado. O desejo de realização desse amor, entretanto, é desmontado pelo terceiro verso, que traz a contingência da realidade. Essa ironia destrutiva é característica do discurso paródico.

Para justificar a afirmativa feita no enunciado da questão, é preciso primeiramente compreendê-la bem. O candidato deveria perceber que, com o último verso, Cacaso destrói o imaginário romântico do “final feliz”, contrapondo o ideal (amor perfeito) ao real (ainda falta conhecer a pessoa amada).

Observe que a justificativa apresentada na resposta oficial demonstra como o poema foi organizado para construir a paródia. Por isso, estabelece uma oposição entre o último verso e as demais partes do poema (incluindo o título), ressaltando a ironia destrutiva como um procedimento típico da paródia.

## FIGURA 1 - EXEMPLO: POEMA DE CACASO

Fonte: Livro Didático: *Português: Linguagens*, 2013, p. 118, vol. 2.

Observa-se nesta atividade que o livro propõe uma interpretação literária de sentido do texto, levando em conta os aspectos estruturais (versos) e os efeitos de linguagem: ironia e paródia. O objetivo central, entretanto, é mostrar as articulações de racionalidade em uma resposta discursiva de vestibular, envolvendo a lógica e a argumentação na justificativa.

O poema *Ossos do ofício*, de Chacal, é citado em um exercício de interpretação semântica e discursiva, após a explicação do uso de figuras de linguagem no texto (*Português: Linguagens*, p. 112, vol.1). Além dos fragmentos, apenas um livro de Paulo Leminski é citado como indicação de leitura, mas este é de análise crítica da produção literária de Cruz e Sousa (título: *Cruz e Sousa: o negro branco* – Editora Brasiliense) (*Português: Linguagens*, p. 321, vol.2).

No volume III, o capítulo intitulado *Tendências da literatura brasileira contemporânea* concentra grande parte do conteúdo referente ao movimento da literatura marginal dos anos 1970. Logo no início do capítulo, cita-se Paulo Leminski como: “[...] poeta que fez parte da poesia marginal dos anos 1970-1980” (*Português: Linguagens*, p. 365, vol. 3), e expõe o poema (haicai):

PRA QUE CARA FEIA?

NA VIDA

NINGUÉM PAGA MEIA

(*Português: Linguagens*, 2013, p. 366, vol. 3)

Ao lado de mais três poemas, dos autores Ferreira Gullar, Paulo Miranda e Donizete Galvão, o livro propõe atividades de interpretação textual, de análise literária, histórica e linguística.

Há uma parte específica intitulada *A poesia marginal de 1970-1980* que descreve as características gerais da geração mimeógrafo e cita os autores: Waly Salomão, Torquato Neto, Chacal, Roberto Paiva, Rodrigo Haro, Claudio Willer,



Sebastião Uchoa Leite e Hilda Hilst. O livro destaca a poetisa Ana Cristina César, trazendo a imagem do seu livro *A teus pés* (Editora Ática, 1981) e um poema intitulado *Mocidade independente* (FIGURA 2).

### A poesia marginal de 1970-1980

Os poetas das décadas de 1970-1980, principalmente os que faziam poesia social, tinham poucas opções diante do controle da censura: utilizar uma linguagem indireta, metafórica, e publicar nos meios editoriais convencionais, ou driblar a censura e cuidar eles mesmos da produção, divulgação e distribuição de seu trabalho.

Os que trilharam esse último caminho foram chamados de "poetas marginais" e se empenharam na criação de revistas e jornais literários, folhetos mimeografados, pôsteres poéticos, cartazes, caixas de poemas, antologias impressas em pequenas gráficas. Até uma "chuva de poesia" foi produzida em dezembro de 1980: partindo do alto do edifício Itália, papéis impressos tomaram os céus de São Paulo.

Um novo perfil de poeta começou a surgir. Deixando de ser um produtor cultural solitário, os poetas foram para as ruas, para os bares, para as portas de cinemas e teatros, onde expunham seu trabalho em forma de declamações, *happenings* e *shows* musicais e promoviam sua venda diretamente ao consumidor.

Na extensa lista de poetas desse período destacam-se: Waly Salomão, Torquato Neto, Chacal, Roberto Piva, Rodrigo Haro, Claudio Willer, Sebastião Leite Uchoa, Hilda Hilst.

### Ana Cristina César e os jogos de linguagem

A poetisa, prosadora e tradutora Ana Cristina César (1952-1983) nasceu no Rio de Janeiro. Na década de 1970, escreveu para várias revistas e jornais literários e, em 1979, publicou os livros *Cenas de abril* e *Correspondência completa*.

Sua obra, de traço predominantemente confessional, oferece aos leitores jogos de linguagem em que os poemas, os fragmentos de prosa e as cartas misturam ficção e realidade.

O seguinte poema da autora pertence ao livro *A teus pés*, publicado em 1981.



• Livro de Ana Cristina César.

### Mocidade independente

Pela primeira vez infringi a regra de ouro e voei pra cima sem medir mais as consequências. Por que recusamos ser proféticas? E que dialeto é esse para a pequena audiência de serão? Voei pra cima: é agora, coração, no carro em fogo pelos ares, sem uma graça atravessando o Estado de São Paulo, de madrugada, por você, e furiosa: é agora, nesta contramão.

(Disponível em: [www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/rio\\_de\\_janeiro/ana\\_cristina\\_cesar.html#P](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/ana_cristina_cesar.html#P). Acesso em: 30/7/2012.)

FIGURA 2 - EXEMPLO: POESIA MARGINAL (1)

Fonte: Livro Didático: *Português: Linguagens*, 2013, p. 370, vol. 3.

Destaca também o escritor Paulo Leminski, resumindo sua vida e obra além de dois poemas extraídos do livro *Caprichos e relaxos* (Brasiliense, 1983) (FIGURA 3).


**Paulo Leminski: inovador na prosa e na poesia**

O curitibano Paulo Leminski (1944-1989) foi poeta, compositor, professor, tradutor e ensaísta. Parceiro de músicos como Caetano Veloso, Moraes Moreira e Itamar Assumpção, destacou-se como um dos principais poetas brasileiros dos anos 1970-1980. Algumas de suas produções são fundamentais para a literatura brasileira atual, como a prosa experimental do livro *Catatau* (1975) e os poemas dos livros *Caprichos e relaxos* (1983) e *Distraídos venceremos* (1987).

Sua obra é marcada pelo experimentalismo, pelo humor, pela economia verbal e pela objetividade.

Os poemas abaixo são extraídos de *Caprichos e relaxos*:

Cansei da frase polida	dia
Por anjos da cara pálida	dai-me
Palmeiras batendo palmas	a sabedoria de caetano
Ao passarem paradas	nunca ler jornais
Agora eu quero a pedrada	a loucura de glauco
Chuva de pedras palavras	ter sempre uma cabeça cortada a mais
distribuindo pauladas	a fúria de decio
	nunca fazer versinhos normais



Paulo Leminski.

FIGURA 3 - EXEMPLO: PAULO LEMINSKI

Fonte: Livro Didático: *Português: Linguagens*, 2013, p. 370, vol. 3.

No Manual do Professor, o livro *26 Poetas hoje* (editora Labor, 1976) de Heloísa Buarque de Holanda é indicado como apoio bibliográfico do tema Literatura Marginal dos anos 1970 estudados na Unidade 4 do Volume III da coleção.

Na sequência, o texto mostra como a poesia marginal influenciou as produções literárias e outras linguagens como a música, vídeo e fotografia. Há exposição da imagem do cantor Criolo<sup>165</sup> e um pequeno texto que cita os nomes de Mano Brown, Emicida e Criolo – aqui considerados como artistas da periferia que também mantêm um diálogo com a literatura marginal-periférica, com seus escritores e eventos (FIGURA 4).

<sup>165</sup> Uma imagem do CD *Nó na Orelha* do cantor Criolo também aparece no volume II da coleção servindo de sugestão para uma atividade de produção crítica que envolve a escolha de um “objeto cultural” que deverá ser analisado e criticado em um meio publicitário (jornal, blog, etc.). (*Português: Linguagens*, 2013, P. 336, vol. 3)



## Poesia e música

Nos dias atuais, cresce o interesse dos poetas pela música popular, em razão de sua penetração entre o grande público. Waly Salomão, Capinam, Torquato Neto, Cacaso, Paulo Leminski, Antônio Cícero e Fabrício



Ricardo B. Labastier/JC  
Imagem/Folhapress

• Criolo.

Corsaletti, por exemplo, são coautores de composições que fizeram sucesso no rádio e na televisão. E compositores como Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Cazuza, Paulinho Moska, Lenine, Rômulo Frôes, Mano Brown, Emicida e Criolo apresentam nas letras de suas canções uma sofisticação que as aproxima do literário.

FIGURA 4 - EXEMPLO: CANTOR CRIOLO

Fonte: Livro Didático: *Português: Linguagens*, 2013, p. 371, vol. 3.

Em relação à prosa, o livro didático destaca as diferentes tendências como as crônicas, o conto e os romances: policial, psicológico, histórico e memorialista. O livro traz um comentário crítico de Manuel da Costa Pinto sobre a ficção brasileira que, segundo ele, está centrada em “solo urbano”.

O crítico utiliza o termo Geração 90 para definir autores que, assim como os autores da periferia, também “frequentam os lugares inóspitos”. Para Pinto, esta “percepção geral do isolamento e da vulnerabilidade do sujeito moderno” pode ganhar forma nas narrativas de Dalton Trevisan, Bernardo Carvalho, Chico Buarque e João Gilberto Noll (FIGURA 5).

Comenta o crítico Manuel da Costa Pinto a respeito da ficção mais recente:

A ficção brasileira contemporânea está concentrada em solo urbano. E, assim como acontece com as grandes metrópoles, é difícil encontrar um eixo que a defina. Não existe homogeneidade de estilos, no máximo uma afinidade temática — que às vezes pode ser surpreendente. Assim, se os autores da chamada Geração 90 frequentam os mesmos lugares inóspitos que os escritores da periferia — ruas deterioradas, botecos esqueléticos, casas traumatizadas pelo desemprego, pela violência e pela loucura —, há uma percepção geral do isolamento e da vulnerabilidade do sujeito moderno (e urbano). Essa percepção pode tomar a forma dos fragmentos de Dalton Trevisan, das narrativas “instáveis” de Bernardo Carvalho e Chico Buarque ou dos nomadismos de João Gilberto Noll. Em todos eles, permanece como experiência de fundo o desenraizamento proporcionado pela cidade.



(Literatura brasileira, cit., p. 82.)

FIGURA 5 - EXEMPLO: GERAÇÃO 90 (1)

Fonte: Livro Didático: *Português: Linguagens*, 2013, p. 374, vol. 3.

Como se pode notar, o crítico amplia o termo Geração 90 qualificando várias modalidades de texto e autores. Ou seja, o termo Geração 90 no livro didático *Português: Linguagens* não se refere particularmente aos escritores da literatura marginal-periférica, como compreendido no segundo capítulo desta tese.

Em seguida a seção traz dois contos para comparação e análise por meio de questões interpretativas: um texto de Dalton Trevisan e outro de Fernando Bonassi (FIGURA 6).

## LEITURA

Você vai ler a seguir dois contos. O primeiro é de autoria de Dalton Trevisan, um dos mais importantes escritores da literatura brasileira atual; o segundo, de Fernando Bonassi, escritor revelação dos últimos anos.

## TEXTO I

Sem fôlego, descansa. Fuma um cigarro, delicado. Já é manhã. Pedala devagar para a casa da mãe. Uma garoa fina. Repete o café, três pães, cata as migalhas: “Puxa, que fome.” Exausto, desmaia na cama. De tardezinha, dorme ainda, chegam os tiras. Na delegacia bate a cabeça na parede: “... eu amava, sim... ela me traiu... só fiz por amor...”.

(Dalton Trevisan. 234. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 99.)

## TEXTO II

## 094 paisagem com remédios

Na Baixada do Glicério um prédio inacabado foi conquistado por sofás velhos, encerados puídos, cachorros e pessoas vira-latas. Muito perto, o entreposto do Inamps bafeja uma fumaça de remédios vencidos. Filas e filas de receitas médicas encardidas, empunhadas as orações. Gosmentos de vergonha das suas sujeiras, os engenheiros cobrem o Tamanduateí com placas de concreto. Deixarão correr uma autoestrada moderníssima por cima. Os meninos vão rachar a cabeça nessas pistas lisinhas. Quem viver verá na TV.

(São Paulo – Brasil – 1993)

(Fernando Bonassi. *Passaporte*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p. 94.)

FIGURA 6 - EXEMPLO: FERNANDO BONASSI (1)

Fonte: Livro Didático: *Português: Linguagens*, 2013, p. 374, vol. 3.

Ao citar os principais escritores<sup>166</sup> de contos na literatura brasileira contemporânea, Cereja e Magalhães (2013) destacam alguns nomes como: Fernando Bonassi, Marcelino Freire, e João Antônio (FIGURA 7).

<sup>166</sup> Em alguns artigos o autor André Sant'Anna é considerado como um autor da literatura marginal da Geração 90, entretanto, cabe notar que muitos críticos diferenciam o termo Geração 90, como feito aqui no livro didático, ou seja, o conceito é mais amplo e busca agregar todas as tendências consideradas de vanguarda ou experimental. Os textos de André Sant'Anna chamam a atenção pelo tratamento dado ao tema do sexo, considerado como literatura erótica. Sabe-se que alguns autores da literatura marginal-periférica como Sacolinha, Allan da Rosa e Rodrigo Ciríaco também enveredam na literatura erótica, como por exemplo, o livro de contos *Amor Lúbrico: textos para serem lidos na cama*, organizado por Sacolinha. Acredita-se que esta poderá ser mais uma das vertentes da literatura marginal-periférica (assim como a literatura carcerária).



## O conto

sentada pelo assassinato de uma pessoa; no segundo, pelas condições em que vivem as pessoas pobres e pela banalização da morte.

Com a estética modernista, o conto foi submetido a radicais transformações, sendo uma delas o enriquecimento temático proporcionado pela contribuição da literatura regionalista. Do ponto de vista técnico, o relato objetivo e linear, com sua estrutura de começo, meio e fim, e a narrativa em crescendo, mantida pelo suspense, deram pouco a pouco lugar à simples evocação, ao instantâneo fotográfico, aos episódios ricos de sugestão, aos flagrantes de atmosferas intensamente poéticas, aos casos densos de significação humana. São representantes do gênero, entre outros, Lygia Fagundes Telles, Osman Lins, Murilo Rubião, Moacyr Scliar, Otto Lara Rezende, Dalton Trevisan, José J. Veiga, Rubem Fonseca, João Antônio, Hilda Hilst, Milton Hatoum, Sérgio Sant'anna, Caio Fernando Abreu, Fernando Bonassi, Marcelino Freire, André Sant'anna, Veronica Stigger.

### Dalton Trevisan: o lirismo da perversão

Os contos do curitibano Dalton Trevisan (1925) são a síntese do desenvolvimento da prosa urbana na literatura brasileira. Suas personagens, a maioria das quais em situação de marginalidade, são portavozes dos dilemas morais e sociais do homem moderno, e sua narrativa brutal mostra o lado obscuro das cidades.

### Marcelino Freire e o miniconto

Uma das formas narrativas surgidas nos últimos anos é o miniconto. Experiência narrativa difundida na década de 1990, o miniconto propõe ao leitor um instantâneo de uma situação.

O escritor Marcelino Freire é um conhecido autor de minicontos. Leia dois deles:

CONTO NANICO NÚMERO 97: Só para o corpo, boiando morto, parou de chover.

CONTO NANICO NÚMERO 99: Subiu aos céus. Depois que o avião caiu.

(Disponível em: [www.twitter.com/marcelinofreire](http://www.twitter.com/marcelinofreire). Acesso em: 30/7/2012.)

FIGURA 7 - EXEMPLO: MARCELINO FREIRE

Fonte: Livro Didático: *Português: Linguagens*, 2013, p. 375, vol. 3.

Em relação à crônica, o nome de Fernando Bonassi é citado entre os escritores que se destacaram nos últimos anos. Segundo Cereja e Magalhães (2013): “Hoje, o gênero [crônica] é diversificado, apresentando feições que vão do comentário do fato jornalístico à ficção, do humor à crítica social, da reflexão filosófica à defesa de ideias, mas tendo sempre como base um olhar crítico sobre a vida presente e cotidiana” (*Português: Linguagens*, p. 375, vol.3).

Ao tratar do gênero conto, Luiz Ruffato aparece com destaque (FIGURA 8):



FIGURA 8 - EXEMPLO: LUIZ RUFFATO

Fonte: Livro Didático: *Português: Linguagens*, 2013, p. 377, vol. 3.

Tratando-se do romance, a Coleção analisada destaca a presença das vertentes intimista e realista e aponta novas temáticas como a violência, a questão dos grupos marginalizados, o fantástico, o simbólico e o absurdo. Chama a atenção também para as novas técnicas voltadas à linguagem cinematográfica e as narrativas modernas de vanguarda. Ao destacar autores e obras, Patrícia Melo é considerada representante da modalidade romance policial, tendo como influência o tema da marginalidade retratado sobretudo na obra de Rubem Fonseca (FIGURA 9).

O romance policial é uma vertente bastante difundida na literatura atual. Rubem Fonseca, autor de *O caso Morel* (1973), *A grande arte* (1983), *Buffo & Spallanzani* (1986), é referência obrigatória para os leitores do gênero, fortalecido no Brasil também por obras como *O matador* (1995), de Patrícia Melo, *O silêncio da chuva* (1997), de Luiz Alfredo Garcia-Roza, *Bellini e a esfinge* (1995), *Bellini e o demônio* (1997) e *Bellini e os espíritos* (2007), do escritor e músico Tony Bellotto.

Da década de 1980, há uma vasta produção de romances que misturam ficção com memórias, prosas autobiográficas, relatos de viagem, testemunhos e documentários, dos quais são exemplo *O que é isso, companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira, e *Sangue de coca-cola* (1980), de Roberto Drummond. Nos últimos anos, uma nova safra de escritores ligados a essa vertente tem surgido,

FIGURA 9 - EXEMPLO: PATRÍCIA MELO (1)

Fonte: Livro Didático: *Português: Linguagens*, 2013, p. 377, vol. 3.

Em seguida, destacam-se os romances que misturam ficção e memórias, prosas autobiográficas, relatos de viagem, testemunhos e documentários. Dentre os autores representantes como Fernando Gabeira e Roberto Drummond, os autores da literatura marginal-periférica, principalmente aqueles associados à literatura carcerária são citados como sendo “a nova safra de escritores” que dão a voz aos marginalizados: Dráuzio Varella, Luiz Alberto Mendes, Caco Barcelos, Celso Athayde, MV Bill, Luís Eduardo, Paulo Lins e Ferréz (*Português: Linguagens*, p. 377, vol.3) (FIGURA 10).

dando voz aos marginalizados pela sociedade e propondo uma reflexão sobre a vida nas periferias das grandes cidades, sobre os detentos e a situação do sistema penitenciário brasileiro, entre outras. Obras como *Estação Carandiru* (2001), de Dráuzio Varella, *Memórias de um sobrevivente* (2001), de Luiz Alberto Mendes, *Abusado* (2003), de Caco Barcelos, *Cabeça de porco* (2005), escrito por Celso Athayde, MV Bill e Luís Eduardo, além de *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, e *Capão peccado* (2000), de Ferréz, são representativas desse universo.

No romance histórico têm se destacado escritores como Ana Miranda, com *Boca do inferno*, que narra as aventuras políticas e amorosas de figuras que viveram na Bahia no século XVII; José Roberto

FIGURA 10 - EXEMPLO: NOVA SAFRA DE ESCRITORES

Fonte: Livro Didático: *Português: Linguagens*, 2013, p. 377, vol. 3.

Além desta seção específica sobre a literatura marginal e as tendências contemporâneas, nota-se a presença de alguns autores ou obras da literatura marginal-periférica em momentos diversos dos livros. No volume III, por exemplo,



tem-se um texto crítico de Luiz Ruffato (O Estado de São Paulo, 2008) sobre a obra de Jorge Amado (*Português: Linguagens*, p. 171, vol.3). Ou ainda no volume II há referências visuais do filme *Cidade de Deus* de Fernando Meirelles, numa entrevista com o cineasta (*Português: Linguagens*, p. 241, vol.2) e, no volume III, a seção “Fique ligado! Pesquise” sugere que o aluno assista ao filme *Cidade de Deus*. Apesar de citar o filme duas vezes, em nenhuma delas há referência ao livro *Cidade de Deus* ou ao seu autor Paulo Lins.

A coleção *Português: Linguagens* também faz menção à prática dos saraus, sugerindo sua realização em sala de aula nos três volumes, como atividade integradora na seção “Vivências”. Há uma imagem de um dos saraus da literatura marginal-periférica, realizado na zona oeste de São Paulo (2009)<sup>167</sup>.



FIGURA 11 - EXEMPLO: FOTO SARAU DA PERIFERIA  
Fonte: Livro Didático: *Português: Linguagens*, 2013, p. 397, vol. 3.

<sup>167</sup>Esta mesma imagem aparece em outro livro didático analisado o qual apresenta as referências ao Sarau. Aqui no livro de Cereja e Magalhães há apenas as credenciais do autor da fotografia (*Português: Linguagens*, vol. III, p. 397).

A descrição organizacional do sarau é a mesma divulgada pelos saraus da periferia.

Para finalizar, a coleção também se reporta à literatura de cordel (*Português: Linguagens*, p. 59-60, 94, vol.1), aos autores russos como Gogol, por exemplo (*Português: Linguagens*, p. 321, vol.2), a estética da malandragem (*Português: Linguagens*, p. 181, vol.2) e as manifestações artísticas da periferia como o grafiti (*Português: Linguagens*, p. 386-387, vol.1).

COLEÇÃO II	
TÍTULO	<b><i>Novas Palavras</i></b>
AUTORES	Emília Amaral; Mauro Ferreira; Ricardo Leite; Severino Antônio
EDITORA	Editora FTD
EDIÇÃO	2ª. edição
VOLUMES	I, II e III
ANO	2013

A coleção *Novas Palavras*<sup>168</sup> de Amaral, Ferreira, Leite e Antônio (2013) apresenta separadamente os blocos de *Literatura*, *Gramática* e *Redação e Leitura*, organizados em capítulos. Deste modo, o ensino da literatura fica centrado na historiografia literária, no desenvolvimento dos estilos literários e seus autores representantes, conforme a crítica e a teoria literária. Como o livro, diferentemente da proposta de Cereja e Magalhães, não apresenta muitos quadros de relação e interação com o contexto literário atual e as atividades linguísticas no tópico de Gramática são mais objetivas, evitando a utilização de versos e frases literárias, a presença de autores e obras da literatura marginal-periférica e afins foram identificados predominantemente no capítulo sobre *Tendências contemporâneas da*

<sup>168</sup>A análise emitida pelo MEC e FNDE está disponível no Guia de livros didáticos PNLD/ 2015 de Português, nas páginas 44 a 49.

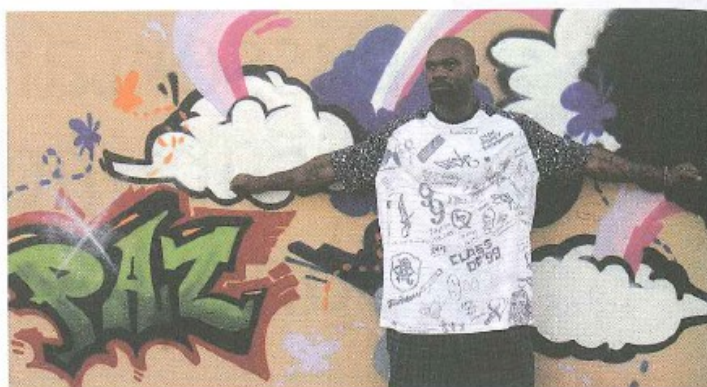
*literatura brasileira*, no último volume.

No bloco de Gramática não foi identificado qualquer texto ou autor da literatura marginal-periférica. Em relação ao bloco *Redação e Leitura*, foram encontrados alguns fragmentos textuais como motivadores de atividades de interpretação. No volume II, por exemplo, o conto *Romeu e Julieta*, de Fernando Bonassi, aparece num exercício com o objetivo de exemplificar um conto e analisar aspectos literários e de interpretação como foco narrativo e os efeitos da ironia.

No volume III, há um fragmento considerável (duas páginas) do romance *Cabeça de Porco* de Celso Athayde, MV Bill e Luiz Eduardo Soares (Editora Objetiva), que servirá como exemplo e reflexão sobre o ato de dissertar e narrar, os pontos de vista assumidos pelo narrador. O texto é acrescido de uma imagem do MV Bill. Na sequência há seis questões de interpretação que envolvem tanto os aspectos narrativos quanto linguísticos (FIGURA 12).

futuro necessariamente excluiria uma das profecias, já que elas são contraditórias entre si.

<sup>5</sup> Dizendo de outro modo: quando o carro passou, os dois observadores estavam certos em seus prognósticos, mesmo que depois uma das previsões seja frustrada pela realidade. No primeiro momento, os dois futuros eram possíveis. Um dos observadores resolveu apostar no motorista, em sua atenção e perícia; o outro decidiu optar pela hipótese de que a atenção e a destreza despertariam tarde demais. Quando a liberdade humana e a habilidade de empregá-la constituem fatores decisivos, nenhuma previsão, por mais plausível que seja, pode ser absoluta e excluir profecias rivais. Quando a liberdade é uma variável significativa, em uma equação, nenhum futuro pode ser excluído. Afinal, a liberdade é o outro lado da imprevisibilidade, da indeterminação, e portanto da incerteza. Por isso, nas coisas humanas, onde está presente a liberdade, a ação, a criatividade, não há certeza. Mudanças são sempre possíveis. [...]



Alex Pereira Barbosa, mais conhecido como MV Bill, Rio de Janeiro, 2009.

FIGURA 12 - EXEMPLO: MV BILL (CABEÇA DE PORCO)  
Fonte: Livro Didático: *Novas Palavras*, 2013, p. 332, vol. 3.



Mais adiante, outro fragmento deste mesmo livro é citado em uma atividade de leitura e reescrita, pela qual o aluno deverá identificar os trechos que correspondem à introdução, desenvolvimento e conclusão (*Novas Palavras*, p. 382, vol.3).

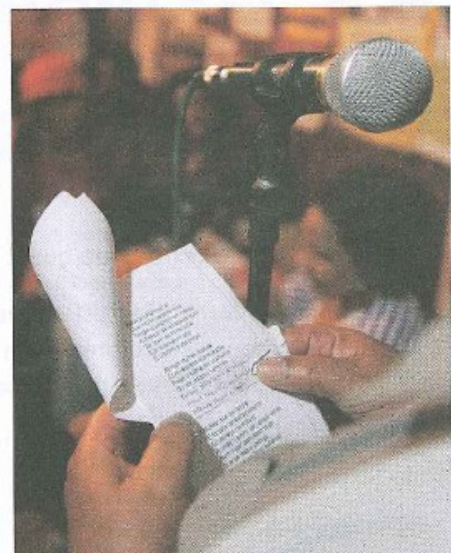
Ainda neste bloco de leitura, encontra-se a imagem de um sarau da zona oeste de São Paulo (a mesma foto identificada no livro de Cereja e Magalhães, aqui acrescida de legenda). A imagem exemplifica a discussão sobre a literatura exposta no texto: *Para que Literatura?* de Olga de Sá (*Novas Palavras*, p. 355, vol.3) (FIGURA 13).

<sup>4</sup> Então, para que Literatura? Para levantar questões fundamentais, abrir nosso mundo pequenino, feito de minúsculos fatos do dia a dia, ao grande painel da reflexão humana. Vivemos em Lorena, mas podemos transitar em Londres, Paris, Estados Unidos, Rússia, Antártida, Terra do Fogo, Noruega, Índia, no planeta Marte, nas Galáxias infinitas, enfim, no Cosmos. Sem perder o pé na realidade.

<sup>5</sup> A leitura é o meio que temos de conviver com valores e ideias de outros universos, no espaço e no tempo, inacessíveis, de outro modo, à experiência humana. [...]

<sup>6</sup> Por que não Literatura? Por que não Poesia? A poesia é o que criamos de mais próximo do núcleo da realidade e do ser. Parecendo etérea e desvinculada de nossas metas pragmáticas, a poesia, no entanto, nos dá o mundo em lágrimas e em risos, em vida e morte, em angústia e esperança, o mundo em dimensão de humano. O poema recupera o ritmo das coisas, capta o alento e a respiração do todo, e os exprime em “palavras-coisas” essenciais.

<sup>7</sup> Por vezes, a poesia invade nossa vida sob a forma de uma criança, um palhaço, um bêbado, um louco. Sob a forma de flor, de bicho, de árvore, de fogo,



Tiago Queiroz/Paulão Contraste

Leitura de poema em sarau, zona oeste de São Paulo, 2009.

FIGURA 13 - EXEMPLO: FOTO SARAU DA PERIFERIA – ZONA OESTE  
Fonte: Livro Didático: *Novas Palavras*, 2013, p. 355, vol. 3.

No bloco *Literatura*, no capítulo referente às manifestações literárias contemporâneas, autores da literatura marginal da década de 1970 são citados sob o título: *Poesia: da década de 1980 à atualidade*. Vários dos escritores considerados representantes não são citados nos trabalhos acadêmicos analisados nesta tese

(*Novas Palavras*, p. 167, vol.3).

Dentre a sequência de poetas novos, não há menção a nenhum escritor da literatura marginal-periférica. O livro destaca os nomes de Hilda Hilst e traz os poemas de Nelson Ascher e Donizete Galvão.

Em relação à prosa, a coleção destaca os autores e obras da década de 1956 a 1980, entre eles, apenas João Antônio é citado como exemplo de romance memorialista. Há uma nota crítica de Tânia Pellegrini sobre a temática da violência tão presente nas narrativas contemporâneas (FIGURA 14).

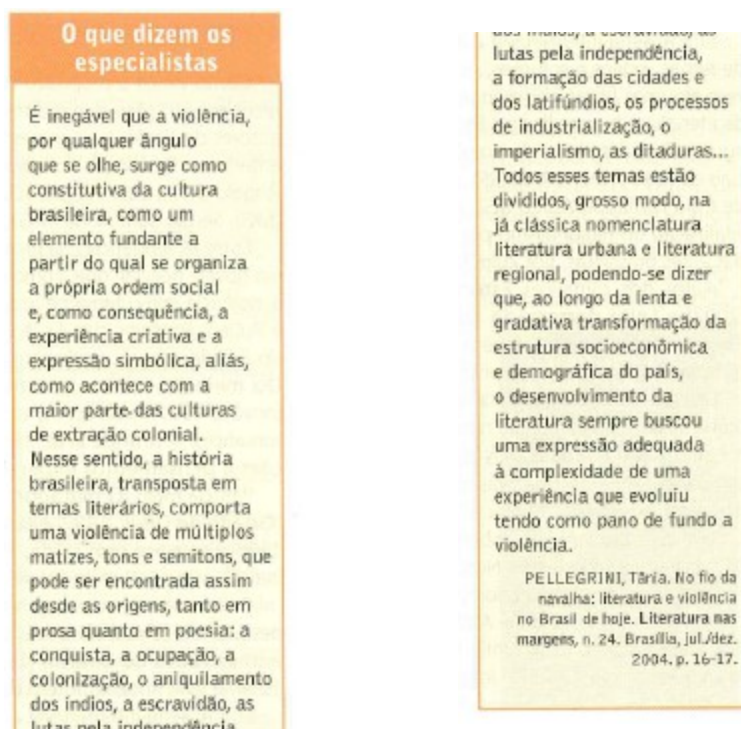


FIGURA 14 - EXEMPLO: CRÍTICA SOBRE O TEMA VIOLÊNCIA  
Fonte: Livro Didático: *Novas Palavras*, 2013, p. 171, vol. 3.

Na sequência, o livro dedica uma parte à *Prosa: da década de 1980 à atualidade*. Nesta seção, os nomes de Patrícia Melo (livros: *O matador* e *Elogio da mentira*) e de Paulo Lins (*Cidade de Deus*) são citados como principais autores da tendência do *thriller* ou novela policial inaugurada por Rubem Fonseca (*Novas*



*Palavras*, 2013, p. 172, vol.3) (FIGURA 15).

Entre as tendências da prosa das últimas décadas, destacam-se o *thriller* e a novela policial, que, como no cinema americano e na televisão, utilizam a violência como tema de impacto. O autor mais bem-sucedido no gênero é Rubem Fonseca, cuja ficção contundente, ambientada no meio marginal do Rio de Janeiro, pode ser vislumbrada já nos títulos de algumas obras: *Do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* (novela, 1997); *Secreções, excreções e desatinos* (contos, 2001). Alguns romances: *A grande arte*, 1984; *Bufo & Spallanzani*, 1986; *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, 1988; *Agosto*, 1990.

Patrícia Melo (*O matador*, 1995; *Elogio da mentira*, 1998), Paulo Lins (*Cidade de Deus*, 1997) e Luiz Alfredo Garcia-Roza (*O silêncio da chuva*, 1996; *Espinosa sem saída*, 2006) são os principais autores da tendência inaugurada por Rubem Fonseca.

O romance de temática histórica também proliferou nos últimos anos,



FIGURA 15 - EXEMPLO: PATRÍCIA MELO E PAULO LINS  
Fonte: Livro Didático: *Novas Palavras*, 2013, p. 172, vol. 3.

Os escritores Fernando Bonassi, Luiz Ruffato, Marçal Aquino e Marcelino Freire são citados como representantes de um complexo painel literário que tematiza a vida social, política, os problemas das marginalidades e os conflitos existenciais (FIGURAS 16 e 17).

Dramas existenciais, denúncia política e social, marginalidade, minorias, problemas da vida urbana e rural, erotismo, violência, drogas, lirismo, sonho e fantasia são os temas dos autores que, em nossos dias, constroem um complexo painel da vida brasileira contemporânea. Vamos destacar alguns dos mais expressivos: Valêncio Xavier (SP), Cristóvão Tezza (SC), Modesto Carone (SP), Bernardo Ajzenberg (SP), Bernardo Carvalho (RJ), Nuno Ramos (SP), acrescentando a eles Nelson de Oliveira (SP) e os representantes dos "Manuscritos de computador", cujo prefácio lemos na abertura deste capítulo: Altair Martins (RS), Amílcar Bettega Barbosa (RS), Cadão Volpato (SP), Carlos Ribeiro (BA), Cíntia Moscovich (RS), Fernando Bonassi (SP), João Anzanello Carrascoza (SP), João Batista Melo (MG), Jorge Pieiro (CE), Luiz



FIGURA 16 - EXEMPLO: FERNANDO BONASSI (2)  
Fonte: Livro Didático: *Novas Palavras*, 2013, p. 172, vol. 3.

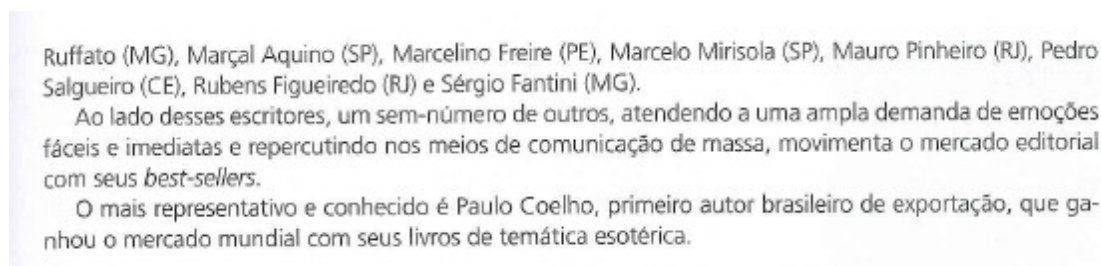


FIGURA 17 - EXEMPLO: RUFFATO, AQUINO E MARCELINO FREIRE  
 Fonte: Livro Didático: *Novas Palavras*, 2013, p. 173, vol. 3.

Observa-se o comentário dos autores da coleção que colocam ao lado desses escritores as literaturas “de emoções fáceis e imediatas” que repercutem nos meios de comunicação de massa. Essa ideia é novamente apregoada num quadro de resumos sobre o conteúdo estudado:

A dependência da produção cultural em relação ao mercado, a influência da internet e da cultura de massa e a presença de manifestações literárias que defendem as minorias constituem outros traços de nossa produção literária contemporânea, que oscila entre a tendência da literatura de apelo produzida para o “leitor-massa” e a chamada ficção pós-moderna, que trabalha sobretudo com recursos metalinguísticos em tom de paródia, pastiche, colagem, etc. (NOVAS PALAVRAS, 2013, vol. 3, p. 178)

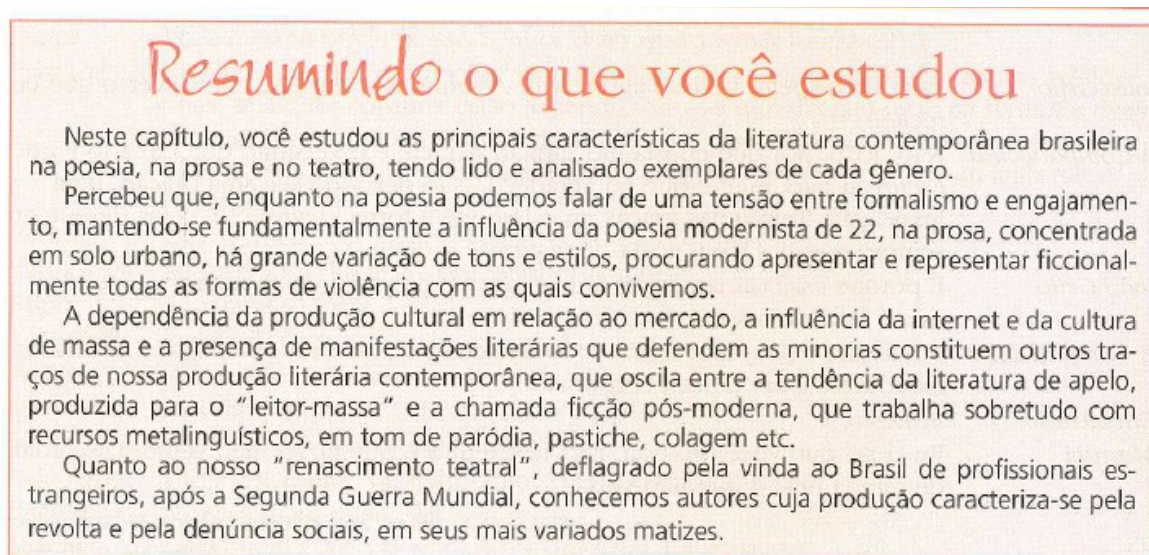


FIGURA 18 - EXEMPLO: CRÍTICA DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA  
 Fonte: Livro Didático: *Novas Palavras*, 2013, p. 178, vol. 3.

Em seguida, há uma imagem e um fragmento do livro *Angu de sangue* de Marcelino Freire (Ateliê, 2000), que motivará a resolução de atividades de interpretação (literária e linguística) (FIGURA 19).

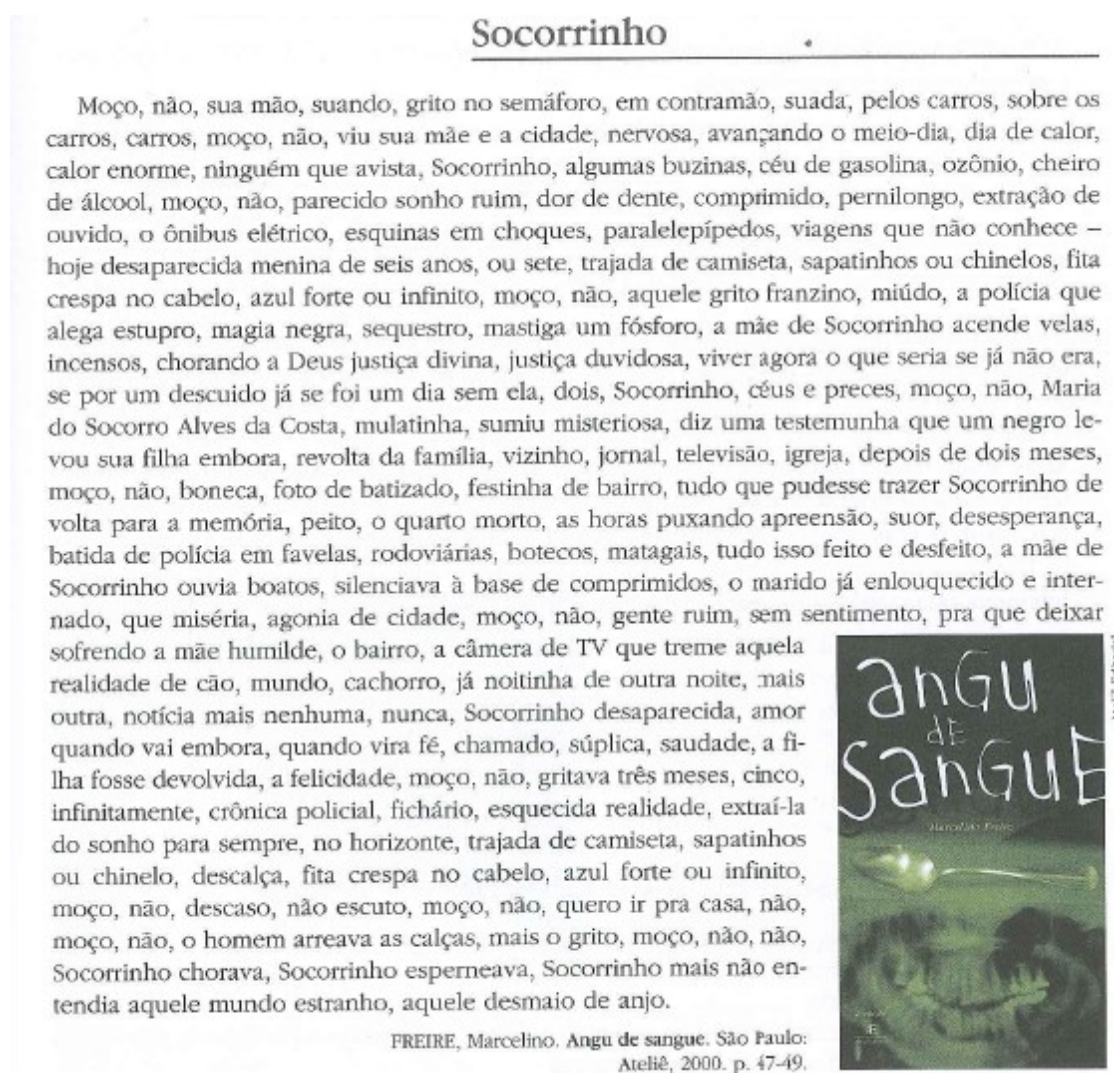


FIGURA 19 - EXEMPLO: MARCELINO FREIRE (ANGU DE SANGUE)  
Fonte: Livro Didático: *Novas Palavras*, 2013, p. 173, vol. 3.

Mais adiante, sobre o teatro contemporâneo, cita-se o nome de Plínio

Marcos e suas obras: *Barrela* (1958), *Dois perdidos numa noite suja* (1966), *Navalha na carne* (1967) e *O abajur lilás* (1969). Segundo Amaral et.al (Novas Palavras, p. 175, vol.3): “[...] Plínio Marcos é um dos pioneiros teatrólogos brasileiros a retratar a vida dos submundos, com seus temas 'malditos', como homossexualidade, marginalidade, prostituição e violência. Autoproclamando-se 'figurinha difícil', procurou jamais fazer concessões a quaisquer hipocrisias”.

Para finalizar, há uma sequência de exercícios para sintetizar o conteúdo trabalhado. Entre as questões do Enem propostas, há uma com o poema *Logia e mitologia*, de Cacaso, para que o aluno marque a resposta certa em relação à expressividade do poema e o tempo histórico que representa.

COLEÇÃO III	
TÍTULO	<b><i>Português: Contexto, interlocução e sentido</i></b>
AUTORES	Maria Luiza M. Abaurre; Maria Bernadete M. Abaurre; Marcela Pontara
EDITORA	Editora Moderna
EDIÇÃO	2ª.edição
VOLUMES	I, II e III
ANO	2013

A coleção *Português: Contexto, interlocução e sentido*<sup>169</sup>, de Abaurre, Abaurre e Pontara (2013) é composta de três volumes, organizados em três blocos principais: Literatura, Gramática e Produção de texto. A literatura segue o formato da historiografia literária, priorizando o estudo dos movimentos literários acrescidos de fragmentos para leitura e interpretação. Tanto a Gramática quanto a Produção de texto oferecem alguns textos literários como motivadores de exercícios de língua.

Na coleção, foram identificados poucos autores ou obras afins da literatura marginal-periférica, como Franz Kafka – contendo uma biografia, a indicação de


<sup>169</sup>A análise emitida pelo MEC e FNDE está disponível no Guia de livros didáticos PNLD/ 2015 de Português, nas páginas 28 a 32.



leitura de uma obra adaptada em quadrinhos sobre o texto *Metamorfose* e um pequeno fragmento do conto (*Português: Contexto, interlocução e sentido*, p. 15, vol.1). O texto auxilia na introdução sobre o que é arte e literatura.

Na parte dedicada aos estudos gramaticais, há um quadro com a imagem e a biografia de Carolina Maria de Jesus. Ao lado deste está um fragmento da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, seguida de questões linguísticas. O texto literário é utilizado para reflexão acerca da escrita da norma padrão (gramática normativa) (FIGURA 20).

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) tornou-se conhecida quando, em 1980, publicou o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Moradora da favela do Canindé, na cidade de São Paulo, a autora registra em um diário o cotidiano cruel do qual é testemunha. São histórias reais vividas por essa mulher negra, de origem humilde, que estudou apenas até o segundo ano do Ensino Fundamental, mas fez da escrita um instrumento para refletir sobre a sua condição. Carolina superou todos os estigmas e tornou-se referência para discussões sobre o preconceito social e a condição dos pobres no Brasil.



Carolina Maria de Jesus,  
8 abr. 1961.

### ATIVIDADES

» As questões de 1 a 4 referem-se ao texto abaixo, escrito em 1958.

**21 DE MAIO**

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha.

...Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 35. (Fragmento).

1. Leia a seguinte nota dos editores de *Quarto de despejo*: “Esta edição respeita fielmente a linguagem da autora, que muitas vezes contraria a gramática, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo”. Transcreva no caderno pelo menos três ocorrências em que a autora contraria as regras ortográficas.
2. Elabore uma hipótese para explicar por que Carolina de Jesus grafou a palavra “amisade” (início do 2º parágrafo) dessa maneira.
3. Em que momentos é possível perceber que a autora teve a intenção de adequar o seu texto ao que recomenda a gramática normativa usando vocabulário e estrutura mais sofisticados?
4. Qual a opinião da autora a respeito dos seguintes assuntos: a realidade na favela; o desempenho do governo; o papel da sociedade civil?

FIGURA 20 - EXEMPLO: CAROLINA MARIA DE JESUS

Fonte: Livro Didático: *Contexto, interlocução e sentido*, 2013, p. 176, vol. 1.

No volume II, só há uma breve explicativa teórica sobre a estética da malandragem<sup>170</sup>, no caso, analisada na obra de Manuel Antônio de Almeida.

No volume III, há um texto de Chacal numa atividade sintetizadora do conteúdo literário acerca do concretismo, onde discute sobre a poesia participante e a consciência crítica da realidade política e social. O poema *Obra aberta*, de Cacaso é colocado em relação a um texto de Drummond e uma charge de Cascavilha incentivando a reflexão crítica.

Ao discutir sobre as *Tendências Contemporâneas da literatura brasileira*, o livro fala dos rumos da prosa brasileira destacando os temas da violência urbana, da frustração individual e social e os problemas psicológicos, morais, religiosos e filosóficos do homem moderno.

Dentre os escritores que se destacam nesta temática estão: João Antônio e Rubem Fonseca. O capítulo coloca a subdivisão das vertentes do realismo fantástico e da ficção intimista, e destaca alguns nomes representativos dos gêneros conto e crônicas. Em nenhum destes aparece nomes da literatura marginal da década de 1970 ou da literatura marginal-periférica.

Somente na explicação sobre o romance, categorizado em: romances regionais, autobiográficos (memória ou denúncia), memorialista, narrativa intimista e romance policial, aparece o nome de Patrícia Melo como representante do romance policial urbano (*Português: Contexto, interlocução e sentido*, 2013, p. 157, vol.3).

Acerca da poesia, destaca-se o movimento da Tropicália sob a legenda “Seja marginal, seja herói”. Nesta parte, o livro destaca a obra *Bólide Caixa 18*, homenagem de Hélio Oiticica ao traficante Cara de Cavalo (FIGURA 21).

---

<sup>170</sup>Optou-se por citar este conceito estético visto que aparece em alguns trabalhos acadêmicos que analisam os autores e obras da literatura marginal-periférica.



FIGURA 21 - EXEMPLO: HELIO OITICICA

Fonte: Livro Didático: *Contexto, interlocução e sentido*, 2013, p. 161, vol. 3.

Em seguida a coleção trata da Poesia marginal expondo um breve contexto e características do movimento considerado de resistência cultural, citando autores como: Chacal, Cacaso, Francisco Alvim, Paulo Leminski, Alice Ruiz entre outros. (*Português: Contexto, interlocução e sentido*, 2013, p. 162-163, vol.3). Há exposição dos poemas: *Sintonia para pressa e presságio*, de Leminski, *Poema para ser transfigurado*, de Chacal e um poema de Torquato Neto, *Cogito* – este seguido de questões de interpretação e um quadro com a foto e uma biografia do autor (FIGURA 22).



## A poesia marginal

O clima de experimentação rítmica e musical da Tropicália foi desaguar, na década de 1970, na poesia marginal. Era marginal o modo como os poetas faziam circular sua produção: cópias mimeografadas eram penduradas em "varais", jogadas do alto de edifícios, distribuídas de mão em mão.

A ideia era "casar" vida e poesia e, como dizia Chacal, um dos grandes nomes dessa produção, "ensinar a poesia a falar". A poesia marginal adotou como armas da guerrilha lírica a alegria e o humor, mostrando caminhos diferentes para a crise que, além de imobilizar, calava a sociedade brasileira.

Além de Chacal, participaram desse movimento de resistência cultural poetas como Charles, Ronaldo Bastos, Ledusha, Cacaso, Francisco Alvim, Pedro Lage, Luiz Olavo Fontes, Afonso Henrique, Glauco Mattoso e Roberto Piva.

Pegando carona na poesia marginal, mas desenvolvendo um caminho mais independente, a poesia plural de Paulo Leminski permanece como um exemplo do caráter inovador dessa geração.



CORTESIA GERALDO VIOLE

### Sintonia para pressa e presságio

Escrevia no espaço.  
Hoje, grafo no tempo,  
na pele, na palma, na pétala,  
luz do momento.  
Soo na dúvida que separa  
o silêncio de quem grita  
do escândalo que cala,  
no tempo, distância, praça,  
que a pausa, asa, leva  
para ir do percalço ao espasmo.

Eis a voz, eis o deus, eis a fala,  
eis que a luz se acendeu na casa  
e não cabe mais na sala.

GÔES, Fred; MARINS, Álvaro (Sel.).  
*Melhores poemas de Paulo Leminski.*  
8. ed. São Paulo: Global, 2002. p. 169.

Tendo se interessado pela obra dos concretistas, Leminski explorou os trocadilhos, flertou com o processo de "palavra puxa palavra" e enveredou pela composição de *haikais*. ③

FIGURA 22 - EXEMPLO: POESIA MARGINAL (2)

Fonte: Livro Didático: *Contexto, interlocução e sentido*, 2013, p. 162, vol. 3.

Na parte dedicada ao teatro, destaca-se o título: *Os perdidos de Plínio Marcos*, onde aparece algumas obras do escritor e o teor temático de seus textos (FIGURA 23).



### • Os perdidos de Plínio Marcos

Na década de 1960, talvez a mais rica da dramaturgia nacional, ainda apareceria um outro autor revolucionário: Plínio Marcos (1935-1999). Suas peças *Dois perdidos numa noite suja* e *Navalha na carne* trazem os marginalizados para o centro da cena teatral. Seu texto manifesta uma grande indignação contra a hipocrisia da sociedade brasileira e tem por objetivo desestabilizar a pacata existência burguesa, sem colorido político-partidário.

FIGURA 23 - EXEMPLO: PLÍNIO MARCOS

Fonte: Livro Didático: *Contexto, interlocução e sentido*, 2013, p. 167, vol. 3.

Em seguida, o livro traz as características das comédias de costume e cita o nome de Fernando Bonassi como integrante de “[...] um impressionante time de autores de textos de alta qualidade dramática e cômica” (*Português: Contexto, interlocução e sentido*, 2013, p. 167, vol.3) (FIGURA 24).

Mais recentemente, o teatro do “besteirol” (esquetes criados para explorar situações cômicas da vida cotidiana) tem ajudado a dramaturgia brasileira a cair novamente nas graças do público. Peças como *Batalha de arroz num ringue para dois*, de Mauro Rasi (1949-2003), e *Como encher um biquíni selvagem*, de Miguel Falabella, tornaram-se sucesso imediato, lotando centenas de apresentações feitas ao longo dos anos.

Embora ainda seja muito frequente a montagem de autores estrangeiros nos palcos nacionais, o teatro brasileiro contemporâneo conta, com um impressionante time de autores de textos de alta qualidade dramática e cômica. Entre eles, Juca de Oliveira, Leilah Assunção, Maria Adelaide Amaral, Millôr Fernandes (1923-2012), Walcyr Carrasco, Fernando Bonassi, Naum Alves de Souza. Merece menção também o dramaturgo Mário Bortolotto, diretor do grupo Cemitério de Automóveis, que aborda em seus textos as idiossincrasias e a violência nos grandes centros urbanos.

FIGURA 24 - EXEMPLO: FERNANDO BONASSI (3)

Fonte: Livro Didático: *Contexto, interlocução e sentido*, 2013, p. 167, vol. 3.

Para finalizar o livro didático sugere algumas leituras de livros e blogs, entre eles *Toda poesia – Paulo Leminski*, de Paulo Leminski (Companhia das Letras, 2013), o site oficial de Plínio Marcos e o site de divulgação da obra de Alice Ruiz; e músicas o CD *Tropicália lixo lógico* de Tom Zé (2012) que reúne jovens artistas como Mallu Magalhães, Rodrigo Amarante e Emicida, para “reeditar” o tropicalismo dos anos 1960.

COLEÇÃO IV	
TÍTULO	<b><i>Língua Portuguesa: Linguagem e Interação</i></b>
AUTORES	Carlos Emílio Faraco; Francisco Marto de Moura; José Hamilton Maruxo Junior
EDITORA	Editora Ática
EDIÇÃO	2ª. edição
VOLUMES	I, II e III
ANO	2013

A coleção *Língua Portuguesa: Linguagem e interação*<sup>171</sup>, de Faraco, Moura e Maruxo Jr., é composta de três volumes organizada de forma a contemplar os eixos de ensino: leitura, literatura, produção de textos, oralidade e conhecimentos linguísticos em cada capítulo. A literatura também segue o padrão da historiografia literária, entretanto o livro investe no maior acesso aos textos, disponibilizando mais fragmentos literários para leitura e interpretação.

Foram identificados na coleção alguns fragmentos, bastante significativos, de obras consideradas da literatura marginal-periférica. O primeiro texto é do livro *Elogio da mentira*, de Patrícia Melo (Rocco, 2010), que serve para motivar os estudos relacionado ao Romance (I). O livro expõe 67 linhas do romance (praticamente uma página completa dividida em duas colunas), uma imagem da

<sup>171</sup>A análise emitida pelo MEC e FNDE está disponível no Guia de livros didáticos PNLD/ 2015 de Português, nas páginas 38 a 43.

escritora, da capa do livro e uma indicação bibliográfica (FIGURA 25). O texto é seguido de questões de interpretação (literária e de observação estrutural da escrita), e de compreensão linguística (vocabulário).

55 trancado as portas, desligado o gás. Perguntou se eu poderia comprar um megafone. O que a senhora quer com um megafone?, perguntei. Era para pôr ao lado da imagem do Nosso Senhor Jesus Cristo, ela explicou. Tinha que ser um bem potente, ela não colocaria ao lado de Jesus Cristo um megafone marca barbante. Prometi que compraria.

Estendi a manta sobre minha mãe, beijei-a. Quando estava saindo do quarto, ela me perguntou se eu estava cumprindo a promessa de não passar mais as noites lendo. Respondi que sim. Que bom, 65 meu filho, ela disse. Aqueles livros estavam te estragando.

MELO, Patrícia. *Elogio da mentira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. p. 15-16.



Patrícia Melo (1962), escritora brasileira contemporânea, publicou diversos romances policiais, traduzidos em várias línguas. Eis alguns de seus livros: *Acqua toffana* (1994), *O matador* (1995), *Elogio da mentira* (1998), *Ladrão de cadáveres* (2010), *Escrevendo no escuro* (2011).

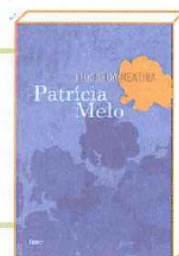


FIGURA 25 - EXEMPLO: PATRÍCIA MELO (2)

Fonte: Livro Didático: *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, 2013, p. 17, vol. 2.

Mais adiante, há um fragmento da obra *Cidade de Deus*, de Paulo Lins (Companhia das Letras, 2002), servindo para exemplificar e motivar os estudos estruturais do Romance (III)<sup>172</sup>. São 133 linhas do romance (praticamente duas páginas e meia de texto), acrescidas de uma imagem do filme, dirigido por Fernando Meirelles (2002), uma foto da capa do livro, uma imagem do autor Paulo Lins e uma pequena biografia (FIGURAS 26, 27 e 28). Da mesma forma, o texto é seguido de questões de interpretação, envolvendo estrutura do romance, figuras de linguagem entre outros, e questões linguística para compreensão do vocabulário no contexto.

<sup>172</sup>No volume II, o estudo do romance aparece em quatro seções. O Romance I – introduz a ideia sobre romance, interligando ao movimento do Romantismo, e a estrutura geral da história (narrador, tempo, espaço, etc.); o Romance II – diferencia os tipos de romance: memórias, científico, de suspense, entre outros. No Romance III – estuda-se os elementos estruturais: tempos verbais, descrição e ritmo na narrativa; e no Romance IV – trata da descrição, a objetividade e a subjetividade. Além dos aspectos estruturais analisados em cada exemplo de romance, há sequência dos estudos dos movimentos literários. Deste modo, no capítulo onde se estuda o texto *Cidade de Deus*, por exemplo, tem-se em seguida a introdução do Realismo e do Naturalismo.

O romance *Cidade de Deus*, publicado em 1997, foi escrito por Paulo Lins, um ex-morador do bairro carioca que dá nome ao livro. A obra resulta de uma pesquisa sobre crime e criminalidade no Rio de Janeiro e deu origem ao filme *Cidade de Deus*, visto por mais de 3 milhões de espectadores em menos de um ano.

### Texto 1

## Cidade de Deus

Paulo Lins

[...]

Antigamente a vida era outra aqui neste lugar onde o rio, deixando o coração bater em pedras, dando areia, **cobra-d'água** inocente, risos-líquidos, e indo ao mar, dividia o campo em que os filhos de portugueses e da escravidão pisaram.

Couro de pé roçando pele de flor, mangas engordando, bambuzais rebentando vento, uma la-

chendo caminhões, cobra alisando o mato, redes armadas nas águas. Aos domingos, jogo de futebol no campo do Paúra e bebedeira de vinho sob a luz das noites cheias.

— Bom dia, Zé das Alfases! — dissera seu Manoel das Couves num momento de aurora.

Porém o das Alfases nada respondera, apenas olhara os primeiros voos das garças ao som do canto dos galos e do mugir da boiada.

Os dois filhos de portugueses tratavam das hortas de Portugal Pequeno nas terras herda-

FIGURA 26 - EXEMPLO: CIDADE DE DEUS – PAULO LINS (1)

Fonte: Livro Didático: *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, 2013, p. 114, vol. 2.



→ Cena do filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, 2002, fundamentado no romance de mesmo nome.

as árvores, aterrando o charco, secando a fonte, e isso aqui virou um deserto.

65 Sobraram o bosque, as árvores do Outro Lado do Rio, os casarões mal-assombrados, a boiada que

-feiras e as de domingos, vermes 85 velhos em barrigas infantis, revólveres, **orixás** enroscados em peçoços, frango de despacho, samba de enredo e sincopado, jogo do bicho, fome, traição, mortes, jesus 90 cristos em cordões arrebitados, forró quente para ser dançado, lamparina de azeite para iluminar o santo, fogareiros, pobreza para querer enriquecer, olhos para nunca ver, nunca dizer, nunca, olhos e 95

peito para encarar a vida, despistar a morte, rejuvenescer a raiva, ensanguentar destinos, fazer a guerra e para ser tatuado. Foram atiradeiras, revistas **Sétimo Céu**, panos de chão ultrapassados, ventres 100

FIGURA 27 - EXEMPLO: CIDADE DE DEUS – PAULO LINS (2)

Fonte: Livro Didático: *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, 2013, p. 115, vol. 2.



veram alojados no estádio de futebol Mário Filho e vinham em caminhões estaduais cantando:

*Cidade Maravilhosa  
cheia de encantos mil...*

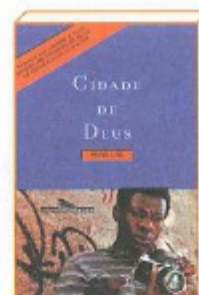
- 120 Em seguida, moradores de várias favelas e da Baixada Fluminense chegavam para habitar o novo bairro, formado por casinhas fileiradas brancas, rosas e azuis. Do outro lado do braço esquerdo do rio, construíram Os Apês, conjunto de prédios de apartamentos de um e dois quartos,
- 125 alguns com vinte e outros com quarenta apartamentos, mas todos com cinco andares. Os tons vermelhos do barro batido viam novos pés no corre-corre da vida, na disparada de um destino a ser cumprido. O rio, a alegria da molecada, dava prazer, areia, rã e **muçum**, não estava de todo poluído.
- 130 [...]

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 16-17.



Reprodução: Ed. Companhia das Letras

O carioca Paulo Lins (1958-), morador do bairro Cidade de Deus, localizado na periferia do Rio de Janeiro, e formado em Letras, dedicou-se ao magistério e fez pesquisas antropológicas sobre a criminalidade. Seu romance *Cidade de Deus* foi considerado uma das obras fundamentais da literatura brasileira contemporânea.



Reprodução: Ed. Companhia das Letras

Baseado nesse romance, em 2002 Fernando Meirelles dirigiu o filme homônimo, que recebeu quatro indicações ao Oscar.

**muçum:** peixe de coloração amarela quase uniforme, mais clara no abdome; os mais novos possuem dorso pardo, flancos azulados com manchas pardas e abdome cinzento-azulado.

FIGURA 28 - EXEMPLO: CIDADE DE DEUS – PAULO LINS (3)

Fonte: Livro Didático: *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, 2013, p. 116, vol. 2.

Mais adiante, há um quadro explicativo sobre *Descrição e ritmo na narrativa*, onde algumas passagens do texto *Cidade de Deus* são utilizadas para exemplificar (exemplo: *flashback*, fluxo de consciência, etc.). Neste quadro aparece uma imagem do filme *Cidade de Deus* (FIGURA 29).

## Descrição e ritmo na narrativa

Num romance é comum haver trechos em que os ritmos se diferenciam: ora se enumeram as ações numa sequência, ora se elabora um trecho descritivo que focaliza determinado aspecto da história contada. No exemplo do texto 1, a descrição focaliza o espaço, permitindo que o leitor do romance *visualize* como era “antigamente” e como é “hoje” o bairro chamado Cidade de Deus.

Esses momentos descritivos, no interior da narrativa, quebram o ritmo acelerado da sucessão de ações, e os eventos ficam suspensos, como se estivessem “à espera”.

Na descrição, o uso do pretérito imperfeito possibilita a criação de um efeito de sentido de “retrato” ou “paisagem”, ou ainda permite mostrar ao leitor o “cenário narrativo” para que ele apreenda as características do espaço.

A mesma técnica de inserção de trechos descritivos pode ajudar o leitor a formar uma imagem de alguma personagem, de determinada época, de uma circunstância envolvida no curso dos acontecimentos narrados. A sequência das ações é retomada após a descrição, marcada por uma indicação temporal precisa e explícita (no caso do texto 1, a expressão “um dia” cumpre essa função) e pelo pretérito perfeito simples.

Se você puder comparar um romance a um filme baseado nele, essa ideia ficará mais clara: para descrever um ambiente num romance, é possível que o narrador estenda sua descrição por várias páginas, dependendo do grau de detalhamento desejado. No filme, esse ambiente aparece “pronto” em determinada cena na qual



→ Cena de *Cidade de Deus* em que conversam as personagens representadas pelos atores Alexandre Rodrigues (à esquerda) e Gustavo Engracia.

1b. Professor, aceite as justificativas formuladas pelos alunos, desde que coerentes com o que há no texto: descreve-se como era o local antes da construção dos prédios. Há ações nesse trecho expressas pelos verbos, mas no conjunto o que predomina é o caráter descritivo. O efeito de sentido é o de “retrato” ou “paisagem”. Problematize as respostas que não lhe parecerem pertinentes e que não estejam sustentadas por bons argumentos.

118 UNIDADE 2 – ... como um romance (II)

FIGURA 29 - EXEMPLO: CIDADE DE DEUS – PAULO LINS (4)

Fonte: Livro Didático: *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, 2013, p. 118, vol. 2.

Outra imagem do filme *Cidade de Deus* aparece no volume III da coleção. Neste caso, o livro, ao tratar sobre as produções dramáticas no teatro, faz relação com as obras cinematográficas. Em seguida expõe uma série de imagens de filmes para que os alunos escolham uma e em grupo realizem uma pesquisa sobre o diretor do filme, obra em geral, resumo do enredo, entre outros.

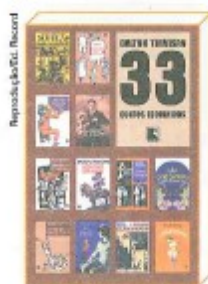
Foram identificadas na coleção, duas indicações de leitura: uma do livro *O invasor*, de Marçal Aquino (Geração Editorial), como exemplo de transposição de gêneros (de romance para roteiro de filme<sup>173</sup>) (*Língua Portuguesa: Linguagem e*

<sup>173</sup>O filme *O invasor*, dirigido por Beto Brant (2001) também é indicado na seção “Agora é com você!”

*interação*, vol II, p. 166); e o livro *Malagueta, perus e bacanaço* (Ática) de João Antônio, como exemplo de contos contemporâneos (FIGURA 30).

### Para ir mais longe

■ O enfoque realista na literatura permanece até hoje. A leitura de alguns contos de autores contemporâneos permite analisar essa permanência. Entre os muitos autores brasileiros contemporâneos, sugerimos Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, João Antônio e Luiz Vilela.



→ Dalton Trevisan, *33 contos escolhidos*, Rio de Janeiro, Record.

→ João Antônio, *Malagueta, perus e bacanaço*, São Paulo, Ática.



FIGURA 30 - EXEMPLO: JOÃO ANTONIO

Fonte: Livro Didático: *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, 2013, p. 134, vol. 2.

No conteúdo relativo às *Tendências contemporâneas da literatura brasileira*, a coleção dedica uma parte à Poesia Marginal dos anos 1970, colocando um breve histórico do movimento e poemas de alguns autores, entre eles: Paulo Leminski (com o destaque de uma foto e uma biografia); Cacaso, Francisco Alvim, Nicolas Behr e Chacal<sup>174</sup> (FIGURAS 31 e 32).

(Língua Portuguesa: linguagem e interação, p. 167, vol.2).

<sup>174</sup>No final do capítulo, na seção “Agora é com você!”, o livro sugere a leitura de livros e sites para complementar a pesquisa sobre os escritores da literatura marginal da década de 1970 (Língua Portuguesa: Linguagem e interação, p. 352-353, vol.3).



### Poesia marginal

Paralelamente, sem abdicar das mesmas preocupações sociais, porém incorporando novos temas e retomando o poema piada da primeira fase modernista, um grupo de poetas começou a se fazer ouvir na década de 1970 — o grupo da **poesia marginal dos anos 1970**.

#### Texto 8

### contranarciso

Paulo Leminski

em mim  
eu vejo o outro  
e outro  
e outro  
enfim dezenas  
trens passando  
vagões cheios de gente  
centenas

o outro  
que há em mim

é você  
você  
e você

assim como  
eu estou em você  
eu estou nele  
em nós  
e só quando  
estamos em nós  
estamos em paz  
mesmo que estejamos a sós

LEMINSKI, Paulo. *Caprichos e relaxos*.  
São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 12.

FIGURA 31 - EXEMPLO: POESIA MARGINAL (3)

Fonte: Livro Didático: *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, 2013, p. 296, vol. 3.

O poema lido, do curitibano Paulo Leminski, ilustra a tendência conhecida como **poesia marginal** dos anos 1970, que se relaciona com transformações culturais ocorridas no mundo todo, como a criação de novas mídias e o fortalecimento da cultura de massa. As transformações de maior impacto no período podem ser representadas pelo sistema de comunicações via satélite e pela criação da internet, poderosa rede de interação humana virtual e fonte de informação.

Essa poesia era denominada **marginal** por ser produzida por um grupo de poetas que não pretendia aderir ao sistema das grandes editoras para divulgar seu trabalho. Optaram então por editar seus livros artesanalmente, em tiragens reduzidas. Vendiam suas obras de mão em mão, na porta de teatros, cinema, ou seja, onde houvesse público. Os temas tratados variavam bastante: o cotidiano, a denúncia da repressão efetuada pelo regime militar, o amor, etc.

Alguns poetas que se firmaram nessa época hoje têm sua obra impressa e comercializada por grandes editoras.



→ O poeta Paulo Leminski (1944-1989), em 1963, participou da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, em Belo Horizonte, onde conheceu os mestres do movimento concretista. No ano seguinte, publicou seus primeiros poemas na revista *Invenção*, editada pelos concretistas. Também atuou como diretor de criação e redator em agências de publicidade. Fascinado pela cultura japonesa e pelo budismo, Leminski escreveu haicais. Fez parcerias musicais com Caetano Veloso e Itamar Assumpção, entre outros.

FIGURA 32 - EXEMPLO: POESIA MARGINAL – PAULO LEMINSKI

Fonte: Livro Didático: *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, 2013, p. 296, vol. 3.



Quanto à prosa, a coleção destaca Rubem Fonseca, na década de 1950-1960, e algumas tendências como: romance reportagem, a prosa intimista e o realismo fantástico. No subtítulo: *De 1980 para cá*, o livro destaca a temática da violência e da marginalidade social, citando o autor Paulo Lins (*Cidade de Deus*) como precursor da Geração 90. Destaca-se também os nomes de Marçal Aquino e Fernando Bonassi, e a partir dos anos 2000 é incorporado o termo “marginal” para escritores como Ferréz (Capão Pecado), Luiz Ruffato, Marcelo Mirisola e André Sant’Anna (FIGURA 33).

### De 1980 para cá

Além da permanência de autores surgidos em outras fases, registra-se a estreia de diversos escritores. Prevalece a temática urbana, flagrando a violência, a exclusão social e os desequilíbrios psicológicos decorrentes de um contexto social caótico.

A partir da década de 1990, com a volta da democracia, a literatura politizada e de protesto perde terreno, mas continuam a ser trabalhados os temas da violência urbana e da exclusão social. Paulo Lins, com *Cidade de Deus* (1997), é um dos nomes em destaque dessa geração. Você leu um trecho desse romance no volume 2 desta coleção.

Do grupo conhecido como **Geração 90** sobressaem Marçal Aquino e Fernando Bonassi.

Nos anos 2000, começa a ganhar corpo uma literatura também chamada de **marginal**, por documentar a vida em bairros violentos das grandes metrópoles e nas prisões, como lemos em *Capão pecado* (2000), de Ferréz (Reginaldo Ferreira de Sá), que nos apresenta um relato do cotidiano do bairro de Capão Redondo, em São Paulo.

Jovens autores retomam alguns procedimentos da prosa imediatamente anterior à sua geração e introduzem nela traços inovadores. Fica evidente a multiplicidade de tendências na prosa brasileira contemporânea e as dificuldades de agrupar os autores em tendências, especialmente os mais recentes. Luis Ruffato, Marcelo Mirisola e André Sant’Anna são apenas três dos nomes que se firmam no panorama literário contemporâneo.

FIGURA 33 - EXEMPLO: GERAÇÃO 90 (2)

Fonte: Livro Didático: *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, 2013, p. 307, vol. 3.

Em seguida, o livro expõe o conto *Minhas Memórias* de André Sant’Anna (livro: *Sexo e amizade*, Companhia das Letras, 2007). São praticamente três páginas de texto (272 linhas) junto à imagem do contista, e duas questões reflexivas sobre o texto (*Língua Portuguesa: Linguagem e interação*, vol III, p. 308-311) (FIGURA 34).



→ O contista André Sant'Anna (1964) publicou seu primeiro livro, *Amor*, em 1998.

minha mesa umas três vezes, porque ele queria  
 185 saber se eu estava trabalhando direito, porque o  
 trabalho que eu tinha pra fazer era muito impor-  
 tante para a firma do chefe do chefe do meu chefe,  
 e eu fiquei com muito medo, porque, se o meu  
 chefe percebesse que eu não estava conseguindo  
 190 trabalhar, porque eu estava com muito sono, ele

um jantar pro cliente, porque ele precisava agradar  
 o cliente, porque o cliente não podia ficar nervoso  
 porque o trabalho que eu tinha pra fazer não tinha  
 ficado pronto.

O meu chefe foi embora e não falou boa-noite 215  
 pra mim, porque ele estava com muita pressa, por-  
 que ele tinha que jantar com o cliente.

Eu disse boa-noite pro meu chefe.

Eu fiquei trabalhando até tarde, porque eu não  
 estava conseguindo acabar o trabalho que eu tinha 220  
 pra fazer, porque eu não conseguia me concentrar,  
 porque eu estava com muito sono, porque eu tinha  
 acordado muito cedo.

O trabalho que eu tinha pra fazer não ficou  
 muito bom, porque eu não consegui me concen- 225  
 trar, porque eu estava com muito sono, e eu dei-  
 xei o trabalho que eu tinha pra fazer em cima da  
 mesa do meu chefe e fui embora do escritório  
 com muito medo, porque o trabalho que eu tinha  
 pra fazer não ficou muito bom e o meu chefe po- 230  
 dia perceber e pedir pro chefe dele me demitir,  
 porque eu era incompetente, porque eu era bra-  
 sileiro, porque eu nasci no Brasil, porque os meus  
 pais eram brasileiros e os brasileiros gostam mui-  
 to de fazer sexo. 235

Eu não fui direto pra casa, porque eu queria  
 beber pelo menos uma cerveja antes de dormir,  
 porque eu estava sem sono, porque, depois de

FIGURA 34 - EXEMPLO: ANDRÉ SANT'ANNA

Fonte: Livro Didático: *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, 2013, p. 310, vol. 3.

Para finalizar, nas questões de vestibular indicadas para sintetizar os assuntos trabalhados no capítulo, há uma pergunta sobre o poema *Logia e mitologia* de Cacaso, remetendo ao contexto histórico dos anos 1970. Sobre autores afins, há apenas menções à vida e obra de Patrícia Galvão (Pagu) e Gianfrancesco Guarnieri no teatro. Não foi identificada a presença de autores russos. A obra de Lima Barreto é muito bem representada na coleção, envolvendo mais de um fragmento textual (um inclusive com seis páginas de texto), indicação de livro, imagens e questões do vestibular.

### 5.2.2 Considerações finais sobre a análise

A coleção *Português: Linguagens*, de Cereja e Magalhães (2013) apresenta um número considerável de autores e obras considerados da literatura marginal-periférica, mas não fazem distinção deste movimento sob nenhum rótulo. Pelo contrário, os autores são vistos dentro de um panorama de manifestações literárias, muitas vezes diversas entre si e representando estéticas não mencionadas nos trabalhos acadêmicos aqui analisados. Há uma similaridade de conceitos acerca da literatura carcerária (apesar de Paulo Lins e Ferréz estarem listados nesta mesma corrente).

Dentre os autores considerados representantes da literatura marginal-periférica, nota-se que Fernando Bonassi é o mais citado na coleção. Provavelmente este fato se deve a sua popularidade no campo cinematográfico e televisivo, onde atua como roteirista, e no campo jornalístico, como colaborador da *Folha de São Paulo*. Além disto, suas obras são geralmente publicadas em grandes editoras, o que lhe garante maior circulação e aparecimento na mídia e encontros literários. Este caso exemplifica como o livro didático reforça a voz da crítica literária especializada<sup>175</sup>.

Já na coleção *Novas Palavras* fica evidente a visão tradicional da literatura e a crítica, um tanto pejorativa ou provocativa em relação às tendências contemporâneas – sobretudo por associá-las à explosão da indústria cultura e da literatura de massa. Do mesmo modo, não há menção ao termo literatura marginal-periférica e seus autores compõem um painel mais complexo de estilos.

Há conceitos equivalentes àqueles apregoados em Cereja e Magalhães. Entre estes, a concepção de que a escritora Patrícia Melo compõe a modalidade de romance policial, seguindo o modelo estrutural de Rubem Fonseca; e os autores: Bonassi, Ruffato, Marçal Aquino e Marcelino Freire são considerados escritores que tematizam as problemáticas marginais dos centros urbanos.

---

<sup>175</sup>A obra de Fernando Bonassi faz parte do universo acadêmico como comprova a lista bibliográfica de teses e dissertações, citada pelo próprio autor, totalizando cerca de 40 trabalhos. Disponível em <<https://m.facebook.com/notes/luiz-ruffato/teses-e-disserta%C3%A7%C3%B5es-sobre-as-obras-de-luiz-ruffato/478318175586612/>>: Acesso fev. 2016.

Nota-se que da mesma forma, prioriza-se os nomes dos autores mais conhecidos pelo público acadêmico e midiático. Destaca-se nesta coleção a presença de fragmentos textuais mais longos, como do livro *Cabeça de Porco* ou ainda os poemas de Bonassi e Cacaso.

Os livros da coleção *Português: Contexto, interlocução e sentido*, não fizeram nenhuma referência contextual ao movimento da literatura marginal-periférica, restringindo a citação de autores apenas para os casos de Patrícia Melo, considerada escritora de romances policial e Fernando Bonassi, destaque nas novelas de costumes do ambiente urbano. Por outro lado, os livros expõem autores e conceitos sobre a literatura marginal da década de 1970, além de destacar os três nomes: João Antônio, Plínio Marcos e Hélio Oiticica – aqui considerados como precedentes à literatura marginal-periférica. Um caso curioso foi a utilização do texto de Carolina Maria de Jesus em exercícios de correção gramatical.

A coleção *Língua Portuguesa: Linguagem e interação*, de Faraco, Moura e Maruxo Jr. demonstrou maior afinidade com as definições conceituais, autores e obras representativas da literatura marginal-periférica tal como foi analisada nesta tese. Foi o único livro didático que fez referência ao termo Literatura Marginal – conforme a autodenominação do grupo da “Geração 90”, além de citar autores representativos coerentes com os trabalhos acadêmicos aqui analisados. Um ponto interessante da coleção é o investimento em textos literários para leitura e interpretação. Neste momento, pode-se perceber que os fragmentos das obras de Patrícia Melo, Paulo Lins e André Sant’Anna, puderam fornecer elementos suficientes de estrutura, linguagem e construção estética (considerando, é claro, a natureza fragmentária dos livros didáticos em geral).

Em todas as obras foi possível notar que os conceitos e a gama de autores da literatura marginal dos anos 1970, especificamente no campo da poesia, já se encontram estabelecidos, observando apenas algumas variantes dos autores em que é dado destaque. Em geral, os poemas de Paulo Leminski, Cacaso e Chacal estavam entre os mais citados.

Em relação aos autores da literatura marginal-periférica, constatou-se o nome de Fernando Bonassi, como o mais citado, e referências ao livro e a

adaptação no cinema da obra *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Em seguida, tem-se os autores como Marçal Aquino, Luiz Ruffato, André Sant'Anna, Marcelino Freire e Ferréz. Nota-se que a autora Patrícia Melo, na maioria dos casos, é citada como representante do romance policial, associada principalmente ao nome de Rubem Fonseca. Não foi encontrada nenhuma referência aos poetas da literatura marginal-periférica como Sérgio Vaz ou Allan da Rosa, aos movimentos sociais dos saraus<sup>176</sup> ou a cultura hip hop.

### 5.3 PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE)

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi criado em 1997 e tem como objetivo incentivar a leitura dos estudantes e professores das redes públicas de ensino promovendo o acesso à cultura por meio da distribuição de acervos literários e de pesquisa. Atualmente, o projeto atende desde a educação infantil ao ensino médio, além das modalidades do Ensino de Jovens e Adultos e de alunos com necessidades especiais, conforme o interesse e o cadastro das escolas.

O PNBE, executado pelo FNDE em parceria com o MEC, abre editais anualmente para as editoras interessadas, faz a avaliação das obras e negocia com as editoras os processos de produção, distribuição e direitos autorais. Os acervos literários são compostos por textos em prosa (obras clássicas da literatura universal, teatro, novelas, contos, crônicas, memórias, biografias e teatro) e em verso (poemas, cantigas, parlendas e adivinhas). Investe-se também em livros de imagens, histórias em quadrinhos, além de livros de pesquisa, dicionários e periódicos didáticos para os professores<sup>177</sup>.

O atendimento ao ensino e suas modalidades ocorrem em anos alternados. Destaca-se aqui apenas os anos referentes ao atendimento do Ensino Médio. A

<sup>176</sup>Duas coleções se reportaram a prática dos Saraus, inclusive com imagens dos saraus da periferia, mas não trazem referência nenhuma destes movimentos sociais de forma a relacionar o espaço à produção literária.

<sup>177</sup>Informações sobre o PNBE estão disponíveis nos sites oficiais do MEC FNDE <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>, <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>>.

distribuição de obras para o Ensino Médio teve início com o Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio (PNBE-EM) em 2008, com um acervo total<sup>178</sup> de 160 obras, sendo 40 títulos literários e 120 de pesquisa e consulta de disciplinas específicas. O Programa PNBE-Especial<sup>179</sup> também atendeu o Ensino Médio com um acervo de 60 títulos entre livros de orientação pedagógica e literários em diferentes formatos (exemplo: livros digitais, áudio, em Braille, com caracteres ampliados) – priorizou-se nesta seleção as traduções de obras clássicas da literatura universal e brasileira de domínio público<sup>180</sup>. Em 2009, foram distribuídos três acervos compostos por 100 títulos literários cada. Em 2010, todas as escolas receberam o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) elaborado pela Academia Brasileira de Letras devido às mudanças efetivadas no Novo acordo ortográfico. Nesse mesmo ano, o EJA do Ensino Fundamental e Médio recebeu dois acervos de 25 títulos cada para uso compartilhado. O PNBE 2011 elaborou três acervos literários diferentes entre si para atender especificamente o Ensino Médio<sup>181</sup>. Em 2012 o programa atendeu os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Médio, com dois acervos de 25 títulos cada. No ano seguinte, atendeu a todos os alunos do Ensino Médio, sendo 3 tipos de acervos com 60 títulos cada, e em 2014 novamente os alunos do EJA, contemplados com dois tipos de acervo com 25 títulos cada<sup>182</sup>.

<sup>178</sup>Cada programa anual estabelece o número de acervos e o número de alunos proporcionais à distribuição de acervos, por exemplo, em 2008, escolas com até 500 alunos receberam um acervo, com até 1000 alunos receberam dois e com mais de 1001 alunos receberam três acervos. No site do FNDE diz que o Ensino Médio recebeu um acervo de 139 obras, entretanto, não encontramos os editais nem a relação destas. Recorrendo aos decretos e resoluções, observa-se que foram distribuídos 160 títulos diversos para o ensino médio – o que inclui todas áreas disciplinares, sendo apenas 40 títulos destinados à literatura. A informação confere com todos os editais posteriores publicados.

<sup>179</sup>A Resolução nº 50, de 30 de outubro de 2007, revogada pela Resolução/CD/FNDE nº 2, de 8 de janeiro de 2008 dispõe acerca dos acervos do programa especial.

<sup>180</sup>Na Portaria 1518/2008 há lista de 34 obras distribuídas para o ensino de alunos com necessidades especiais, sendo 27 obras literárias e 7 obras de Orientação Pedagógica. Os dados não coincidem com a Resolução/CD/FNDE nº 2, de 8 de janeiro de 2008, que determinou a distribuição de 60 títulos.

<sup>181</sup>A portaria que publicou a lista de obras distribuídas não faz distinção entre as obras destinadas ao Ensino Fundamental e Médio, totalizando 300 títulos literários. Na análise foram considerados todas as obras listadas.

<sup>182</sup>O FNDE declara que foram distribuídas 50 obras em 2014, mas a Portaria que dispõe o anexo de títulos não identifica os acervos destinados ao Ensino Fundamental e Médio do EJA, sendo que praticamente todas as obras listadas são de literatura infantil e juvenil. Não foi possível fazer o conferimento com as listas oferecidas no site do FNDE porque este disponibiliza somente os acervos de 2006 a 2013.

Deste modo, delimita-se como objeto de estudo as listas de obras indicadas pelo PNBE para o Ensino Médio dos anos de 2008 a 2014) <sup>183</sup>. Não há informações no site oficial do FNDE sobre os livros e distribuições feitas no PNBE-2015.

	PROGRAMA	TÍTULOS	EDITAIS – MEC/FNDE
1	<b>PNBE – 2008</b> Ensino Médio	40 obras	Portaria nº 958, de 10 de outubro de 2007
2	<b>PNBE – 2008</b> Especial (EM)	27 obras	Portaria nº 1.518, de 12 de dezembro de 2008
3	<b>PNBE – 2009</b> Ensino Médio	300 obras	Portaria nº 1.225, de 6 de outubro de 2008 (Anexo II)
4	<b>PNBE – 2010</b> EJA - Ensino Médio	50 obras	Portaria nº 969, de 9 de outubro de 2009
5	<b>PNBE - 2011</b> Ensino Médio	300 obras	Portaria nº 310, de 5 de agosto de 2010
6	<b>PNBE – 2012</b> EJA - Ensino Médio	50 obras	Portaria nº 10, de 13 de setembro de 2011
7	<b>PNBE – 2013</b> Ensino Médio	180 obras	Portaria nº 27, de 25 de outubro de 2012
8	<b>PNBE – 2014</b> EJA - Ensino Médio	150 obras	Portaria nº 59, de 6 de novembro de 2013

QUADRO 12 – MATERIAL ANALISADO DO PNBE-EM (DE 2008 A 2014)

O objetivo da análise é identificar obras da literatura marginal-periférica, conforme a lista apresentada no segundo capítulo desta tese. Além das obras representantes, pretende-se apontar algumas obras literárias afins, citadas no corpo

<sup>183</sup>As portarias estão disponíveis no site da FNDE <<https://www.fnde.gov.br>>, na seção FNDElegis <[https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/ResenhaAction.php?cod\\_menu=355&cod\\_modulo=9&acao=recuperarResenhaModulo](https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/ResenhaAction.php?cod_menu=355&cod_modulo=9&acao=recuperarResenhaModulo)> Acesso jan. 2015.



desta tese, como de autores da literatura marginal da década de 1970, obras oferecidas na livraria Suburbano ou de autores citados (e admirados) pelos escritores da literatura marginal-periférica.

### 5.3.1 Análise do PNBE dos períodos de 2008 a 2014

Dentre as obras indicadas no primeiro PNBE-EM (2008), o livro *Cidade de Deus* de Paulo Lins (Editora Companhia das Letras – ano 2002) e *Capão Pecado* de Ferréz (editora Objetiva – ano de publicação 2005), considerados representantes da literatura marginal-periférica são indicados no acervo literário. Além destes autores, há nomes como: Paulo Leminsky, Gianfrancesco Guarnieri e Chico Buarque. No PNBE-Especial (2008), não há nenhuma obra da literatura marginal-periférica. Destaca-se apenas Contos de Lima Barreto.

A lista publicada do PNBE-EM (2009) contém apenas o título das obras e editora, o que dificultou as buscas<sup>184</sup>. Ressalta-se o livro *Estação Carandiru* (Editora Schwarcz LTDA), *Violência e paixão* de Fernando Bonassi (Editora Scipione), *De mim já nem se lembra* de Lenise Pinheiro e Luiz Ruffato (Richmond educação), *Fora da ordem e do Progresso* de Simone de Souza Pereira e Luiz Ruffato (Geração de Comunicação Integrada comercial), *Famílias terrivelmente felizes* de Marçal Aquino (Cosac & Naify Edições) e uma antologia *Histórias de futebol* onde aparecem os autores Fernando Bonassi e Marcelino Freire. Da literatura marginal de 1970 destaca-se *Leão-de-chácara* de João Antonio (Cosac & Naify Edições LTDA). Há também livros de autores russo, em especial o livro *Infância* de Maksim Gorki (Cosac & Naify Edições), literatura de cordel, autores como Kafka e Gianfrancesco Guarnieri. Há uma coleção de contos onde está presente o escritor Marçal Aquino (*Contos Cruéis* – organizado por Rinaldo de Fernandes, pela Editora Geração) e dois livros da editora Quilombhoje Literatura (*Bailes – soul, samba-rock, hip hpo e identidade em São Paulo* e *Cadernos Negros 30 – Contos afrobrasileiros*).

O PNBE-EJA (2010) é composto por dois acervos com 25 obras cada um, informando apenas os títulos e editora. Destaca-se o livro *Marginal à esquerda*, de

<sup>184</sup>Foi necessário a recorrer às listas de acervos disponíveis no site do FNDE <>.



Angela-Lago (editora RHJ Livros), que retrata sobre a vida de um menino morador da periferia. Foram identificados obras de autores russos (ex: *O Nariz*, de Gógol pela editora Cosac & Naify); e contos de Cordel (editora Global).

No PNBE-EM (2011), há indicação do livro: *Grafias Urbanas: antologia de contos contemporâneos* (editora Scipione), onde se encontram os textos de Ferréz, Fernando Bonassi, Marcelino Freire, Rodrigo Lacerda dentre outros, e *Leituras de escritor: Luiz Ruffato*, de Luiz Ruffato e Mariana Rodrigues Zanetti (editora Comboio de Corda) e *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato (A Página Distribuidora de Livros). Há antologias que aparecem alguns autores da literatura marginal da década de 1970, como Chacal (*Taçados Diversos: uma antologia de poesia contemporânea* – editora Scipione), e Alice Ruiz (*Dois em um* – editora Iluminuras) e autores como Kafka.

O acervo PNBE-EJA (2012), apresenta a obra *Questão de Pele: contos sobre preconceito racial* (Língua Geral Livros LTDA), de Luiz Ruffato, considerado autor da literatura marginal-periférica.

No PNBE-EM (2013) foi identificado o livro *Escrevendo no escuro* de Patrícia Melo, considerada por alguns críticos como autora da literatura marginal-periférica. E livros de tema afrobrasileiro, como *Texturaafro*, de Adão Ventura (editora Lê LTDA) com temas políticos sobre a escravidão; *Poesia africana de Língua Portuguesa: Antologia* (Vida Melhor Editora), *A Legião Negra*, de Oswaldo Faustino (Summus Editorial) e autores como Kafka e Gógol.

O PNBE-EJA (2014) aparentemente lista apenas obras de literatura infantojuvenil. Não foi identificada nenhuma obra da literatura marginal-periférica ou afins.

Para concluir, o PNBE distribuiu no período de sete (7) anos, o total de 1.097 obras literárias para o Ensino Médio (normal, especial e EJA). Há títulos que se repetem conforme o ano e modalidade a qual se destina.

Diante desta composição bibliográfica, foram identificadas treze (13) obras consideradas da literatura marginal-periférica e quatro (4) da literatura marginal da década de 1970, além de algumas obras de autores afins à produção marginal-periférica, como autores russos, de cordel, entre outros. A presença de autores e

obras da literatura marginal-periférica no PNBE seria, então, de 1,18%. Apesar de ser uma porcentagem aparentemente baixa, há de se considerar que o programa visa a variedade de gêneros literários, autores e editoras. A partir da pesquisa, é possível afirmar que a literatura marginal-periférica, mesmo que timidamente, está sim presente no universo escolar<sup>185</sup>, compondo os acervos literários das escolas.

Além dos livros distribuídos pelo PNBE, as Secretarias Estaduais também possuem programas específicos de apoio à leitura, tendo a FNDE como parceira. Há casos em que fragmentos do texto literário *Capão Pecado* de Ferréz, presentes em livros didáticos, como por exemplo: *Linguagem: Práticas de Leitura e Escrita* (editora Global e Ação Educativa) de Anna Christina Bentes e *Viver, aprender unificado* do Projeto de Aceleração da Aprendizagem (Minas Gerais) – ambos direcionados para o Ensino Fundamental – sofreram processos institucionais, como mostra a reportagem na *Folha de São Paulo*, em março de 2010 (ANEXO 6). A linguagem carregada de palavrões e violência, colocou muitos pais e professores em alerta. Fatos como estes só reforçam a responsabilidade e o cuidado que a literatura marginal-periférica exige dentro das salas de aula.

---

<sup>185</sup>Cabe ressaltar que há livros da literatura marginal-periférica ou afins que compõe outros acervos literários, destinados às escolas pelo PNBE, nos níveis de Educação infantil (por exemplo a obra: *Amanhecer Esmeralda* de Ferréz), e no Ensino Fundamental (por exemplo os livros: *Meu tio matou um cara e outras histórias* de Jorge Furtado e *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo geral desta pesquisa, *analisar os processos de inserção da literatura marginal-periférica no conteúdo curricular do Ensino Médio, especificamente da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura*, optou-se por uma revisão bibliográfica dos trabalhos acadêmicos realizados sobre o assunto e a conferência destes conceitos em livros didáticos indicados pelo PNLD, assim como a disponibilidade de livros literários na escola por meio do PNBE. A problemática formulada na questão *Há espaço para a literatura marginal-periférica na escola?* pode ser respondida de forma afirmativa, uma vez que a legislação da educação brasileira não restringe o ensino da literatura aos textos e autores consagrados pela crítica e historiografia literária. Pelo contrário, incentiva o trabalho com a maior diversidade de “gêneros discursivos”, além de estimular a relação entre o conteúdo escolar e a realidade dos alunos. Considerando que a literatura marginal-periférica é uma manifestação popular, de comunidades que compartilham uma vivência ímpar nas periferias das grandes cidades, esta produção literária poderia interessar um grande contingente de alunos, principalmente das últimas séries, no Ensino Médio, onde a crítica social e política pode ser melhor percebida.

Nesse sentido, a pesquisa poderia se dar por encerrada – pela comprovação de que o espaço para a literatura marginal-periférica existe na escola, já ocorrendo processos de inserção por meio de livros didáticos e do acesso direto ao texto literário dessa natureza. Contudo, as problemáticas que surgiram no decorrer do trabalho chamaram a atenção para duas palavras: espaço e processos. O “espaço” que existe na escola não é um lugar neutro, mas de conflitos; e os “processos” de inserção não são práticas restritas ao contexto escolar, mas têm início no social e passam pelos caminhos da academia.

As problemáticas giram em torno do conflito teórico, metodológico e ideológico das correntes de estudo tradicional e cultural: constatou-se uma tendência predominantemente culturalista nas discussões acerca da literatura

marginal-periférica, sendo que o material empírico analisado, ou seja, os livros didáticos como referência de conteúdo nas escolas, ainda seguem, em parte, o padrão de raciocínio e estrutura da crítica e da teoria literária tradicionais. Neste fogo cruzado, a legislação se mostrou ambígua, ora defendendo uma postura tradicional, ora servindo de porta de entrada ao multiculturalismo, em defesa das minorias.

Pode-se afirmar que a concepção de uma literatura marginal-periférica ainda parece possível, academicamente, somente na perspectiva culturalista. Observa-se que seus princípios norteadores são baseados em questões sociais e não estético-literárias. Sua escrita revela um engajamento ideológico baseado na crítica social e política. Isto não exime a crítica tradicional de abordar tal manifestação, visto que é um fenômeno social que resulta em obras literárias. Entretanto, nota-se que poucas instituições universitárias hoje no Brasil adotam uma perspectiva absolutamente tradicional em relação aos estudos literários<sup>186</sup>.

Como observado nesta tese, os Estudos Culturais colocam em xeque a própria concepção de literatura, não fazendo distinção entre textos literários ou não-literários. Tal perspectiva é também detectada na escola através da adoção dos conceitos bakhtinianos sobre gêneros do discurso, pela qual a literatura passa a ser considerada como mais uma forma, dentre tantas outras, de discurso social. Essa tendência metodológica pode provocar desvalorização da própria disciplina de Literatura, com perda de sentido e importância do que está além do cotidiano. A tendência é tratá-la como mais uma das várias facetas dos modos de comunicação por meio da linguagem.

Assim, compreender a literatura marginal-periférica como manifestação artística contemporânea representativa no âmbito da formação social e cultural brasileira, passível de análise crítica e literária no contexto escolarizado, sobretudo pelo seu valor estético e não apenas social, como é destacado na maioria dos

---

<sup>186</sup> A grande maioria tem adaptado seus currículos de graduação e a oferta de pós-graduação com base nas exigências atuais, incluindo assim discussões sobre gênero, raça, classes sociais, globalização, identidade entre outros temas da agenda das teorias culturais. Destaque-se que os Estudos Culturais não se restringem ao meio acadêmico, mas agem em todas as instâncias da vida social, refletindo inclusive na criação de políticas públicas. No curso de Letras, os estudos culturalistas marcaram presença principalmente nos Estudos de Linguística, nas concepções das variações linguísticas e gêneros do discurso (Bakhtin), e nos Estudos literários através da disciplina de Literatura Comparada (literatura feminista, literatura afro-brasileira, etc.) ou tópicos de Sociologia da Literatura (estudos interdisciplinares que envolvem psicanálise, etnografia e antropologia).

trabalhos acadêmicos analisados, ainda se faz necessário.

Em um âmbito mais amplo, o conflito teórico (tradicional *versus* cultural) também atinge o sistema escolar como um todo, já que, para os Estudos Culturais, a escola é vista como agenciadora ideológica da classe dominante. Por isso, coloca em dúvida toda sua estrutura organizacional (baseada na hierarquia e na autoridade) e curricular (questionando, principalmente, a serventia de certos conteúdos para a vida real, esta engendrada nas relações de trabalho).

Ao analisar o discurso dos documentos da legislação educacional no Brasil, percebem-se muitas contradições teóricas e metodológicas. No entanto, é possível identificar uma tendência constante (e até predominante) voltada aos Estudos Culturais. Isto pode ser comprovado pela seleção de autores e livros que dão suporte teórico aos documentos, como Bakhtin, Bourdieu, Canclini, Candido, Eagleton e Gramsci. Basta considerar, por exemplo, a preocupação educacional de Gramsci (1980, 1982, 1984) que busca, numa perspectiva revolucionária, articular os conhecimentos escolares em torno da prática mercadológica. Para isto, faz-se necessária a transmissão prioritária de conhecimentos “concretos”. Como resume Sabóia (1990, p. 46, grifo nosso), ao analisar a filosofia gramsciana:

Constata-se no pensamento de Antonio Gramsci uma particular preocupação com a questão educacional. Sua dimensão de análise mais contundente está **centrada sobre a função política** e, portanto, filosófica e histórica da Educação e **vê a escola como um dos aparelhos de hegemonia privilegiada na organização de uma nova cultura**. Para este autor, discutir a escola numa formação social capitalista é discutir a hegemonia, é pôr a questão do intelectual. [...] Gramsci trabalha categorias de pensamento para fazer a crítica burguesa: folclore<sup>187</sup>, senso comum, religião, bom senso, 'filosofia da práxis'; e grande contribuição trouxe para o processo revolucionário com sua batalha pela construção de uma nova mentalidade, de uma nova educação, de uma nova cultura e de um novo homem.

Além deste embate, que se tornou central, a introdução da tese sugeriu várias questões e hipóteses que não puderam ser totalmente respondidas no

<sup>187</sup> Compreenda-se folclore a partir desta definição dada por Gramsci (1984, p. 11): “[...] todos os homens são filósofos, definindo os limites e as características desta filosofia espontânea peculiar a todo o mundo, isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não simplesmente de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo sistema de crenças, superstições, opiniões, modo de ver e agir que se manifesta naquilo que se conhece geralmente por folclore”.

decorrer da pesquisa. Muitas delas exigiriam maiores investimentos no campo teórico, assim como levantamento de dados e/ou pesquisas empíricas mais complexas. Pôde-se, contudo, dar aqui alguns direcionamentos conclusivos ou de reflexão.

Primeiramente, os pontos de tensão entre a escola e os textos da literatura marginal-periférica estarão presentes assim como em qualquer leitura que desafia o aluno, seja no campo linguístico, interpretativo ou de reconhecimento estético. Entretanto, as discussões em torno da literatura marginal-periférica podem ser intensificadas pela falta de reconhecimento da crítica literária e critérios avaliativos e estéticos que permitam sua análise no plano de ensino literário<sup>188</sup>. As questões que permeiam seu estilo, linguagem e temática podem ser consideradas tanto um atrativo quanto uma afronta – isto porque as vivências e as experiências pessoais e familiares de cada indivíduo diferem entre si. Mesmo considerando que a literatura seja inserida no contexto do Ensino Médio, sabe-se que os alunos estão sob tutela dos pais ou responsáveis, que têm o direito (e dever) de supervisionar a educação oferecida aos seus filhos<sup>189</sup>.

Por esta razão e outras, a leitura da literatura marginal-periférica pode acarretar em uma série de insatisfações, tanto de alunos quanto de pais ou responsáveis que, dentro do seu direito<sup>190</sup>, julguem pertinente evitar eventuais referências à violência, sexo, prostituição, drogas, entre outras temáticas polêmicas. Além disso, a questão política e de engajamento presente nos textos da literatura marginal-periférica também pode gerar conflitos, conforme as formações ideológicas de cada grupo social. Como observado nas pesquisas acadêmicas, até o presente momento, só se tem relatos de aplicações da leitura literária marginal-periférica em escolas públicas de bairros menos favorecidos. Como seria a recepção desta leitura em escolas mais centrais, ou particulares? O efeito de analisar uma obra literária da literatura marginal-periférica tem a intenção de proporcionar mais acesso a gêneros

---

<sup>188</sup>Há obras consideradas canônicas dentro da escola que podem não ser “atacadas” de forma tão incisiva, exatamente pelo seu *status* estético-literário ou social, mesmo contendo cenas e temáticas não “aceitáveis” socialmente (ex: incesto, estupro, prostituição, etc.).

<sup>189</sup>Pode-se inclusive dizer que o contexto também pode ser propício à reclamações e fiscalização. É mais fácil criticar um professor por suas escolhas em sala de aula, do que criticar, por exemplo, uma seleção de obras listadas para o vestibular de uma instituição.

<sup>190</sup>Este direito está assegurado pelo próprio Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

discursivos diversos, promover o refinamento crítico no campo estético ou tão somente desmascarar desigualdades sociais? Em outras palavras, a literatura seria um conteúdo pedagógico-didático de contribuição à disciplina literária, ou arma política e ideológica? Visto que os próprios autores da literatura marginal-periférica estabelecem relações com autores russos de teor revolucionário, com a literatura proletariada marginal da década de 1970, entre outras, é claro que seu estudo se aproxima das questões sociais. Como concluiu Soares (2008) em seu projeto: a literatura marginal-periférica tem um valor social porque representa os grupos desfavorecidos. Apesar de focar apenas o viés social, Soares (2008) aponta que: a) a função social é importante, mas pode reduzir a literatura apenas para o nível de identificação, além da fetichização das favelas e do tema sobre a violência e b) pode ser usada na escola, mas só ela não dá conta das necessidades dos alunos. Ou seja, o ensino da literatura marginal-periférica não é o foco da disciplina de literatura e deve ser posta de forma a acrescentar outros estudos pertinentes à formação do indivíduo, não com imposição ou provocação para uma crítica social unilateral.

A hipótese de que esta produção literária é desejável ao campo social e político se confirmou, já que há muitas leis de incentivo e promoção da cultura que valorizam a produção artística de grupos minoritários ou sem expressividade social. Já no campo estético, a literatura marginal-periférica carece de um exame analítico que lhe atribua valores literários. Apesar de haver muitas críticas sobre a teoria literária tradicional, parece que somente nestes moldes (tradicionais) uma valoração estética poderia ser formulada e legitimada, visto que, para as correntes culturalistas, pouca importância é dada para essa questão. Em relação ao campo escolarizado, este revelou-se um ambiente ambíguo (e não fechado), complexo e multicultural. Ou seja, a hipótese da escola representar uma elite dominante não parece ser facilmente comprovada, visto que muitos valores e práticas já não seguem o modelo tradicional de ensino-aprendizagem. Isto pode ser detectado principalmente nos documentos que dão parâmetro e diretrizes à educação nacional. Pode-se dizer que a escola encontra-se em pleno processo de redefinição. Observa-se, por exemplo, que, apesar de incentivos e discursos contra o formato de ensino tradicional, os livros didáticos de literatura ainda seguem o modelo da historiografia

literária. Para alguns, isso pode parecer retrógrado, mas há de se levar em conta os processos (muitas vezes lentos, mas ativos) de adaptação e adequação de propostas teóricas no ensino. Neste caso, a entrada da concepção de gêneros discursivos ou ainda os conceitos de variações linguísticas (pelo qual a língua padrão é apenas mais uma das inúmeras variantes possíveis da linguagem) é um grande indício de mudanças, além do fato da própria história da literatura ser direcionada para certas interpretações e “links” com a realidade. Um olhar crítico revela que grande parte dos livros de português hoje indica ou faz correlações com a “cultura de massa”, citando livros de *best-sellers*, filmes, cenas de programas televisivos, músicas populares, entre outros. Talvez, muitas das questões que se dizem “marginais” já não o são dentro da escola.

Deste modo, o trabalho defende a tese de que: a escola oferece espaço para a literatura marginal-periférica, o que revela um sistema aberto às novidades e conceitos, sobretudo baseados na perspectiva teórica dos Estudos Culturais.

Estas reflexões ou evidências colocadas aqui apontam para a profundidade da questão sobre a inserção da literatura marginal-periférica nas escolas. Trata-se de uma inserção não gratuita, que pode contribuir para o jogo ideológico que está ocorrendo no campo escolar, acadêmico e social hoje.



## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: Contexto, interlocução e sentido**. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 2013. Volumes 1,2 e 3.

ABREU, Wagner Coriolano de. O Averso da marginalidade: relendo João Antônio pelo debate da literatura marginal. **Pontos de Interrogação**, v. 3, n. 1, jan./jul. 2013. Revista do programa de pós-graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II – Alagoinha – BA. pp-23-32. 2013.

AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. **Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severino. **Novas Palavras** Editora FTD (2ª. Edição). Vols. 1, 2 e 3. São Paulo, 2013.

AMARAL, Luiz Eduardo Franco do. **Vozes da favela: representações da favela em Carolina de Jesus, Paulo Lins e Luiz Paulo Corrêa e Castro**. 2003. Dissertação. (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

ARIAS, Alejandro Reyes. **Vozes dos Porões: a literatura periférica no Brasil**. Disponível em: <[http://digitalassets.lib.berkeley.edu/etd/ucb/text/ReyesArias\\_berkeley\\_0028E\\_11358.pdf](http://digitalassets.lib.berkeley.edu/etd/ucb/text/ReyesArias_berkeley_0028E_11358.pdf)> Acesso fev. 2016.

BARBOSA, João Alexandre. **O cânone na história da literatura brasileira**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29708/18366>>. Acesso dez. 2014.

BARRETO, Carolina de Oliveira. **Narrativas da “frátria imaginada”**: Ferréz, Sérgio Vaz, Dugueto Shabazz, Allan da Rosa. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2011.

BARROSO, Ana Beatriz de Paiva Costa. **A Mediatização da Arte**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós Graduação. 2007.

BENEVENUTO, Silvana José. **A escrita como arma: uma análise do pensamento social na Literatura Marginal**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ Marília. São Paulo, 2010.

BOAL, Julián. **As imagens de um Teatro Popular**. São Paulo: Hucitec, 2000.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. BNCC. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Base Nacional Comum Curricular**. 1ª. Versão – Preliminar. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>> Acesso mar. 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. DCN. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. DCN-EM. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. OCEM. **Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações Curriculares para o ensino médio ; volume 1. 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PCN. **Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias – arte**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PCNEM. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PCN+. **PCN + Ensino Médio: orientações**

educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

BRASIL. (PNBE) Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola** (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras / Secretaria de Educação Básica, Coordenação-Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. – Brasília: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. **Portaria nº 958, de 10 de outubro de 2007**. Divulga a relação das obras indicadas para o Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio – PNBE-EM. Ministério da Educação (MEC), 2007.

BRASIL. **Portaria nº 1.518, de 12 de dezembro de 2008**. Divulga a relação das obras indicadas para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE. Ministério da Educação (MEC), 2008.

BRASIL. **Portaria nº 1.225, de 6 de outubro de 2008** (Anexo II). Divulga a relação das obras indicadas para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE. Ministério da Educação (MEC), 2008.

BRASIL. **Portaria nº 969, de 9 de outubro de 2009**. Divulga a relação das obras indicadas para o Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio – PNBE- EM. Ministério da Educação (MEC), 2009.

BRASIL. **Portaria nº 310, de 5 de agosto de 2010**. Divulga a relação das obras indicadas para o Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio – PNBE- EM. Ministério da Educação (MEC), 2010.

BRASIL. **Portaria nº 10, de 13 de setembro de 2011**. Divulga a relação das obras indicadas para o Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio – PNBE- EM. Ministério da Educação (MEC), 2011.

BRASIL. **Portaria nº 27, de 25 de outubro de 2012**. Divulga a relação das obras indicadas para o Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio – PNBE-EM. Ministério da Educação (MEC), 2012.

BRASIL. **Portaria nº 59, de 6 de novembro de 2013**. Divulga a relação das obras indicadas para o Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio –

PNBE- EM. Ministério da Educação (MEC), 2013.

BRASIL DE FATO, **Literatura e periferia**: Avisa que alastrou. Entrevista com Érica Peçanha do Nascimento. 06/01/2014. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/26996>> Acesso dez.2015.

BUENO, Wilson. Narrativa é caricatural e pretensiosa, diz crítico. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 23 ago 1997. Caderno 2. 1997.

BUFREM, Leilah Santiago. Questões de metodologia - Parte 1. **AtoZ**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 4-10, jan./jun. 2011. <[www.atoz.ufpr.br](http://www.atoz.ufpr.br)>. 2011.

BUNGART NETO, Paulo. O reconhecimento tardio da autobiografia como gênero legítimo: Philippe Lejeune e seu “exército de um homem só”. IN: PINHEIRO, Alexandra Santos & BUNGART NETO, Paulo. (orgs). **Estudos Culturais e contemporaneidade**: literatura, história e memória. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

CAMPOS, Gabriel Alves de. **Cultura na trincheira**: Literatura Marginal e o chão da fricção. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. Vol. 4, n. 9, set. 1972. PP. 803-809. São Paulo, 1972.

CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. IN: A.C.R. Fester (org.). **Direitos humanos e...** Cjp/ Ed. Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: Momentos decisivos 1750-1880. 14. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

**CAPÍTULO DOIS** (Blog). Disponível em: <<http://capitulodois.com/2014/12/01/um-tempo-para-joao-antonio/>>. Acesso em out. 2015.

CARMO, Jefferson Carriello do. Possíveis contribuições de Edward Palmer Thompson para a História da Educação. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, nº 27, p.9-28, set.2007 – ISSN: 1676-2584. disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/27/art02\\_27.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/27/art02_27.pdf)> Acesso

dez.2015.

CARNEIRO, Suzana Filizola Brasileira. **A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal:** um olhar fenomenológico. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação – Psicologia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

**CAROS AMIGOS** especial. Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato I. São Paulo, agosto de 2001.

**CAROS AMIGOS** Especial: Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato II. São Paulo, abril 2002.

**CAROS AMIGOS** Especial: Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato III. São Paulo, abril 2004.

CERA, Flavia Letícia Biff . **Co-lateral:** efeitos e afetos marginais.2007. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2007.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Anália Cochar. **Português Linguagens**. Editora Saraiva (9ª. Edição) Vols. 1, 2 e 3. São Paulo, 2013.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e Estudos culturais. In: BONNICI & ZOLIN. **Teoria literária:** abordagens históricas e tendências contemporânea. 3.ed. rev. e ampl. Maringá: EDUEM, 2009.

CEVASCO, Maria Elisa. Prefácio. IN: WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Trad. Lolio Lourenco de Oliveira. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CIRÍACO, Rodrigo. **Leitura é possível:** Sérgio Vaz. BLOG EFEITO COLATERAL. (Postado em: 31 de outubro de 2008). Disponível em: <<http://efeito-colateral.blogspot.com.br/2008/10/literatura-possivel-sergio-vaz.html>> Acesso fev. 2016.

CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática social. IN: CHARTIER, Roger (org).

**Práticas da Leitura.** Trad. Cristiane Nascimento. 2ª. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: A leitura literária na escola. IN: **Nos caminhos da literatura.** [realização]. Instituto C&A; [apoio] Fundação Nacional do Livro Infante e Juvenil. São Paulo: Petrópolis, 2008.

COPE, B.; KALANTZIS, M. (eds.). **Multiliteracies:** literay learning and the design of social futures. London: Routledge, 2000.

COSTA, Gissele Bonafé. **As Margens na literatura:** uma análise discursiva de versos marginais. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. Campinas – São Paulo, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber. (org.) **Estudos Culturais em educação:** mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. IN: COSTA, Marisa Vorraber. (org.) **Estudos Culturais em educação:** mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

CRUZ, Adélcio de Sousa. **Narrativas contemporâneas da violência:** Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz. 2009. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Minas Gerais, 2009.

CUNHA, Carolina. João Antônio é pop nas canetas da periferia. Reportagem Saraiva. 12/01/2013. Disponível em <http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/49456> Acesso out. 2015.

CUNHA, Diogo Silva da. Usos e Abusos da Cultura. Richard Hoggart e a Cultura Viva da Classe Trabalhadora. **Comunicação Pública** (on line). Vol. 9 nº16, 2014. Disponível em: <http://cp.revues.org/861> > Acesso em jan. 2016.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária:** uma introdução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

CUNHA JR., Henrique. Afrodescendência e Espaço Urbano. In: CUNHA JR, H. & RAMOS, M. E.R.(orgs). **Espaço Urbano e Afrodescendência**: estudos da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

CURTIUS, Ernst Robert Curtius. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. Instituto Nacional do Livro. Biblioteca Científica Brasileira, Série B-V. Rio de Janeiro, 1957.

DALVI, M. A. Literatura no Currículo da Escola Capixaba de Ensino Médio. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, nº 52, p. 137-153, abr./jun. 2014. Editora UFPR. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/view/36288>>. Acesso nov. 2015.

DIAS, Maria Isabel Martins Teixeira de Gavino. **Literatura Marginal, uma proposta de leitura para formação de futuros leitores**: a leitura pode fazer parte da vida dos alunos, pois a vida deles também faz parte da literatura. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2010.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. [revisão da tradução João Azenha Jr.]. 6º. ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EAGLETON, T. **Depois da teoria**: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Trad. Maria Lucia Oliveira. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2005.

**EBULIÇÃO MARGINAL** (EVENTO- Ciclo de Leitura Ebulição Marginal – 2015). Disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/ciclo-no-boqueirao-une-literatura-e-hip-hop-para-atrair-jovens-para-os-livros/37092>> Acesso out. 2015.

**EDITAL PNLD 2015**. Coleções mais distribuídas por componente curricular –Ensino Médio. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>> Acesso jan.2016.

**EDITAIS DA LEGISLAÇÃO** do Programa PNBE. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-legislacao?start=10>> Acesso dez.2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. IN: JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina & SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Trad. e Org. Tomaz Tadeu da Silva. 3ª. ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2004.

ESLAVA, Fernando Villarraga. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita. **Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 24. Brasília, julho-dezembro de 2004, pp. 35-51. 2004.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de.; MARUXO JUNIOR, José Hamilton. **Língua Portuguesa: Linguagem e Interação**. Editora Ática (2ª. Edição) Volumes 1, 2 e 3. São Paulo, 2013.

FERRARI, Priscila. **Memórias de um sobrevivente, de Luiz Alberto Mendes: o eu prisioneiro e o prisioneiro do eu**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

FERRÉZ (org.). **Literatura Marginal: talentos da escrita periférica** (antologia). São Paulo: Agir, 2005.

**FOLHA DE SÃO PAULO**. (2010) Conheça Capão Pecado, o livro que provocou o afastamento de professora na Bahia. 23 de março de 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u713245.shtml>> Acesso fev. 2016.

**FOLHA DE S.PAULO** (2004). Entrevista da 2ª. Alba Zaluar. Hipermasculinidade leva jovem ao mundo do crime. Por Antônio Gois. São Paulo, dia 12 de julho de 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1207200423.htm>> Acesso em: outubro 2015.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2004.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. V. 6. Trad. e org. de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luís Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 5. ed., Rio de Janeiro, Civilização



Brasileira, 1984.

GRAMSCI, A. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. 4. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.

**GUIA** de livros didáticos: PNLD 2015: língua portuguesa: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **26 poetas Hoje** antologia. 1976. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/wp-content/uploads/2010/01/26-Poetas.pdf>> Acesso jan. 2016.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970**. São Paulo, Brasiliense, 1980.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; MESSEDER, Carlos Alberto (org.). **Poesia Jovem Anos 70**. Série: Literatura Comentada. São Paulo: Abril, 1982.

HOMSI, Patrícia. O poeta da cidade. **REVISTA CULT**. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/02/o-poeta-da-cidade/>> Acesso out. 2015.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

**ITAÚ CULTURAL** (Enciclopédia Itaú). Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oitica>> Acesso em out.2015.

**ITAÚ CULTURAL** (site oficial). Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/>>. Acesso out. 2015.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação a teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina & SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Trad. e Org. Tomaz Tadeu da Silva. 3ª. ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2004.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais. IN: JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina & SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Trad. e Org. Tomaz Tadeu da Silva. 3ª. ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2004.

KONRAD, Diorge Alceno. Ampliando a concepção, a pesquisa e o ensino sobre a história dos movimentos sociais e políticos no Brasil. IN: QUEVEDO, Júlio & IOKOI, Zilda M.G. (orgs). **Movimentos Sociais na América Latina:** desafios teóricos em tempos de globalização. Santa Maria: MILA, CESH, Universidade federal de Santa Maria, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Literatura:** leitores e Leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LEITE, Eleison. **Quatro temas da política cultural e a arte das periferias.** Ação Educativa. 6/02/2013. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/cultura/80-cultura/10004623-artigo-quatro-temas-da-politica-cultural-e-a-arte-das-periferias-> Acesso jan.2016.

LEITE, Antonio Eleilson. Marcos fundamentais da Literatura Periférica em São Paulo. **Revista de Estudos Culturais.** Dossiê sobre Cultura Popular Urbana 1. Junho 2014. Disponível em: <http://www.each.usp.br/revistaec/?q=revista/1/marcos-fundamentais-da-literatura-perif%C3%A9rica-em-s%C3%A3o-paulo> Acesso em: jan/2015.

LEITE, Antonio Eleilson. **Mesmo céu, mesmo CEP:** produção literária na periferia de São Paulo. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Minas Gerais: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Vanessa Bastos. **Literatura e Resistência:** Ferréz por uma Literatura Menor. 2012. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural). Universidade do Estado da Bahia. Bahia, 2012.

MARQUES, Luciana Araújo. **Pacto em Capão Pecado**: Das margens para o centro do texto, do texto para o interior do homem. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2010.

MENDES, K.V. M. Parceria universidade e escola na formação continuada de professores. Eventos Educere, 2008, **Anais**. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/592\\_509.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/592_509.pdf)> Acesso jan.2016.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **É tudo nosso!** Produção cultural na periferia paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura Marginal**: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**: Língua Portuguesa (DCE-LP). Governo do Estado do Paraná, Paraná, 2008.

**PÁTRIA EDUCADORA**: a qualificação do ensino básico como obra de construção nacional. Presidência da República e Secretaria de Assuntos Estratégicos. Proposta preliminar para discussão: apresenta diretrizes de um projeto nacional de qualificação do ensino básico. Brasília, abril, 2015.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **Escritos à margem**: presença de escritores de periferia na cena literária contemporânea. 2010. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

PEREIRA, Luciara. **Diário de um detento**: nas fronteiras do gênero Testemunho. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). 2009. Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

**PETROBRAS** (Setor de Projetos Patrocinados). Disponível em: <<http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/projetos/27/172>> Acesso fev. 2016.

PINHEIRO, Alexandra Santos & BUNGART NETO, Paulo. (orgs). **Estudos Culturais e contemporaneidade**: literatura, história e memória. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

**PLINIO MARCOS** (SÍTIO OFICIAL DO AUTOR). Disponível em: <<http://www.pliniomarcos.com/>> Acesso em setembro de 2015.

PONGE, Robert. Literatura Marginal: tentativa de definição. IN: FERREIRA, João Francisco (coord). **Crítica Literária em nossos dias e literatura marginal**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1981.

**PORTAL FNDE**. <<http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>>. Acesso dez. 2015.

RAMOS, Maria Estela Rocha. Origens da segregação espacial da população afrodescendente em cidades brasileiras. In: CUNHA JR, H. & RAMOS, M. E.R. (orgs). **Espaço Urbano e Afrodescendência**: estudos da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. 12.ed. Intr. e Org. Augusto de Campos. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1997.

**REVISTA ELETRÔNICA BULA**. Disponível em: <<http://acervo.revistabula.com/posts/vale-a-pena-ler-de-novo/as-confissoes-de-joao-antonio->> Acesso out. 2015.

ROCHA, Janaina. **Entre música e marginalidade**: o discurso malandro em João Antônio e suas repercussões na atualidade. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Brasília, 2008.

ROCHA, Paula Roberta Santana; SANTOS, Goiamérico Felício Carneiro dos. A contribuição e o legado de Raymond Williams para a consolidação dos Estudos Culturais britânicos. In: **Revista Temática**. Ano XIX, nº 01 – Janeiro 2013. Disponível em: <[http://www.insite.pro.br/2013/Janeiro/legado\\_raymondwilliams\\_estudosculturais.pdf](http://www.insite.pro.br/2013/Janeiro/legado_raymondwilliams_estudosculturais.pdf)> Acesso em dez.2015.

RODRIGUES, Jéssica Ferreira. **Juventude e Literatura**: um estudo sobre práticas literárias, ações e representações sociais juvenis na periferia da zona leste. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

ROMAIS, S.E. **A literatura como fato social**: instâncias e instituições que constroem o literário. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2006.

SABÓIA, Beatriz. **Em Aberto**. Brasília, ano 9. n 45. jan mar 1990. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/206>> Acesso: maio de 2015.

SANTOS, Carolina Correia dos. **Capão Pecado e a construção do sujeito marginal**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras, Teoria Literária e Literatura Comparada). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

SANTOS, Maria Aparecida Costa dos. **Ensino paralelo na periferia**: uma visão da educação à luz de Ferréz. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Nove de Julho. São Paulo, 2011.

SCHULMAN, Norma. O Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. IN: JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina & SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Trad. e Org. Tomaz Tadeu da Silva. 3ª. ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2004.

SCHWARZ, Robert (org.). **Os pobres na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.

SEVERINO, Mylton. **Paixão de João Antônio**. Editora Casa Amarela, São Paulo, 2005.

SILVA, Luciano Danilo. **Marginalidade literária**: um olhar sobre a escrita de dois autores latino-americanos. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2008.

SILVA, Mario Augusto Medeiros da. **A descoberta do Insólito**: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). 2011. Tese (Doutorado em Sociologia).

Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2011.

SILVA, Rogério de Silva. **Cultura e Violência**: autores, polêmicas e contribuições da literatura marginal. 2006. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Dissertação (mestrado em Sociologia). São Paulo, 2006.

SOARES, MEI HUA. **A literatura marginal-periférica na escola**. 2008. Universidade de São Paulo. Dissertação (mestrado em Educação). São Paulo, 2008.

SOUZA, Renato de. **O “Caso Ferréz”**: um estudo sobre a nova literatura marginal. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis. São Paulo, 2010.

STOREY, John (Ed.) **An introduction to cultural theory and popular culture**. 2.ed. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1997.

TAMAGNONE, Diego de Araújo. **O Princípio Constitucional da Igualdade e as Implicações éticas à luz da Literatura marginal de Ferréz**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro Universitário Ritter dos Reis. Porto Alegre – RS, 2010.

TAUFER, Adauto Locatelli. **Do factual ao ficcional**: memória, história, ficção e autobiografia em “Memórias de um sobrevivente” de Luiz Alberto Mendes. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2007.

TAVARES, Hugo Moura. Raymond Williams: pensador da cultura. **Revista Ágora**, Vitória, nº 8, 2008, p.1-27. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.ufes.br/agora/article/viewFile/1927/1439>> Acesso dez, 2014.

TRIVELONI, Marcus Vinícius Garcia. 2007. **Plínio Marcos e a perspectiva utópica de superação**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Vida Social). Universidade Estadual Paulista. Assis, 2007.

UFPR. Sistema de Bibliotecas da UFPR. **Manual de Normalização de Documentos Científicos**. Editora UFPR, Curitiba, 2015.

VAZ, Sérgio. **Colecionador de Pedras**: antologia poética. (série: literatura periférica). São Paulo: Global, 2007.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa**: antropofagia periférica. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008 (Tramas urbanas; 8). Disponível em: <[http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/upload/project\\_reading/0\\_Cooperifa-Miolo.pdf](http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/upload/project_reading/0_Cooperifa-Miolo.pdf)> Acesso: maio 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org.) **Estudos Culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

VELLOSO, Luciana Mendes. **Capão Pecado**: sem inspiração para cartão postal. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2007.

VIEIRA, Aline Deyques. **O clarim dos marginalizados** – A literatura marginal/periférica na Literatura Brasileira Contemporânea. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, Else R.P. Estudos Literários e Estudos Culturais: territórios dos caminhos que convergem. In: PEREIRA, M.A. & REIS, E.L de L.(orgs). **Literatura e Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

VILLALTA, L. C. O que se faz e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello (org.). **História da vida privada no Brasil** – Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Trad. Lolio Lourenco de Oliveira. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ZIBORDI, Marcos Antonio. **Jornalismo Alternativo e Literatura Marginal em Caros Amigos**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) . Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PR, 2004.

## APÊNDICE

APÊNDICE 1 – CRITÉRIOS CANÔNICOS (CRÍTICA MODERNA) .....	136
APÊNDICE 1 – CRITÉRIOS CANÔNICOS (CRÍTICA MODERNA) .....	141



## APÊNDICE 1 – CRITÉRIOS CANÔNICOS (CRÍTICA MODERNA)

	CRITÉRIO	DESCRIÇÃO
1	<b>MAESTRIA TÉCNICA</b>	A prosa ou a poesia são resultados da inspiração mas também de uma técnica aplicada;
2	<b>CONCISÃO</b>	É um preceito da retórica clássica adaptado à vida moderna, é um traço estilístico que cumpre dizer o máximo com o mínimo de palavras;
3	<b>EXATIDÃO</b>	É a adequação das palavras às coisas, às ideias – princípio defendido por vários escritores e filósofos da antiguidade grega. Na modernidade assume um objetivo de não representar a Verdade, mas aproximar a palavra à visão de mundo que pretende revelar no texto;
4	<b>VISUALIDADE SONORIDADE</b>	<b>E</b> Capacidade de evocar visões/imagens nítidas e apreciação por meio da qualidade musical, valor também adquirido pelos antigos, os modernos consideram a imagem (visual ou tipográfica) um critério importante para apreensão do real e a musicalidade, apesar de baseada nos modelos contemporâneos, é um fator inovador nas formas de criação e recepção;
5	<b>INTENSIDADE</b>	É a profundidade em que atinge o âmbito psicológico do leitor, as emoções. Na Antiguidade o objetivo era atingir o leitor com a função catártica ou moral, no romantismo era alcançar a função expressiva e, agora, na modernidade é a mensagem que deve produzir ou transpor as emoções;
6	<b>COMPLETUDE FRAGMENTAÇÃO</b>	<b>E</b> Para os antigos a obra deve ser uma imitação completa, uma ação que representa o todo (começo, meio e fim) articulados a um sistema exterior, seja teológico, ou outro. Para os modernos, a completude é apenas interna, ou seja, não é necessário a obra reporta-se a uma realidade mimetizada, nem ter um universo referente, basta ter coerência interna, e por isso, fragmentada;
7	<b>INTRANSITIVIDADE</b>	Este valor é introduzido pelos românticos com base na teoria de Kant. Acredita-se que a arte literária tem um fim em si mesma, interessa apenas para si – como Jákobson mais tarde definiu como função poética da linguagem – conceito defendido pelos escritores e críticos modernos. Esta característica torna a obra de arte “ao mesmo tempo, autônoma e ligada (no ponto de partida e no de chegada) ao contexto em que ela se produz”(PERRONE-MOISES, 1998, p.164);
8	<b>UTILIDADE</b>	Desde Platão e Aristóteles a questão da utilidade ou da inutilidade da arte é discutida. Para os modernos há uma separação entre a finalidade estética e a finalidade moral, “[...] mas todos sentem a necessidade de ampliar sua ação para além da função estética, o que implica uma ética” (PERRONE-MOISES, 1998, p.165). Mesmo defendendo que a literatura tem um fim em si mesma, paralelamente os escritores-críticos ressaltam a utilidade da arte como sendo: para manter a construção linguística da nação, transmitir valores morais e civilizatórios, ampliar a percepção de mundo e a capacidade de fruição, ou ainda que a literatura tem seu valor político e revolucionário;

continua

conclusão

<b>9</b>	<b>IMPESSOALIDADE</b>	Na antiguidade a impessoalidade do poeta era devido às ações sobrenaturais do oráculo, das crenças e da magia, que tornavam-no apenas um porta-voz. Na modernidade há uma impessoalidade justificada pela superioridade da própria linguagem;
<b>10</b>	<b>UNIVERSALIDADE</b>	Esta é uma convicção clássica, de que a poesia é a linguagem geral da humanidade. “Para os modernos, a obra deve ter uma função de conhecimento e de autoconhecimento, que só pode ser exercida se ela disser respeito a todos os homens” (PERRONE-MOISES, 1998, p.170), independente do ângulo político deste ideal (conservador dos valores humanísticos clássicos ou progressista que busca o acesso democrático das massas à produção “elitizada”). Este universalismo, para alguns escritores, pode sim ser alcançado pela literatura particularista também, devido ao alcance da globalização do mundo atual;
<b>11</b>	<b>NOVIDADE</b>	Princípio moderno, remete à autovalorização de sua produção como privilegiada diante da história e enquanto ruptura com o passado, os olhares estão voltados para o futuro, antecipando-o.

## QUADRO 13: CRITÉRIOS CANÔNICOS (CRÍTICA MODERNA)

Fonte: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (texto adaptado).

## ANEXOS

ANEXO 1 –	EDITORA FRANCESA INVESTE NA LITERATURA MARGINAL- PERIFÉRICA .....	23
ANEXO 2 -	MANIFESTO DE ABERTURA: LITERATURA MARGINAL (ATO I – 2001) .....	80
ANEXO 3 -	TERRORISMO LITERÁRIO (ATO II – 2002) .....	80
ANEXO 4 -	CONTESTAÇÃO (ATO III – 2004) .....	80
ANEXO 5 -	MANIFESTO DA I SEMANA DE ARTE MODERNA DA PERIFERIA .....	76
ANEXO 6 -	REPORTAGEM: CAPÃO PECADO NAS ESCOLAS .....	217

---

## ANEXO 1 – EDITORA FRANCESA INVESTE NA LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA

### Editora francesa aposta na literatura marginal brasileira

Rodrigo Casarin

02/04/2015 11:50



“Há contatos entre as periferias da França e do Brasil. O sentimento de exclusão é igual em todo o mundo, por mais que as reações às vezes sejam diferentes. A luta que a literatura marginal brasileira faz para que jovens não entrem no tráfico de drogas, aqui pode ser para que eles não entrem em guerras santas, o que está acontecendo muito”. Quem diz isso é Paula Anacaona, editora da Editions Anacaona, que desde 2009 publica autores da literatura marginal brasileira na França, apostando no retrato e na voz das minorias raciais e socioeconômicas.

As ligações de Paula com o Brasil praticamente inexistiam. O único ponto de contato com o país era o domínio da língua portuguesa, que a levou a ser intérprete na França de Paulo Lins, autor de “Cidade de Deus”. Foi ele quem lhe recomendou a leitura de “Manual Prático do Ódio”, de Ferréz. Gostou muito, entretanto, seus pares tiveram uma percepção diferente. “Trabalhava em outra editora como tradutora, mas odiaram o livro. Foi uma reação de desgosto, de nojo, o que não é normal. Grandes editoras já o tinham tido em mãos e também não fizeram nada. Aí que percebi que havia algo nele”.

Então, para publicar “Manual Prático do Ódio” e outras obras que fugissem do que havia na produção literária francesa, criou a Editions Anacaona. “Eu não era única decepcionada com o que via por aqui. A literatura marginal brasileira teria seu público”, apostou a editora. “A França é como o Brasil, muito dividida, com uma elite branca, conservadora, mas também com lugar para essa literatura alternativa, com um pouco de cor”, argumenta.

Depois de Ferréz vieram nomes como Marcelino Freire, Rodrigo Ciríaco, Ronaldo Bressane, Marçal Aquino, Alessandro Buzo e Victoria Saramago, seja com títulos individuais, seja com contos reunidos em livros como “Je Suis Favela”, de 2011 (em português, “Eu Sou Favela”, que acaba sair pela editora Nós). Seus maiores sucessos são duas mulheres: Ana Paula Maia e Conceição Evaristo. Segundo a editora, ganharam respeito por questionarem a ideia do Brasil como uma democracia racial e por apresentarem realidades múltiplas. “As pessoas não podem ficar fingindo que não veem outra parte da sociedade”.

Com a preocupação de sempre deixar o livro “sexy” com um belo projeto gráfico – “Je Suis Favela”, por exemplo, foi ilustrado pelo grafiteiro Tinho – para que o objeto se torne interessante aos jovens, Paula leva para os seus conterrâneos uma vanguarda que diz não existir em seu país. “No final dos anos 90, começo dos 2000, até tivemos algo semelhante de escritores da periferia, mas não pegou, não havia um movimento e os escritores tinham até medo do rótulo de periférico. Gostei de no Brasil as pessoas assumirem e se orgulharem disso”.



Ilustração de Tinho para “Je Suis

A vida de Paula como editora não é fácil, tanto que continua trabalhando também como tradutora para que consiga se manter. O próprio “Manual Prático do Ódio”, sua aposta inicial, começou a ganhar espaço somente agora. “O francês não queria ver essa realidade de exclusão”, lembra.

Um fato bastante recente fez com que houvesse a mudança de postura: os atentados ao jornal Charlie Hebdo, em janeiro deste ano. “Para muitos foi um choque porque quem cometeu eram franceses, pessoas nascidas na França, mas que não se sentiam parte daqui. Isso mostrou que há uma fratura que divide o país”.

O despertar desse interesse resultou em boas vendas da Editions Anacaona no Salão do Livro de Paris deste ano, que teve o Brasil como país homenageado. No estande da editora, justamente Ferréz, integrante da comissão brasileira, foi um dos autores mais vendidos – o escritor, que na França conversou com o UOL, também passou a ser comprado por diversas bibliotecas.

Apesar do bom momento, Paula lamenta que seu público seja formado principalmente por uma “classe média aberta, curiosa”, gostaria de ter uma penetração maior junto aos moradores da periferia francesa. Continuando sua luta, a editora procura por novos autores para publicar, mas também sonha em ter em sua casa dois grandes nomes da literatura brasileira, que podem ser vistos como alguns dos precursores da atual cena marginal que há em nossas letras: Lima Barreto e Plínio Marcos.

Tags : Editions Anacaona Ferréz literatura marginal Paula Anacaona Salão do Livro de Paris

Fonte: Disponível em: <<http://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2015/04/02/editora-francesa-aposta-na-literatura-marginal-brasileira/>> Acesso jul.2015.

## ANEXO 2 – MANIFESTO DE ABERTURA: LITERATURA MARGINAL (ATO I - 2001)

**MANIFESTO DE ABERTURA: LITERATURA MARGINAL (ATO I – 2001)****Por Ferréz**

O significado do que colocamos em suas mãos é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi vivido por centenas de escritores marginalizados deste país.

Ao contrário do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue sobre nosso território e arrancou a fé verdadeira, doutrinando nossos antepassados índios, e ao contrário dos senhores das casas-grandes que escravizaram nossos irmãos africanos e tentaram dominar e apagar toda a cultura de um povo massacrado mas não derrotado. Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados. Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a periferia fez arte jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história e não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a *Caros Amigos: Literatura Marginal* vem para representar a cultura autêntica de um povo composto de minorias, mas em seu todo maioria. E temos muito a proteger e a mostrar, temos nosso próprio vocabulário que é muito precioso, principalmente num país colonizado até os dias de hoje, onde a maioria não tem representatividade cultural e social.

Como João Antônio andou pelas ruas de São Paulo e Rio de Janeiro sem ser valorizado, hoje ele se faz presente aqui e temos a honra de citá-lo como a mídia o eternizou, um autor da literatura marginal. Também citamos a batalha da vida de Antônio Máximo Gorki, um dos primeiros escritores proletariados. Mas não podemos esquecer de Plínio Marcos, que vendia seus livros no centro da cidade e que

também levou o título de autor marginal e acabou escrevendo dezenas de obras, Dois Perdidos Numa Noite Suja e Quero, para citar só duas.

Fazemos uma pergunta: quem neste país se lembra da literatura de cordel? Que traz a pura essência de um povo totalmente marginalizado, mas que sempre insistiu em provar que a imaginação não tem fronteira? A literatura de cordel, que cem anos completou, é literatura marginal, pois à margem esteve e está, num lugar que gosta de trabalhar com referências estrangeiras.

Mas estamos na área, e já somos vários, e estamos lutando pelo espaço para que no futuro os autores do gueto sejam também lembrados e eternizados. Neste primeiro ato, mostramos as várias faces da caneta que se manifesta na favela, pra representar o grito do verdadeiro povo brasileiro: Sérgio Vaz, Erton Moraes, Jocenir, Paulo Lins, Atrês, Cascão, Ferréz, Garret, Edson Veóca, Alessandro Buzo estão na área.

E como já é de praxe, aqui vai um recado pro sistema.

“Evitem certos ambientes. Evitem a fala do povo, que vocês nem sabem onde mora e como. Não reportem povo, que ele fede. Não contem ruas, vidas, paixões violentas. Não se metam com o restolho que vocês não vêem humanidade ali. Que vocês não percebem vida ali. E vocês não sabem escrever essas coisas. Não pode sentir certas emoções, como o ouvido humano não percebe ultra-sons” (João Antônio, trecho do livro Abraçado ao meu rancor).

Ferréz



## ANEXO 3 – TERRORISMO LITERÁRIO (ATO II - 2002)

**TERRORISMO LITERÁRIO (ATO II – 2002)**

Por: Ferréz

Mó satisfação em agredir os inimigos novamente, voltando com muito mais gente e com grande prazer de apresentar novos talentos da escrita periférica.

Um destaque que tenho que dar aqui e pra Dona Laura que e moradora da Colônia Z3 de pescadores que fica em Pelotas, no Rio Grande do Sul, fui lá, tive a honra de conhecê-la, e ficara para sempre em minha tão entulhada memória o dia em que ela chegou no meu ouvido e falou: “Prazer em conhecer, eu sou Literatura Marginal, pois fui muito marginalizada na minha vida”.

Depois do lançamento foram muitos os eventos que realizamos sobre o tema Literaturas Marginais.

Mas como sempre todos falam tudo e não dizem nada, vamos dar uma explicada. A revista e feita para e por pessoas que foram postas a margem da sociedade.

Ganhamos ate prêmios, como o da A.P.C.A. (Academia Paulista de Críticos de Arte), melhor projeto especial do ano.

Muitas são as perguntas, e pouco o espaço para respostas, um exemplo para se guardar e o de Kafka, a crítica convencionou que aquela era uma literatura menor. Ou seja, literatura feita pela minoria dos judeus em Praga, numa língua maior, o alemão.

A Literatura Marginal, sempre e bom frisar, e uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas.

Literatura feita a margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo.

Temos assim duas pessoas de que eu particularmente sou fa e não estou sozinho na admiração, estou falando de Plínio Marcos e João Antonio, como autores marginais, ou seja, a margem do sistema, já que falavam de um outro lugar com voz

que se articulava de uma outra subjetividade (tá vendo, quem disse que maloqueiro não tem cultura?).

Também não vamos nos esquecer que em São Paulo, no gueto da Boca do Lixo, e no Rio de Janeiro, nas rebarbas da geração Paisandu e do elitismo etílico de Ipanema, se fazia um certo cinema marginal, na periferia dos grupos de vanguarda do cinema novo.

Desse tempo também e o manifesto “Seja Marginal, Seja Herói”, de Hélio Oiticica.

Hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos taxar assim, somos uma literatura maior, feita por majorias, numa linguagem maior, pois temos as raízes e as mantemos.

Não vou apresentar os convidados um a um porque eles falarão por si mesmos, e ler e verificar.

Afinal, um dia o povo ia ter que se valorizar, então e nos nas linhas da cultura, chegando devagar, sem querer agredir ninguém, mas também não aceitando desaforo nem compactuando com hipocrisia alheia. Bom, vamos deixar de ladainha e na bola de meia tocar o barco.

Agradecimentos a:

Secult-Pelotas,

Guilherme Azevedo,

South,

Garrett,

M. Jolnir.

E a todos os parceiros que tem acompanhado o L.M. e o movimento 1DASUL, tamos de pé graças a vocês.

Paz a quem merece.

Ferréz.

## ANEXO 4 – CONTESTAÇÃO (ATO III – 2004)

### CONTESTAÇÃO (ATO III – 2004)

**Por Ferréz**

Firmeza total, cá estamos de novo no jogo, demorou mas o ato três está lançado, gostaria de agradecer muito todas as cartas e e-mails que recebemos durante o ano de 2003, a força de vocês é muito importante.

Dessa vez escolher os textos foi um trabalho muito difícil, o nível dos autores só sobre a cada edição. Como sempre acontece a todo movimento feito por pessoas que estão “à margem” as críticas vieram aos montes também, fomos taxados de bairristas, de preconceituosos, de limitados, e de várias outras coisas, mas continuamos batendo o pé, cultura da periferia feita por gente da periferia e ponto final, quem quiser que faça o seu, afinal quantas coleções são montadas todos os meses e nenhum dos nossos é incluído? A missão que todo movimento tem não é de excluir, mas sim de garantir nossa cultura, então fica assim, aqui é o espaço dos ditos excluídos, que na verdade somam quase toda a essência do gueto.

Nessa edição volta o escritor de Itaim, Alessandro Buzo que tanto barulho fez, trouxemos também a nossa mais ilustre autora da L.M. Dona Laura lá da colônia Z-3, e os manos do hip-hop positivo, Ridson, e o baiano Gato Preto. Além de Clóvis de Carvalho e Jonlison, também da primeira edição recrutamos o poeta e rapper Atrês para fortificar as linhas de combate.

Aconteceu muita coisa desde o Ato 2, e uma delas foi a apresentação de novos autores, nesse número trazemos o grande poeta Santiago Dias, e viveremos uma noite com Neuzinha com o olhar de Tico, além da neurose de Duda e um dia comum na vida de Sacola.

Da parte do hip-hop tentamos trazer o Dexter do grupo 509-E, e o irmão tentou mandar o texto, mas devido a dificuldades do sistema prisional em que se encontra não foi possível, vai ficar para a próxima, estaremos esperando, parceiro. Já o GOG, o poeta do rap, nos traz duas letras épicas, Brasil com P parte 1 e parte 2. Cumprimos uma difícil missão e trouxemos um texto inédito do Eduardo (Facção Central) para provar que existe muita vida inteligente no rap nacional. Também

contamos com “Nóis”, feita pela Cernov, e “A soma do que somos” do maranhense mas já residente em São Paulo Preto Ghóez. Ainda temos uma carta na manga com Santos da Rosa, Lutigarde Oliveira, Maurício Marques e Elizandra Souza, que completam o time da cultura da periferia ato 3.

Muitas foram as madrugadas para se finalizar essa edição, mas creio que um grande homem como Solano Trindade, ou uma grande mulher como Carolina Maria de Jesus, se sentiriam orgulhosos de pegar essa edição nas mãos, pois é pensando neles, e numa quantidade gigantesca de autores marginais injustiçados desse país que ainda temos força para tocar a missão.

Irmãos somos nós na fita, ou melhor... nós nos livros, pois a palavra que mais admiro é a contestação, temos que ter o poder de duvidar, de retrucar, de refazer e recriar, um parceiro me disse esses dias que a parada da Literatura Marginal é a revolução sem o r, então meus queridos, vamos evoluir e que cada talento que está no gueto não seja algemado um dia, e sim tenha estudado na melhor universidade do país, pois a cultura é nossa, e a estrutura da Casa Amarela só reforça e ainda contamos com o dom de ter toda a essência.

O padrão deles (leia-se sistema) já está montado, defendem suas vidinhas banais com tudo o que podem, escrevem sua estória elitizada e perpetuam a miséria geral, mas os loucos aqui querem fazer parte da história também e a literatura da margem toma fôlego a cada ano para se tornar um grande mar.

Aos que acreditaram na ideia de que existe uma cultura que está construindo, estamos aí, fortificando a desobediência, fazendo arte dentro da carência, e mais uma vez provando, para quem duvidou, que não precisamos de cultura na periferia, precisamos de cultura de periferia.

A questão agora é que terão que surgir muitos iguais ao Rui Barbosa para dar conta de sumir com tudo o que estamos fazendo.

A revolução será silenciosa e determinada como ler um livro à luz de velas em plena madrugada.

Salve, salve

## ANEXO 5 – MANIFESTO DA I SEMANA DE ARTE MODERNA DA PERIFERIA

### MANIFESTO DA I SEMANA DE ARTE MODERNA DA PERIFERIA (2007)

Por Sérgio Vaz

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune.

Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado.

A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção.

Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer.

Da poesia periférica que brota na porta do bar.

Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”. Do cinema real que transmite ilusão.

Das Artes Plásticas, que, de concreto, quer substituir os barracos de madeiras.

Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.

Da Música que não embala os adormecidos.

Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.

A Periferia unida, no centro de todas as coisas.

Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.

Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão.

Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades.

Um artista a serviço da comunidade, do país.

Que armado da verdade, por si só exercita a revolução.

Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.

Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.

Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.

Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior.

Miami pra eles ? “Me ame pra nós!”.

Contra os carrascos e as vítimas do sistema.

Contra os covardes e eruditos de aquário.

Contra o artista serviçal escravo da vaidade.

Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

É TUDO NOSSO!



## ANEXO 6 – REPORTAGEM: CAPÃO PECADO NAS ESCOLAS

FOLHA DE S.PAULO

28/03/2010 - 21h18

## Conheça "Capão Pecado", livro que provocou afastamento de professora na Bahia

da Livraria da Folha

Divulgação



["Capão Pecado" causa polêmica escolar na Bahia e em Minas Gerais](#)

"Filho da puta", "porra" e "bosta", entre outros palavrões frequentes na linguagem coloquial, provocaram o afastamento de uma professora da Diretoria Regional de Educação em Feira de Santana (BA), informa o jornal "Correio da Bahia".

O motivo: adotado nas aulas de português da oitava série, o livro didático "Linguagem - Práticas de Leitura e

Escrita" (Global e Ação Educativa), de Anna Christina Bentes, reproduzia trecho de **"Capão Pecado"**, do escritor paulista Ferréz. A obra é ambientada em Capão Redondo, na zona sul de São Paulo, e utiliza as gírias no texto para reproduzir a linguagem oral da periferia.

Não é a primeira vez que **"Capão Pecado"** causa controvérsia. No ano passado, pais de alunos e a Secretaria da Educação de Minas Gerais também discutiram se o uso de palavrões no livro não era um motivo para evitar a leitura por adolescentes nas salas de aula.

Segundo o "Correio da Bahia", em Feira de Santana, a direção da Escola Estadual Godofredo Filho justificou que a professora afastada usou o livro didático sem conhecimento do conteúdo de **"Capão Pecado"**. O título foi escolhido como substituto para o livro oficial, que teria demorado a ser entregue pelo MEC (Ministério da Educação), segundo o jornal.

Na descrição da editora Objetiva, **"Capão Pecado"** descreve um lugar "abandonado por Deus e batizado pelo Diabo, usando a linguagem do gueto para personagens tão reais e sem futuro. É miséria, violência, droga e morte". Como o autor o define, é "um livro de mano para mano. É ácido e violento. É um grito".

Em seu [blog](#), Ferréz disse que a professora afastava "está sendo vítima de perseguição" e criticou o jornal que publicou a notícia sobre o caso.

Divulgação/Ferrez



Ferréz, autor de "Capão Pecado", ambientado em Capão Redondo, na zona sul de São Paulo

25/02/2016

Folha Online - Livraria da Folha - Conheça "Capão Pecado", livro que provocou afastamento de professora na Bahia - 28/03/2010



[Siga a Livraria da Folha no Twitter](#)

"Torço para que os responsáveis pela secretaria de educação não se deixem manipular pela reportagem do jornal Bahia Meia Dia, que fez uma reportagem tendenciosa e preconceituosa sobre o livro, pra quem não sabe o jornal é do Grupo Rede Globo de televisão. Num país onde programa como Pânico na TV mostra até o 'útero' das mulheres, e onde nosso símbolo de carnaval é uma mulher negra nua rebolando com a vinheta da Globo, até que eu devo estar errado mesmo, por tratar de temas como a Aids e machismo."

★

### **"Capão Pecado"**

**Autor:** Ferréz

**Editora:** Objetiva

**Páginas:** 152

**Quanto:** R\$ 35,90

**Onde comprar:** 0800-140090 ou na [Livraria da Folha](#)

---

### **Endereço da página:**

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u713245.shtml>

• • •

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Conheça Capão Pecado, o livro que provocou o afastamento de professora na Bahia. 23 de março de 2010. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u713245.shtml> > Acesso fev. 2016.